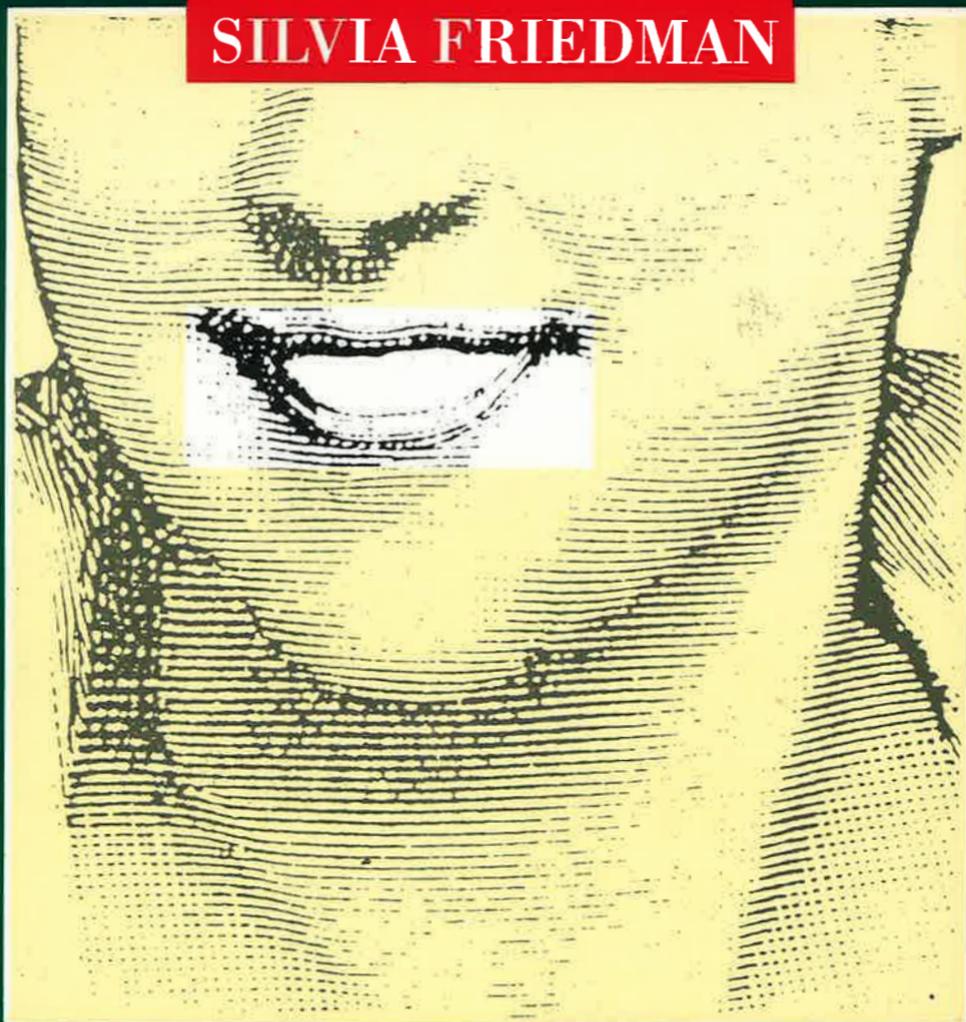


SILVIA FRIEDMAN



A CONSTRUÇÃO
DO PERSONAGEM
BOM FALANTE


summus editorial



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Friedman, Silvia

A construção do personagem bom falante / Silvia Friedman.
— São Paulo: Summus, 1994.

Bibliografia.

ISBN 85-323-0440-0

1. Distúrbios da fala 2. Fonoaudiologia 3. Gagueira I.
Título.

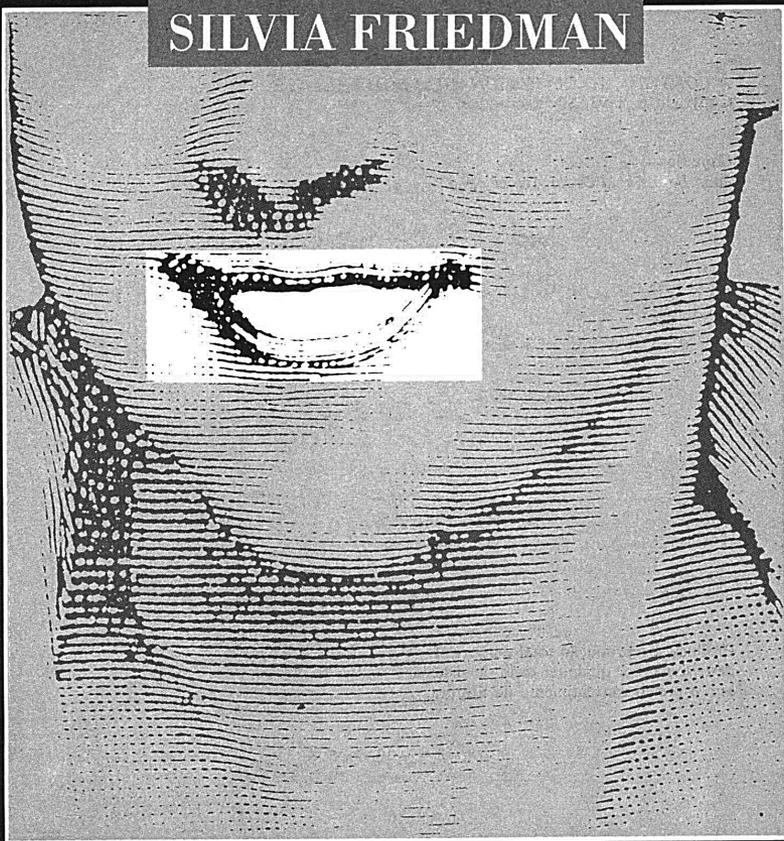
93-3369

CDD-616.855
NLM-WM 475

Índices para catálogo sistemático:

1. Fala : Distúrbios : Medicina 616.855
2. Fonoaudiologia : Medicina 616.855

SILVIA FRIEDMAN



A CONSTRUÇÃO
DO PERSONAGEM
BOM FALANTE


summus editorial

A CONSTRUÇÃO DO PERSONAGEM BOM FALANTE

Copyright © 1993, ~~Silvia Friedman~~

Capa de:

João Baptista da Costa Aguiar

Proibida a reprodução total ou parcial
deste livro, por qualquer meio ou sistema,
sem o prévio consentimento da Editora.

Direitos desta edição reservados por
SUMMUS EDITORIAL LTDA.
Rua Cardoso de Almeida, 1287
05013-001 — São Paulo, SP
Telefone (011) 872-3322
Caixa Postal 62.505 — CEP 01295-970

Impresso no Brasil

Sumário

Capítulo 1	
REFLEXÕES SOBRE MUDANÇAS NA PRÁTICA FONOAUDIOLÓGICA	7
Capítulo 2	
QUESTÕES TEÓRICAS, METODOLÓGICAS E PRÁTICAS	
Consciência e linguagem	13
A representação social	16
Procedimento da pesquisa	20
Material utilizado	23
Objetivação do problema	25
A imagem estigmatizada de falante	27
Emoção, afeto, atividade de fala e identidade	29
Bases norteadoras da abordagem terapêutica	35
Capítulo 3	
ANÁLISE DAS SITUAÇÕES TERAPÊUTICAS	
Dados obtidos a partir da Análise Gráfica do Discurso	61
Situações terapêuticas estudadas	62
Dados sobre os sujeitos da pesquisa	63
Ricardo	63
Eliane	64
Solange	65
Gerson	66
Edgar	67
Roberto	68
Análise das situações terapêuticas com Ricardo	69
Situação terapêutica 1	69
Situação terapêutica 2	75
Situação terapêutica 3	83
Situação terapêutica 4	94
Situação terapêutica 5	103
Situação terapêutica 6	114
Situação terapêutica 7	123
Análise da situação terapêutica com Eliane e Solange	131
Situação terapêutica	131
Análise da situação terapêutica com Gerson e Edgar	150
Situação terapêutica	150
Capítulo 4	
NORTEADORES DA ABORDAGEM TERAPÊUTICA	
Relações entre a teoria e a prática	171
O caminho da mudança	172
Isomorfismo e cooperação	178
Reflexões sobre as implicações da proposta terapêutica para a fonoaudiologia em geral	182
<i>Bibliografia</i>	183

Agradecimentos

Muitos são aqueles a quem gostaria de agradecer pela colaboração na execução do presente trabalho. Aos sujeitos desta pesquisa, por depositarem em mim sua confiança, ajudando-me, assim, a crescer junto com eles. À minha orientadora Silvia Tatiana Maurer Lane, pela ajuda significativa, paciente e carinhosa. À Yvete C. Oppenheim, pelo empréstimo do seu computador para a elaboração deste documento e pelo auxílio na editoração deste trabalho. A Eliana Rocha e Ivone C. Dias Gomes, pela revisão dos originais. A Poliana Silva Oliveira, pela transcrição de várias situações terapêuticas, pelo que também agradeço a Flávia Santi Martins Ribeiro, Cristina Marmo e Ignês Maia Ribeiro. Ao CNPq, pelo suporte financeiro.

Capítulo 1

Reflexões sobre mudanças na prática fonoaudiológica

Parte considerável da produção científica em Fonoaudiologia no Brasil, principalmente a que foi desenvolvida a partir da segunda metade da década de 80, tem discutido os determinantes ideológicos que norteiam sua teoria e prática e apontado novos caminhos, o que indica uma tendência a mudança no seu paradigma. Este trabalho visa a maior compreensão da prática fonoaudiológica clínica voltada para o desenvolvimento da capacidade de produção de fala fluente. Para tanto, ele se organiza a partir de uma perspectiva psicossocial, para se compreender o comportamento humano e fundamentar o procedimento de pesquisa utilizado. Parece-nos oportuno, de início, rever as características que compõem o paradigma mais antigo na área e refletir sobre a relação que existe entre visão psicossocial do homem e da linguagem e a construção do conhecimento fonoaudiológico, dentro de um novo paradigma.

A pesquisa de Lúcia Elena Figueiredo Neto (1988) é pioneira na busca dos determinantes histórico-sociais da prática fonoaudiológica. Ela situa o nascimento da Fonoaudiologia, na cidade de São Paulo, na década de 30, ao surgir um trabalho de reeducação no âmbito escolar, feito por professores que se especializaram na correção dos problemas da fala. Sua atividade, de ordem eminentemente prática, serviu de apoio às necessidades da Medicina e da Psicologia, sempre sob a tutela dos profissionais dessas áreas, sendo eles os idealizadores dessa atividade. Numa época em que predominavam ideais nacionalistas, esses profissionais orientaram sua prática por uma concepção de linguagem que abrigava o desejo de normatizar um único padrão para a língua portuguesa em todo o território nacional, visto como instrumento de unificação, fortalecimento e defesa do país. Defendiam a eliminação das impurezas da língua, fossem elas as varia-

ções dialetais e os estrangeirismos ou as dificuldades efetivas de fala. Sob essa perspectiva, e no âmbito da chamada Escola Nova, desenvolveram-se atividades ligadas aos diferentes usos da linguagem para detectar desvios da voz e da fala dos escolares, com o objetivo de formar indivíduos sadios.

Existe aí uma concepção idealizada e a-histórica de linguagem, orientada para uma visão ideal do ser humano saudável e perfeito. A partir dela determinou-se a patologização dos sujeitos considerados fora do padrão ideal e organizaram-se atividades corretivo-normatizadoras. Tal inspiração caracterizou-se pela alienação dos determinantes histórico-sociais envolvidos na manifestação lingüística dos indivíduos e na sua saúde, e também por privilegiar os aspectos orgânicos das manifestações ligadas à linguagem. Através dela, os desvios ou as doenças eram vistos como resultado da responsabilidade do indivíduo, e tanto a doença como a linguagem, reificadas ou coisificadas.

Ao longo das décadas de 40 e 50, essa nova especialidade, a do professor voltado para a correção dos problemas da linguagem, se concretizou. Sua ação, porém, foi perdendo progressivamente o caráter educacional e assumindo um caráter cada vez mais clínico, voltado para a doença e o atendimento individual; legitimou-se e oficializou-se por fundamentos e definições das áreas psicológica e médica e por fim vinculou-se definitivamente à área da saúde. As relações que se estabeleciam entre a prática e as áreas que a subsidiavam teoricamente eram de subordinação, dependência e tutela, caracterizando a dicotomia entre o pensar e o fazer. A Medicina e a Psicologia forneciam as descrições das patologias e dos processos de recuperação. A correção dos defeitos da fala tinha um caráter exclusivamente técnico na forma de exercícios de fala, voz e linguagem, e atendia a especificações médicas e psicológicas. A postura que o novo especialista assumia diante do indivíduo e sua linguagem refletia outra dicotomia, entre a saúde e a doença, entre o normal idealizado e o patológico. Essa dicotomia se mostrava na tendência do especialista a permanecer centrado no desvio do padrão idealizado de linguagem e a buscar suas causas exclusivamente no corpo do indivíduo. Nessas condições, o corpo passou a ser controlado pelo especialista, que através de testagens, medições e classificações baseadas nos saberes médicos e psicológicos rotulava as deficiências individuais. Institucionalizou-se, assim, a doença-problema da linguagem (termo proposto por Leonel Scavazza, 1987), que favorecia a estigmatização e segregação de indivíduos definidos como portadores de desvios ou como desiguais.

Com os avanços científicos e tecnológicos sobre sua prática, os professores especializados passaram a denominar-se foneticistas, depois ortofonistas e finalmente logopedistas, e surgiram também os audiologistas. Essas denominações indicavam as especificidades do trabalho que realizavam, fosse ele a correção dos problemas da linguagem ou a testagem da audição.

Na década de 60 surgiram em São Paulo os primeiros cursos para a formação acadêmica desse novo profissional, que passou a ser identificado como fonoaudiólogo, termo que refletia a consciência da necessidade de vincular o trabalho relacionado aos problemas da linguagem com o trabalho ligado aos problemas da audição, a fim de melhor compreender as dificuldades da linguagem. Nesses cursos reproduziram-se as relações de dependência de outras áreas e a concepção de empréstimo da sustentação teórica que determinaram, para o fonoaudiólogo, uma ação essencialmente prática, vista como complementar à do médico e do psicólogo.

Ao longo das décadas de 60 e 70 os cursos mantiveram a mesma concepção de linguagem que sustentava a dicotomia entre a saúde e a doença, bem como a ideologia corretivo-normatizadora centrada no corpo e seus desvios. Estruturaram-se em torno de uma formação paramédica que coisificava a patologia e priorizava-a em relação ao indivíduo. A Fonoaudiologia desenvolveu-se, assim, através de um conhecimento fragmentado e compartimentalizado, direcionado para a especialização e a tecnização. Apoiou-se numa concepção estruturalista de linguagem como código abstrato, exterior, intangível e supervalorizado em relação ao indivíduo, e promoveu a anulação do mesmo como sujeito historicamente situado.

A partir da década de 80, porém, com a produção científica na área observa-se um movimento de reflexão e crítica desse cenário que aponta para transformações nas relações que se estabelecem dentro da clínica fonoaudiológica.

Esse movimento crítico mostrou, de modo geral, a necessidade de uma visão biopsicossocial do indivíduo historicamente situado, ligada a uma concepção de linguagem como produto da coletividade e constitutiva do indivíduo no processo das suas relações sociais. Mostrou que era necessário priorizar o indivíduo em seu processo de desenvolvimento, onde as dificuldades de linguagem deveriam ser analisadas e interpretadas em face das características individuais, das relações do indivíduo com o meio e de sua história de vida.

Vemos, assim, que o debruçar-se sobre um aspecto da realidade, a linguagem, para desenvolver uma prática clínica, exigiu que o fonoaudiólogo integrasse o fenômeno lingüístico à realidade, à dinâmica da construção histórica da humanidade, para não perder de vista

o ser humano e iludir-se com uma abordagem clínica centrada no indivíduo e na linguagem, reificados. Desse modo, entendo que uma visão psicossocial do homem e da linguagem integrou-se ao novo paradigma que pode inspirar e articular a teoria e a prática fonoaudiológicas.

Aspectos dessa visão influíram de modo definitivo para que a clínica da linguagem passasse a significar um trabalho com o movimento da consciência, ou seja: a compreensão de que o homem se constrói nas relações sociais que vivencia em suas atividades práticas e de comunicação, recebendo influência da história de seu grupo e influenciando-o; a compreensão de que a linguagem é um produto histórico-social que se transforma com as mudanças sociais, e é um fator essencial ao lado da atividade humana, para a formação e transformação da consciência do indivíduo, evidenciando a estreita relação que existe entre o desenvolvimento da linguagem e o da consciência. A partir dessa visão, despimos nossa atividade terapêutica do caráter delineado no primeiro paradigma e a vestimos com o caráter de participação no processo de construção dos indivíduos. Os possíveis desvios da linguagem deixaram de ocupar um lugar central, que passou a ser ocupado pela formação e pelo desenvolvimento da identidade dos indivíduos, vista como um processo de construção e transformação permanentes. Isso implica o envolvimento em relações terapêuticas que visavam promover o pleno desenvolvimento dos potenciais peculiares a cada sujeito, aqui concebido como uma singularidade dentro da pluralidade da espécie humana.

Considerar que uma visão psicossocial do homem e da linguagem faz parte do novo paradigma que articula e inspira a teoria e a prática fonoaudiológicas, pode significar para alguns que a Psicologia Social empresta a sustentação teórica à Fonoaudiologia. Esta continuaria sendo vista, então, como uma atividade eminentemente prática tutelada por outra área. Acreditamos, entretanto, que não se trata de delimitar espaços para a Psicologia Social e para a Fonoaudiologia, mas de entender que há diversos pontos de vista sob os quais se pode olhar o ser humano, e que cada um deles é uma visão parcelada, que pode levar a novas sínteses com as demais visões, sempre com a perspectiva de entender o homem na sua totalidade: A prática com a clínica da linguagem tem-nos remetido ao movimento da consciência e suas relações com as manifestações do corpo, bem como a ideologia, a história e as práticas dos grupos sociais. O que nos remete, por sua vez, à necessidade de conhecimentos lingüísticos, psicológicos, sociológicos, médicos, históricos, econômicos e educacionais. A necessidade de integrar o saber, repetimos, está relacionada não à idéia do empréstimo de outras áreas, mas sim

a novas sínteses que reexpliquem realidades conhecidas e expliquem outras até então desconhecidas. O aprofundamento do conhecimento em aspectos particulares do real é uma condição própria da capacidade humana. A delimitação do saber em áreas estanques, bem como a dicotomização entre teoria e prática, são frutos da idealização do real a serviço de relações de poder e dominação. Falar em Fonoaudiologia a partir de uma perspectiva psicossocial do homem e da linguagem é avançar na busca de caminhos teóricos e práticos que permitam a compreensão da totalidade humana, nos múltiplos aspectos que a compõem.

Capítulo 2

Questões teóricas, metodológicas e práticas

Consciência e linguagem

Este trabalho foi organizado em torno de duas possibilidades: a de conhecer e estudar o movimento da consciência e a de interferir terapêuticamente com esse movimento. O objetivo do trabalho foi o de estudar as mudanças ocorridas no movimento da consciência ao longo de um processo terapêutico. O conceito de representação social organiza o modo de lidar com o material empírico (discurso), que nos dá acesso a esse movimento. Para entendermos as bases sobre as quais nos apoiamos, analisaremos primeiramente a estreita relação existente entre aquisição, desenvolvimento da linguagem e desenvolvimento da consciência, a partir das teses fundamentais propostas inicialmente pela psicologia soviética, desde o final da primeira metade deste século.

De acordo com Alexis Leontiev (1959), o desenvolvimento da consciência é entendido como o processo pelo qual cada indivíduo reproduz em sua mente uma imagem ideal, na forma de reflexo consciente, seja do mundo objetivo que o rodeia, seja de si mesmo. A esse processo, denominou-se “apropriação da realidade”.

O reflexo consciente do mundo externo e da imagem de si pode ser entendido como a transformação da objetividade em subjetividade. De acordo com a tese fundamental da psicologia soviética, isso se processa em um contexto de relações sociais específicas, a partir de atividades práticas e de comunicação que se desenvolvem entre o indivíduo e o meio. Tal processo significa que a apropriação da realidade pelo indivíduo é determinada em grande parte por princípios, regras, valores e ações que, caracteristicamente, compõem a realidade do grupo ao qual ele pertence, expressos no discurso e na

ação dos outros indivíduos que o rodeiam. Significa, portanto, que as origens da consciência humana repousam na relação do homem com a realidade e em sua história social, que está estreitamente ligada ao trabalho e à linguagem.

Como diferentes grupos, em diferentes momentos históricos ou num mesmo momento, são capazes de refletir e expressar de maneira diversa a realidade que os cerca, evidencia-se que o que denominamos realidade é, para o gênero humano, uma elaboração cognitivo-afetiva, ou seja, uma interpretação dessa mesma realidade, o reflexo dos valores compartilhados pelo grupo que a produz.

A linguagem desempenha um papel fundamental nesse processo de apropriação da realidade ou de desenvolvimento da consciência. Vista como um complexo sistema de códigos que se formou no curso da história social da humanidade, ela reproduz os conhecimentos e os valores associados às práticas sociais que se cristalizaram. Assim, através dos significados das palavras articuladas em frases, a linguagem reproduz uma visão de mundo.

O desenvolvimento da linguagem é, portanto, a expressão da capacidade humana de superar os limites da experiência sensorial desenvolvendo um sistema de códigos. Esse sistema designa objetos externos e estabelece relações entre eles, incluindo-os em categorias, permite a individualização das características dos fenômenos e a formulação de generalizações e sínteses. Expressa, assim, a formação do pensamento abstrato, o salto do sensorial ao racional, a capacidade de realizar o reflexo consciente a que nos referimos anteriormente. Tal sistema determina ainda seu próprio processo de expansão, de forma que o processo de desenvolvimento da linguagem é, ao mesmo tempo, o processo de desenvolvimento da consciência.

De uma perspectiva histórica, assumimos o pressuposto de Leontiev (1975), no qual a linguagem originou-se da necessidade de estreita cooperação/comunicação exigida pelo trabalho socialmente dividido entre os homens. Nos seus primórdios esteve ligada a gestos e sons inarticulados, inteiramente dependentes da atividade em que surgiram e, ao longo das transformações sociais da existência histórica do homem desenvolveu-se num sistema que reflete o mundo de forma abstrata e generalizada.

Luria (1986) apontou que a palavra é a célula da linguagem. É ela que duplica e retém a realidade externa, criando um mundo de imagens interiores. E ainda designa, individualiza e reúne as coisas, as características, as ações e relações, codificando a experiência e permitindo sua transmissão.

Do mesmo modo como a linguagem foi-se transformando e desenvolvendo, ao longo da história da humanidade, o significado das

palavras vai-se transformando ao longo do processo de desenvolvimento do indivíduo. No início da vida da criança, elas têm um caráter afetivo que vai se desenvolvendo e mudando de estrutura. Na vida adulta, essa estrutura possui enlaces e relações abstratas que introduzem as palavras num sistema de categorias e concêitos hierarquicamente organizados, mudando os processos psíquicos subjacentes.

Devemos originalmente a Vigotski a compreensão de que o desenvolvimento da palavra e da consciência estão interligados. Cabe considerar que o desenvolvimento da consciência não se encerra num determinado momento da existência do indivíduo, como, por exemplo, o da sua entrada na vida adulta, porque sempre são possíveis novas mudanças em torno dos significados das palavras, que por sua vez conduzem a mudanças nos processos psicológicos subjacentes e, conseqüentemente, no comportamento dos sujeitos. Mudanças desse tipo serão mostradas no Capítulo 3, onde apresentamos, analisamos e discutimos o discurso de pacientes.

Um desdobramento dessas reflexões, também apontado por Leontiev (1975), deve ser introduzido por sua importância para a compreensão dos aspectos fundamentais da relação entre linguagem e consciência, e dos aspectos específicos da presente investigação. Refere-se à diferença entre o significado social e o sentido pessoal das palavras, bem como a sua articulação com a ideologia, aqui entendida como um conjunto de significados cuja serventia é manter as relações de dominação numa dada sociedade.

Os significados sociais das palavras referem-se a um sistema estável de relações ou enlaces que compõem o significado. Esse sistema é produto objetivo da história de um grupo e comum a todas as pessoas que a ele pertencem. Apropriar-se dele equivale a adquirir a língua oficial de uma sociedade. É através dele que o indivíduo se insere na história dessa sociedade e reproduz, em poucos anos, o processo pelo qual a humanidade se produziu. Torna-se seu produto e ao mesmo tempo reprodutor e/ou produtor da história de seu grupo social.

Esse processo que, como vimos, também é o de desenvolvimento da consciência ou de apropriação da realidade é sempre um processo de apropriação de uma interpretação da realidade construída ao longo da história de uma dada sociedade. Tal interpretação se dá através do conjunto das idéias dominantes compartilhadas pelos indivíduos, e que são empregadas para explicar e manter a sociedade. Nesse sentido, o desenvolvimento da consciência sofre a determinação da ideologia que permeia seu grupo social. A linguagem, como produto histórico da sociedade, é sua representante mais legítima.

Os sentidos pessoais, por sua vez, referem-se ao sistema de relações ou enlaces atribuídos às palavras no confronto entre as signifi-

cações sociais vigentes e a vivência pessoal. Dessa forma, estão ligados a momentos e situações específicos, a motivos e afetos, a atividades e experiências particulares vividas pelos sujeitos. Tais experiências processam e transformam os significados e podem articular uma consciência e um comportamento com maior ou menor grau de crítica à interpretação ideológica da realidade.

Nesse sentido, no processo de apropriação da realidade, que é também o processo de apropriação de uma imagem de si como pertencente a essa realidade, o indivíduo pode desenvolver maior ou menor consciência de si (Lane, 1984-b). Isso vai depender de os sentidos pessoais refletirem um conhecimento concreto do mundo ou uma visão fragmentada da realidade. Conhecer concretamente o mundo é conhecer as determinações ideológicas que pesam sobre a interpretação oficial da realidade e, dentro dela, a imagem oficial de homem, em confronto com as quais o indivíduo forma suas próprias imagens: A possibilidade de conhecer, através da investigação, as características (conteúdo e movimento) da consciência de si e de transformá-las é em certa medida fundamental para o desenvolvimento dos conhecimentos específicos que subsidiam esta investigação e para a proposta terapêutica que deles decorre, como veremos adiante.

Entender a estreita relação entre o desenvolvimento da consciência e da linguagem em face da ideologia presente nos significados institucionalizados das palavras e mediada no processo de relações sociais práticas e de comunicação é o contexto básico para que se conheça determinado indivíduo e se entenda concretamente seu comportamento. E também para que se compreenda o conceito e a teoria das representações sociais, de onde emerge o procedimento para o estudo do movimento da consciência utilizado nesta investigação, que pretende apresentar um conhecimento concreto do indivíduo quanto à especificidade do desenvolvimento da imagem de si como falante, ligada à capacidade de produção da fala.

A representação social

A teoria das representações sociais em que se fundamenta o presente estudo apóia-se no conceito de representação social inicialmente resgatado e introduzido na psicologia social por Moscovici e posteriormente desenvolvido por Jodelet, Lane e Spink, entre outros.

A partir do que analisamos até aqui, podemos considerar que “os conteúdos da consciência, constituídos pela linguagem e pelo pensamento, são as representações que o indivíduo tem de si mesmo, do mundo ao seu redor, de suas atividades, das outras pessoas, do

passado e do futuro”, e que “os conteúdos da consciência se manifestam através das representações que o indivíduo faz de seu mundo” (Lane, 1992).

Nesse contexto, as representações são entendidas como o processo cognitivo que envolve as imagens (reflexos) dos significantes sociais e seus conteúdos ideológicos, as experiências vividas, etc. São elas os conteúdos concretos do ato do pensamento, estando, por isso mesmo, ligadas às ações dos indivíduos, compondo e direcionando suas práticas.

As representações podem ser chamadas de sociais porque se formam num processo de troca e interação entre os indivíduos. São as formas de conhecer por eles compartilhadas, que definem e criam a realidade, e ao mesmo tempo possibilitam a comunicação e a ação compatíveis com os conceitos e imagens compartilhados.

Jodelet (1986) define as representações como formas de conhecimento prático, como saber do senso comum, que tanto têm a função de estabelecer uma ordem que permita aos indivíduos orientar-se e dominar seu mundo material e social, como de possibilitar a comunicação entre eles.

Desse modo, o conceito de representação social remete-nos à intersecção entre linguagem e consciência. No âmbito do social, esse conceito pode ser entendido como a objetivação dos significados sociais e históricos nos comportamentos dos indivíduos e nas ações das instituições sociais. No âmbito individual, pode ser entendido como a síntese entre os significados sociais e os sentidos pessoais objetivos na consciência e nas atividades dos indivíduos ou grupos sociais.

A teoria das representações sociais centraliza atualmente uma rica discussão no campo das ciências sociais, seja como uma possibilidade teórica, seja como uma possibilidade de responder a problemas empíricos, justamente por situar-se na interface dos fenômenos sociais e coletivos. Essa teoria constitui-se numa forma privilegiada de se pensar a relação entre a objetividade e a subjetividade na evolução das sociedades. Fornece uma maneira de se pensar a subjetividade nas ciências sociais, de modo a estabelecer uma ponte entre o mundo individual e o social que seja compatível com a visão de uma sociedade em mudança. Por essa razão, as representações sociais têm sido significativamente utilizadas, a partir da década de 70, como meio de investigação, pelas diversas disciplinas que compõem o espectro das ciências sociais. A noção de representação social está “situada na encruzilhada de múltiplas disciplinas”, prenunciando “uma *postura moderna* de ciência francamente interdisciplinar” (Spink, 1991).

Dois pontos de vista distinguem-se no estudo das representações sociais. Um é o estudo da produção coletiva ou grupal de representações. Está centrado em campos específicos e já estruturados de representação, ou seja, no acervo cultural do grupo e da espécie, abordados apenas como conteúdos. Eles são chamados de *campos estruturados*, e por isso mesmo remetem ao ideológico. Têm como substrato os esquemas de organização e dinâmica sociais ou os esquemas de interpretação logicamente articulados que asseguram a unidade simbólica da totalidade social.

O outro focaliza a perspectiva dos grupos sociais. Estuda os discursos dos indivíduos, seus conteúdos ideacionais ou o conteúdo das representações. São entendidos como *núcleos estruturantes* das diversas visões de mundo, postos em ação através do discurso nas relações de comunicação. Aborda, assim, as representações como processos e estuda os elementos culturais preexistentes que interferem na formação das representações.

Essas duas abordagens das representações sociais podem ser vistas como complementares, principalmente se assumirmos que o homem se constrói nas relações sociais que vivencia, pelas atividades práticas e de comunicação que as compõem, recebendo a influência de seu grupo e influenciando-o. Segundo essa visão, a linguagem é um produto histórico-social que, como tal, vai se transformando com as mudanças sociais. Ao lado da atividade humana em geral, a linguagem é essencial para a formação da consciência individual, o que caracteriza a estreita relação entre o seu próprio desenvolvimento e o da consciência.

O acervo de pesquisas acumulado nos quase trinta anos decorridos desde a introdução do conceito, somado aos esforços de autores ligados a Moscovici, entre os quais destaca-se Jodelet, permitiu sistematizar alguns elementos dessa abordagem que são essenciais para a compreensão e a análise dos dados desta investigação, bem como para a elaboração da proposta terapêutica que dela decorre.

Aos elementos que se referem ao processo de elaboração e estruturação das representações somam-se as nossas considerações sobre a estreita relação que existe entre o desenvolvimento da linguagem e o da consciência, evidenciando o papel das representações sociais nessa relação.

Usando as palavras de Spink (1989), “toda representação define-se, antes de mais nada, por seu *conteúdo*, seja este informações, comportamentos, opiniões ou imagens. Este conteúdo é sempre a representação de algo por alguém, ou seja, a representação de um sujeito que se situa diante de outros sujeitos a respeito de um objeto. Os elementos deste conteúdo são *conceitos e imagens*”. Isso revela a dupla

face das representações como figura e símbolo. Revela também o caráter autônomo e criativo dessas representações, a expressão da atividade cognitiva de abstração ou de simbolização e, ainda, o seu caráter social, expresso na presença de elementos ideológicos do grupo social a que pertencem os sujeitos.

Com relação ao processo de elaboração e estruturação das representações, Jodelet expõe, a partir de Moscovici, dois processos: o de *ancoragem* e o de *objetivação*.

A *ancoragem* refere-se à *integração cognitiva* do que é representado dentro do sistema de pensamento preexistente e às transformações que a partir dele ocorrem nesse sistema. “Assim como não surgem do nada, as representações não se inscrevem sobre uma tábua rasa, mas sempre sobre algo que já foi pensado em estado latente ou manifesto” (Jodelet, 1986). Ou seja, a novidade enraiza-se em outras representações preexistentes que funcionam como protótipos para a integração. O processo refere-se, portanto, a nossa necessidade de transformar o estranho em algo familiar. As novas representações se constroem a partir das que já existem na consciência. Dessa forma, ocorre uma inserção orgânica do novo no pensamento já constituído, ou seja, a percepção do estranho ganha sentido ao ancorar no que é familiar à consciência.

Nesse processo de atribuição de sentido ao novo objeto da representação destacam-se a imposição de valores do grupo social e a necessidade de decodificação dos modelos veiculados pela sociedade. A ancoragem mostra a maneira pela qual as representações expressam as relações sociais, assim como de que forma as relações sociais influenciam a constituição das representações. O que nos remete a sua função mediadora, na medida em que provê o indivíduo de um sistema de interpretações comum ao grupo, tornando-se um instrumento de referência que permite a comunicação compartilhada e influencia a ação.

Como a representação do novo sempre sofre a determinação dos elementos prévios e da lógica constitutiva de uma dada consciência, quando o novo se constitui em informação muito estranha, a síntese entre o estranho e o familiar para tornar a nova informação inteligível pode produzir uma deformação parcial ou total do material representado. Dessa forma, o produto final pouco ou nada terá a ver com a informação original. O sujeito pode apreender palavras isoladas de um discurso ou os comportamentos isolados de uma manifestação mais ampla, e ancorá-los em um contexto diferente daquele em que foram originalmente apresentados.

Isso nos interessa especialmente na medida em que nos vemos freqüentemente às voltas com esse fenômeno na relação terapêutica.

Por esse motivo, proporemos no final do capítulo as características dos padrões de interação que entendemos deveriam se estabelecer na relação terapêutica. Essa relação se organiza a partir de um sistema de representações tido como típico na constituição de um dos problemas da comunicação humana, a gagueira, e da necessidade de se mudar ou reestruturar tal sistema como parte da solução do problema. No final deste trabalho, mostraremos as características dessa mudança e explicitaremos as novas representações que a constituem.

Retomando os processos de elaboração e constituição das representações, a *objetivação* refere-se à constituição formal do conhecimento, à propriedade de tornar concreto o abstrato, de materializar a palavra. Dessa forma, ela pode ser definida como uma operação *formadora de imagens* e estruturante. “Transforma em imagens noções abstratas, dá textura material às idéias, faz com que as coisas correspondam às palavras, dá corpo a esquemas conceituais” (Jodellet, 1986). A objetivação refere-se, assim, ao processo pelo qual as noções abstratas são transformadas em imagens e assumidas pelos sujeitos como expressão verdadeira da realidade externa. Corresponde à forma que o conhecimento assume sob a ação conjugada da elaboração cognitiva e social, onde o cognitivo transforma o abstrato em imagem e o social determina a seleção de certos elementos do objeto de conhecimento, inserindo-o em um sistema organizado.

Nesta pesquisa, partimos da compreensão das representações que concorrem para a objetivação da imagem de falante de sujeitos que se consideram gagos. Estudamos a ancoragem de novos componentes a esse sistema que promovem mudanças na imagem para que o sujeito supere a visão de si mesmo como gago. Defendemos que isso fará com que ele supere a produção da gagueira, ou seja, que se produza como bom falante.

Procedimento da pesquisa

Retomando a definição de Lane já citada, temos que “os conteúdos da consciência constituídos pela linguagem e pelo pensamento são (...) as representações que o indivíduo tem de si mesmo, do mundo ao seu redor, de suas atividades, das outras pessoas, do passado e do futuro”, e que “os conteúdos da consciência se manifestam através das representações que o indivíduo faz de seu mundo”. Sendo assim, tomamos as representações sociais como dados empíricos considerados pontos de partida para a análise da consciência, a partir dos quais teremos um conhecimento concreto dos conteúdos e do movimento dessa mesma consciência.

Portanto, consideramos as representações como manifestações objetivas da subjetividade compreendida dentro da consciência, e que são passíveis de ser expressadas, entre outras formas, no discurso dos falantes. Isso significa que todas as verbalizações são representações que podem ser captadas pelas palavras articuladas em frases do discurso elaborado pelos sujeitos, quando eles expressam sua opinião a respeito de determinado assunto, contam a história de sua vida ou discorrem sobre determinado tema.

Obtendo as representações articuladas em determinado discurso, podemos fazer análises que nos permitirão compreender a consciência individual e chegar aos processos subjacentes à produção de determinados fenômenos. Por esse caminho, no ano de 1985 concluímos uma análise sobre a gênese da gagueira que serviu de base para a presente investigação.

Para detalhar o procedimento de trabalho com as representações, devemos antes considerar a relação entre pensamento e linguagem como constitutivos do movimento e do conteúdo da consciência. Dessa relação salientamos que o pensamento é um movimento do todo para as partes, a síntese de vários elementos numa única imagem, ao passo que a linguagem é um movimento das partes para o todo, em que as unidades, ou palavras, encadeadas umas às outras, expressam a imagem abarcada pelo pensamento (Vigotski, 1979).

Nessas condições, a técnica de análise do discurso deve detectar os pensamentos que estão na base da sua articulação sem fragmentá-la, uma vez que é através das articulações que os pensamentos se tornam explícitos e expõem a sua lógica, de forma que o pesquisador permaneça fiel ao movimento da consciência que deseja conhecer.

A técnica de Análise Gráfica do Discurso, criada por Lane e que a princípio utilizamos para o estudo da gênese da gagueira, preenche esses requisitos.

O procedimento parte do discurso transcrito e compreende:

1 — Numeração das unidades de significado ou dos conteúdos que compõem o discurso, e que geralmente correspondem a um sujeito e seu predicado, acompanhando tão-somente a sua seqüência. Isso é feito para garantir que a articulação original entre as idéias seja preservada, em face do trabalho gráfico de análise que se seguirá. Apresentamos, agora, um trecho do discurso da situação terapêutica 2, analisada no próximo capítulo, na seguinte forma gráfica:

-1- É interessante quando eu sinto essa disposição assim -2- para ter contato com os outros -3- pode pintar medo de falar -4- pode pintar vergonha de falar -5- pode pintar... -6- não me importa, fica secundário mesmo, sabe? (...) -7- Porque fica essa coisa de quero falar -8-

é gostoso, é bom, -9- quero conversar. -10- Então, sabe?, mesmo se pintar: eu não vou conseguir...; -11- mas pinta mais a coisa de eu vou gaguejar, -12- tudo bem, né? -13- Assim... a coisa, né?, eu gaguejo -14- mas eu falo. -15- Fica uma coisa muito mais importante a fala, né? -16- eu estar podendo falar.

2 — Releituras cuidadosas do material estudado, de modo a localizar e marcar os significados que se repetem. Tais repetições compreendem o emprego da mesma palavra, dos seus sinônimos e de encadeamentos de palavras que reproduzem os mesmos significados. As unidades de significado ou as representações que se repetem são os núcleos de pensamento que expressam os conteúdos da consciência do indivíduo. A utilização inicial de cores para marcar os conteúdos semelhantes ajudou-nos a chegar aos núcleos de pensamento que compunham o discurso estudado.

Um discurso suficientemente longo e detalhado permite analisar tanto as representações como as mudanças que elas sofrem, as contradições, os aspectos ideológicos, as relações estabelecidas com os domínios da realidade, revelando, assim, o movimento da consciência do indivíduo (Lane, 1992). É esse o caso no presente estudo, principalmente na análise das sete situações terapêuticas de um mesmo sujeito, ocorridas entre 1987 e 1991, e que servirá de fio condutor para as demais análises. A análise pode ser aprofundada ao se procurar as relações entre o discurso e as características do sujeito: seu grupo social, suas atividades, sua história pessoal, etc. Fazemos isso aqui, a partir do estudo sobre a gênese da gagueira a que já nos referimos.

3 — Para tornar mais claras as representações que compõem os núcleos de pensamento, bem como o movimento de articulação entre os núcleos, reescrevemos o discurso aproximando graficamente as representações que compõem um mesmo núcleo, preservando, através de setas numeradas, a seqüência original do discurso. Mantemos, assim, as articulações entre as unidades de significado que compõem os núcleos e, por meio delas, as articulações entre os núcleos, que nos revelarão o movimento da consciência. Mostramos, no Diagrama 1, o trecho do discurso da situação terapêutica já referida, nessa forma gráfica, para evidenciar a emergência dos núcleos. Vemos surgir um núcleo formado pelas unidades FALAR; CONVERSAR; GAGUEJAR, que comporá o Nível Motor. Um núcleo formado pelas unidades SINTO DISPOSIÇÃO; É INTERESSANTE; MEDO; VERGONHA; NÃO ME IMPORTA; FICA SECUNDÁRIO; FICA MUITO MAIS IMPORTANTE; QUERO; É GOSTOSO, BOM; NÃO VOU CONSEGUIR, comporá a Afetividade. Um núcleo formado

pelas unidades EU; ME, que comporá a supracategoria Identidade, sobre a qual falaremos adiante. Além disso, começa a insinuar-se um núcleo formado pela unidade OUTROS, que irá compor o Social.

4 — Detectados os núcleos e evidenciadas as suas interligações percebe-se ainda que diferentes núcleos compõem um mesmo conjunto temático. Os conjuntos de núcleos de pensamento que pertencem a um mesmo núcleo temático, foram considerados como categorias que representam a realidade estudada e chamados, em função dos conteúdos que os compõem, de Afetividade, Cognição, Nível Motor e Social. As articulações entre as representações, que evidenciam as articulações entre os núcleos, evidentemente esclarecem também as articulações entre as categorias. A partir delas analisamos os conteúdos da consciência e seu movimento, chegando à compreensão dos processos subjacentes à produção do fenômeno investigado: as mudanças na representação de si como falante, a partir de um processo terapêutico. Esse processo será explicado no final deste capítulo. As mudanças na representação de si como falante comporão o capítulo seguinte.

Material utilizado

Para realizar o presente estudo foram gravadas e transcritas de fitas-cassete dez situações terapêuticas, cada uma com duração de aproximadamente sessenta minutos.

As dez situações foram distribuídas da seguinte maneira:

Sete delas numa perspectiva diacrônica, que são as sessões do sujeito com seu terapeuta, entre 1987 e 1991.

Duas são sessões em que estão presentes dois sujeitos que procuraram terapia e o terapeuta. Em ambas, um dos sujeitos que já encerrou o processo terapêutico por ter alcançado seu objetivo é convidado a interagir com outro, que inicia o processo. Numa dessas sessões estão presentes dois sujeitos e um terapeuta comum a ambos, e na outra, dois sujeitos e dois terapeutas, respectivamente.

Uma é a sessão entre um sujeito e seu terapeuta, sendo que esse sujeito abandonou o processo terapêutico uma sessão após a que estudamos aqui.

Todos os sujeitos elencados foram meus pacientes, com exceção do sujeito que está no início do processo terapêutico e participa da sessão onde estão presentes dois sujeitos e dois terapeutas. O histórico desses sujeitos está no Capítulo 3, e antecede a análise das situações terapêuticas estudadas. Trataremos agora das questões relativas à objetivação do nosso problema de estudo.

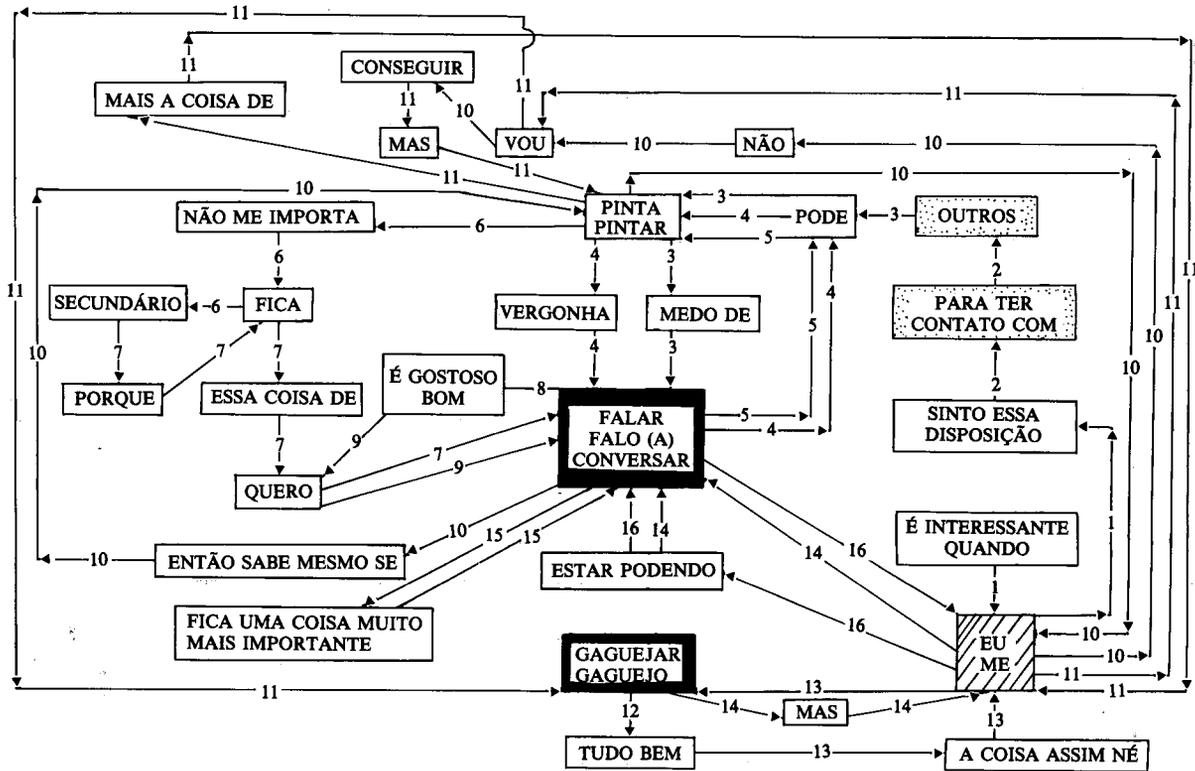


Diagrama 1: Vemos emergir núcleos que compõem o Nível Motor, a Afetividade e a supracategoria Identidade. Insinua-se um núcleo do Social.

 Identidade

 Afetividade

 Nível Motor

 Social

Objetivação do problema

Nosso interesse volta-se para o estudo das condições de construção do bom falante, por intermédio da interação terapêutica que estabelecemos com pessoas que se consideram gagas, bem como o estudo das características da interação paciente-terapeuta que favorecem tal construção. Para explicitar o problema estudado apoiamos nos conhecimentos obtidos no nosso estudo da gênese da gagueira.

Esse estudo foi determinado pela necessidade de compreender a relação entre o desenvolvimento da consciência e a manifestação da gagueira. O caminho foi escolhido para avançar no entendimento dessa manifestação, uma vez que os estudos conhecidos nunca comprovaram disfunção orgânica ou de qualquer outra ordem que a explicasse definitivamente. Soma-se a isso o fato de as pessoas que manifestam gagueira, em qualquer idade, possuírem capacidade fonarticulatória íntegra, quando ela é objeto de investigação isolada, ou seja, quando é observada fora do contexto interpessoal de comunicação em que a fala acontece.

Estudamos, assim, o discurso de sete sujeitos que se consideravam gagos. Eles contaram a história de suas vidas, com destaque para a história de suas falas. Esse contexto era suficientemente amplo para captar tanto o campo estruturado no qual o desenvolvimento da fala estava inscrito, quanto o campo estruturante que pudesse estar ligado à origem, ao desenvolvimento e à manutenção da gagueira.

A Análise Gráfica do Discurso evidenciou que quatro conjuntos de núcleos de pensamento, ou categorias, eram constantes em todos os discursos e interligavam a história da fala dos sujeitos. Aos conteúdos do conjunto das representações que compunham cada categoria designamos como Auto-imagem, Outros, Nível Motor e Ativação Emocional.

Da análise da articulação entre essas categorias, feita através de suas respectivas representações, evidenciou-se a existência de uma *ideologia do bem falar* — vista como o campo estruturado —, veiculada sistematicamente nas relações de comunicação entre os sujeitos estudados e os outros que lhes eram significativos (pais, professores). Evidenciou-se também a existência de uma *imagem de mau falante* na auto-imagem de todos os sujeitos — vista como campo estruturante —, ligada à *ideologia do bem falar*.

A *ideologia do bem falar* manifestou-se pela não aceitação do padrão de fala espontâneo desses sujeitos, “desde que eles se entendem por gente”, segundo as palavras de um deles. O que nos permitiu constatar que a gagueira articula-se a partir de relações de comu-

nicação que, sistematicamente, colocam a fala, numa situação paradoxal, conforme a descrita por Watzlawick, Beavin e Jackson (1981).

Segundo esses autores, a situação paradoxal é entendida como aquela em que o indivíduo se encontra numa posição de dupla vinculação com a realidade. Nesse caso, ele não pode abandonar a situação (primeiro vínculo), nem permanecer satisfatoriamente no quadro de referência por ela estabelecido, ou seja, ele não lida adequadamente com ela (segundo vínculo).

Para que essa relação ocorra é necessário ainda que haja uma forte relação de dependência psicológica e/ou biológica entre as pessoas envolvidas (outros significativos). O paradoxo surge na medida em que alguém afirma algo, e em seguida afirma algo sobre a primeira afirmação, mas apesar de a comunicação ter realidade pragmática, as afirmações são contraditórias entre si.

Segue-se que o receptor da mensagem está impedido de ver tal contradição e, via de regra, também o emissor; e nesse contexto de forte ligação que o receptor tem com o emissor, ele tenta obedecer a ela.

Nosso estudo da gênese da gagueira, que mais tarde foi acrescido de um banco de sessenta entrevistas com adultos e adolescentes que se consideravam gogos e com os pais que consideravam seus filhos gogos (acumuladas entre 1986 e 1989, com a colaboração de alunos do curso de Fonoaudiologia da PUC/SP) mostraram que as histórias de fala sempre continham os ingredientes da dupla vinculação. Ela se forma porque a atividade de fala, do ponto de vista articulatorio, é uma atividade espontânea, e sua não aceitação contém potencialmente a possibilidade de levar o sujeito a interferir em sua produção. Ele o faz porque deseja continuar se comunicando de uma forma que seja aceita pelos outros. Entretanto, a tentativa de realizar de modo planejado comportamentos que são de natureza espontânea não só impede a realização adequada dos comportamentos, como também dispara outros que não são planejados e nem desejados (Watzlawick, 1986).

Desse modo, a *não aceitação do padrão de fala* de um indivíduo por outros que lhe são significativos pode colocá-lo numa situação paradoxal, quando estes não o excluem da situação de comunicação, ou seja, quando pressupõem a continuidade da conversação (primeiro vínculo), mas não aceitam seu padrão de fala, levando o sujeito a tentar o espontâneo (segundo vínculo).

Representando esse conteúdo paradoxal, as palavras que nossos sujeitos ouviram com mais frequência de outros significativos foram: *fala direito; pensa e depois fala; fala com calma*. O mesmo foi encontrado na pesquisa de Reiner Krause (1982), ao buscar uma aproximação psicossocial para o estudo da gagueira.

Quando se solicita que o sujeito fale (primeira afirmação), porém de outro modo que não o que lhe é espontâneo (segunda afirmação) — que fale direito, que pense na atividade articulatória, que fale com calma — inaugura-se na mente a ingênua possibilidade de planejar o espontâneo. Dessa maneira, a comunicação organiza-se de tal modo que o indivíduo não pode abandonar a tentativa de falar (uma vez que o meio social, na voz dos que lhe são significativos, solicita-lhe que o faça, e o desejo de comunicação é preponderante no convívio social) e nem atingir o objetivo de falar de acordo com um ideal não explicitado, uma vez que tentará o espontâneo.

Ao assumir o ponto de vista paradoxal, ou seja, ao tentar o espontâneo para chegar a um padrão de fala que seja aceito pelos outros, o indivíduo ficará preso em um círculo vicioso que se perpetuará se não for percebido como tal. Isso acontece porque reproduz a situação de comunicação que coloca a fala numa situação paradoxal, ou seja, quanto mais o sujeito tenta, menos consegue falar melhor do que já falou. Assim ele desencadeia novas reações de não aceitação dos outros, que o levarão novamente a tentar interferir na fala espontânea. Seu hábito de fala torna-se, assim, condicionado a esse mecanismo tensionador.

Vemos, então, que, quanto mais o sujeito tenta, menos consegue resolver o problema que se sobrepôs a sua produção espontânea de fala, porque o problema é a forma como tenta resolvê-lo. Foi esse o movimento de consciência que encontramos na base da produção e manutenção de uma fala com gagueira, tendo sua origem gestada no padrão paradoxal de interação descrito acima. O movimento de consciência e o padrão paradoxal de interação, por sua vez, estão ligados ao desenvolvimento de uma imagem de mau falante.

A imagem estigmatizada de falante

Da análise que realizamos da estreita relação que existe entre o desenvolvimento da consciência e da linguagem que se produz no contexto das relações sociais do grupo a que cada indivíduo pertence, entendemos a determinação ideológica deste desenvolvimento. Consideremos, agora, a construção da identidade, entendendo-a como parte desse processo, o que significa que essa construção também está sujeita à determinação dos conteúdos das crenças e dos valores veiculados nas relações interpessoais, através das atividades práticas e verbais.

Nesse sentido, a identidade é um processo de construção de si que se desdobra a partir da rede cognitiva ou de representações formada nas relações sociais práticas e de comunicação. O padrão de in-

teração que coloca a fala numa situação paradoxal é fonte geradora de tensão nesse processo. À medida que esse padrão se reproduz sistematicamente, a tensão vai condicionando a apresentação social do sujeito e sua forma de falar. Cristaliza-se, assim, um padrão articulatório que, do ponto de vista social, reforça e é reforçado pela não aceitação. Isso, do ponto de vista pessoal, gera a não aceitação de si mesmo, que se evidencia pela tentativa sistemática do sujeito de planejar sua atividade articulatória espontânea.

Estabelece-se, então, uma dialética entre um padrão de relações de comunicação, um movimento de consciência voltado para o planejamento da atividade articulatória espontânea, e um padrão articulatório, capaz de determinar, na construção da identidade, a formação de uma *imagem de mau falante* ou *uma imagem estigmatizada de falante*. Ao lado dos demais elementos constitutivos da identidade essa imagem, por sua vez, é capaz de determinar na organização motora da atividade articulatória um padrão estável que é rotulado como gagueira, e que se desenvolve em mútua determinação com a imagem estigmatizada de falante.

A *imagem estigmatizada de falante*, captada nas representações estudadas na pesquisa da gênese da gagueira (Friedman, 1985), é entendida como núcleo estruturante, porque determina o movimento da consciência característico do desenvolvimento da manifestação da gagueira.

Dessa pesquisa pudemos compreender como se engendram os comportamentos conhecidos e descritos pelos autores considerados clássicos no estudo da gagueira. Em resumo, esses comportamentos são, no plano objetivo, a produção de hesitações, repetições, prolongamentos, bloqueios, tremores e comportamentos disparadores da fala e adiadores da gagueira, chamados de “truques”, que evidenciam tensão no falar. No plano subjetivo são a antecipação ou pressuposição de falhas ao falar e a tentativa de evitar ou fugir da gagueira.

Vemos, então, que a produção de fala condicionada a circunstâncias que comprometem sua própria eficiência, revela-se uma fonte geradora de tensão. Nela se destaca o fato de que, quanto mais o indivíduo tenta interferir no automatismo da fala com a intenção de falar bem, menos o consegue. Isso, por sua vez, determina um movimento de consciência que permite antecipar ou pressupor a ocorrência de novas falhas, o que colabora para a formação de tensão no falar. Conduz também à busca de mecanismos para evitar as falhas previstas; como troca de palavras, interposição de palavras desnecessárias, omissões de fonemas, movimentos associados ao corpo, enfim, toda sorte de comportamentos que a mente puder inventar e que são usados como truques para alcançar um padrão de fala idealizado e aceito pelo outro.

Assim, a manifestação da gagueira, como um estado permanente da fala do indivíduo, é determinada por conteúdos que se cristalizam em sua identidade, compondo uma *imagem estigmatizada de falante*. Esta, de acordo com o valor atribuído à imagem de si nas diversas situações vivenciadas, dispara conteúdos de consciência contraditórios, como querer falar bem e, ao mesmo tempo, não acreditar na competência para fazê-lo. Esses conteúdos contraditórios são acompanhados de ativações emocionais, tais como nervosismo, intimidação e vergonha, e reforçam o comportamento paradoxal de querer controlar o espontâneo. Tudo isso favorece a manifestação da gagueira e desencadeia um círculo vicioso.

Emoção, afeto, atividade de fala e identidade

Em decorrência da compreensão da gênese da gagueira, aprofundamo-nos no estudo das emoções para esclarecer a sua relação com a construção da imagem de falante e a produção da gagueira. A partir daí, pudemos organizar importantes considerações sobre a construção da identidade ligada à relação da fala com a emoção, e da fluência com a disfluência. O que nos levou a estabelecer uma distinção entre gagueira natural e gagueira sofrimento, bastante significativa para a compreensão da abordagem terapêutica a que nos propusemos e ao desenvolvimento de ações sociais voltadas para a promoção da saúde na atividade de comunicação verbal.

De modo geral, entendemos a emoção, como mediadora entre o organismo e o meio; é ela que intermedia as constantes mudanças das situações e eventos, e as respostas comportamentais do indivíduo, bem como os estímulos externos que constantemente atingem os órgãos dos sentidos e as respostas do organismo a esses estímulos (Scherer & Ekman, 1984).

As emoções são momentos relevantes da atividade (e não ações ou operações realizadoras da mesma) que cumprem a função de sinais internos, refletindo as relações entre as necessidades do indivíduo e as possibilidades que ele tem de realizar com êxito uma atividade que corresponda a essas necessidades. Elas surgem depois que a necessidade se atualiza e antes que o sujeito faça a valoração racional da sua atividade, influenciando sobre ela (Leontiev, 1975).

Partindo da análise das bases filogenéticas e orgânico-constitucionais da emoção, temos que ela é uma manifestação que se expressa necessariamente no orgânico sob a forma de alterações conjuntas do tônus visceral e esquelético. Para que a emoção seja plenamente apreendida na dimensão do humano, deve-se levar em conta o trabalho e as modificações que ela sofreu no longo processo de socialização da história da humanidade (Martinet, 1972).

No início da vida, as emoções expressam tão-somente as sensações de prazer e desprazer do indivíduo, em função das sensações de seu corpo, por meio de movimentos corporais e mímicas faciais, tensos e relaxados, que são provocados por estímulos internos, como fome ou dor, e externos, como frio ou calor. Por permitirem as primeiras trocas com o meio ambiente e com os outros, as emoções podem ser entendidas como a primeira forma de comunicação. Entretanto, elas se modificam ao longo do tempo, em função do desenvolvimento do indivíduo, por serem determinadas pelas interações sociais que as diversificam e as tornam mais complexas, pela mediação do outro, da linguagem e da cultura.

À simples expressão das sensações interiores interpõem-se o desenvolvimento cognitivo, a representação da realidade e os significados ideológicos que a compõem, ligando a expressão emocional ao trabalho cognitivo socialmente determinado, dando-lhe, assim, um caráter social. Se por um lado a emoção influi na valoração racional que o sujeito faz da realidade e da atividade, por outro a valoração racional influi na ativação das emoções, à medida que o indivíduo vai se apropriando da realidade. Ambas estão sempre em processo de determinação mútua na construção do movimento da consciência e da atividade humana; pode-se considerar reducionista a perspectiva que pretende entender uma isolada da outra. Dessa forma, fazemos uma distinção entre emoção e afetividade. Por emoção entendam-se as alterações específicas do tônus visceral e esquelético em geral, passíveis de serem captadas pela observação. Tais manifestações têm um tempo relativamente curto de duração, que varia de minutos a horas, graças à tendência de adaptação do organismo às situações. Por afetividade, sentimento, ânimo, humor ou estado de espírito, entenda-se a articulação da emoção com a cognição e, a partir daí, com o contexto social, onde o componente emocional pode permanecer em estado latente ou se expressar de acordo com o julgamento que o sujeito faz das conveniências circunstanciais, com qualquer tempo de duração (Scherer & Ekman, 1984).

Para analisar a relação entre a atividade de fala e a emoção, consideremos inicialmente que a fala produz os movimentos mais finos que o nosso corpo pode realizar, encadeados em questão de segundos, em seqüências complexas de movimentos para a articulação de palavras que expressam as idéias. Sendo assim, as eventuais imprecisões e falhas articulatórias que se constituem em quebras da fluência, ou disfluências, são entendidas como parte natural da produção da fala e variam de acordo com as características pessoais dos indivíduos e das circunstâncias envolvidas no momento da fala. Além dessa, outras intercorrências típicas da relação pensar/falar podem ser arrola-

das para explicar a produção de disfluências. São elas a evocação concomitante de duas palavras possíveis para expressar uma mesma idéia; ou a censura de uma certa palavra em função das circunstâncias, o que por sua vez provoca a rápida interposição de outra de mesmo significado, ambas capazes de provocar um breve bloqueio na emissão, na medida em que a produção da fala oscila momentaneamente entre a articulação simultânea de movimentos diferentes. Existe, ainda, a produção de prolongamentos vocálicos e repetições silábicas ou vocálicas que são práticas articulatórias freqüentes, associadas à organização de um pensamento ou evocação de palavras ao longo da produção de um discurso.

Do ponto de vista do desenvolvimento do sujeito, é preciso levar em conta também que quanto mais jovem é o indivíduo, mais incipiente é o uso que faz das regras da linguagem. O domínio motor da fala, bem como das regras da língua, estão sendo progressivamente incorporados e automatizados. Isso significa que em ambos os casos as imprecisões e inadequações são inerentes e naturais ao processo.

Voltando agora às emoções e considerando que a ativação emocional se dá pela alteração conjunta do tônus visceral e esquelético, como se pode observar em qualquer pessoa, seja na da mímica facial, na musculatura corporal geral, no ritmo cardíaco, no ritmo respiratório, etc., verificamos que a produção da fala, que depende da coordenação entre a atividade motora específica da articulação dos sons da língua e a função respiratória, pode sofrer variações em indivíduos de qualquer idade, quando ligada à ativação de estados emocionais. Fundamentam-se, portanto, no plano orgânico, a popular associação que se faz entre insegurança, medo e nervosismo e o ato de gaguejar, tão explorada nos personagens da literatura, nas encenações teatrais e nas telenovelas, bem como as variações na qualidade da voz universalmente reconhecidas como um timbre grave ligado à autoridade, ou num timbre agudo ligado ao medo.

Retomando a visão do sujeito em desenvolvimento, temos que a manifestação emocional é a primeira e mais precoce forma de expressão. A ela se sobrepõe a atividade cognitiva, cada vez mais e melhor, na medida de sua própria evolução. Sendo assim, quanto mais jovem for o indivíduo, mais influenciadas pela esfera emocional serão suas reações ao meio ou às formas de expressar as suas necessidades. Nessas condições, quando as reações do indivíduo envolvem o ato de falar, dependendo da sua idade haverá maior probabilidade de desorganização da atividade articulatória, o que favorece o surgimento de bloqueios, repetições, hesitações, prolongamentos e até a impossibilidade de falar, conforme for a quantidade e a qualidade da ativação emocional que estiver em jogo.

O nível de competência do indivíduo para lidar com as regras da língua e com a atividade motora articulatória, diante do desejo de expressar-se verbalmente, por si só pode ser considerado uma fonte de ativação emocional, desde que o grau de desenvolvimento cognitivo lhe dê condições de julgar suas relações com o meio social. Esse julgamento, pelo que vimos a respeito do processo de desenvolvimento da consciência, sofre a influência das relações sociais ou de comunicação, de onde vêm a exigência e a crítica a sua capacidade de expressão verbal.

Daí podemos concluir que a disfluência é um aspecto natural da fluência, a qual pode ser explicada como uma decorrência do grau de competência do indivíduo para lidar com as regras da língua e a atividade motora, das relações entre o pensamento e a fala, do próprio mecanismo de produção da fala, e da dialética entre fala e emoção, sendo que todos esses aspectos podem estar associados uns aos outros.

Assim, encontramos nas contingências inerentes ao desenvolvimento e ao uso da linguagem, e na ativação emocional, os fundamentos para explicar a chamada disfluência fisiológica ou normal da fala das crianças, a que se referem vários estudiosos do desenvolvimento da linguagem.

Nessas condições, é de importância fundamental para a compreensão da produção da fala do indivíduo entender que a disfluência é parte natural da produção de fala fluente; fluência e disfluência passam a ser vistas como partes de uma mesma realidade, determinada por características individuais e pela relação do indivíduo com o meio, relação essa que é mediada pela dinâmica entre cognição, emoção e valores do grupo ao qual ele pertence. É também fundamental para a superação de uma visão alienada, bastante freqüente no senso comum e também entre muitos profissionais que lidam com linguagem, de que a disfluência é uma manifestação patológica que requer o tratamento clínico do indivíduo que a apresenta.

Potencialmente, o desenvolvimento da atividade cognitiva tem a possibilidade de envolver, cada vez mais e melhor, a esfera emocional. Entretanto, isto não significa que no indivíduo adulto a ativação emocional deixe de acontecer. Ao contrário, tanto a cognição quanto a emoção, em mútua determinação, influem sempre no comportamento humano, segundo os valores atribuídos a cada uma delas, levando-se em conta que as reações cognitivas são mais prestigiadas socialmente, em detrimento das emocionais, para que se compreendam as formas de expressão do gênero humano. Assim, as emoções muitas vezes desempenham um papel subversivo na manifestação do indivíduo, ao determinarem o aparecimento de comportamentos

que revelam estados subjetivos que ele gostaria de ocultar (Wallon, 1986 e Martinet, 1972). Por exemplo, o sujeito pode querer apresentar um padrão ideal de calma quando, na realidade, está nervoso, e percebe que é incapaz de controlar o tremor das mãos ou é surpreendido por seqüências disfluentes de fala ou trocas involuntárias de palavras.

Enfatizando que a disfluência é um fenômeno natural da fluência e decorrente do movimento da ativação emocional no sujeito que fala, concluímos que não se trata de uma questão relativa apenas à infância, mas também à maneira como o indivíduo valoriza as situações que vivencia; portanto, a ativação emocional pode gerar disfluência tanto na infância quanto na vida adulta. Vale lembrar, ainda, como mostra Wallon, que não existem situações emocionantes em si, uma vez que a ativação da emoção depende sempre dos julgamentos introjetados pelo sujeito e projetados nas situações, a partir de suas vivências sociais.

Todas essas considerações a respeito da relação entre fluência e disfluência nos permitem introduzir o conceito de *gagueira natural*, que se refere à produção natural de disfluências no processo de produção da fala. A utilização desse conceito nos parece importante para os profissionais que lidam com linguagem e seus problemas, no tocante às relações terapêuticas e à promoção de saúde. O termo é pertinente na medida em que, ao longo de nossa atividade profissional, temos constatado que a palavra “gagueira” é empregada indiscriminadamente, tanto por profissionais quanto por leigos, para definir qualquer tipo de quebra na fluência da fala, o que obscurece as possíveis diferenças a respeito de sua natureza e colabora para a estigmatização e a patologização dos sujeitos, bem como para a manutenção de um significado estigmatizado associado à palavra.

É evidente que a gagueira natural e a gagueira de cuja gênese tratamos anteriormente, referem-se a fenômenos qualitativamente diferentes, embora possam, em alguma medida, estar relacionadas.

Ao encadear as reflexões sobre as relações entre fluência e disfluência, entre fala e emoção, com as da gênese da gagueira, consideramos que a gagueira natural pode ser um dos determinantes da estruturação de relações de comunicação que, marcadas pela ideologia do bem falar, veiculam a não aceitação do padrão de fala espontâneo do indivíduo, embora não sejam as únicas. A representação da criança como um adulto em miniatura que se encontra aquém das possibilidades deste último, pode estruturar relações que desprestigiam as manifestações infantis, entre elas a produção de fala, independentemente da existência de disfluências. Tal desprestígio pode gerar tensão na criança e, a partir daí, tornar-se, talvez, um gerador

de disfluências. A representação da criança como um adulto em miniatura pode, por sua vez, estruturar relações de excessiva exigência/cobrança da criança, o que também pode colocá-la sob tensão. De um modo ou de outro, essa representação está ligada à ideologia de bem falar.

Entre a gagueira natural e a gênese de outra forma de gagueira estão as relações de comunicação com outros significativos que, por não aceitarem sistemática e consistentemente o padrão de fala espontâneo do indivíduo, colocam o falante numa situação paradoxal, promovendo o desenvolvimento da *imagem estigmatizada de falante*.

A partir daí, podemos introduzir o conceito de *gagueira sofrimento*, entendido no plano objetivo, como a produção de um padrão de fala que no plano subjetivo é determinado por uma *imagem estigmatizada de falante*, que é articulada e articula um movimento paradoxal de consciência que se define pela intenção de tentar o espontâneo. Esta tentativa conduz à produção de comportamentos de fala não desejados (fomentadores da crença na incapacidade de produzir os movimentos da fala) e também à paradoxal tentativa de evitá-los. Toda a situação, que introduz a fala num contexto pouco propício à sua produção, parece justificar o termo escolhido para defini-la e diferenciá-la de outras formas possíveis de gaguejar.

Acreditamos que a veiculação dos conceitos de gagueira natural e gagueira sofrimento entre os profissionais que trabalham com a linguagem e seus problemas pode favorecer a estruturação de um significado menos estigmatizado da palavra “gagueira”, bem como uma postura mais consciente dos diferentes determinantes da manifestação. Isso favorece, ao senso comum, o desenvolvimento de uma consciência menos alienada a respeito das relações entre a produção da gagueira e os padrões de interação, o que, em alguma medida, poderá colaborar para a diminuição da produção da gagueira sofrimento.

Acreditamos que as condições para se diferenciar a manifestação de gagueira natural da gagueira sofrimento evidenciam-se na própria enunciação dos seus conceitos. A gagueira natural é a forma simples de expressão da ativação emocional em curso e/ou das dificuldades inerentes à produção da fala. Nela, o sujeito tem uma imagem positiva de si como falante que se compõe com os demais elementos que formam sua identidade. Nesse caso, são visíveis apenas as disfluências, ainda que freqüentes. A gagueira sofrimento é a produção de um padrão de fala determinado por um movimento paradoxal de consciência. Nela, o sujeito tem uma *imagem estigmatizada de falante*. Nesse caso, o padrão de fala evidencia a ativação emocional subjacente e revela comportamentos que expressam as tentativas do sujeito de ocultar a manifestação (evidência da *imagem es-*

tigmatizada de falante), mostrando que a situação e o próprio ato de falar são geradores de ativação emocional. A emoção manifesta-se em considerável tensão corporal que acompanha a atividade de fala e, do ponto de vista do ouvinte, não é compreensível a partir do contexto estrito da comunicação em si, da qual ambos compartilham.

No convívio com indivíduos que desenvolveram a gagueira sofrimento, pudemos observar que a intenção de ocultar a gagueira é produzida pelo controle da atividade articulatória espontânea e pode atingir graus variados de êxito, principalmente quando o sujeito manipula sua produção de fala de forma a não se pronunciar naqueles momentos em que a tensão é muito grande e a quebra da fluência parece iminente, trocando as palavras nas quais ele pressupõe irá gaguejar. Nesses casos, o principal prejuízo do sujeito é não poder falar o que deseja.

Bases norteadoras da abordagem terapêutica

PRESSUPOSTOS DA ABORDAGEM TERAPÊUTICA E OBJETIVOS DA PESQUISA

À medida que explicitarmos as bases norteadoras da nossa abordagem terapêutica, deixaremos claros também os objetivos desta pesquisa.

Partindo da idéia de que a vida psíquica só pôde ser vista através das relações recíprocas entre o biológico e o social, a manifestação da gagueira sofrimento pode ser satisfatoriamente explicada, em todos os seus desdobramentos, a partir do entendimento da dialética subjetividade/objetividade do seu modo de produção, a que se chegou no estudo sobre a gênese da gagueira. Mostrou-se que a atividade de fala objetiva que caracteriza a gagueira sofrimento não se apresenta como reflexo de desorganizações orgânicas, mas sim de um movimento peculiar da consciência que condiciona esse automatismo.

A partir do nosso estudo sobre a gênese da gagueira sofrimento, defendemos que o processo terapêutico que visa superar sua manifestação deve levar em conta o movimento de consciência que lhe é subjacente, tendo em vista sua reestruturação ou modificação em alguma medida, de tal forma que as mudanças na objetividade se produzam em movimento dialético com as mudanças na subjetividade. Sendo assim, a superação concreta da gagueira sofrimento no plano da manifestação objetiva deve ser acompanhada de mudanças nas características da produção subjetiva de falante, que podem ser captadas pela análise. É o objetivo deste trabalho descrever as mudanças nas características da produção subjetiva de falantes que superam a gagueira sofrimento.

O estudo do encadeamento dos núcleos de pensamento e suas representações, o qual nos permitiu a reconstrução do processo de desenvolvimento e manutenção da gagueira, levou-nos a desenvolver uma abordagem terapêutica centrada na tese de que a superação concreta desse comportamento só é possível através de uma mudança na visão de si e do mundo, especialmente em relação aos aspectos que se relacionam com a *imagem estigmatizada de falante*. Entendemos que essa forma de abordar a gagueira apresenta elementos importantes para se refletir sobre outros problemas da fala, especialmente o papel que neles desempenham a subjetividade dos falantes e a política de construção da identidade subjacente à relação terapêutica, as quais discutiremos adiante.

As situações terapêuticas aqui estudadas pretenderam promover mudanças na capacidade de produção da fala a partir de mudanças na subjetividade do falante, o que não exclui, como veremos no item relativo aos meios empregados na terapia, um trabalho com a objetividade. Com o estudo dessas situações, queremos demonstrar que a superação da manifestação da gagueira sofrimento se dá por um movimento dialético de mudanças entre a subjetividade e a objetividade e esclarecer as características dessas mudanças, a fim de aprofundar nossa proposta terapêutica para a gagueira.

Partindo desse ponto de vista, entendemos que as bases da nossa proposta terapêutica constituem uma dentre as múltiplas possibilidades que poderiam conduzir ao fim desejado. Nesse sentido, nossa intenção é colaborar para o avanço da discussão e do trabalho em terapia, bem como para a promoção da saúde no que tange aos problemas da fala em geral e às questões relativas à capacidade de produção da fala fluente em especial.

Ao assumirmos que as mudanças concretas na capacidade de produção da fala só podem ser criadas na relação dialética com as mudanças na produção da subjetividade, especialmente no que se refere à *imagem estigmatizada de falante*, entendemos que, sem essa mudança, toda produção de fala, seja qual for a sua aparência externa, obedece à determinação da lógica da gagueira sofrimento e, portanto, é parte dela.

Em nossa atividade clínica e na de outros terapeutas, observamos que, enquanto tal imagem persiste, embora certos sujeitos possam até manipular eficientemente sua produção de fala para ocultar a manifestação de gagueira, há vivência da gagueira sofrimento. Um exemplo de tal fato deu-se certa ocasião, na primeira entrevista que fizemos com um rapaz que se queixava de gagueira e cuja fluência chamou nossa atenção já quando marcávamos a entrevista pelo telefone. Durante a entrevista, sua fala fluente se confirmou, o que nos

levou a perguntar o que pensava do fato de apresentar-se tão fluente e ao mesmo tempo queixar-se de gagueira. Ele nos respondeu que esse era o problema. Já procurara outros profissionais, mas eles não tinham entendido o seu problema. Perguntamos, então, se percebia os pensamentos ou sentimentos associados ao seu problema de fala. Ele nos contou que sentia medo de não conseguir falar as palavras, especialmente as que começavam com a letra “t”, medo esse que variava de acordo com as situações. Quando sentia que não ia conseguir falar uma delas, era capaz de substituí-la rapidamente e até mudar o rumo dos pensamentos e, portanto, do discurso. Seu maior medo era que chegasse o dia em que não conseguisse mais fazer isso, principalmente porque ninguém, até agora, sabia ou desconfiava de sua gagueira. Seu processo terapêutico confirmou aquilo que já vivenciáramos com outros pacientes: quanto melhor o sujeito consegue camuflar a manifestação da gagueira, maior será sua dificuldade de promover mudanças na lógica centrada na *imagem estigmatizada de falante*, que sustenta tal comportamento, e, portanto, de modificar essa imagem. Embora o sujeito sofra com o processo de produção de fala, a força da imagem cristalizada de si como falante e a eficiência do comportamento de camuflar sua manifestação objetiva (tentar não gaguejar) reforçam-se mutuamente, o que dificulta sobremaneira o processo de reestruturação.

As abordagens terapêuticas que propõem um trabalho centrado no condicionamento do comportamento de fala, seja através de exercícios com a articulação e a capacidade de falar fluentemente, seja associando esse comportamento a um trabalho com o tônus muscular através de consciência corporal e relaxamento, podem levar à superação concreta da gagueira que se dará quando o sujeito, ao constatar sua capacidade fluente, reestruturar sua imagem de falante. Mas podem levar também ao refinamento das técnicas para ocultamento da gagueira, o que significa a manutenção e o reforço da gagueira sofrimento.

A hipótese da superação concreta da gagueira centrada numa terapia de condicionamento do comportamento de fala parece-nos a mais remota, embora não impossível, assim como não é impossível que um sujeito modifique sua imagem de falante a partir de suas vivências e saia da gagueira sofrimento, sem nenhuma ajuda terapêutica formal. A nossa experiência clínica e os insatisfatórios resultados terapêuticos referidos na literatura clássica por autores como Bloodstein (1975); Johnson (1959); Sheehan (1975); Van Riper (1973), que não apresentaram em suas propostas terapêuticas um trabalho que visasse a promoção de mudanças na subjetividade no que se refere à imagem de si como falante, levaram-nos a essa conclusão. De

modo geral, dado o mútuo reforço entre a imagem estigmatizada de falante e a tentativa de não gaguejar, as abordagens estritas de condicionar a forma de falar ancoram-se na lógica de produção da gagueira e transformam-se em formas alternativas para não gaguejar.

Se a forma de tentar resolver o problema constitui o verdadeiro problema, ou seja, se tentar não gaguejar é o motor da gagueira sofrimento, temos que todas as terapias que visam levar o indivíduo a não gaguejar circunscrevem-se dentro da mesma lógica que produz a gagueira sofrimento, funcionando como reforçadoras da *imagem estigmatizada de falante*. Muitos terapeutas, entretanto, assumem pontos de vista diferentes a este em relação à origem e manutenção da gagueira sofrimento, considerando satisfatório o objetivo terapêutico de levar o sujeito a ocultá-la mais eficientemente. Do mesmo modo, muitos pacientes não desejam outra coisa, por mais que entendam a produção subjetiva que a mantém.

Ao orientar nosso trabalho terapêutico pela visão de que a gagueira sofrimento é produto de um movimento peculiar da consciência determinado pela imagem de falante, em indivíduos cuja capacidade fonoarticulatória é íntegra, nosso objetivo terapêutico é reestruturar o movimento da consciência de forma a quebrar o círculo vicioso estabelecido entre a imagem estigmatizada de falante e a tentativa de controlar a produção espontânea da fala.

Ao contrário das abordagens terapêuticas que reforçam a tentativa de falar bem, buscamos aqui fazer com que o sujeito aceite a gagueira, o que significa aceitar o rompimento da situação paradoxal que determina a fala do sujeito, que é a principal característica do processo de reestruturação.

Acceptar a gagueira e deixar que ela se produza significa mudar a produção subjetiva do sujeito, que se transforma no oposto daquela que mantinha a manifestação da gagueira sofrimento. Acreditamos que a partir dessa mudança ocorra uma diminuição natural na manifestação de gagueira.

As condições que, a nosso ver, conduzem à aceitação da gagueira, são as que promovem o desenvolvimento da consciência de si, no sentido proposto por Lane (1984-b). Trata-se de ampliar o conhecimento do sujeito sobre as determinações sociais e ideológicas que pesam sobre sua consciência e influem na capacidade de produção de fala. O que promove, simultaneamente, a ampliação da consciência crítica do sujeito a respeito da realidade que o cerca.

Nesse contexto tratamos de promover o desenvolvimento de uma imagem de falante que se desdobra da capacidade de produção da fala do sujeito e não mais da negação da mesma, que antes levava à busca utópica de uma fala ideal.

Evidentemente, não se trata de impor ao sujeito este caminho. Depende dele usar ou não os conhecimentos e comportamentos que se desenvolvem na situação terapêutica para superar o ocultamento da gagueira. Muitos sujeitos podem participar efetivamente das reflexões que se processam na situação terapêutica sobre as determinações sociais que pesam sobre sua imagem de falante, e nem por isso dispõem-se a aceitar a manifestação da gagueira como caminho para superá-la e agir nessa direção. A nosso ver, a vantagem de assumir essa postura, em qualquer caso, é oferecer ao sujeito a opção de desenvolver uma imagem de bom falante e, se não, ao menos desenvolver uma consciência crítica do que determina a *imagem estigmatizada de falante*.

Desse modo, entendemos o espaço terapêutico como um espaço de construção da subjetividade, da identidade, o que implica estabelecer uma política que a norteie. Tal perspectiva compreende uma distinção entre desigualdade e diferença (Habermans, 1983).

Entendemos por política da desigualdade o ato de assumir uma postura que, negando as diferenças entre os indivíduos, valoriza um padrão de normalidade idealizado. Valoriza o singular e exclui o que não é parte dele. Assim, a política da desigualdade pressupõe uma identidade convencional que se articula com a estigmatização do diferente. A idéia de indivíduo patológico, assim como as idéias racistas, compõem a perspectiva que prioriza as diferenças do sujeito em relação a um padrão ideal. A partir daí poderíamos pensar numa raça de indivíduos patológicos, ou numa raça de falantes excluídos. Olhar o sujeito enquadrado em uma patologia é reduzir a dimensão do humano, é vê-lo numa perspectiva a-histórica, é coisificá-lo. Interagir com ele sob esse ponto de vista é estimular a produção de uma identidade que contém uma imagem estigmatizada de si, uma imagem de si como excluído. Isso poderá determinar a luta para alcançar uma identidade ideal, como mostramos na gagueira sofrimento. A identidade ideal, entretanto, dificilmente poderá ser alcançada, uma vez que pressupõe a negação da identidade real, o que significa negar a si mesmo e necessitar de um novo eu, idêntico ao ideal.

Por política da diferença, entendemos a valorização da multiplicidade do humano que estimula e aceita as diferenças, vendo a singularidade em suas múltiplas possibilidades de acordo com a história de cada um. Prioriza-se, assim, a pessoa no sentido genérico, e a expressão individual como parte do universal. Defendem-se valores universais que comportem as diferenças, as particularidades. Não existe, nessas condições, a perspectiva de uma identidade convencional. Pensar o sujeito como singular dentro da pluralidade é vê-lo na dimensão do humano. E a interação que se constrói sob esta

ótica permite o desenvolvimento de uma consciência crítica que compreende a possibilidade de aceitação de si a partir das diferenças.

Nosso trabalho clínico com a identidade é norteado pelos estudos de Ciampa (1984 e 1986). Ali, a identidade é vista como um processo contínuo de produção de si mesmo, composto a partir da rede de relações que se estabelece entre o indivíduo e o mundo, e determinado pelos conteúdos que definem essas relações, de onde se desprezam as representações que a formam.

A identidade é assim construída e definida por intermédio da atividade do indivíduo, embora, como nos mostra Ciampa, frequentemente sejamos capturados pela ilusão de que ela é a expressão de uma substância estática da qual o indivíduo é dotado. Tal ilusão é criada principalmente em função das próprias características da linguagem cotidiana, que utiliza substantivos para referir-se ao que de fato é ação. No nosso caso, a noção de ser gago, cria a ilusão de uma substância gaga que impregna determinado indivíduo e cria uma representação que aprisiona sua identidade, quando, concretamente, ele gagueja de acordo com a dialética entre a subjetividade/objetividade que se estabelece no seu modo de produção como falante.

Nessa perspectiva, entende-se a identidade como a interligação de vários personagens. Ciampa propõe o termo "*personagem*" como uma expressão empírica da identidade em seu movimento. O personagem é considerado como momento da identidade que expressa satisfatoriamente as diversas formas que podem ser assumidas, especialmente a partir dos diversos papéis socialmente atribuídos ao indivíduo (pai, filho, irmão, professor, etc.), entendidos como atividade previamente padronizada. O personagem permite traduzir o fazer, a noção de atividade, que define sua existência.

A identidade expressada em personagens, como atividade, implica também a relação com os outros (atividade de relação com os indivíduos, com a sociedade). Nessa perspectiva, uma identidade se define em suas igualdades e diferenças com as demais, construindo-se a partir da história pessoal dos indivíduos e ao mesmo tempo reconstruindo o universo de significados que a construiu.

Desse modo, os personagens de diversos indivíduos vão-se construindo uns aos outros em conseqüência das relações sociais compartilhadas, sendo que sua manifestação é condição para essas relações. Atribuir a alguém o papel de filho significa atribuir a outro o papel de pai e pressupor que ambos se comportarão como tais. Os dois personagens se reforçam mutuamente e confirmam suas representações, dependendo um do outro para existir. A ausência dos personagens pai e mãe, ainda que somente na memória do indivíduo na forma de entes queridos que se foram, impediria a existência do

personagem filho. Por outro lado, a manifestação de um personagem corresponde à expressão de uma parcela da identidade do indivíduo, na medida em que são múltiplos os personagens que a compõem, ou seja, ser simultaneamente filho, irmão, estudante, etc. embora em cada momento só se apresente um desses personagens. Assim, a manifestação de um personagem é expressão de uma síntese da identidade e também o ocultamento de suas múltiplas facetas, ou de todos os demais personagens que compõem a identidade.

Ciampa mostra que podemos distinguir nas identidades uma autoria coletiva, em que todos os personagens que a constituem são personagens históricos que compartilham suas histórias à medida que se constroem e constroem a própria história da sociedade, e também uma autoria individual, construída na ação pessoal de cada um. Isso nos remete à distinção entre significados sociais e pessoais, já apontada quando falamos das relações entre consciência e linguagem, e nos leva a entender que analisar a identidade é detalhar o processo da apropriação da realidade, o processo de desenvolvimento da consciência de si e do mundo, sobre o qual discorreremos no início deste capítulo.

Identidade é história, diz Ciampa (1986). Os múltiplos personagens de uma identidade “ora se conservam, ora se sucedem; ora coexistem, ora se alternam”, havendo ou não predominância de um sobre os outros e caracterizando, dessa forma, o modo como se produz a identidade.

Estando a identidade em mútua determinação com a realidade que a cerca, e estando esta em constante movimento e transformação, a produção da identidade é um movimento constante. Por isso Ciampa define identidade como *metamorfose*, onde os personagens vividos pelo indivíduo se transformam no curso de sua vivência, surgindo novos personagens que passam a compô-la.

A identidade compreende um componente expressivo, o personagem, ao qual subjaz um componente representativo que o determina. Isso significa que por trás da produção de um personagem está a pressuposição deste, o que garante a possibilidade de sua representação. Mesmo antes do nascimento de um indivíduo, muitos de seus personagens já estão pressupostos em sua historicidade. Essa representação prévia permite que, ao vir ao mundo, o sujeito constitua-se efetivamente como alguém situado no espaço social. À medida que o indivíduo incorpora essa representação prévia, torna-se membro da sociedade e do seu grupo social. O que nos remete mais uma vez ao processo de apropriação da realidade, bem como à teoria da representação social, anteriormente delineados.

Considerando o surgimento e o desenvolvimento da identidade, um personagem só se constituirá na medida em que for concretamente confirmado e reforçado no processo de relações que envolvem o indivíduo, e ao mesmo tempo entendido como condição para essas relações. Era disso mesmo que falávamos quando mostramos a diferença entre gagueira natural e gagueira sofrimento. A diferença se articula em torno do desenvolvimento da imagem de falante, dando lugar ao personagem gago para a transformação da gagueira sofrimento.

Ciampa mostra que a ausência de personagens pressupostos ou de reforço de personagens, como condição para o estabelecimento de relações, pode redundar em graves desvios na construção da identidade. E também que a impossibilidade de viver qualquer dos personagens já constituídos, ou novos personagens, em função das condições que os determinam num dado momento, pode conduzir o indivíduo à morte física (suicídio) ou à morte simbólica (loucura).

A possibilidade de representar ou repor personagens que compõem a identidade é fundamental para que ela seja mantida, bem como se mantenham as relações sociais. Isso nos parece óbvio se pensarmos em um único exemplo: o exercício da atividade profissional, onde temos diariamente que representar o personagem básico que a constitui.

Entretanto, “uma vez que a identidade pressuposta é repostada, ela é vista como *dada* e não como *se dando*, num processo contínuo de identificação”. A esse trabalho de reposição Ciampa deu o nome de *mesmice*, referindo-se à reatualização através dos rituais sociais de uma identidade pressuposta, que passa a ser vista como algo dado. Perde seu caráter histórico e aproxima-se da noção de um mito que prescreve as condutas. Nessas condições, restringe-se o caráter temporal da identidade e cria-se a falsa impressão, pela reposição do personagem, de que se trata da simples manifestação de um ser idêntico a si mesmo.

Assim é o processo de desenvolvimento da gagueira sofrimento, onde a produção da gagueira é pressuposta e repostada tanto no plano social como individual, criando uma identidade-mito, a do gago, que se pressupõe ser eternamente idêntico a si mesmo. Meira (1982), em seu estudo sobre essa manifestação, chegou a postular a existência de uma essência da gagueira.

Uma vez que a identidade é movimento constante, é metamorfose, devemos considerar que evitar a transformação é praticamente impossível. No entanto, sob determinadas condições, como mostram Watzlawick, Weakland e Fisch (1977), no relato de vários casos, uma pessoa pode ser impedida de se transformar efetivamente na medida

em que as condições psicossociais de sua existência levam-na a operar sempre com mesma ordem lógica. Dessa forma, ela só conseguirá produzir variações de um mesmo tipo de comportamento. Por exemplo, a mãe pune seu filho e não consegue o que pretendia dele. Modifica, então, a forma de punição, sofisticada-a, elaborada-a, e continua não obtendo o que planejou, chegando, por fim, à conclusão de que a solução não existe. Mãe punitiva é a sua personagem, que varia nas formas de punição mas não muda a lógica de seu comportamento.

A falsa impressão da identidade como dada, estática e atemporal pela reposição dos mesmos personagens é inevitável na dialética entre a produção da identidade e a produção da vida em sociedade. Isso não significa que os personagens não sofram mudanças em seus modos de produção. Por outro lado, pelo próprio mecanismo de pressuposição/reposição, é possível a não metamorfose ou a identidade-mito. Nela, o sujeito, como ator de si mesmo, está impedido de se transformar e é forçado a reproduzir a mesmice de si. Este é o caso da gagueira sofrimento, para a qual descrevemos o círculo vicioso entre o movimento dos conteúdos da consciência, a atividade de fala do indivíduo e a dinâmica social, caracterizando o modo de produção do personagem gago.

Em função de tudo isso, entendemos que consciência, atividade e afetividade são as categorias dialéticas fundamentais que, juntamente com as mediações da linguagem e do pensamento, formam a síntese que compõe a identidade do sujeito. Nessa condições a identidade é entendida como uma supracategoria. Essa perspectiva nos parece fundamental para a compreensão do indivíduo numa dimensão psicossocial. Ela nos permite explicar a gênese da gagueira, bem como interpretar os dados desta investigação e discutir um trabalho terapêutico com extensões à abordagem terapêutica em geral.

A partir do que vimos sobre identidade, podemos agora dizer que a proposta terapêutica que desenvolvemos pretende promover uma mudança nas condições de produção da identidade de pessoas que vivem a gagueira sofrimento, ao superar o pressuposto personagem “mau falante” ou gago. Seguindo Ciampa, assumimos que a negação da negação da capacidade de falar bem permite a expressão de um outro *outro*, que é o próprio sujeito *alterizando* a sua identidade. Isso significa que se espera que o sujeito não reponha o pressuposto personagem “mau falante” desenvolvendo uma identidade posta como metamorfose. Esta lhe permitirá representar-se como diferente de si mesmo, deixando de apresentar-se como gago, situação que foi cristalizada em momentos anteriores.

Pretende-se, assim, um salto qualitativo no plano da consciência, que se caracteriza por uma mudança significativa na lógica que

articula as representações de si como falante, permitindo o surgimento do personagem “bom falante”.

Compreender a dinâmica psicossocial que determina a dialética entre a produção subjetiva e objetiva da gagueira permite vê-la em sua temporalidade e aceitá-la, o que, como já dissemos, é a condição para que se produza o personagem “bom falante”.

A outra condição para que esse personagem se produza, e que deve ser entendida como um desdobramento da anterior, é a conscientização do corpo. A prática clínica nos aponta a necessidade de levar em conta a dialética entre o movimento da consciência e as manifestações corporais (dialética mente-corpo), incluindo os graus de alienação que podem existir entre ambos, para que se desenvolvam os processos de produção de si dos indivíduos.

A consciência corporal tem-se mostrado fundamental em nossa prática clínica para interligar a consciência que o indivíduo tem das relações que existem entre as produções subjetiva e objetiva de si e a determinação social (consciência de si). Nós a trabalhamos estabelecendo as condições para a observação de si mesmo. A prática clínica tem-nos mostrado que a ausência de um trabalho corporal favorece ou reforça a alienação desse nível, bem como o mecanismo de *intelectualização*, que funciona como mantenedor do personagem “mau falante” e, portanto, da gagueira sofrimento. A intelectualização viabiliza sua manutenção porque mantém corpo e mente separados. No plano mental, o sujeito acompanha as análises da dinâmica de produção da gagueira, mas permanece incapaz de perceber o que ela determina e seu próprio corpo. Assim, como continua a manifestá-la no plano corporal sem percebê-la criticamente, também não a aceita em sua temporalidade. Dessa forma, tudo o que é feito em terapia entra na velha lógica do *para não gaguejar*, o que pode, inclusive, levar o sujeito à revolta ou ao desespero por não alcançar seu objetivo, embora esteja passando por um processo terapêutico.

Quanto ao encerramento do processo terapêutico, entendemos, em função da lógica que permeia essa abordagem, que não cabe ao terapeuta determiná-lo. Cabe-lhe, sim, apontar as evidências de que os objetivos propostos pelo sujeito foram alcançados e questionar se não seriam sinais do final do processo, dando-lhe a oportunidade de rever e redefinir seus objetivos. Acreditamos que o sujeito deve tomar a iniciativa e assumir a responsabilidade pelo término do processo, assim como o fez no início. O que não exime o terapeuta da responsabilidade pelo processo como um todo e de compartilhar com o sujeito a responsabilidade de seu encerramento.

MEIOS

Os meios empregados para alcançar a mudança pretendida subdividem-se em meios voltados para o trabalho com o sujeito e os meios organizadores dos padrões de interação que se estabelecem entre o sujeito e o terapeuta.

a) Meios centrados no sujeito

Do ponto de vista do sujeito, os meios que empregamos para alcançar a mudança compreendem o diálogo construído na situação terapêutica, o trabalho com o corpo, a capacidade de auto-observação e as tarefas.

a.1) Diálogo

O diálogo para a reestruturação, ou mudança, apóia-se no fato de o sujeito conscientizar-se do paradoxo da situação de fala. Ele é elaborado a partir de explicações do terapeuta a respeito das características do desenvolvimento e da produção da fala, da relação entre a fala e a emoção, das características da situação paradoxal e, a partir da análise das articulações entre a história de vida do sujeito, a produção da sua subjetividade e a produção da fala.

A reestruturação caminha desenvolvendo-se a capacidade que o sujeito tem de observar essas articulações nele mesmo, captadas na sua ação e no seu discurso, para o que contribuem o trabalho corporal (proprioceptivo) e as tarefas.

O diálogo leva à aceitação da produção da gagueira, apoiando-se na compreensão das condições afetivas (cognitivo-emocionais) que subjazem aos diferentes momentos de produção de fala (onde também entra a conscientização e sensibilização das tensões) e na compreensão de suas influências sobre a capacidade articulatória. Apóia-se também na compreensão dos determinantes sociais e ideológicos que subjazem à condição afetiva. Tudo isso confere à gagueira um caráter temporal, relativo às determinações subjetivas e objetivas em que está contextualizada.

Aceitar a produção da gagueira é também a condição fundamental para o trabalho corporal. Este possibilitará a vivência do automatismo da fala gaguejada que é necessária para que ela seja desativada.

a.2) Trabalho corporal

O trabalho corporal também se organiza, num primeiro momento, a partir do diálogo, quando se fala sobre as tensões que o sujeito

percebe em seu corpo e as que se mostram à observação do terapeuta. O sujeito é levado a conhecer as relações que existem entre as tensões e a capacidade de produção da fala, bem como a relação delas com as emoções.

Para construir a vivência corporal, trabalhamos no desenvolvimento da consciência proprioceptiva, ou consciência do estado dos músculos, tendões e ossos (do corpo todo e dos órgãos fonoarticulatórios), parados ou em movimento. Esse caminho visa desalienar a atividade corporal, especialmente a articulatória, para que as dúvidas e incertezas sejam superadas e se construam novas imagens de falante a partir das possibilidades do indivíduo, e não apesar delas.

O desenvolvimento dessa consciência não se apóia nos conteúdos representacionais que compõem as imagens e os conceitos relativos ao corpo, mas na efetiva atividade de senti-lo. Entende-se que sentir não é o mesmo que pensar sobre o corpo. Pensar seria abstraí-lo, que é o contrário de senti-lo.

Entretanto, como o que se deseja é o desenvolvimento de uma consciência crítica, e não apenas maior consciência corporal, a capacidade de sentir a atividade corporal deve articular-se com a compreensão da dialética entre o movimento dos conteúdos da consciência e as relações sociais, da qual a atividade corporal também faz parte. Para tanto, apoiamo-nos basicamente no sistema filosófico e prático da ioga, seguindo uma de suas várias propostas, a ioga Nidra (Satyananda, 1976), que nos permite desenvolver tanto a percepção corporal como a consciência crítica que a incorpora.

A partir da ioga Nidra, trabalhamos com a noção de que o corpo é uma síntese entre o corpo físico e o corpo mental, uma vez que essa concepção reflete a dialética entre o movimento da consciência e a manifestação física.

A ioga Nidra é um método que visa promover completo relaxamento físico, mental e emocional, levando-se em conta que, sem atingir os três níveis, o relaxamento não será verdadeiramente alcançado. Repete-se aqui o princípio adotado na proposta terapêutica, em que as mudanças na objetividade são entendidas sempre a partir de sua relação dialética com a subjetividade.

O princípio básico do método ioga Nidra é convergir a mente para um ponto, com o objetivo de cessar temporariamente o movimento dos pensamentos e sentimentos, o que produz também um afastamento das sensações exteriores. Isso se obtém fazendo o rodízio voluntário da mente pelas diversas partes do corpo e soltando-as, concentrando-a em seguida na atividade respiratória *versus* a observação da produção mental neste estado. A observação mental torna-se possível especialmente quando se percebe que se perdeu a concentração

na atividade respiratória; compreende o processo de rotular as representações (pensamentos ou imagens mentais) que surgem espontaneamente na tela mental, sem se envolver com as mesmas, retornando a seguir à atividade respiratória, até dar-se conta de um novo desvio.

Esse processo permite que o sujeito sinta a soltura muscular produzida, principalmente quando ele está centrado no ato respiratório, e o surgimento de tensões a partir das diferentes produções mentais (pensamentos) e concomitante ativação das emoções, das quais o próprio ritmo respiratório é um espelho. Além disso, rotular o conteúdo mental vai permitir que o sujeito tenha uma interessante conscientização das características de sua atividade mental, dos conteúdos que nela predominam e perseveram e das tensões a eles associadas.

Em síntese, o principal benefício da prática da ioga Nidra é a percepção de um estado de tranqüilidade interior, que ressalta a percepção de estados de ativação afetivos e seus efeitos sobre o organismo. Isso permite que o sujeito compreenda melhor o processo de produção de si em face das relações sociais.

A prática se realiza com o sujeito deitado ou sentado confortavelmente, de olhos fechados, num ambiente tranqüilo e levemente escurecido. O terapeuta conduz a vivência, nomeando as partes do corpo e sugerindo a soltura das mesmas, solicitando que o sujeito se concentre na respiração, que nomeie seus pensamentos e imagens mentais, e que volte a se concentrar na respiração, por um período de quinze a trinta minutos, conforme o caso e a necessidade.

De acordo com o que observamos nessas vivências, podemos fazer uso de outras modalidades de trabalho corporal a fim de promover a consciência da tensão e da soltura, tais como massagens e/ou movimentos corporais de alongamento por rotação e estiramento. Isso é feito sempre sob a perspectiva da ioga Nidra, que aborda o corpo como a união do físico e do mental e entende o mental como a união entre o físico e o social.

O trabalho corporal sob o ponto de vista mais específico da conscientização/sensibilização da atividade fonoarticulatória, ou atividade de fala, implica a compreensão pelo sujeito das estruturas que concorrem para a realização dessa atividade e seu modo de funcionamento. É realizado a partir da observação/sensibilização da própria atividade, inicialmente decomposta nos diversos níveis de atividade (respiração, voz, articulação), para em seguida ser recomposta no seu todo. Por esse procedimento mostramos ao sujeito sua competência para produzir a fala. Mostramos também que a competência se evidenciou fora de um contexto de fala, o que ressalta a tese de que a manifestação da gagueira liga-se a uma determinada dialé-

tica entre a produção subjetiva e as relações sociais, o que passa a ser o pano de fundo para a análise crítica da dificuldade de falar.

O exercício de sentir a fala enquanto se fala não é fácil de início, pois concorre com a organização do pensamento que subjaz ao que será falado. Além disso, ou também por isso, a mente se afasta facilmente do sentir para voltar ao seu curso automático, que normalmente não inclui esse aspecto, do mesmo modo que se desconcentra a atividade respiratória e se perde em pensamentos, no exercício da ioga Nidra. Falar sentindo a fala pode, entretanto, ser automatizado se, por exemplo, a atividade profissional de um sujeito assim o exigir, como é o caso de atores, locutores, fonoaudiólogos, entre outros. Evidentemente não se espera que o indivíduo sinta a fala durante todo o tempo em que fala.

Pelo que analisamos acima, sentir a fala tem o poder de distrair o sujeito da elaboração subjetiva que subjaz à atividade de fala, e com isso, e apesar da dificuldade que, nos casos de gagueira sofrimento, pode acrescentar à atividade em si, tem o poder de aumentar a fluência. O fenômeno da distração foi descrito por vários autores na literatura especializada e é freqüentemente empregado na terapia para gagueira como um fim em si mesmo.

A distração, contudo, é efêmera uma vez que seu uso freqüente a automatiza. Nosso objetivo ao desenvolver a capacidade de sentir a fala, evidentemente, não é a distração. Através dos seus efeitos, pretendemos ressaltar a natureza da relação entre a produção subjetiva e a objetiva na manifestação da gagueira. Com essa perspectiva, pretendemos usá-la como meio para reestruturar a imagem de falante e construir o personagem “bom falante”, a partir da sensibilização da capacidade de falar.

Entendendo que a gagueira sofrimento se expressa no personagem “mau falante”, este também necessita ser exaustivamente explorado pelo sujeito, a fim de que seu modo de produção se torne transparente e seja superado. O desenvolvimento da capacidade de sentir a fala é fundamental para alcançar esse objetivo. A esse respeito vale mencionar que, estando a organização da gagueira sofrimento, como tentativa paradoxal de falar bem, centrada no ato de evitar ou fugir de uma pressuposta materialidade, há geralmente uma forte tendência do sujeito para fugir dela, sem querer tocá-la.

Os personagens bom e mau falantes habitam uma mesma identidade, com diferentes modos de produção. O primeiro confia na sua capacidade de fala e aceita a produção da gagueira como uma contingência do ato e da situação de fala em que está envolvido. O segundo nega a capacidade de fala e busca uma produção de fala idealizada, com maior ou menor grau de intensidade de acordo com a situação e com o valor que a partir dela atribui à sua imagem de falante.

Sentir a fala e vivenciar o personagem “bom falante” cria condições para aprofundar a vivência do personagem “mau falante”, para tocar na sua materialidade e reestruturar suas características, tornando sua existência menos absoluta e aceitando-o como contingente a certas condições. Dessa forma, é possível fazer cessar a luta contra ele. Encaminha-se, assim, uma reestruturação que pretende modificar o modo de produção da identidade. A predominância do personagem “mau falante” deve transformar-se na predominância do personagem “bom falante”, para quem o gaguejar não é mais um sofrimento mas uma possibilidade, e o mau falar é parte integrante do personagem “bom falante”, que não está comprometido com a noção de infalibilidade.

a.3) Auto-observação

A capacidade de auto-observação dos movimentos da consciência, dos sentimentos, da produção articulatória, das relações entre eles e de tudo isso com o contexto social é o comportamento fundamental para alcançar os objetivos propostos e levar o sujeito a superar a necessidade de ajuda terapêutica.

A descrição das condições para a auto-observação emerge da nossa vivência com a ioga Nidra. Elas só se realizam quando conhecemos o movimento da consciência, conhecemos como a mente e o corpo se interligam e reconhecemos as circunstâncias que despertam os pensamentos e as emoções, levando-nos a determinados comportamentos.

Antes de chegar a esse conhecimento descobrimos um mundo interior de pensamentos, conceitos, imagens e emoções. Trata-se de um circuito interminável de interpretações, especulações e discursos interiores, em que os pensamentos se sucedem e nos prendem firmemente com a força dos sentimentos e das emoções que evocam. Assim, nossa mente vê as coisas sempre com o conhecimento do passado, com todos os sentimentos e conhecimentos que foram acumulados ao longo da história de vida. Ao dirigirmos a mente para seu próprio movimento, geralmente não o observamos em absoluto, mas repomos as concepções que o compõem e as pressuposições que levam à produção da *mesmice de si*, característica de identidade como *não metamorfose*.

Para observar de fato, todo o conhecimento de nossas próprias intenções e preocupações, de nossos problemas pessoais, etc., deve ser posto à margem. Para isso, devem ser reconhecidas as representações que compõem os conteúdos da consciência e condicionam o seu movimento, bem como as ações práticas que as determinam. A partir daí a observação é entendida como o distanciamento desse movimento, no sentido de um não envolvimento com o seu curso ou sua

lógica. O distanciamento é a condição para se observar efetivamente. Quando surgem julgamentos, é preciso dar-se conta deles, e não deixar-se envolver por seu conteúdo; deve-se permanecer centrado na experiência imediata para transcender essas imagens.

O trabalho com a ioga Nidra, apoiado no desenvolvimento proprioceptivo geral e específico, somado aos diálogos para explicações gerais e análises das representações do sujeito sobre as formas de produção da fala e da gagueira, prepara e exercita a capacidade de auto-observação.

À medida que o sujeito for se tornando capaz de observar e entender as determinações que regem a sua manifestação de fala, num contexto onde o aparecimento de gagueira é aceito como possibilidade natural de sua produção, predominará o personagem “bom falante” e o sujeito será capaz de dispensar o terapeuta, manifestando o desejo de encerrar o processo terapêutico.

a.4) Tarefas

As tarefas visam envolver o sujeito, no seu dia-a-dia, com o trabalho desenvolvido na situação terapêutica. A experiência clínica mostra que nenhuma mudança é obtida com pessoas que se limitam a comparecer às sessões e não investem na compreensão de sua manifestação como falantes no cotidiano.

Se uma nova maneira de entender a gagueira e a produção da fala for alcançada na situação terapêutica, ela deverá ser estendida ao cotidiano. De outro modo, irão se reproduzir as formas habituais de comportamento ou *mesmices de si*, que possuem uma longa história de reforço, fazendo do momento terapêutico uma exceção que pode causar frustração, porque o sujeito não é capaz de reproduzi-lo.

Sendo assim, as tarefas pretendem que o sujeito se envolva no seu dia-a-dia com o trabalho terapêutico que está sendo desenvolvido, de modo a criar uma história de reforço que com o tempo passará a se contrapor à história anterior.

A seqüência e as características das tarefas geralmente obedecem ao julgamento do terapeuta. Entretanto, elas também podem ser criadas pelo próprio sujeito ou em parceria entre o sujeito e o terapeuta. Elas são criadas em função da percepção das necessidades do sujeito e do movimento terapêutico. Assim, se a ênfase da situação terapêutica recaiu sobre a existência de antecipação do mau falar, a tarefa solicitada poderá ser a observação dessa ocorrência, acompanhada ou não da discriminação das situações em que ela se dá. Se, por outro lado, a ênfase recaiu sobre a sensibilização do movimento articulatório, poderá ser solicitado ao sujeito que, diaria-

mente, quando sozinho, vivencie por alguns minutos sua capacidade de produzir os movimentos da fala. Mas se a ênfase recaiu ainda sobre a possibilidade de a gagueira ser um momento integrante da atividade de fala, a tarefa poderá ser a realização de telefonemas anônimos nos quais o sujeito deverá gaguejar de propósito, para conhecer a reação das pessoas. Na sessão seguinte, as tarefas fornecerão elementos para se prosseguir o trabalho.

Perpassa a realização das tarefas a idéia de que elas não são simplesmente descartadas para dar lugar a novas, mas que acumulam um saber, tornando-se cada vez mais complexas. A reação à tarefa que o sujeito relatar na sessão seguinte, é a medida para se avaliar a sua adequação e a fonte de informação para que organize a próxima tarefa. A utilização das tarefas será retomada no próximo item.

b) Meios centrados na relação terapêutica

Do ponto de vista da relação terapêutica, os meios que empregamos para alcançar a mudança apóiam-se na tradição historicamente iniciada com o terapeuta norte-americano Milton H. Erickson, e desenvolvida por vários grupos de terapeutas, dos quais destacamos os do Instituto de Pesquisa Mental de Palo Alto, na Califórnia, ao qual pertencem Paul Watzlawick, Janet H. Beavin, Don Jackson, John Weakland, Richard Fisch; os do Centro de Terapia Familiar Breve, ao qual pertence Steve de Shazer; o grupo de Milão, composto por M. Selvini Palazzoli, L. Boscolo, G. Prata e G. Cecchin; e o grupo da Sociedade Americana de Programação Neurolingüística, do qual fazem parte Richard Bandler e John Grinder. A partir de todos eles organizamos os procedimentos que seguem.

O primeiro ponto a considerar é a forma de se compreender a relação terapêutica. Seguindo a proposta de Shazer (1986), terapeuta e paciente são entendidos como sistemas independentes, cada um com a rede de representações que compõem sua visão de si e de mundo, e com seu padrão peculiar. Ao estabelecerem a interação terapêutica, passam a formar um novo sistema de comunicação, que por sua vez cria um novo padrão. Nesse padrão, o sistema de cada um passa a fazer parte do outro, formando um suprassistema.

Na medida em que esses dois sistemas se comunicam e trocam informações, o sistema terapêutico é entendido como aberto, sendo que a postura do terapeuta importa para a descrição do comportamento do paciente, e vice-versa.

Os dois sistemas se comunicam numa interação complexa, mantendo ao mesmo tempo, seqüência e simultaneidade. As pessoas falam em seqüência e, simultaneamente, mantêm a conversação e o

olhar, agindo segundo a predominância de seus estados de humor, seus planos, suas vestimentas e sua decoração, de forma que as seqüências de comportamentos são causadas pelo contexto mais amplo que cada um vivencia.

O conjunto de representações que compõem a visão de falante do sujeito é considerado um conjunto em que não se produz mudança. Como vimos anteriormente, esse padrão é o tempo todo determinado por um mesmo tipo de padrão lógico, do qual só se produzem variações da mesma coisa. É, entretanto, um conjunto que busca a mudança porque produz sofrimento. Esse conjunto é nuclear na relação que se estabelece entre o sujeito e o terapeuta. Como as representações que compõem a visão de falante do sujeito são parte do sistema maior das representações que ele tem si e do seu mundo, e estando ligado a elas, qualquer tipo de mudança nas representações implica em mudança em todo o sistema. Da mesma forma, a mudança em outras partes do sistema pode conduzir ou facilitar as mudanças na representação de si como falante.

O conceito de mudança organiza-se a partir do conceito de informação. Entenda-se informação como uma mensagem da diferença, uma notícia da diferença. Nessas condições, somente quando uma mensagem contiver informações que digam respeito a uma diferença que interfira no sistema de representações do sujeito é que ocorrerá mudança (Watzlawick, Weakland e Fisch, 1977).

O envolvimento num processo terapêutico que visa a mudança tem em vista a produção de interações que contenham idéias e/ou sentimentos e/ou ações que informem as diferenças capazes de levar à transformação da estrutura organizacional das representações. Isso significa transformar o movimento e o conteúdo das representações que compõem o movimento, assim como o conteúdo da consciência.

Para tanto, é necessário compreender primeiramente o padrão da estrutura representacional (conteúdo e movimento das representações) que caracteriza o movimento da consciência do sujeito, para se organizar o padrão da intervenção terapêutica. A resposta do sujeito a essa intervenção, por sua vez, permitirá a organização da intervenção seguinte, e assim por diante. A resposta nos fornecerá as pistas sobre o grau de eficiência da intervenção realizada, de modo a mantê-la ou modificá-la.

Evidentemente, nosso estudo sobre a gênese da gagueira dá indicações do padrão dessas estruturas representacionais, facilitando o trabalho de conhecimento e compreensão dos padrões de organização a que obedecem, no caso do trabalho terapêutico estruturado em torno da gagueira sofrimento. A proposta, no entanto, estende-se a qualquer relacionamento terapêutico que vise a mudança, sendo

que nas situações desconhecidas a dificuldade de apreender o molde da estrutura representacional produzida na situação terapêutica será maior, e nesse caso pode-se sempre utilizar a técnica de Análise Gráfica do Discurso.

Isso mostra o quanto a pesquisa, a prática clínica e a teoria são inseparáveis e simultâneas, e portanto o clínico, o pesquisador e o teórico são personagens entrelaçados.

É importante ressaltar que a proposta de Shazer visava especificamente o trabalho com famílias, onde um dos membros é por ela apontado como paciente. Nesse trabalho, o clínico sempre vê o problema do paciente designado como um produto da própria dinâmica familiar. De acordo com o que já explicamos sobre a gênese da gagueira, essa premissa é válida também no nosso trabalho. Embora façamos referência sempre ao sujeito da terapia, muitas vezes esse sujeito é a família que se queixa de um filho (variando entre 2 a 14 anos), designado como gago. Nesse caso, é com toda a família que vimos desenvolver o trabalho aqui proposto.

Vamos abrir um parêntese e retomar os pontos já explicados sobre os meios voltados para o indivíduo, e estendê-los ao âmbito da terapia com a família. O trabalho de propriocepção será, então, desenvolvido com toda a família, que participa da sessão. Cada membro passa a conhecer as possibilidades de sua produção articulatória e a ter condições de mudar a maneira de ver a produção articulatória do paciente designado. O diálogo é dirigido a toda a família. Quando o paciente designado tem interesse em participar da conversa, e isso dependerá muito de sua idade, ele permanece. Caso contrário, ele poderá sair da sala. A capacidade de observação é desenvolvida com os membros adultos, a fim de modificar sua forma de perceber e reagir ao padrão de fala e ao comportamento do paciente designado. É também desenvolvida com ele, de acordo com sua idade e possibilidades, para confirmá-lo como bom falante que pode gaguejar. As tarefas são dirigidas a toda a família. Falaremos sobre isso mais adiante.

A compreensão do padrão da estrutura representacional do sujeito, como apontamos anteriormente, é o primeiro passo para organizar a intervenção terapêutica. Com base nessa compreensão, orientamos a interação em função das noções de *isomorfismo* e *cooperação*, como foram descritas por Shazer (1986).

O procedimento isomórfico implica em que a intervenção do terapeuta (discurso e postura) deve permanecer no território de conhecimento do sujeito. Assim, os fatos da situação e a forma de falar sobre elas permanecem os mesmos. O contexto em que foram colocados, entretanto, modifica-se, em função das necessidades de reestruturação. Isso quer dizer que a estrutura das representações do su-

jeito pode ser sobreposta à do terapeuta, mas o ponto de vista em cada uma delas é diferente. Como diz Shazer, são dois olhos que vêem a mesma coisa de ângulos diferentes. A isso, soma-se um isomorfismo de postura, no sentido de o terapeuta poder gesticular, entoar e manter o corpo de forma semelhante à do sujeito com quem fala. Tudo isso visa favorecer o processo de ancoragem do novo ponto de vista nas representações do sujeito, uma vez que, como já foi visto na análise do processo de elaboração e estruturação das representações, existe a necessidade de transformar o estranho em algo familiar.

Os conteúdos do discurso e a postura do terapeuta devem corresponder aos do sujeito com quem se fala, e ser apresentados de um ponto de vista diferente (o que significa relativizar os valores que os sustentam), para que o sujeito possa receber a notícia da diferença. Reestruturam-se, assim, os significados de um conjunto de fatos concretos vividos (o que pode ser reforçado com a tarefa de reconstruir mentalmente as velhas imagens que compõem a história de vida, como veremos adiante). Reestruturando-se a percepção que o sujeito tem de uma situação, abre-se espaço para novos comportamentos que criarão novas experiências subjetivas. Busca-se através desse procedimento um caminho para garantir a superação da produção da *mesmice de si* que mantém a gagueira sofrimento.

O procedimento de cooperação, como mostra Shazer, correlaciona-se ao de isomorfismo e refere-se à manutenção de um processo de interação contínua entre dois subsistemas (o do sujeito e o do terapeuta). Tal procedimento baseia-se na percepção que o terapeuta tem da resposta que o sujeito apresenta a sua intervenção, e do relato feito sobre o destino que foi dado às tarefas prescritas para o intervalo entre as sessões. A partir daí, planejam-se as próximas intervenções e tarefas.

Se por um lado o isomorfismo refere-se principalmente aos significados, contextos e situações conceituais em que certa situação é experimentada, por outro lado a cooperação refere-se principalmente aos comportamentos existentes numa determinada situação. Assim, quer o sujeito se mostre relutante, negativo, resistente ou positivo, firme ou cooperativo, o terapeuta sempre valorizará seu comportamento e o estimulará a prosseguir com o que está fazendo. Nunca definirá seu comportamento como resistente ou de oposição à terapia, mas sim como um modo peculiar de cooperar com o trabalho e ele próprio cooperando com esse modo para que se obtenha a mudança.

A idéia de resistência implica em que há um problema com o comportamento do sujeito e descreve o problema como algo que ele está fazendo, nunca se reporta a algo que é produzido na interação.

Essa noção delimita áreas antagônicas entre o paciente e o terapeuta, e é incompatível com a concepção de que a relação terapêutica é um novo sistema que integra sujeito e terapeuta, ao passo que a noção de cooperação define todos os tipos de comportamentos como parte do padrão de interação entre paciente e terapeuta.

Como exemplo de situação isomórfica e cooperativa podemos citar uma vivência freqüente em nossa prática clínica. Um casal queixa-se de que o filho de dois, três, ou quatro anos está ficando gago e demonstra com isso grande preocupação, ansiedade e aflição.

Se for necessário, pedimos detalhes complementares para entender o molde representacional que circunscreve a queixa: por exemplo, desde quando acham que ele está gago; se atribuem o surgimento da gagueira a alguma ocorrência particular; se o problema se altera conforme a situação ou alguma variável que tenham percebido; se além da gagueira notam também fluência; quem, além deles, percebe a gagueira e como reage a ela; se fazem algo para ajudar a criança quando gagueja e o quê. Em seguida, cumprimentamos os pais pelo seu cuidado com a criança, pelo seu esforço em fazer o melhor por ela, pois entendemos, a partir de Shazer, que iniciar a reestruturação com alguma declaração positiva a que chamamos de *cumprimento*, é parte essencial do procedimento cooperativo de interação.

A seguir, tomando a mesma seqüência de representações que a família apresentou em sua queixa e cuidando para que as mesmas palavras usadas por ela sejam empregadas (para o que, naturalmente, temos que fazer algumas anotações enquanto falamos), bem como os mesmos gestos, posturas corporais, mímicas faciais, inflexões de voz, apresentamos o conteúdo da queixa sob uma nova ótica, baseada na relação entre o desenvolvimento da linguagem, a ativação emocional e a atividade de fala, que é sobreposta ao molde representacional apreendido do discurso da família. Tratamos, assim, de estabelecer um novo ponto de vista, a notícia de uma diferença. Várias vezes, depois que terminamos de falar, os pais respondem com expressões de alívio, chegando à conclusão de que a gagueira é natural. Isso é um sinal de que se alcançou alguma mudança no seu esquema representacional. Certa vez obtivemos como resposta a manifestação de gargalhadas por parte dos pais de uma menina de dois anos, ao concluir que estavam se preocupando à toa com a gagueira da filha. Isso, entretanto, não encerra o processo terapêutico; mostra apenas que as informações do terapeuta ancoraram nas representações da família naquele momento compartilhado e, portanto, que a interação foi suficientemente isomórfica. Nada garante que, voltando ao seu dia-a-dia, a família não abandone a visão reestruturada da manifestação de gagueira do filho e volte a reagir segundo os velhos moldes.

Em vista disso, sempre encerramos a sessão com uma tarefa que possa dar à família a perspectiva do novo ponto de vista a partir do velho, cooperando com o seu modo habitual de agir. Podemos solicitar que observe atentamente a frequência e a intensidade de sua preocupação e ansiedade diante da gagueira do filho e, também, que sejam feitas anotações a esse respeito para a próxima sessão. Pretendemos com isso prevenir a possível tentativa de não se preocupar e não sentir ansiedade com a gagueira, e o sentimento de frustração que poderá advir por não consegui-lo, o que pode desviar do que já foi obtido antes. Esse ganho refere-se a encarar a produção da gagueira do ponto de vista da interação familiar e não a partir do comportamento isolado do sujeito designado. Nessas condições, prescrevemos mais a mesma coisa, ou seja, prescrevemos a ansiedade e a preocupação, pedindo que tais sentimentos sejam observados, só que a partir de um novo ponto de vista, acreditando que o novo se tornará mais evidente e impedirá que a família aja da velha maneira. Permite-se, assim, o surgimento de um novo padrão de interação familiar com relação à produção de fala da criança e, conseqüentemente, de um novo padrão de fala para ela.

A não aceitação do padrão de fala espontâneo da criança, como já vimos, cria uma situação paradoxal. O novo ponto de vista estabelecido na situação terapêutica expõe esse paradoxo e revela seu papel na produção do problema. Conforme mostram os estudos do grupo de Milão, uma situação paradoxal é mais facilmente resolvida através de enquadramentos também paradoxais (isomorfismo), aos quais se denominou contraparauxos. Este é o caso, quando, ao expormos a situação paradoxal, solicitarmos mais da mesma coisa. A esse procedimento atribuímos a maior eficiência das nossas atuais intervenções terapêuticas, que tomaram o lugar das antigas, onde costumávamos solicitar explicitamente à família mudanças de comportamento. Atualmente, é freqüente a família voltar para a segunda sessão, dizendo que a situação está resolvida e que a criança está falando muito bem dentro daquilo que é possível para a sua idade.

Mensagens paradoxais levam o terapeuta a um tipo de intervenção isomórfica, a contraparauxal. Quando os padrões forem de outro tipo, a intervenção isomórfica seguirá outro modelo.

Evidentemente, há situações mais complexas do que as do exemplo dado, como a criança que já desenvolveu a *imagem estigmatizada de falante*. Isso pode acontecer a partir do final do terceiro e início do quarto ano de vida, uma vez que nessa fase, como mostra Wallon, diferencia-se no indivíduo a consciência de si como alguém diferente do outro. Nesse caso, o procedimento acima passa a ser parte importante de um processo maior, no qual um trabalho com a criança

também será desenvolvido. Outras vezes, o problema de gagueira pode estar encobrindo outros que necessitarão ser resolvidos antes.

Como vimos até aqui, tanto a relação terapêutica quanto as tarefas são construídas a partir dos princípios de isomorfismo e cooperação; a sessão seguinte será, então, tomada como medida do novo estado alcançado, desde a sessão anterior. Não se pretende com isso estabelecer uma relação linear entre o ocorrido na terapia e a mudança que se evidencia. Entende-se, antes, que a mudança ou a não mudança fazem parte de uma cadeia de múltiplas determinações, em que contam o que ocorreu na sessão anterior, a tarefa dada e o ocorrido entre as sessões em função da tarefa e dos fatos da vida diária.

Segundo Shazer, entendemos que toda resposta dada pelo sujeito provê o terapeuta de nova informação. A resposta é produto da interação e também mensagem do relacionamento entre o terapeuta e o sujeito. Ela mostra ao terapeuta a maneira como o sujeito coopera e lhe fornece pistas sobre a melhor maneira de continuar auxiliando essa forma de cooperar. Toda tarefa é elaborada a partir das informações e do padrão de resposta mostrado pelo sujeito durante a sessão e a tarefa anterior. A resposta dada à tarefa da sessão anterior também dá pistas para a organização da sessão em curso. Se, por exemplo, o sujeito não executou uma tarefa, ele é cumprimentado por não fazer algo que não estava dentro de suas possibilidades e por mostrar ao terapeuta o caminho a seguir. Isso sugere que o modo de cooperar do sujeito em questão é o de não realizar tarefas, ou que a proposta do terapeuta não era suficientemente isomórfica ao modo de cooperar do sujeito. Em ambos os casos, será necessário redefinir o padrão ou a lógica que subjaz à organização das representações do sujeito.

Uma análise mais detalhada das possíveis respostas às tarefas e da forma de cooperar com elas pode ser encontrada na obra de Shazer já citada.

A tarefa de reconstrução das velhas imagens que compõem a história de vida é um procedimento adotado do trabalho de Bandler e Grinder (1982). Baseia-se no fato de entendermos que a consciência operacionaliza-se a partir da rede de representações que cada indivíduo constrói ao longo das suas relações sociais, práticas e de comunicação que compõem sua história, as quais determinam sua visão de mundo e suas ações. E também no fato de que, segundo Jodelet (1986), o aspecto figurativo, ou imagem, é predominante nos elementos do conteúdo que definem as representações (conceitos e imagens). Nessas condições, a existência de uma *imagem estigmatizada de falante* implica a existência de uma rede de representações

subjacentes que lhe garante a existência. Conhecendo essa rede de representações em seu conteúdo e padrão de funcionamento (primeiro passo de reestruturação), podemos também organizar a mudança a partir de um trabalho com as imagens mentais que a compõem. Para tanto é necessário que o sujeito já tenha desenvolvido em algum grau a capacidade de se ver e se sentir como bom falante. Pedimos, então, que, de olhos fechados, reviva visual e afetivamente alguma cena arquivada em sua memória, onde viveu seu personagem mau falante. Isso também pode ser feito a partir das vivências que o sujeito traz para a sessão. A seguir, pedimos que reorganize essa cena em sua tela mental, recriando seu comportamento a partir das sensações de si como bom falante e transformando a cena original numa cena nova que também deve ser visualizada e sentida. Dessa forma, o personagem bom falante invade as cenas originais da história de vida, através das possibilidades da imaginação, ligando as velhas imagens a novas e recriando os arquivos originais gravados na memória.

Esse procedimento tem-se mostrado de grande ajuda no desenvolvimento da capacidade dos sujeitos de se produzirem como bons falantes no seu dia-a-dia.

Bandler e Grinder (1982) desenvolvem uma interessante discussão sobre a atividade mental produzida pela fantasia e pela vivência concreta, referindo-se à similaridade que há entre as duas levando-se em conta a produção das imagens mentais. Com o relato de casos verídicos, eles demonstram os benefícios obtidos com a mudança imaginária de seqüências de história de vida identificadas como problemáticas para a produção de si dos indivíduos.

Na primeira situação terapêutica analisada no capítulo seguinte, veremos um exemplo de ativação de velhas imagens mentais da gagueira sofrimento, quando o sujeito declara: “*Em qualquer momento em que eu entre num impasse com a imagem (de falante) volta tudo como num filme*” (Ricardo, situação terapêutica 1).

Nesse caso, pedimos a ele que reproduzisse em sua mente uma situação de impasse, que não precisava relatar ao terapeuta, e a mantivesse até reviver as sensações ligadas a ela. A seguir, solicitamos que introduzisse na situação o personagem bom falante e modificasse a cena, mantendo novamente a imagem até reviver as sensações correspondentes. Na forma de tarefa, o sujeito foi solicitado a proceder assim no seu cotidiano, quando julgasse conveniente. Depois disso, o personagem bom falante começou a aparecer cada vez mais em sua forma de falar e em seus relatos de vivências.

Com relação à promoção do processo de mudança em geral, gostaríamos de considerar que as mudanças pequenas no comportamento

são mais fáceis de serem executadas do que as grandes. Através delas o sujeito torna-se capaz de ver uma parcela de seu problema sob um novo ponto de vista. Isso, porém, influencia o problema como um todo. O trabalho com os truques, que é mostrado no capítulo seguinte através da fala dos sujeitos, é um bom exemplo disso. Os truques fazem parte de determinadas seqüências de comportamentos que obedecem a padrões previsíveis. Podemos auxiliar a mudança acrescentando à seqüência original de comportamentos trechos de uma nova classe de comportamento, fazendo com que ela se modifique. Esse procedimento obedece ao mesmo princípio que a reestruturação das velhas imagens de história de vida.

No último capítulo exploraremos um pouco mais o isomorfismo e a cooperação, mostrando passagens de uma situação terapêutica onde eles são usados de modo favorável, e outra, em que em vez da cooperação, estabelece-se entre paciente e terapeuta uma situação de oposição e resistência. Esta última se mostrou inútil tanto para o sujeito como para o processo terapêutico, e foi marcada pela impossibilidade de cooperar com o padrão apresentado, inviabilizando o processo terapêutico.

Capítulo 3

Análise das situações terapêuticas

Dados obtidos a partir da Análise Gráfica do Discurso

A Análise Gráfica do Discurso, que permite uma visão detalhada do conteúdo e do movimento da consciência, possibilita-nos chegar a um conjunto de representações do discurso de nossos pacientes que refletem quatro temáticas diferentes e ligadas entre si. As representações que compõem cada temática compreenderam vários núcleos de pensamento, conforme se verá na apresentação das representações no início de cada análise de discurso. Os quatro conjuntos temáticos formados pelos seus respectivos núcleos de pensamento foram considerados como categorias subjacentes ao discurso dos nossos sujeitos. Através das ligações entre as representações dos núcleos que compõem cada categoria, chegamos à lógica que caracteriza a dialética subjetividade/objetividade do modo de produção do bom e do mau falante, bem como às características do movimento de mudança na capacidade da produção de si como falante.

As categorias detectadas a partir de seus conteúdos foram chamadas de Afetividade, Cognição, Nível Motor e Social. A primeira e a segunda referem-se à subjetividade dos sujeitos, a terceira refere-se tanto à subjetividade (quando relacionada à propriocepção) quanto à objetividade (quando relacionada à produção de fala); e a quarta refere-se à objetividade. Para apresentar os conteúdos de cada categoria no início das análises dos discursos, separamos por ponto e vírgula as representações de um mesmo núcleo e por um ponto as representações de núcleos diferentes.

Como vemos, as quatro categorias na investigação sobre a gênese da gagueira reaparecem nas categorias ora detectadas, sendo que a rede de enlaços que articula as representações da presente análise

levou-nos a designar três delas pela generalidade e não pela especificidade, como na pesquisa anterior. Assim, a ativação emocional está compreendida na Afetividade, a auto-imagem, tanto na Afetividade quanto na Cognição e os outros, no social.

Entendemos que o aparecimento dessa co-relação entre categorias se deve ao fato de que as primeiras, ao expressarem a gênese da manifestação da gagueira sofrimento, foram retomadas na situação terapêutica numa perspectiva mais ampla e aprofundada, de modo que o trabalho com seus conteúdos promovesse mudanças na imagem de falante dos nossos pacientes, de acordo com o que apresentamos nos itens objetivação do problema e bases para a abordagem terapêutica, do capítulo anterior.

As categorias, por refletirem os pressupostos assumidos pelos terapeutas e enquadrarem o processo terapêutico, fazem com que retomemos a compreensão da identidade como uma supracategoria, a síntese entre consciência, afetividade e atividade. Essa condição demonstra-se nos conteúdos encontrados nos discursos estudados, que ao expressar a produção cognitiva, a vivência afetiva, a atividade social e a atividade motora, vão explicitando e compondo as características da identidade dos sujeitos no que se refere ao personagem falante, bem como ao movimento de mudança no seu modo de produção.

Situações terapêuticas estudadas

Das situações terapêuticas, objeto desta pesquisa, as sete situações tomadas numa perspectiva diacrônica e que sofreram a determinação do pesquisador na sua escolha, pretenderam coletar as características do processo de mudanças na capacidade de produção de si como falante, observadas no comportamento de fala do sujeito. Foram gravadas sessões entre 1987 e 1991. Se fossem observadas mudanças significativas em uma sessão, a próxima seria gravada. Quando muitas mudanças se evidenciaram de uma só vez, gravamos sessões consecutivas.

As duas sessões que contaram com a participação de dois sujeitos cada uma, além da presença dos terapeutas, pretenderam coletar as características atuais do comportamento de fala de pessoas que passaram pelo processo do primeiro sujeito, a fim de compará-las com as mudanças lá encontradas, em confronto com as características do comportamento de fala de sujeitos no início do processo.

A sessão com o sujeito que abandonou a terapia pretendeu aprofundar mais as características que podem marcar a eficiência do pro-

cesso terapêutico. Ele será retomado apenas no capítulo seguinte, uma vez que as características que marcam o comportamento de fala desse sujeito já foram suficientemente exploradas no discurso dos sujeitos anteriores, não havendo necessidade de acrescentar mais evidências a esse respeito.

Entendemos, de acordo com Maurer Lane (1986-b), que ao estudar a qualidade contida na singularidade dessas situações terapêuticas estamos também estudando momentos da totalidade, ao menos no que se refere às características da mudança na capacidade de produção de si como falante, em função da superação da gagueira sofrimento, e às possíveis características de um processo terapêutico que visa promovê-la.

Dados sobre os sujeitos da pesquisa

Os sujeitos que fazem parte desta pesquisa serão apresentados a seguir a partir de um histórico que contém a queixa e os dados levantados em nosso primeiro encontro. Procederemos, também, à contextualização temporal da nossa relação terapêutica.

Ricardo

Ricardo, psicólogo, procurou-me pela primeira vez em setembro de 1984, quando estava com 28 anos. Contou-me que pelas suas lembranças, gagueja desde os cinco ou seis anos de idade, época em que ouvia seus familiares dizerem que ele tinha dificuldade para falar. Contou que o pior foi na escola. Os colegas zombavam e riavam de sua fala. Quando o professor chamava os alunos, um por um, para que colocassem palavras no plural, por exemplo, ficava cada vez mais tenso à medida que se aproximava a sua vez. Lembrou-se de uma ocasião em que demorou muito para conseguir falar a palavra “laranjas”.

Atualmente, contou, está com dificuldades no estágio supervisionado do qual participa, porque não fala o que pensa, acha que fala pouco e preocupa-se com seus silêncios, que sente serem prolongados. Gostaria de falar mais.

Contou ainda que atende pacientes no estágio e que com eles também sente medo de falar. Preocupa-se que isso prejudique a terapia, e acha que não poderá manter esta situação como profissional, o que está na iminência de acontecer, pois em breve estará trabalhando nessa condição.

Explicou que fica tenso, em silêncio, deixa para falar depois, desiste de falar, pára no meio da fala. Elabora mentalmente o que vai

falar e muitas vezes não o faz, porque julga desinteressante o que vai dizer. Sente-se triste com isso. Aventou a hipótese de que seu silêncio se devesse a dificuldades de pensamento.

Contou que já fez vários tipos de psicoterapia e que continua a fazer atualmente.

Desenvolvemos um processo terapêutico até dezembro de 1984. Em janeiro de 1985, conversamos uma vez, e retomamos o processo terapêutico de março a junho. No final de junho de 1985, decidiu-se pela interrupção do processo. Disse-me que se sentia confiante com relação à fala, que sua namorada chamara-lhe a atenção para o fato de sempre ter falado nas salas de aula da faculdade, quando ela o conheceu. Lembrou-se de que isso era verdadeiro e achava que era só continuar a fazê-lo.

Em agosto de 1985 voltamos a nos encontrar. Ricardo disse que não estava confiante em sua fala e desejava retomar a terapia. Mas ligou antes da sessão seguinte e desmarcou-a, dizendo que pensara um pouco mais e chegara à conclusão de que desejava continuar sozinho por algum tempo.

Em junho de 1987, encontramos-nos novamente e retomamos o processo terapêutico aqui estudado. Nessa ocasião, eu começava a coletar material para a presente investigação, e as aproximações e afastamentos que vinham caracterizando nossa relação terapêutica, somadas ao forte clima da amizade e confiança que havia entre nós, talvez fortalecido pelas próprias idas e vindas, levaram-me a solicitar-lhe permissão para gravar algumas sessões a fim de estudar o processo.

A última sessão aqui analisada foi uma das últimas que tivemos. Embora Ricardo espaçasse cada vez mais o intervalo entre as sessões e sempre conversássemos sobre o encerramento do processo, em função das suas mudanças, formalmente isso nunca aconteceu, permanecendo no ar a possibilidade de um novo encontro.

Eliane

Eliane é psicóloga e procurou-me pela primeira vez em abril de 1988, quando estava com 34 anos. Contou-me que já havia feito muitas terapias, mas até agora não conseguira resolver o problema da gagueira. Disse também que um dos motivos para ter escolhido a profissão de psicóloga fora a esperança de encontrar nessa área de conhecimento a solução para o problema.

Lembrava-se de muitas exigências por parte da mãe, quando era pequena, comentando que sua irmã também era gaga. Isso, disse

ela, levou-a a ser muito crítica e exigente consigo mesma, à medida que foi crescendo.

Desde a escola lembrava-se de ser gaga. Quando adolescente, não conseguia falar nada, depois foi melhorando e atualmente já conseguiu eliminar muita coisa, mas ainda restam algumas.

Contou que tem problema para falar em público: gostaria de trabalhar com grupos, mas sente que não pode. Contou ainda que tem problemas para falar ao telefone: a fala parece que não vai sair. Fez ioga, e disse que quando saía da sessão, achava que poderia falar para o mundo inteiro.

Antes de falar, sente muita ansiedade; depois de falar sente-se estressada. Tem dificuldade para falar palavras iniciadas com *p*, *b*, *tr* e *vogais*. Sente pressão na garganta. Acredita que a dificuldade que sente com a fala tem um fundo orgânico.

A relação terapêutica com Eliane foi a mais breve que já tive oportunidade de viver, com resultados muitos positivos. Quatro meses após iniciarmos o processo terapêutico, ela já se mostrava totalmente confiante em sua capacidade de fala, declarando que não sentia mais a necessidade dos nossos encontros. Já começara a trabalhar com os grupos, conforme era seu desejo, e submetia-se a um conjunto de entrevistas para concorrer ao cargo de psicóloga numa instituição, o que sempre evitara até então.

Quando aceitou participar de uma sessão terapêutica junto com Solange e sua terapeuta, também concordou que fosse gravada e utilizada nesta pesquisa.

Solange

Solange é decoradora de interiores, mas não exerce a profissão. Tem 29 anos, é casada e dedica-se aos afazeres domésticos. Conforme já mencionamos no Capítulo 2, no item em que explicitamos o procedimento da pesquisa, ela não foi nossa paciente, mas concordou em que seu discurso, gravado ao participar juntamente com sua terapeuta de um encontro com Eliane, fizesse parte desta pesquisa. De acordo com sua terapeuta, elas se encontraram pela primeira vez em dezembro de 1988; Solange contou que procurava a terapia porque sua filha de um ano de idade começava a falar, já balbuciava bastante, e ela sentia muito medo de que a menina ficasse gaga. Com o medo, sua própria fala travou, ela se sentia bloqueada e não conseguia falar uma palavra.

Lembrava-se de que, aos quatro anos, na época em que nasceu sua irmã, foi ao cinema com o pai e sentou-se ao lado dele na primeira fila para ver o filme. Numa cena em que aparecia uma manada de ri-

nocerontes correndo, ela teve medo de que um deles saísse da tela e a atacasse. De acordo com o que dizem o pai e toda a família, ela saiu do cinema gaga. A partir daí, lembra-se de que seus pais fizeram todo tipo de simpatias para curá-la da gagueira, como benzi-mentos e sustos.

Por ser gaga, foi sempre poupada pela família e teve muitas re-galias. Comentou que achava isso muito confortável. A mãe ia às escolas que freqüentava na sua frente, para apresentá-la antes e soli-citar que fosse cuidada e poupada. A família e os amigos, entretan-to, nunca falavam com ela sobre a gagueira. Tudo foi sempre muito camuflado, muito fechado. Por outro lado, teve muitos namorados e namorou o menino mais bonito da turma, que era conhecido co-mo o namorado da “Solange gaguinha”.

Estudou datilografia, e antes de casar trabalhou como datiló-grafa, porque nessa profissão não precisava falar. Sentia tanto me-do de falar que não usava relógio para não correr o risco de alguém perguntar-lhe as horas, não tomava táxi, não falava ao telefone.

Contou que não se concentrava no que os outros diziam, pen-sando naquilo que ela deveria falar. Não conseguia falar palavras com *s* e *l*, e lamentava o próprio nome.

Fez terapia fonoaudiológica antes de casar e aprendeu que a ga-gueira existe, que é preciso conviver com ela, e passou a armar-se para falar. Desiludiu-se porque, segundo a terapeuta, estava quase boa, só lhe faltava adquirir confiança, o que deveria buscar dentro de si mesma. Como não conseguia, abandonou a terapia.

Quando viajou em lua-de-mel para Portugal, falou fluentemente o tempo todo. Assim que desembarcou no Brasil, voltou a gaguejar.

Um ano após a sessão aqui analisada, segundo sua terapeuta, Solange demonstrava bastante confiança em sua capacidade de fala, resolvendo problemas por telefone, enfrentando as situações e fa-lando sem as tensões que antes apresentava. Embora não manifes-tasse o desejo de abandonar o processo terapêutico, deixou de com-parecer às sessões depois de um período de férias, e a terapeuta foi informada de que ela estava esperando outro filho.

Gerson

Gerson, ator e editor, procurou-me pela primeira vez em feve-reiro de 1987, quando estava com 27 anos. Contou-me que sabe, pe-las informações de sua mãe, que é gago desde os dois anos de idade e que isso teria algo a ver com o ciúme que ele sentia do irmão mais novo, nascido nessa época. Além dessa, há outra hipótese de que sua

gagueira tenha algo a ver com o fato de ter começado a imitar um gago da televisão.

Lembra-se de ser alvo de gozação dos colegas quando tinha sete e oito anos de idade.

Com onze anos, fez terapia fonoaudiológica e melhorou. Nessa época, começou a fazer teatro e descobriu que no palco não era gago.

Atualmente, trabalha como locutor, atividade em que não gagueja. Suas piores situações de fala aconteciam quando tinha que falar ao telefone com pessoas que não conhecia. Quando usava o truque de mudar a voz ou imitar algum sotaque, não gaguejava.

Vinha fazendo psicoterapia há um tempo considerável e, por não conseguir resultados duradouros na superação da gagueira, foi-lhe recomendada terapia fonoaudiológica.

Incomoda-o muito ser reconhecido pelos colegas como o profissional eficiente que nas horas vagas é gago.

Quando convidamos Edgar para participar de sua sessão, Gerson já pensava em encerrar nosso processo terapêutico, em face das mudanças experimentadas, o que ocorreu pouco depois; ele concordou em que essa sessão fosse usada no presente estudo.

Edgar

Edgar é médico; procurou-me pela primeira vez em agosto de 1987, época em que estava com 37 anos. Contou-me que tem medo de falar e que isso o atrapalha. Por esse motivo, recusou um cargo de chefia no atual emprego, embora o desejasse muito. Disse que, dependendo do público para o qual tem de falar, acha que as frases não vão sair, sente-se tenso e ansioso. Dava aulas numa faculdade de medicina e saía-se bem; com os seus pacientes consegue falar bem, mas com pessoas hierarquicamente superiores a fala não sai. Contou ainda que, por dedicar-se à medicina do trabalho, afastou-se muito da parte científica da sua profissão, à qual gostaria de voltar. Não o faz por medo.

Lembra-se de que o pai, que também é médico, recomendava-lhe que falasse direito e chamava muito sua atenção para a fala, porém sem rispidez, amigavelmente.

Contou que usa os segmentos *eras* e *es* como auxílio para falar e que, quando pode, escreve frases como apoio para que elas saiam inteiras.

Nunca fez terapia, havendo decidido fazer agora porque acha que a gagueira o está impedindo de evoluir profissionalmente.

Quando o encontro com Gerson foi proposto, achou interessante e concordou que a gravação fosse usada neste estudo. O encontro foi proposto porque, ao longo dos quatro meses em que estivemos

envolvidos no processo terapêutico, não se evidenciou nenhuma mudança significativa nos problemas de fala de Edgar, e ele parecia descrente da possibilidade de isso acontecer. Além disso, Edgar faltava freqüentemente às sessões por motivos de trabalho. No final do encontro com Gerson e no encontro seguinte, Edgar considerou muito importante tê-lo conhecido. Depois disso, desmarcou uma sessão e nunca mais teve notícias dele, a não ser por um telefonema que fez a sua casa para saber se estava tudo bem.

Roberto

Roberto é economista e procurou-me pela primeira vez em junho de 1988, quando estava com 36 anos. Contou-me que havia um ano vivia um clima bastante tenso e que, principalmente no trabalho, quando estava sob pressão, sua gagueira piorava. Além de ter um emprego, queria abrir com dois amigos uma agência de viagens. Sente que há entre eles um choque de idéias, uma vez que os amigos são muito calmos e ele quer fazer as coisas muito mais depressa. Disse que a crise que está vivendo o atrapalha muito, que a gagueira é constante, mas que se sai bem porque leva tudo na brincadeira, na gozação. Só que isso cansa e no fundo ele não gosta da gozação.

Pelas suas lembranças, quando criança não era gago; a gagueira simplesmente apareceu. Aos dez anos, via-se e ouvia-se gago, mas muito pouco. Tinha um vizinho muito gago. Seus pais diziam-lhe para falar com calma, que falava com muita pressa, pediam-lhe para repetir o que acabara de falar. A relação com o pai era muito fria. Aos dezesseis anos, começou a preocupação com a gagueira, motivada pelos comentários dos outros. Fez terapia fonoaudiológica e teve boa melhora. Não lembra por que deixou a terapia.

Em 1984 foi a um psiquiatra e por dois anos tratou-se através da hipnose. Melhorou por uns meses depois voltou a piorar. Mais tarde, esteve outra vez com uma fonoaudióloga por um ou dois meses, mas chegou à conclusão de que aquilo era trabalho para crianças e por isso abandonou-o. Há três anos não procura tratamento.

Contou que sente um pouco de medo de falar com estranhos, por exemplo em encontros profissionais ou reuniões com pessoal de outras empresas. Diz para si mesmo que não pode expor o medo. São pouquíssimos os momentos em que foge, faz um rodeio, cala-se. Sente que não vai falar bem, mas não sabe por quê. Talvez seja a respiração que se fecha. Tenta, mas, se vê que não vai dar, espera um pouco na hora do medo. Na leitura é gago. Na aula de inglês, fica pensando em não gaguejar e procura ler logo para acabar. Às vezes tem um dia bom, tudo dá certo e lê sem gaguejar.

Para não gaguejar, finge que engasga, usa sinônimos, troca as palavras, solta mais o ar, vai tentando de vários modos. Quando diminui a velocidade da fala, coisa que não gosta de fazer, melhora. Sabe que treinar a fala em frente ao espelho, conforme aprendeu com uma das fonoaudiólogas, é bom, mas não tem tempo para praticar.

O processo terapêutico iniciado em junho de 1988 foi interrompido durante o mês de julho, por motivo de viagem da terapeuta, e retomado de agosto a dezembro. Em janeiro de 1989 houve nova interrupção para um período de férias e, quando retomamos o processo, no início de fevereiro, Roberto permitiu a gravação da sessão para ser estudada e apresentada neste trabalho. Compareceu à sessão seguinte e desmarcou a próxima, devido a uma viagem de negócios. A partir daí deixou de comparecer às sessões, que deveriam ser quinzenais, sem qualquer explicação.

Análise das situações terapêuticas com Ricardo

Situação terapêutica 1 — 14/10/87

REPRESENTAÇÕES

Compõem a categoria Afetividade, neste discurso, as seguintes representações:

Sentir; estar bem; tudo bem; muito bem; afetivamente bem; bem comigo; bem com as pessoas; mais afetivo; afetivo estando legal; mais próximo das pessoas; aberto; legal; fechado; irritado; trancado: fechado; bravo; mais exposto; perder o pique; coisa muito forte. Sensação de não conseguir; sensação de não poder; sensação de adiar; sensação de susto. Emocional aparecendo; estado emocional. Difícil; fase difícil; coisa difícil. Superinteressante; superclaro; superpreocupado. Espontâneo. Não me aceito; impasse com a auto-imagem. Desconsiderar. Não olhar; não ver. Inseguro; ficaria inseguro; muito mais inseguro; estou inseguro. Coisa muito intensa (o gaguejar; o movimento).

Compõem a categoria Cognição as seguintes representações:

Tomar consciência. Observar; olhar; coisa intensa de; fica difícil de. Esqueço; lembro. Escrever; montar as coisas; orientar. Imagem; voltar tudo como num filme. Autocrítica. Idéia; produto de uma idéia; elaborar uma idéia; percebo a idéia; a idéia de não conseguir não ganha força. Achar. Ter um hábito. Resumir; detalhar. Per-

ceber. Pensar; tempo para pensar; tempo para elaborar. Entrar no esquema do mau falante.

Compõem a categoria Nível Motor as seguintes representações:

Relaxamento; momento mais tenso. Movimento; perceber o movimento; olhar para o movimento; fazer o movimento; ficar com o movimento; pensar o movimento; atento ao movimento; sentir o movimento. Voz; sentir a voz; sai a voz; muda a voz; voz sem esforço. Esforço; esforço para falar; fazer esforço; aparece esforço; faço força; aparece força. Fluência; fluência maior; fluência enorme; não há fluência; superfluência. Falar; difícil falar; falar mais rápido; dá para falar, não dá para falar; falar mais detalhadamente; para não falar; falar de forma mais clara; impossibilidade de falar; acabar rápido; acabar logo. Dificuldade maior; dificuldade grande; difícil; saio da dificuldade. Gagueira; o gaguejar; a coisa; engolir libera.

Compõem a categoria Social as seguintes representações:

Pessoas; aberto para as pessoas; fechado para as pessoas; com as pessoas; não olho para as pessoas; não tenho essa vivência de olhar as pessoas; pessoas que não estão entendendo; não estão gostando; interlocutor; contato com outros; relações com outros; lugar com mais gente; lugar público.

ANÁLISE DAS ARTICULAÇÕES ENTRE AS REPRESENTAÇÕES

Articulando o afetivo, o cognitivo e o motor, Ricardo nos mostra que trabalha com o corpo, fazendo relaxamento e observando a sua produção fluente, e que esse trabalho depende do estímulo da situação terapêutica para ser realizado.

E a noite eu estou fazendo relaxamento também, antes de deitar eu faço um pouquinho, uns cinco minutos só, né. Estou sentindo dar uma relaxada. Está legal. Eu estou me sentindo bem. Deixa eu voltar um pouco. Da última vez você me falou uma coisa de estar percebendo o movimento, de estar tomando mais consciência do movimento. E o que descobri, né? Essa coisa de respirar. E o que foi superinteressante foi o seguinte; eu saí daqui com uma coisa superclara né? isso na quinta-feira, logo na quinta, e assim eu estava muito bem, estava conversando assim fluente e tal, logo na quinta-feira. Só eu para fazer isto, né? Então eu ia fazer o movimento, eu tomava consciência, sentia uma coisa assim (...) eu tomava consciência do movimento e aquilo parecia assim que entrava e saía rápido, né? (...) Olhar para o movimento, sentir que eu olhava e tudo bem, ficava com o

movimento e em seguida saía, a voz saía né? sem muito esforço. Isso na quinta, na sexta. (...) aí chega na segunda-feira, eu sinto que eu perco o pique, assim aquela coisa mais intensa de observação, sabe? Parece que fica mais difícil a observação.

Articulando o afetivo, o social e o motor, mostra a consciência que tem da determinação entre subjetividade e objetividade na produção de si como bom e mau falante.

Eu percebi uma coisa interessante agora faz alguns dias: se eu estou bem afetivamente, bem comigo e com as outras pessoas: nossa! Minha voz muda completamente, há uma fluência enorme. Por exemplo, dificilmente eu faço esforço para falar se eu estou bem, se eu estou relativamente aberto para as pessoas. Se eu me sinto mais fechado, mais trancado, assim mais bravo, mais irritado de contato com os outros; nossa! A minha voz não sai mesmo. É aí que o esforço aparece. Aí eu tenho que fazer esforço, e mesmo fazendo esforço é difícil falar. É muito interessante isso, porque eu, estando mais aberto para as pessoas, há uma fluência muito maior. Tem vezes que eu até esqueço assim da minha dificuldade tal, que nessa última fase é uma coisa muito difícil. Eu voltei a uma fase muito difícil para mim. Senti que a minha dificuldade está grande pra caramba.

A produção de si como bom e mau falante é mostrada também no nível motor, numa contraposição entre falar e ler.

Se eu ler, tudo bem. Eu acho que a dificuldade maior é falar mesmo.

Articulando o cognitivo, o afetivo, o motor e o social, mostra características da produção de si como bom falante:

É interessante que nessa coisa de me sentir mais afetivo, mais próximo das pessoas, essa coisa de entrar num lugar para perguntar alguma coisa para as pessoas; nossa! É tranqüilo, eu esqueço, vou conversar (...). Aí depois me lembro: Pô! Na semana passada, na semana retrasada, eu estava superpreocupado. Mas estou fazendo coisas espontaneamente. Não vem aquela coisa: não vou conseguir. Parece que o afetivo, estando legal a idéia de não vou conseguir (...) não ganha força (...).

Mostra também a produção de si como bom falante articulando o cognitivo e o motor:

É uma sensação que tem uma coisa concreta, as palavras estão aqui.

É, seria uma ajuda. Quando eu vou falar, por exemplo, se eu escrevo alguma coisa, também parece que é uma ajuda. Se eu estou falando e escrevo alguma coisa a nível de montar mais ou menos as coisas que eu quero falar, né? anotar alguma coisa que eu quero falar, né? essas coisas me orientam muito, a coisa fica mais concreta para mim.

A forma de produção de si como *mau falante* é mostrada no contexto da afetividade:

A sensação que passa, assim, a primeira, não é a nível motor, não, é a nível de... como se eu não tivesse... de não conseguir dar uma explicação clara. A primeira sensação que eu tenho é essa, né? É, eu não vou poder te dar... eu não vou poder falar, te passar uma explicação clara do filme, uma idéia, né?

É mostrada também através da articulação entre a afetividade e a cognição:

Qualquer momento que eu entre num impasse com a imagem, aí volta tudo como num filme.

Através da articulação entre a afetividade e o motor:

Quer dizer, a questão mesmo é a passagem, né, de um momento mais tenso, onde eu vivo a possibilidade de falar, e um momento onde isso é possível, isso é plenamente realizável.

Eu sinto, por exemplo, que o engolir ele libera. Eu sinto para mim, aí dá para falar. Uma coisa assim que eu sinto mesmo. O engolir ele libera e isso aqui não. Isso é uma sensação mais de adiar, eu não sei, de susto, sabe?

Através da articulação entre a cognição e o motor:

Tá difícil. Resumo tudo rapidinho, né? para não falar mais (Riso).

Realmente eu fico pensando esse movimento, Silvia, como um recuo mesmo, tá? Eu vou falar: recuo, aí volto, aí falo.

Através da articulação entre a afetividade, a cognição e o motor:

É, por exemplo, eu sinto uma coisa muito forte para mim essa autocrítica hoje, né? (...) Quer dizer: não dá para falar; certo. Mas eu digo isso... mas como isso é produto de uma idéia.

Assim parece uma coisa como se eu não pudesse falar de uma forma mais clara. (...) Eu fico em dúvida, né? se eu... É como se eu não pudesse dar uma explicação mais detalhada, mais... . (...) Não acho que isso é uma dificuldade minha mesmo, né? Eu assim, eu tenho um hábito. Eu sempre fui uma pessoa que resumi muito as coisas, né? então quando eu vou falar uma coisa mais detalhadamente, eu acabo resumindo. Eu não sei também se é a coisa de... vai ficando cada vez mais difícil, né? então vamos resumir rápido para... ao sentir a dificuldade, né.

Através da articulação entre a afetividade, a cognição, o social, e o motor:

É. É a coisa, né. Quer dizer, eu não me aceito, e isso eu percebo nas relações, nos outros, né. Recuo de minha parte, né.

É, eu desconsidero o interlocutor, né? Abaixo a cabeça, vou lá. É verdade, porque assim, eu pensando agora, geralmente eu não olho para a pessoa, né? que eu falo, acho que na coisa de não ver a cara feia que está fazendo, ou não ver que não está entendendo, ou não ver que não está gostando. Geralmente eu não olho, né?, assim para a pessoa que eu estou falando. É geralmente essa coisa de falar rápido, falar para acabar o mais rápido possível, eu não penso na coisa de olhar (...) não tenho muito essa vivência, né?

Ah, bom! Também tem outra coisa, por exemplo ler aqui, né? para você, tudo bem. Ler num lugar público já a dificuldade apareceria (...) eu ficaria muito mais inseguro (...) inseguro, né? é muito mais fácil entrar no esquema do mau falante, né? É muito mais fácil entrar né? (...) mas eu sinto assim... é, acho que é a coisa do... né? por exemplo se eu tivesse mais gente, se eu estivesse num lugar onde eu me sentiria mais exposto, né? é que nem você falou, o emocional ia aparecer mais e aparecendo o emocional, acho que ia entrar a coisa, né?

Articulando a afetividade e o motor, mostra o valor que atribui à gagueira:

Para mim a coisa é bem assim, quer dizer, a gagueira, né (...) o movimento, para mim é uma coisa muito intensa, é? Quer dizer o gaguejar como uma coisa muito intensa.

Articulando a cognição e o motor, reflete sobre as condições para a construção do personagem bom falante:

Estava percebendo uma coisa, por exemplo, quando eu escrevo (...) há uma fluência, super, né? Eu estava vendo, claro, né? eu es-

crevo, eu tenho um tempo muito maior para poder elaborar uma idéia, preparar, né? e quando eu falo assim, eu não dou tempo para eu pensar, né? É como se assim eu não dou tempo para pensar mesmo. Para elaborar a idéia.

DISCUSSÃO

Pelas articulações entre as representações acima apontadas, Ricardo mostra que realiza um trabalho de desenvolvimento da consciência proprioceptiva através da vivência do relaxamento, onde trabalha com o tônus muscular, e da auto-observação dos movimentos articulatórios. Ele nos mostra também que realizar os movimentos articulatórios conscientemente favorece a produção de fala fluente, mas que não é fácil manter essa consciência, o que remete à análise da consciência proprioceptiva feita no capítulo anterior. Entendemos que através do procedimento apontado, Ricardo dá curso ao trabalho de configuração da imagem de bom falante implícito no capítulo anterior, onde, ao tratar dos pressupostos da abordagem terapêutica, falamos da identidade como metamorfose e propusemos a construção da imagem do bom falante a partir da aceitação da gagueira. Vemos que a realização desse trabalho, ao menos no caso de Ricardo, exige estímulo constante.

Ao lado do trabalho proprioceptivo, Ricardo mostra ter consciência crítica da dialética subjetividade/objetividade subjacente ao modo de produção do bom e do mau falante. Assim, fala-nos da gagueira sofrimento como produto de um estado afetivo negativo com relação aos outros, e da fluência como produto do estado afetivo inverso. Esse último aspecto evidencia a integridade de sua capacidade fonoarticulatória. Ao mesmo tempo, mostra a existência de uma imagem de mau falante, quando se refere ao fato de *esquecer-se até* da sua dificuldade.

Mostrando a extensão de sua consciência crítica das condições de produção do bom falante, articula o estado afetivo positivo em relação aos outros e às condições cognitivas favoráveis para a produção do bom falante, referindo-se tanto à imagem de si quanto à especificidade das idéias ligadas a essa imagem.

Quanto às condições de produção de si como mau falante, vemos também a consciência crítica de Ricardo nas várias articulações entre as representações apresentadas. Aí ele nos mostra a força da afetividade para o modo de produção do mau falante, quando conta que a dificuldade para falar começa com a sensação de não conseguir dar explicações claras. A esse respeito, comenta a imagem de si como a de alguém que sempre resumiu as coisas. A seguir, critica essa sensação, considerando-a um hábito e não uma dificuldade efe-

tiva. Mostra ainda a força da afetividade para a produção do mau falante quando conta que um impasse com a imagem de si gera outras imagens ligadas ao personagem mau falante. A esse respeito, remete-nos ao social, uma vez que o impasse só terá sentido se considerarmos a preexistência de valores socialmente assumidos que definem imagem ideal de falante. Esta, ao ser confrontada com uma imagem de si não desejada (definida em função da imagem ideal), ativa as imagens ou cenas relativas a esse contexto que foram vividas pelo sujeito ao longo de sua história. O comportamento que elas determinam, por sua vez, só terá sentido se considerarmos a presença de um espectador. Ricardo evidencia a consciência crítica da relação entre os outros, a afetividade, a imagem de si e a produção da gagueira, ao relatar que nas relações com os outros percebe que não se aceita como falante, porque recua, ou seja, porque não fala o que deseja. Confirma também a existência de uma imagem idealizada de si como falante, em confronto com uma imagem de si não desejada. Detalha esse aspecto e mostra que a qualidade de sua relação com o outro e da sua produção articulatória está marcada pelo pressuposto de que verá na expressão do outro algo que não deseja, o que o faz não olhar e falar o mais rápido possível, para acabar logo. Comenta também que a dificuldade de falar, a situação de público e os sentimentos de insegurança e de exposição estão interligados, e que a insegurança ou a ativação emocional de modo geral favorecem a produção de si como mau falante.

Quanto à produção da fala, Ricardo tem consciência da função que atribui aos seus truques para falar bem, remetendo-nos à classificação dos truques feita por Van Riper (1970), que os dividiu em desencadeadores (*engolir ele libera*) e adiadores (*vou falar: recuo; sensação mais de adiar, eu não sei, de susto*). Considera ainda a dificuldade que sente para falar, como produto de uma idéia, o que complementa a imagem que tem de si como alguém que sempre resumiu as coisas, ligada à sensação de não conseguir dar explicações claras, vista como um hábito.

Vemos que Ricardo, neste momento do processo terapêutico, vive a imagem estigmatizada de falante e atribui alto valor à gagueira, mas está consciente da dialética subjetividade/objetividade que determina o modo de produção de sua fala. Ao lado disso, apresenta um avanço ao perceber que a produção do mau falante está ligada ao fato de não se dar tempo para falar. Como veremos, esta questão terá desdobramentos em outras situações terapêuticas analisadas.

Situação terapêutica 2 — 15/02/89

REPRESENTAÇÕES

Compõem a categoria Afetividade, neste discurso, as seguintes representações:

Bem; estar bem; tudo bem; sentir superbem. Confiante. Superespontâneo; super-à vontade; soltar-se. Supergostoso. Supertranquilo. Superanimado. Super-a fim; a fim. Naquela expectativa; naquela ansiedade. Legal. Depressão; deprimido; superdeprimido; sensação de depressão; entrar e sair de fase de depressão, de fase difícil. Maior pique; pique legal. Meio vigiado. Senão estou demais. Não paralisa. Segurar legal; ter que segurar; dá para segurar. Foi barra. Não me preocupei. Ruim; chato; é fase vai passar. Será que vou gaguejar?; se pintar não vou conseguir falar; pinta mais eu vou gaguejar. Sentir/estar preso; sentir/estar apertado. Momento da emoção; me emociono; muito emocionado; sensível pra caramba; ficar na emoção; permitir a emoção; superemocionado. Chorar; ter chorado; dificuldade para chorar. Um barato. Interessante; superinteressante. Tinha vontade; muita vontade. Aberto; me abro; me sinto aberto; estar aberto; mais aberto; estar para fora; ter laços íntimos coisa muito forte; gosto de manter vínculos fortes; reatar; disposição para ter contato com os outros. Não quero saber de ninguém; não quero ter amizade; não quero me envolver. Medo/vergonha [de falar] não me importa, fica secundário; medo de voltar atrás, de retornar o processo acho difícil. Importante; muito importante; mais importante; muito vital. Necessidade de mexer fundo comigo; necessidade de falar. Quero falar; é gostoso; é bom. Quero pular, dançar. Não é uma coisa tão limpa.

Compõem a categoria Cognição as seguintes representações:

- Deixa eu parar de falar. Não vai acontecer nada; vou chegar, vou falar; não é por isso que não vou falar. É um momento [a gagueira]. Perspectiva que a coisa vai andar de novo; perspectiva que deixa aberto. Sacar muita coisa; começando a sacar. Perceber que se isolava e se voltava para si; era como se fosse um projeto de vida; como se tivesse feito um pacto; voltar-se para si; procurar coisa em si lendo, estudando, escrevendo. Coisas de me dar uns toques muito fortes (estar aberto para as pessoas).

Compõem a categoria Nível Motor as seguintes representações:

Gaguejar; não gaguejei nada; fases muito gago; eu gaguejo mas eu falo; não senti pressão na garganta. Falar, conversar, falar um pouco; falar de mim; dificuldade para falar; dava para falar; falar mais devagar, acelerar; sinto que tem um jogo na fala; sensação de dança no falar; sinto que tem uma dança; ritmo; dá para retomar; o negócio flui; a voz flui; sinto que é gostoso dar uma paradinha,

dar aula; dar informação; sentia essa coisa de leveza, de entoar algumas coisas mais forte. Corpo; dançar; pular, ginástica.

Compõem a categoria Social as seguintes representações:

Pessoas; estar com as pessoas; procurar pessoas; buscar as pessoas; retomando contato com algumas pessoas; contato com os outros; ter amizade; grupos; participando com; todo mundo; uma auxiliar. Fila do banco. Isolar-se; isolava de todo mundo; com ninguém; não conhecia ninguém; não cruzei com ninguém; amizade com ninguém; sozinho; ficar sozinho; ficando muito sozinho. Aula; retomar aula; turma; classe.

ANÁLISE DAS ARTICULAÇÕES ENTRE AS REPRESENTAÇÕES

Através das articulações entre as representações deste discurso, Ricardo nos mostra, preponderantemente, as características da produção de si no personagem *bom falante*.

Articulando afetivo, cognitivo e motor, mostra-nos a sensação que tem de sua fala:

É um barato assim, que eu sinto que tem uma dança. A sensação que dá é que tem uma dança ao falar. Tem hora que eu estou falando, eu sinto que é gostoso dar uma paradinha, falar mais devagar, depois acelera aqui. Eu sinto que tem todo um... um jogo na fala que eu estou começando a sacar, a sentir, né? Essa coisa do..., da leveza, de entoar umas coisas mais forte, de..., é uma coisa..., uma dança mesmo na fala, né?

Mostra também que entende a gagueira como um momento da fala e como uma manifestação com a qual é capaz de lidar.

A gagueira não é uma questão que me paralisa, é um momento. Dá para retomar, não me dá depressão. Eu sinto que cada vez mais estou me soltando (...). Nas férias foi barra (...) Tinha fases que fiquei muito gago. Mas assim, em todas as vezes eu não me preocupei. Falei: Pô, legal! Vou ter que segurar. É ruim. É chato (...). É uma coisa que eu sinto que é fase, vai passar. Sempre essa perspectiva, que a coisa vai andar de novo, né? e assim... e dando para segurar legal.

Articulando afetivo, cognitivo, social e motor, fala-nos da produção do seu personagem bom falante, o professor em sala de aula, para a qual vemos a predominância de um contexto emocional positivo com relação à fala e à situação de aula:

Eu estou bem, estou superbem (...) eu voltei a dar aula agora, né? Então, segunda-feira eu estava naquela ansiedade (...), um pouco nervoso, tal; a turma nova e eu estou com uma auxiliar agora, né? Estou me sentindo meio vigiado e tal, né? Então estava naquela expectativa de estar voltando às aulas. Cheguei na classe; nossa! Foi supergostoso, aos poucos fui me soltando (...), chegou uma hora que eu falei (...): deixa eu parar de falar que é primeira aula, senão estou demais (...) superespontâneo; super-à vontade; tal. Me senti superbem retomando a aula. Aí passa (...) saí da aula com o maior pique, superconfiante. Estou super a fim de dar aula. Estou a fim de chegar logo sexta para conhecer a turma, né? Eu estou superanimado.

Fala-nos também do seu personagem bom falante muito emocionado, que entende a gagueira como um momento de emoção que não o impede de falar:

E na fila do banco (...) anteontem, eu dei uma informação sobre abertura de conta, eu falei: Pô, será que eu vou gaguejar quando eu for falar? Eu falei: Não, na verdade eu estou me sentindo preso. Não vai acontecer nada. Eu estou preso e na hora eu falo um pouco, né? A coisa do momento, da emoção, que eu me emociono, eu estou me sentindo apertado. Estou apertado. Tudo bem. Vou chegar, vou falar. Não é por isso que não vou falar, né? Eu sinto que essa de ficar mais na emoção, de permitir, né?, eu estou superemocionado, assim. Pô! Eu tenho chorado com.... Eu sempre tive muita dificuldade para chorar. Ultimamente eu tenho chorado assim.... Choro que nossa! Que eu não choro há anos, de chorar mesmo. É emocionado, sensível pra caramba.

Fala-nos ainda de seu personagem bom-falante-muito-emocionado aberto para os outros:

Mas nisso tudo deu para sacar muita coisa assim de como tem a ver a questão, assim... (...) é uma sensação, Silvia, de o quanto eu me fechei esses anos todos. Foi o contato com as pessoas, como se eu tivesse feito um pacto assim, de não quero saber de ninguém, não quero me envolver com ninguém, não quero ter amizade com ninguém, é uma coisa assim, né? E como de repente eu voltei de lá super-a fim de assim, reatar amizade e estar com pessoas e assim, a fim de ter amizades, de ter laços íntimos assim, uma coisa muito forte, né? (...) Essa perspectiva me deixa aberto (...) e aí o negócio flui. Essa coisa de procurar pessoas que eu gosto (...) para manter vínculos fortes (...) faz com que eu me abra. Eu me sinto aberto e a voz flui, tá, para fora sabe? Está supergostosa. (...) Eu estou muito mais emocionado ultimamente. Estou muito mais emocionado mes-

mo com as coisas, comigo, né?. (...). Sempre às tardes, no ano passado, eu sentia muito isso, eu ficava deprimido às tardes, né? Eu sentia que eu levantava legal (...), à noite eu ficava bem, mas às tardes eu ficava muito deprimido. Eu percebi assim que quando às tardes eu me isolava de todo mundo e voltava para mim, quer dizer, ou eu vou ler, ou vou escrever, mas era como (...) se eu tivesse um projeto de vida e procurasse as coisas em mim, não nas pessoas. Como se eu tivesse um projeto de eu vou procurar em mim, lendo, estudando, escrevendo, ficando, né?. (...), se isolando (...) sem sacar assim como que é a vida. (...) Ficava superdeprimido, não sabia por quê, e procurava fazer coisas. Até saía, procurava as pessoas, mas é... não sei, era diferente. Uma coisa de... como se ficar sozinho fôsse muito importante; fosse muito vital, né? (...) A sensação era de muita depressão, né? Aí associô junto com essa coisa de dificuldade para falar, né? Eu sinto assim que essa coisa de estar mais aberto para estar buscando realmente as pessoas (...) ficar em Espírito Santo, (...) foi muito importante para mim (...) estar deparando com isso, sabe? Uma coisa de me dar uns toques muito forte. E eu voltei assim com muita necessidade de mexer comigo, sabe? Com essas coisas. Então eu sinto que isso está muito associado com a minha gagueira, nessa de contato, de distância, né?

Articulando a afetividade, o social e o motor, conta sobre o personagem bom falante aberto para os outros, que enfrenta as emoções negativas sobre a atividade de fala e a produção subjetiva da gagueira como coisas secundárias, e fala:

É interessante, quando eu sinto essa disposição assim para ter contato com os outros, pode pintar medo de falar, pode pintar vergonha de falar, pode pintar... não me importa, fica secundário mesmo, sabe? (...) Porque fica essa coisa de quero falar, é gostoso, é bom, quero conversar. Então sabe? mesmo se pintar: eu não vou conseguir...; mas pinta mais a coisa de eu vou gaguejar, tudo bem, né? Assim... a coisa, né?, eu gaguejo mas eu falo. Fica uma coisa muito mais importante a fala, né?, eu estou podendo falar.

Conta-nos também sobre a ausência da produção subjetiva e objetiva da gagueira com pessoas desconhecidas:

Eu fiz uma viagem para o Espírito Santo, né? (...) e eu estava a fim de ir não marcando com ninguém (...) eu fui sozinho, né? Foi um barato, não gaguejei nada lá. Interessante, né? Foi um lugar eu fui sozinho, não conhecia ninguém, nem cruzei com ninguém que

eu conhecia lá. E (...) nossa! Eu não gaguejei (...) Todo o tempo que eu fiquei lá eu não sentia, em nenhum momento sabe?, essa pressão que eu sinto na garganta. Essa coisa de não vou conseguir falar. Não. Entrava nas coisas. Tinha vontade. Falava e tal. Supertranquilo. Achei superinteressante isso.

Articulando a afetividade, o social e o motor, fala-nos do personagem bom falante aberto para os outros, que sente necessidade de falar de si e percebe que é difícil:

Tem mil coisas difíceis, mas tem uma, essa coisa que eu estou sentindo muito boa, essa procura de estar para fora, estar buscando as pessoas, de estar assim com muita necessidade de falar, eu sinto que a dificuldade que eu estou sentindo agora, que eu estou me deparando é assim (...) de eu falar de mim. Então, eu ter um espaço para falar das minhas coisas pessoais, das minhas... de tudo, né? Assim da minha linguagem pessoal, das coisas, né? (...) Eu sinto que quanto mais eu estou retomando contato com algumas pessoas, tem pessoas que vai estar aflorando essa coisa.

Articulando a afetividade e o motor, fala do seu desejo de trabalhar com o corpo:

Um barato, estou com muita vontade também de fazer coisas com o corpo sabe? de..., vou entrar na ginástica (...). Quero fazer (...) ginástica mesmo, quero pular, quero dançar também. Agora me deu vontade de aprender a dançar (...) de investir no corpo, assim do exercício com o corpo.

Fala também de como se vê atualmente em relação à gagueira:

Sei lá (...) acho que não é uma coisa tão limpa. Dá uma sensação assim não de voltar atrás, mas de passar situações difíceis. Não tem como. Acho que o medo de voltar para trás, de retornar esse processo, acho muito difícil. Uma coisa assim... acho muito difícil mesmo. É assim de entrar em fase de gagueira, de entrar em fase difícil, de entrar em fase de depressão, mas sair também.

DISCUSSÃO

Passado um ano e meio da sessão aqui analisada, podemos ver, através das articulações entre as representações acima, mudanças nos conteúdos e nos movimentos da consciência de Ricardo. Ele mostra que se aprofundou e familiarizou com a consciência proprioceptiva

dos movimentos articulatórios e que gostaria de trabalhar mais com o corpo todo, o que indica que o desenvolvimento dessa consciência trouxe-lhe benefícios. Fala da gagueira, mas representa-se sempre do ponto de vista da produção do bom falante. Mostra que vê a gagueira na perspectiva da sua relatividade, como fase, ou seja, como algo passageiro ligado à afetividade (*fase de gagueira; fase de depressão*) e que não tem a ilusão de fluência absoluta, assumindo a possibilidade tanto de ter gagueira quanto de sair dela. Afirma achar muito difícil recuar no processo, evidenciando a vivência de um progresso.

Interligando as demais representações desta situação terapêutica, podemos aprofundar estas considerações. Assim, há uma diferença com relação à representação da gagueira feita na situação terapêutica 1, quando aqui Ricardo a representa como um momento da fala com o qual pode lidar. Essa representação indica a aceitação da gagueira, que passa a ser entendida como uma manifestação relacionada às contingências das situações. Indica também que houve uma mudança no modo de Ricardo relacionar-se com a sua imagem de falante. Através de representações de conteúdo afetivo preponderantemente positivo, ele mostra que permanece no personagem bom falante, mesmo quando manifesta gagueira. Entendemos, assim, que Ricardo é capaz de produzir-se como bom falante a partir da gagueira (*dá para retomar; a coisa vai andar de novo; dando para segurar legal*) e que a imagem estigmatizada de falante tornou-se menos determinante do modo de produção de si. Nesse contexto, Ricardo fala ainda de seu personagem bom falante-professor em sala de aula, mostrando as diferenças relacionadas à representação de si anterior como alguém que não consegue dar explicações claras; que recua na situação de fala e que sente insegurança na situação de público. Aqui, vemos um contexto emocional positivo ligado às suas relações com o público (alunos) e à sua atividade de fala, acrescido da consciência crítica de que não deve falar demais numa primeira aula.

Reforçando que Ricardo aceitou a gagueira como manifestação ligada às contingências das situações e que houve uma mudança da sua imagem de falante, ele aprofunda a percepção que tem da gagueira como momento da fala, mostrando-a também como um momento de emoção que não o impede de falar. Evidenciando mais uma vez a consciência crítica da dialética subjetividade/objetividade do modo de produção da gagueira, relaciona a ativação emocional e a tensão muscular que sente nas relações de comunicação, e mostra que se permite vivenciar as emoções e está liberando um choro contido há anos. Apresenta-se, assim, como um personagem-bom-falante-muito emocionado que demonstra capacidade de falar com as emoções e indica o quanto a gagueira sofrimento estava ligada à conten-

ção de emoções e à incapacidade de lidar com elas, ou, por outro lado, o quanto poder lidar com as emoções relaciona-se a poder lidar com a gagueira e produzir-se como bom falante.

Como personagem bom-falante-muito-emocionado, Ricardo faz uma reflexão crítica da dialética subjetividade/objetividade, antiga e atual, do modo de produção de si, em função das relações sociais e das emoções. Aprofunda assim as considerações a esse respeito feitas na situação terapêutica 1. Demonstra ter consciência de viver um projeto de isolar-se, de fechar-se para as relações sociais, e que isso ligava-se ao sentimento de depressão e à dificuldade para falar. Em oposição, mostra que atualmente deseja aproximar-se das pessoas. Retorna as representações da situação terapêutica anterior, reafirmando que o sentimento de abertura para o outro está ligado à produção da fluência. Essa visão aprofunda-se quando Ricardo mostra que, em função da disposição para ter contato com os outros, é capaz de enfrentar emoções como a vergonha e o medo de falar. Mostra que tais emoções tornam-se secundárias diante da vontade de falar, permitindo-lhe enfrentar tanto a produção subjetiva da gagueira, do tipo pensar que vai gaguejar, quanto sua manifestação objetiva. A visão de que o sentimento de abertura para o outro está ligado à produção da fluência também é aprofundada quando Ricardo mostra que ao ficar entre pessoas totalmente desconhecidas, por exemplo, na viagem que fez ao Espírito Santo, observou a ausência da produção subjetiva e objetiva da gagueira. Confirma, assim, o quanto a afetividade, em suas articulações com o social, determina a forma de produção de si como falante.

A ausência de gagueira num lugar novo e entre pessoas desconhecidas permite-nos ressaltar também a importância da história de vida e das situações habituais para a ativação da forma habitual de produção de si. Permite-nos lembrar ainda que Van Riper (1971) já sugeria a seus pacientes modificações aparentemente inócuas e periféricas à gagueira, como ir a lugares novos, usar roupas diferentes, etc., para que eles se vissem de uma maneira diferente; achava que assim ajudava-os a reconfigurar a imagem de falante ou, usando a linguagem dele, a reconfigurar a motricidade.

Reafirmando as mudanças até aqui delineadas, vemos que Ricardo, dentro do contexto do seu novo personagem bom falante muito emocionado e aberto para os outros, descobre novas características suas: vê-se com muita necessidade de falar e com mais dificuldade para falar de si do que de outras coisas. Entendemos, pelo conjunto das representações aqui apresentadas, que a influência da imagem estigmatizada de falante está diminuindo no modo de produção de si de Ricardo.

REPRESENTAÇÕES

Compõem a categoria Afetividade, neste discurso, as seguintes representações:

Medo de voltar a gaguejar, de passar por tudo de novo; medo de falar; de me apresentar. Tudo bem, lado positivo; ter tolerância; permitindo gaguejar mais; me permitindo gaguejar sem ver tragédia nisso; gaguejar é natural; gaguejar sem problema. Legal; fazer algumas coisas legais; comunica legal. Sensação de que não sei se vou conseguir; não sei se vou em frente; se for em frente talvez não consiga; um silêncio de não acreditar como vai terminar a frase; às vezes fico meio assustado, não falo; não ficar vou falar, não vou; bateu a coisa de falar mal. Sinto que é uma coisa difícil; fica uma coisa difícil; a primeira colocação fica muito difícil; no primeiro ano muito difícil; muito difícil na faculdade. Fases que dá para lidar, fases que não. Sinto preservando a fala; preservando a coisa do não vou gaguejar; não quero mostrar que sou gago; não quero mostrar a gagueira; se eu expressar vou correr o risco de gaguejar. É supergostoso quando estou aí; atividades ligadas ao corpo sempre me deram supersegurança; a fim de dançar. Arrumo com muita facilidade. Espontâneo; falo superespontâneo; coisa solta; me soltando; super-à vontade; mais à vontade. É um barato. É complicado. Transcorrendo melhor. Supertenso; supermexido. Calmo de ficar com a emoção. Tem hora que eu não gosto de ficar falando; sinto que é o meu jeito; sentir me dando um espaço para ficar em silêncio; qual o problema de ficar em silêncio; tão normal. Não estou sentindo nenhuma cobrança das pessoas. É uma cobrança; fico me cobrando; tem uma ansiedade; tem que falar; preciso falar; toda uma exigência; minha expectativa; tenho ódio disso; fala! diz! ansiedade de dar respostas rápidas; de resolver as coisas rapidamente. Disputando, supercompetitivo, coisa diferente com relação à gagueira; fala é predominante; fala é uma coisa super. A coisa já ficou complicada; achei que seria supercomplicado; é uma coisa super-simples. Mais tranqüilo; supertranqüilo. Muito gostoso; supergostoso. Certeza de que ser boa. Riem; acham engraçado; passo batido. Não dando a mínima importância.

Compõem a categoria Cognição as seguintes representações:

Discutindo. Vê a coisa que tem por trás. Perceber coordenação; achar o caminho; organizar. Esse truque; como se fossem coisas que pudessemos fazer; pensando esse movimento; movimentos que são

contraditórios; fico pensando o movimento que uso é contrário à produção do som. É fundamental falar; não perder a perspectiva da fala; não perdendo essa perspectiva. Fica superclaro. Interessante como me afasto sobre a questão do corpo; me afasto muito por estar percebendo; de estar atento; entendo que me dá chão; como se saísse meio sem perceber; não consigo pegar a questão do corpo de novo; estou pensando nas coisas; pensar a questão do corpo fica muito longe; a coisa é sutil também; querer saber; vai para o mental; não tem essa dimensão vivida que vejo que é uma coisa normal; tentando ir para o corporal e sem saber está no mental; e mais coisas ainda para se ater e para afastar do corpo; pensando na minha adolescência; auto-imagem; programado ter um tempo; vi que arrumei tempo para tudo menos para atividades ligadas ao corpo; tenho tempo para atividades intelectuais. São coisas que ficam dentro da gente; ajuda a perceber; fiquei percebendo; é parte de um todo não é tudo. Acho que está ligado à percepção passo por passo; pensando que é uma atividade. Fico pensando nessa reunião; fiquei muito atento de estar pensando coisas. Se precisa fico superligado. Acho que tem todo um jogo. Estava acabando o tempo; estava no horário. Pensei em voltar; interessante, me propus a ir.

Compõem a categoria Nível Motor as seguintes representações:

Gaguejar; voltar a gaguejar; estou gaguejando pra caramba; gaguejando mais; gaguejando muito; momentos que gaguejo; gagueira que de repente quase que some e fala; não há, há um silêncio; fico no meio; gaguejei não conseguia falar; esse truque de engolir sinto usando bastante; aspirar e engolir; eu sinto que engulo depois solta; sem gagueira; vai havendo uma coordenação; vou gaguejando e dentro do próprio gaguejar dá para parar e voltar; falar mais lento; gaguejando sem problemas; gaguejo, mas dentro do movimento dá para coordenar; dá tempo de parar um pouquinho, organizar a palavra; gaguejei quinze segundos. Falar; ato de falar; modo de falar; é uma coisa de produzir o som, sentir minha língua, sentir minha boca, então fica mais fácil; sentindo a fala; falei quinze minutos; falei poucas mas falei; sinto que é difícil falar; senti que eu não conseguia falar; falar mal; enrolar; tensão; aí eu falo menos; me engasguei; não expressei tudo que eu quero expressar; não falo ou falo frase mais curta; redução do esforço para falar; o esforço que é a fala geralmente não está ligado com a fala, a palavra; dar aula; dar; algumas aulas não saíram; passar; coloquei um monte de coisas; coloco as coisas; dei um monte de contribuição. Corpo; atividades ligadas ao corpo; dançar; correr; passear; nadar; respiração; ritmo fica mais fácil pensando que é uma atividade corporal.

Compõem a categoria social as seguintes representações:

Pessoas; pessoal; eles; cada um; a gente; uma amiga; menina que ri; uma auxiliar; professora; ela; todo mundo esperando; alunos; trinta alunos; algumas pessoas riem, acham engraçado. Aula; classe. Me apresentar; me exponho muito. Semana de Psicologia; reunião. Secretaria. Pós-graduação. Curso de especialização. Faculdade. Ambulatório. Ambiente.

ANÁLISE DAS ARTICULAÇÕES ENTRE AS REPRESENTAÇÕES

Através das articulações entre as representações deste discurso, Ricardo nos mostra aspectos da relação entre gagueira e emoção e também o desenvolvimento da sua consciência proprioceptiva. Evidência que se relaciona criticamente com a produção da gagueira.

Articulando afetividade e o nível motor, mostra a dialética subjetividade/objetividade do modo de produção da gagueira, onde se vê a relação entre a emoção e a produção do truque de resumir a fala:

Uma gagueira que assim de repente quase que some, né? (...) a fala some, não dá, há um silêncio (...) eu fico no meio. A sensação que me dá é que não sei se vou conseguir, não sei se vou em frente. Se eu for em frente talvez eu não consiga, eu gagueje, então fica um silêncio, um silêncio de eu não acreditar como (...) vai terminar a frase (...). Às vezes eu fico meio assustado com isso assim; não falo, ou falo uma frase mais curta e tal.

Mostra também a dialética subjetividade/objetividade na relação entre emoção e produção de fala rápida:

É, mas essa coisa rápida eu sinto que tem a ver com uma ansiedade assim de dar respostas rápidas e resolver as coisas rapidamente.

Articulando a cognição e o nível motor, mostra a contradição que existe entre certos truques e o ato da fala que pretende disparar com eles.

E um outro assim, esse truque de engolir. Esse eu me sinto usando bastante, engolir (...) o aspirar, né? e o engolir, como se fossem coisas que pudéssemos fazer no falar (...) Fico pensando por exemplo esse movimento, né? de engolir, de aspirar, são movimentos que são contrários à produção da fala, né? Não são? Porque se eu faço assim (inspira), nesse momento eu não vou conseguir falar nada. E se eu engulo, também nesse momento eu não vou conseguir falar nada,

só depois, né? Eu fico pensando assim: o movimento que eu uso é que é contrário à produção do som, né?

Articulando a afetividade, a cognição, o motor e o social, considera os diferentes pesos que atribui a sua fala em vários ambientes que frequenta e ressalta a dificuldade com a gagueira no curso de pós-graduação:

Eu sinto que no pós tem uma coisa diferente com relação à gagueira. Eu sinto que é um outro ambiente. Eu sinto que na faculdade, no ambulatório, temos que viver muito mais à vontade, na faculdade, com o pessoal, com os alunos, né? No pós sinto que é um ambiente assim, não é que é supercompetitivo, mas a questão da fala é predominante dentro da pós-graduação. A questão da fala, cada um mostrando, sabe? os seus conhecimentos, que estão disputando um posto, né? Acho que tem todo um jogo que a fala no pós é uma coisa super, né? Porque se eu estivesse num curso de especialização, por exemplo, acho que seria um outro nível.

Mostra também a ativação da gagueira em situações em que a fala é esperada pelos outros e que geram expectativa para si mesmo:

(...) estava acabando o tempo. Estava no horário, né? Vai ver que foi aí que pintou o papo de a gente ter aula [no curso de pós-graduação] nesta quarta, ou não. Aí eu fui na secretaria perguntar (...) só que a secretaria estava fechada. Aí eu voltei e ela [a professora]: E aí? Eu me embarcei para falar. Eu senti meio assim como que eu não conseguia falar mesmo. Aí me engasguei, né? Ela não entendeu o que eu estava falando. Aí peguei e falei, né?: Não, a secretaria estava fechada tal e a gente tem que esperar um pouco mais para ir lá, né?

É, até a secretaria tudo bem, mas quando eu pensei em voltar a coisa já ficou mais complicada, né? É uma coisa super-simples, né? mas eu já achei que seria complicado, porque daí todo mundo está esperando. Acho que a minha expectativa, né? porque todo mundo, a minha fala naquele momento estava sendo esperada, aguardada, né?, o fato de estar aberta a secretaria ou não, se ia ter aula semana que vem ou não. (...) Quando eu estava indo a coisa bateu. A coisa não de falar mal na secretaria, mas de voltar, né? (...) Ao mesmo tempo, interessante, eu me propus a ir, né? Tinha trinta alunos na classe, mas eu acabei me propondo a ir, né?

Articulando a afetividade, o motor e o social, diz que se expõe demais e que a tensão na fala está ligada à cobrança/exigência de expor-se diante dos outros para falar.

É, acho que isso é uma coisa, entendeu?, que me exponho muito. Acho que é uma cobrança que eu tenho por trás, né?, de exposição tal. Por exemplo, agora eu estou sentindo isso lá na faculdade. Eu sinto que por trás eu fico me cobrando dar aula, dar aula, dar aula, passar, passar, passar. Como se eu tivesse que passar tudo, né? Eu sinto que tem uma ansiedade minha de estar passando, estar falando. Por que para mim é assim, minha tensão esteve sempre ligada não à fala, mas à coisa do (...) tem que falar, a linguagem verbal, preciso falar, falar, falar. Toda uma exigência em cima da fala.

Articulando a afetividade, a cognição e o motor, Ricardo fala da capacidade de produção de si como bom e mau falante e da existência de fases em que prepondera a força da imagem estigmatizada de falante.

Eu sinto assim, sabe? que é uma coisa difícil. Ao mesmo tempo que é fundamental eu falar; eu não perder a perspectiva da fala; falar o que der para falar; colocar o que eu quero expressar, né? não perdendo essa perspectiva acima de tudo, mesmo que eu vá gaguejar, entende?, que isso não importa, né? (...) isso tem fases assim que dá, isso fica superclaro, para mim lidar. Tem fases que não, que eu me sinto mais preservando a fala, preservando a coisa de: não vou gaguejar; não quero mostrar a gagueira tal, né? (...) Não quero mostrar que eu sou gago. Aí eu falo menos, aí não expresso tudo que eu tinha para expressar, porque se eu expressar eu vou correr o risco de gaguejar, né?

Quanto à vivência corporal, Ricardo articula a afetividade, a cognição e o nível motor, e fala da facilidade para falar promovida pela consciência corporal:

É, eu acho que está ligado ao espontâneo, está ligado a uma coisa solta, né?, está ligado à percepção passo por passo (...) Então fica mais fácil falar. Fica muito mais fácil pensando que é uma atividade corporal mesmo, que é uma coisa de produzir som, sentir minha língua, sentir minha boca, então fica muito mais fácil.

Fala da importância que atribui à vivência corporal e da falta de vivência na atividade de fala:

É interessante assim, pensando na minha adolescência, né?, sempre atividades ligadas ao corpo me deram super-segurança a nível da auto-imagem tal, né? E eu não sei, parece que fica uma coisa meio

parada, né? (...). É, para mim o ato de falar é uma coisa que não tem essa dimensão vivida, né?, que vejo assim que é uma coisa normal.

Fala da dificuldade de manter a consciência proprioceptiva, mostrando uma oposição entre pensar e sentir, onde o primeiro se mostra preponderante:

É interessante assim como eu me afasto muito sobre a questão do corpo. Eu entendo que é uma coisa assim que me dá chão. Eu me afasto muito assim de estar percebendo, de estar atento à minha respiração, ao meu ritmo, ao meu modo de falar. Eu sinto que é supergostoso quando eu estou aí. Mas é uma coisa como se eu saísse meio sem perceber e aí começasse a me enrolar e depois não consigo pegar a questão do corpo de novo e fica aquela coisa. Faço mesmo, estou sentindo a fala, e de repente não estou mais sentindo a fala, estou pensando nas coisas, né? (...) pensar a questão do corpo fica muito longe para mim.

É, de fato. É um barato (...) como a coisa é sutil também. De repente você quer saber: Mas por que é que está acontecendo isso, né? Aí você vai para o mental. É complicado, né?, ir tentando ir para o corporal e sem saber está no nível mental (...) e aí mais coisas ainda para se ater e para afastar do corpo.

Retoma seu desejo de trabalhar o corpo, explicitado na situação terapêutica anterior, e reflete criticamente sobre ele:

Então lá pra janeiro, por exemplo, eu tinha programado uma coisa assim, ter um tempo para fazer algumas coisas legais, dançar, principalmente dançar. Estou muito a fim de dança, aprender a dançar (...) e eu vi agora que eu arrumei tempo para tudo menos para atividades assim ligadas a dançar, correr, passear, nadar. Eu sinto que eu tenho tempo para desenvolver atividades intelectuais. Eu arrumo com muita facilidade. Mas para coisas do corpo mesmo...

Num contexto em que se refere a um aumento da gagueira, Ricardo mostra características da produção do bom falante.

Através da articulação entre o afetivo, o cognitivo, o social e o motor, mostra a relatividade entre a sua percepção do outro sobre a produção da gagueira, o que faz com que o medo de voltar a gaguejar pareça perder sentido.

Acho que na última vez, né?, eu estava discutindo assim o meu medo de voltar a gaguejar. Nossa! De passar por tudo isso de novo, né? (...) Uma amiga minha, uma auxiliar minha falou: Pô! Você deu

uma aula inteira sem gaguejar, né?. (...) E vê a coisa que tem por de trás disso, né? Sinto que eu estou gaguejando pra caramba. Muito, muito não, né?, mas estou gaguejando mais, né?

Através da articulação entre o afetivo, o social e o motor, mostra que aceita a reação de riso do outro diante de sua gagueira, e isso não o faz parar de falar.

Até no sábado eu dei aula, né?, depois tinha uma organização de uma semana de psicologia (...), aí fui lá, até coloquei algumas coisas, mas quando fui falar a primeira vez eu gaguejei. Não conseguia falar, tal. Aí uma menina riu do meu lado, tal. Mas tudo bem. Coloquei, falei um monte de coisas, dei um monte de contribuição para o pessoal.

É, eu gaguejei, algumas pessoas riem, acham engraçado, e passo batido. Isso é outro papo que está rolando, não está mais naquele lance.

Através da articulação entre o afetivo, o cognitivo, o social e o motor, reafirma a aceitação da gagueira como momento da fala:

(...) por exemplo, mesmo nessa reunião que eu fui, gaguejei tal, não consegui falar, sei lá, são coisas que ficam assim dentro da gente e uma hora ajuda assim perceber que então se comunica assim legal. Fiquei assim percebendo que, tudo bem, eu gaguejei, mas gaguejei durante quinze segundos e falei quinze minutos. Então, mesmo quando há gagueira, ela é parte assim de um todo, não é tudo.

Através da articulação entre o afetivo, o cognitivo e o motor, reafirma a aceitação da gagueira como momento natural da fala e mostra que, ao permitir-se gaguejar, é capaz de interferir na manifestação da gagueira e alterar a articulação em curso. Fala também da importância do tempo numa perspectiva diferente daquela mostrada na situação terapêutica 1 (tempo para pensar e elaborar).

E assim, sinto que estou gaguejando muito, mas um lado positivo que estou vendo disso, que estou retornando a ter tolerância com relação a minha gagueira e me permitindo gaguejar sem que assim, uma tragédia nisso, né? E assim está sendo legal, estou... . (...) há momentos em que gaguejo, né?, que é natural. Eu sinto que cada vez que eu me permito mais gaguejar, aí aos poucos eu percebo que vai havendo uma coordenação assim: eu vou gaguejando, mas aí dentro do próprio gaguejar vou vendo que dá para parar, dá para voltar, dá para falar mais lento. Eu acho que está mais ou menos assim, né?. (...) E quando eu assim me permito mais, estou meio gaguejando sem problema, eu gaguejo mas dentro do próprio movimento, eu sinto

que dá para coordenar, dá para achar o caminho da fala, dá tempo de parar um pouquinho, organizar a palavra, uma coisa bem assim.

Falando ainda da produção de si como bom falante, Ricardo articula a afetividade, o social e o motor, e mostra que a imagem estigmatizada de falante se caracterizava pelo medo de apresentar-se e transformou-se pela sua capacidade de permanecer na emoção. Essa capacidade favorece a produção de si como bom falante:

Mas eu sinto assim que eu preciso de um tempo. A primeira colocação fica uma coisa muito difícil, a segunda, a terceira, aí eu vou me soltando, né? Já numa certa parte do curso eu me sinto super-à vontade para estar falando, estar colocando. Na faculdade foi muito assim, né? No primeiro ano muito difícil, depois a coisa foi transcorrendo melhor.

(...) quando eu tive aula ..., eu tinha uma coisa de não me apresentar tal (...) apenas nos primeiros dias, uma semana que eu fiquei supertenso, supermexido, mas quando chegou minha vez eu já estava calmo, assim de ficar com a emoção, né? De não ficar: Vou falar, não vou, mas ficar sentindo a minha emoção, aquele medo que eu estava de falar, me apresentar, né?

Articula a afetividade e o motor, e conta que há momentos em que não gosta de falar e sente ódio de sentir-se cobrado.

Chegou na hora eu falei. Falei pouca coisa, mas falei, porque eu sinto que é o meu jeito, só que tem horas que eu não gosto de ficar falando, sabe?, tenho ódio disso, né?: Fala! Diz!

Articula a cognição, o social e o motor, para dizer que não cobra de si mesmo ficar falando:

Eu fico pensando assim por exemplo nessa reunião que eu fui (...) eu fiquei muito atento numa reunião que eu participei no ano passado, de eu estar pensando coisas: não, a semana é do pessoal, eles que organizaram, se eles solicitam alguma coisa eu vou falando, mas não ficar falando, falando coisas que o pessoal não está pedindo, nem está interessado, né?

Articula o afetivo, o cognitivo, o social e o motor, e conta que aceita o silêncio em sua fala e não sente cobrança por parte dos outros:

Hoje assim estou me dando espaço para ficar em silêncio. Tão normal, né? Qual o problema de eu ficar em silêncio. Se precisa eu fico superligado, falo superespontâneo, coloco as coisas assim (...)

não estou sentindo nenhuma cobrança das pessoas à minha volta com relação à minha fala.

Articula o afetivo, o social e o motor, e diz que tanto a autocobrança como a impressão de ser cobrado pelo outro diminuíram, o que está ligado à fala fluente:

Atualmente eu estou me sentindo mais tranqüilo, estou lendo o texto mais tranqüilo, essa coisa que eu tenho que passar, tenho que dar. E por exemplo, por eu ter dado aula sexta, foi uma aula que eu achei muito gostosa, que os alunos: Pô, a aula foi supergostosa hoje! (...). No sábado eu estava super-à vontade para dar aula e tinha certeza que a aula ia ser boa também.

No ambulatório está assim supertranqüilo, bem..., supergostoso (...) tudo sobre trabalho e tal (...), as últimas semanas eu vou lá, coloco, falo, supertranqüilo (...) aquela coisa assim que você está falando (...) sente que as pessoas não estão dando a mínima importância.

DISCUSSÃO

Uma vez que entre as situações terapêuticas 1 e 2 Ricardo apresentou muitas mudanças, decidimos gravar a sessão imediatamente subsequente à situação terapêutica 2, para conhecer um pouco mais o contexto onde elas se evidenciavam. Assim, na situação terapêutica 3, veremos outros aspectos da produção de fala de Ricardo, além daqueles que caracterizavam a produção do bom falante, preponderantes na situação terapêutica 2. Do ponto de vista da produção da gagueira, há mais detalhes de sua consciência crítica sobre a dialética subjetividade/objetividade desse modo de produção em relação aos truques. Ricardo já se referira ao truque de resumir a fala na situação terapêutica 1, o que nos levou a entendê-lo como adiador da gagueira. Aqui, a partir desse truque, mostra que o silêncio, no plano objetivo, está ligado a uma subjetividade povoada pela dúvida em sua capacidade de falar e a pressuposição de que irá gaguejar. Tanto um quanto o outro fazem Ricardo hesitar diante de sua capacidade de continuar o discurso, e o assustam, o que materializa o comportamento de truque. Na situação terapêutica 1, Ricardo também associara, coerentemente os truques adiadores à sensação de susto. A partir dos truques desencadeadores (engolir e aspirar), evidencia-se a que ponto a consciência proprioceptiva de Ricardo tornou-se crítica. Ele aponta para a contradição que existe entre a forma objetiva de produção desses truques e os movimentos de fala que com eles pretende disparar. Quanto a sua forma rápida de falar, que pode

estar ligada tanto a adiar a gagueira como a desencadear a fluência, vê-se a consciência da emoção que a determina. Desse modo, mesmo que a produção da gagueira persista, Ricardo reconhece as características do seu modo de produção.

Ao mostrar a dialética subjetividade/objetividade do modo de produção dos truques, Ricardo interligou a afetividade, a cognição e o motor. Ao interligar a afetividade, a cognição, o motor e o social, ele mostrou que conhece outros aspectos dessa dialética. Falando da sua vivência no curso de pós-graduação, mostrou que, ao sentir o ambiente competitivo e perceber que a fala era preponderante, foi maior o peso que atribuiu à possibilidade de produção da gagueira ao falar. Isto sugere que nessas condições tem maior dificuldade em aceitá-la, o que nos remete à imagem estigmatizada de falante em ação, gerando o desejo de ocultá-la. Mostrou, também, que sentir as expectativas dos outros com relação a sua fala, gera em si mesmo expectativa em relação a ela, sendo essa situação, por sua vez, geradora de gagueira. Mesmo assim, Ricardo expõe-se para falar. Entendemos que os dois aspectos apontados estão interligados, ou seja, os ambientes sentidos como competitivos e nos quais a fala é preponderante, geram a sensação de expectativa com relação à fala do ponto de vista pessoal e social. Nesse contexto, a imagem estigmatizada do falante por um lado exacerba a sensação das expectativas e por outro, determina o desejo de expor-se com a intenção de negá-la, pela tentativa de apresentar-se sob uma imagem ideal. Isso impede a aceitação da gagueira e leva à produção de truques. Um lado atrai o outro e se reforçam mutuamente, criando uma situação paradoxal, uma vez que a expectativa é geradora da gagueira e dificilmente concretizará a imagem ideal. Mostrando-se crítico a tudo isso, Ricardo comentou que se expõe muito e que cobra a exposição, revelando a consciência da ansiedade que sente de estar falando. Revela também a consciência de que a tensão na fala não está ligada à própria fala, mas ao contexto emocional de cobrança/exigência. Mostra-se crítico ao falar de fases em que se produz como bom falante, e de outras em que se produz como mau falante, demonstrando a consciência de que os personagens bom e mau falantes se alternam e convivem no modo de produção de si. Mostrou, assim, conhecer as condições que lhe permitem buscar novas formas de ação, a fim de superar a produção da gagueira.

Quanto ao trabalho corporal, existe um aprofundamento das observações que Ricardo fez na situação terapêutica 1. Lá, ele disse que a consciência dos movimentos articulatórios favorecia a produção da fala fluente e referiu-se à percepção da respiração. Disse também que não era fácil manter essa consciência; nesse sentido, coope-

ramos com Ricardo durante as sessões para mantê-la sempre ativa. Aqui, ele descreve os conteúdos da consciência proprioceptiva e reafirma que ela facilita a produção da fala. Mostra, porém, que a intenção de mantê-la muitas vezes ativa seu pensamento, desviando-a da capacidade de sentir o corpo. Por esses detalhes entendemos que Ricardo detém-se consideravelmente nesse tipo de vivência (apesar de ele se criticar por não se dedicar suficientemente à vivência corporal mais geral), o que também se confirma, quando ele, ao falar da produção do bom falante, se refere à relatividade entre o seu ponto de vista e o ponto de vista do outro, quanto à produção da gagueira. Essa observação mostra que ele estava muito atento ao seu padrão de fala. A consciência dos movimentos articulatórios evidencia-se ainda mais quando Ricardo nos fala da sua capacidade de interferir na manifestação da gagueira, alterando a articulação em curso; com isso, demonstra que é capaz de produzir-se como bom falante a partir de um mau falar. Esse aspecto constitui um avanço nas mudanças apresentadas por Ricardo na situação terapêutica anterior, na qual afirmava aceitar a gagueira e, conseqüentemente, permitir que ela acontecesse, pois conseguia lidar com ela.

Com relação à diferença apontada por Ricardo entre o seu ponto de vista e o do outro sobre a produção da gagueira, remetemo-nos a um aspecto analisado no processo de desenvolvimento da gagueira sofrimento, a que já nos referimos na investigação sobre a sua gênese. Esse aspecto mostra-se às avessas no processo de sua superação. Os níveis de tensão 1 e 2 foram discriminados nas formas de produção de fala com gagueira. O nível 1 refere-se à produção simples de repetições, hesitações e bloqueios ao falar, relativos à gagueira natural. O nível de tensão 2 refere-se à produção de fala ligada ao desejo de ocultar a gagueira, em função do qual as manifestações do nível de tensão 1 podem assumir características muito tensas, envolvendo os truques que compõem a gagueira sofrimento. A aceitação da gagueira, tão claramente explicitada por Ricardo, implica a diminuição ou suspensão dos componentes implícitos nas manifestações do nível de tensão 2, o que, no entanto, não elimina a possibilidade de manifestações do nível de tensão 1. Isso talvez explique o fato de Ricardo sentir-se muito gago enquanto a amiga o via sem gagueira nenhuma.

Quanto à capacidade de interferir na manifestação da gagueira alterando a articulação em curso, vimos que Ricardo, mais uma vez, destacou o uso do tempo, não mais do ponto de vista da elaboração do pensamento mas dos movimentos da fala, para o que empregou as palavras *parar*, *voltar* e *lento*. Por essa capacidade, vemos que a produção do bom falante não exclui a manifestação de gagueira

e pode emergir dela. Vemos também que a forma de relacionar-se com o tempo enquanto se fala é um aspecto importante na articulação de mudanças na capacidade de produção da fala. A observação clínica tem-nos mostrado que na produção da gagueira sofrimento há uma tendência dos sujeitos a sentirem-se premidos a falar sem demoras, sem interrupções, como se o tempo de fala não pudesse comportar silêncios.

Confirmando a consideração acima, Ricardo referiu-se ao fato de aceitar o silêncio na sua fala, como também de não se cobrar ou sentir-se cobrado pelos outros para falar. Esses aspectos estão diretamente ligados à forma de relacionar-se com o tempo enquanto se fala e à capacidade de produzir-se como bom falante. Ao lado dessa mudança, Ricardo aponta outra, que vemos como um avanço na sua capacidade de lidar com a emoção, referida na situação terapêutica 2. Ela mostra que uma nova seqüência de comportamentos se articula à produção subjetiva da gagueira. Em vez de permanecer no velho esquema de pressupor a gagueira, Ricardo permanece na emoção que está sentindo, observando-a e, desta forma, torna-se capaz de transformar a determinação imposta pela imagem estigmatizada de falante em modo de produção de si como bom falante. Isso, entendemos, se relaciona com a ausência de cobrança para falar que, por sua vez, o leva a aceitar o silêncio na fala.

Situação terapêutica 4 — 02/10/89

REPRESENTAÇÕES

Compõem a categoria Afetividade, neste discurso, as seguintes representações:

Deu segurança; conseguindo passar as coisas com segurança; mais seguro para dar aula; mais seguro da matéria; mais seguro quanto à fala; poder segurar dentro de mim; poder conter aquilo que eu acho que não vai ser legal falar; era importante eu conter; poder guardar; poder selecionar; não falar abertamente; isso está sendo muito forte; experiência que estou vivendo muito forte; nossa, pinta um montão de coisas incríveis. Falo sem querer falar; acabo falando coisas que não quero falar, não conseguir viver em silêncio; acabo não sabendo o que é bom falar e o que é bom eu guardar; deu muito rolo; acho que se eu falar fico desprotegido, fico ameaçado; sentia que se eu falasse ia ficar ameaçado um plano, um desejo meu; como se não tivesse controle; muitas sensações que eu tinha, ficava alguma coisa estranha de não ter muito controle. Não ficar preocupado tanto em dar aula naquilo que preparei; sem ficar preparando é muito

mais gostoso; saía da aula e me sentia muito bem; dei aula superlegal; conseguindo controlar a classe; deixar que as idéias venham supergostoso; sentindo bastante fortalecido; ir me soltando; me soltei mais; ficar solto na hora; posso me soltar falando; basicamente ficar solto; breçar minha ansiedade; me dei a liberdade de deixar as coisas aparecerem na hora; deixar a coisa ir; falando super-à vontade; mais à vontade; me sinto à vontade; tranquilo; saiu muito melhor, muito mais rico; mais gostoso mais rico; nossa!, sentir que posso produzir as coisas; tenho boas idéias; coisa assim incrível; isso tem me deixado muito bem; sentia superligado; percebi, nossa! que podia falar em público; podendo estar mais em público. Sentindo muito confiante com relação à fala; sinto confiante para falar; a força vem da confiança de eu sentir que posso; falando mais fico mais confiante. Para mim não era ficar assim não; como eu ia poder falar sem programação; tinha que usar alguma coisa já pronta; tinha que preparar o texto; esse espontâneo na hora me dava insegurança; se eu sáísse ficava inseguro; saiu muito chocha. Sinto superdiferente; sentia totalmente modificado; vontade de conversar com todo mundo; sinto diferente na pós-graduação; me sinto mais vivo; mais energizado. Quero dar um tempo; estou sentindo vontade de dar um tempo. Não me assustar porque não estou falando; era uma coisa que, pronto, vou ficar não consigo sair disso; sinto como se fosse mais elástico agora.

Compõem a categoria Cognição as seguintes representações:

Difícil discriminar o que eu abro, o que eu falo; como se eu não tivesse muito a noção do que eu contendo e do que eu falo. Preparar aula; fazer programação; usar a programação como ponto de referência; era ficar na programação, ficava com aquela coisa meio decorada; ler texto; fichar; separar; cumprindo tarefa. Fiz uma coisa que não faço; não preparei nada; as coisas foram pintando; ia sem preparar; não ficar naquela história de ficar fichando, resumindo; ler um texto, ir para a aula e pronto; saiu muito melhor; fiz correlações; coisa que estou dando é aula; isso é muito novo para mim; minha cabeça parecia um computador; selecionava; falo depois; guardo; fazer associações; reflexões na hora; tenho capacidade para falar; tenho condições para falar; tenho idéias; me coloco nessa condição; tenho muita coisa para falar; pensar falando; pensar e falar ao mesmo tempo; eu posso preencher muito mais a aula gastando menos tempo para preparar; conseguindo prender mais a atenção; fazer uma dinâmica. Tanta coisa nova que está acontecendo na minha vida; tem muita coisa nova; é um monte de coisa que está aconte-

cendo junto; minha separação; estou elaborando uma separação de relacionamento; mudança de casa; ter meu espaço; estou pensando em estar elaborando mais devagar. Houve uma modificação do lugar que eu estava para o lugar que eu estou; coisa de antes me ver como mau falante; ver que não tinha condições de falar; ver que não tinha o que falar; vejo mais a coisa do público. Entender; todo um entendimento; esse entendimento acho fundamental; entendimento da dinâmica da gagueira, de fazer força para falar, suporte de entendimento; poder entender a atuação da gagueira; pensar esse jeito; ler o que estava acontecendo comigo; é fundamental essa compreensão; tudo isso é uma base fundamental para poder pensar outras coisas; acho que é uma coisa cíclica essa compreensão, esse empenho que me puxa para compreender e que me leva para frente; poder estar vendo as coisas mais amplamente; poder ver outros determinantes que afetam minha fala que são as emoções; saber que posso voltar, mas voltar significa também ir para frente; é coisa de retroalimentação; não é pensando; me veio agora uma imagem; perceber que não falar tinha sentido; não era coisa da minha cabeça; literalmente não estava livre. Estou mudando; respeitando muito mais o querer ficar sozinho.

Compõem a categoria Nível Motor as seguintes representações:

Falar; monte de coisas que eu falo; falo cinco, dez minutos; superfalando; me soltar falando; falar o selecionado; produzir fala espontânea; falar sem preparar; minha potência de poder falar; falar o que penso; falando, mais; é na atividade mesmo, é falando que eu sinto que fica concreto, que dá; é como se fosse um fluxo; não falar, não conseguia falar; parar de falar; estou preso; produzir pensamentos; produzir emoções; a minha fala, a minha potência estão presentes numa coisa pública; uma fala fluente publicamente; fluente na aula; dar aula; fluente para conversar; sentir superfluente; o negócio sai fluente; colocar; conversar; passar as coisas; dar aula; dar palestra; fazer palestra; expressar espontaneamente; volto e vou para a frente. Gagueira; poder estar saindo da gagueira; eu barro, eu seguro totalmente a coisa. Esforço. Coisa do corpo; tenso; fechado; concreto.

Compõem a categoria Social as seguintes representações:

Pessoas; quem eu falo; todo mundo; não abrir para todo mundo; algumas pessoas; pessoal; alunos; amigos; público. Aula; classe. Reunião de departamento. Sessão de supervisão. Pós-graduação. Emprego. Ambulatório. Sozinho.

ANÁLISE DAS ARTICULAÇÕES ENTRE AS REPRESENTAÇÕES

Pelas articulações entre as representações deste discurso, Ricardo mostra novas características da estruturação do seu personagem bom falante que evidenciam mudanças na imagem de si.

Ao falar sobre suas descobertas a respeito de permitir-se falar espontaneamente, Ricardo articula a afetividade, a cognição, o motor, o social, e conta sobre a intensidade com que vivenciou a transformação do falante que não sabia viver em silêncio, sentindo-se ameaçado e desprotegido, no falante capaz de conter a fala e silenciar o que, quando e para quem falar, o que o faz se sentir seguro.

É uma coisa que eu estou vendo, é assim o como me deu segurança de eu poder segurar dentro de mim uma coisa. Que eu sentia que se eu falasse ia ficar ameaçado um plano, um desejo meu (...) E nossa, começou a pintar um montão de coisas assim incríveis! Não pensava nisso antes, que um monte de coisas que eu falo sem querer falar muito daquela coisa, assim de não conseguir viver em silêncio, de um momento falar, falar, falar, eu acabo falando coisas que eu não quero falar. Eu acabo quase não sabendo o que é bom guardar e o que é bom falar. Meu emprego deu muito rolo com isso e fica difícil para mim poder discriminar o que eu abro, o que eu falo para as pessoas e para quem eu falo, assim como se eu não tivesse muito a noção do que eu contengo e do que eu falo (...) Mas, assim, isto está sendo muito forte para mim, a coisa de eu poder guardar as coisas, que eu acho que se eu falar eu fico desprotegido, fico ameaçado. De eu poder selecionar o que eu penso, o que eu sinto e não falar as coisas abertamente. Tem coisas de eu poder guardar de todo mundo; tem coisas que eu posso falar só para algumas pessoas. Então isso me deu assim uma experiência que eu estou vivendo (...) muito forte, sabe? de poder guardar algumas coisas minhas, né?, de eu não falar. Tinha muitas sensações que eu tinha, que eu falava no meu emprego, depois ficava alguma coisa estranha dentro de mim, como se não tivesse muito controle, por exemplo essa coisa de conter, né? (...) Então nossa! Isso está muito presente.

Conta também sobre a liberdade de falar sem seguir roteiros, o que o faz sentir-se totalmente modificado.

Uma outra coisa, assim, que eu comecei a dar aula neste semestre e eu estou mais seguro para dar aula, mais seguro da matéria, estou mais seguro quanto à fala e tal. Mas começou a pintar umas coisas muito... uns rolos de questão de didática e tal e na penúltima aula eu fiz uma coisa que geralmente eu não faço. É falar sem pre-

parar, quer dizer assim, até preparar, mas não ficar preocupado tanto em dar aula naquilo que eu preparei, mas ir soltando. Então (...) no mesmo dia eu li um texto e fui para a aula e me dei a liberdade de deixar as coisas aparecerem ali, na hora. Não preparei nada e as coisas foram pintando, pintando... Nossa! Dei uma aula superlegal na segunda, na sexta e no sábado. Mas eu fiquei tão ligado (...) que eu saía da aula e me sentia assim muito bem, muito ligado, com vontade de conversar com todo mundo, totalmente modificado. Eu participei de uma reunião (...) de departamento e fiquei ali falando, super-à vontade, me colocando, sabe? mas uma coisa que me ligou na segunda, e foi terça, quarta, quinta, sexta, sábado.

Conta que se sente seguro e tranqüilo quando fala sem se preparar, e que tudo é muito novo:

Teve um pessoal do ambulatório que foi para Guararema. Foram convidados para fazer uma palestra. Daí eu ia, mas acabei não indo porque não ia dar tempo, mas estava tranqüilo também. Ia sem preparar, porque é uma coisa que eu estou dando em aula (...). Eu ia a fim de não preparar e falar cinco, dez minutos. Eu estava muito seguro. Isso é muito novo para mim.

Compara o passado, quando falar sem seguir roteiros gerava insegurança, com o presente, onde descobre que falar solto, sem seguir programações, é mais rico e mais gostoso:

Nessas aulas eu pensei que a minha cabeça parecia um computador. Parecia que eu não podia falar isso, selecionava, aquilo eu falo depois, isso aqui eu guardo. Nossa! Uma coisa assim incrível. (...) poder fazer a programação, mas na hora ficar solto. Basicamente ficar solto, né? Até usar a programação como ponto de referência, mas ficar solto na hora. E para mim não era ficar assim não. Era ficar na programação (...) como eu ia poder falar sem programação, mas falar solto? Deixa que as idéias venham. Fazer associações, reflexões na hora, né? (...) tinha que usar alguma coisa já pronta. Esse espontâneo, na hora, por exemplo, na aula, de chegar e falar, fazer associações na hora frente ao texto, era uma coisa que me dava segurança. Eu tinha que preparar o texto e falar do texto. Então ficava aquela coisa meio decorada. Se eu sáisse ficava meio insegura. (...) É muito mais rico, é muito mais gostoso (...) poder ler um texto e ir para a aula sem ficar preparando, é muito mais gostoso. Acho que tem dias que vai ser legal fazer todo o fichamento, mas poder ter o texto e falar dele assim mais espontaneamente. Nossa! Supergostoso.

Conta sobre a vivência no curso de pós-graduação, onde se sente diferente a partir de sua produção de fala espontânea:

No pós eu me sinto superdiferente, né? (...) um texto que eu li um pouco, eu coloquei algumas coisas, falei e coloquei importantes e o pessoal tem retomado a minha fala tal. Me sinto mais à vontade de estar falando no pós, né? (...) Eu sinto que eu estou indo para o pós assim, que eu tenho capacidade para falar, que eu falo, tenho condições, que eu me coloco nessa condição mesmo, tenho condições para falar sim, que eu falo, que eu coloco, que eu tenho idéias, que eu tenho boas idéias, que eu posso produzir uma fala espontânea, posso me soltar falando, né?

Fala-nos do sentimento de confiança em relação à fala, da capacidade de ligar diretamente o pensamento com a fala e de sua imagem de falante fluente em público:

É, eu me sinto confiante para falar. Eu sinto que eu estou..., que eu tenho muita coisa para falar. E essa coisa de me sentir que eu posso produzir as coisas, né?, não só para falar o que eu penso, mas produzir; produzir pensamentos; produzir emoções, que é uma coisa que eu sinto possibilidade de fazer escrevendo; escrevendo num papel sozinho, tudo bem, eu sentia um monte de coisas, mas falando não. Pensar falando, pensar e falar ao mesmo tempo, né? (...) Acho que eu me vejo mais a coisa do público, podendo estar mais em público assim, a minha fala, a minha potência estão presentes numa coisa pública. Eu poderia dizer: Uma fala fluente publicamente.

Articulando o cognitivo, o afetivo e o motor, mostra que falar sem preparar é mais fácil:

É isso, de repente foi uma descoberta tão gostosa, pô, então como é mais fácil dar aula assim também, mais gostoso, mais rico, como que eu posso preencher muito mais a aula, gastando menos tempo para preparar. É, muito menos tempo (...) não ficar naquela história de ficar fichando, resumindo.

Mostra também que, ao se permitir ter liberdade para falar espontaneamente sente-se fortalecido:

Por exemplo, tem um texto que eu li, fichei, separei tal e tal, e a aula sai muito chocha. (...) Essa (...) aula que eu li o texto saiu muito melhor, me soltei mais, fiz correlação com outras coisas, né? Então tinha essa coisa de eu poder dar aula, de (...) breicar minha ansiedade, deixa eu falar agora, deixa eu fazer uma dinâmica. Estar

cumprindo tarefa, isso eu acho que me atrapalha. Mas eu tenho sentido isso, que eu estou indo para a aula, e essas três aulas foram assim de eu poder sentar, dar aula, falar, deixar a coisa ir (...). Então está mais ou menos assim, me sentindo bastante fortalecido.

Articulando o afetivo, o social e o motor, mostra as emoções positivas que se articulam com a fala fluente:

Eu sinto que eu estou assim me sentindo muito confiante com relação à fala. Muito confiante mesmo. Nossa! Na semana passada saí para conversar com uns amigos. Do mesmo modo que eu estava fluente na aula, eu estava fluente para conversar com as pessoas, assim superfalando, bem espontâneo, me sentia superfluente com as pessoas, né? Me sinto mais vivo, mais energizado, né?

Articulando o afetivo, o cognitivo, o social e o motor, mostra que a mudança na forma de se comunicar é reconhecida pelos seus alunos, e isso o deixa muito bem:

E no sábado o pessoal falou comigo, os alunos depois da aula: Pô (...) legal. Porque eu só dei aula para eles no primeiro semestre. Agora eu estou dando mais: A sua aula estava superlegal, você está conseguindo passar as coisas com segurança, você está conseguindo controlar a classe. Se a gente está falando, você está conseguindo prender mais a nossa atenção e tal.(...) Isso tem me deixado muito bem, porque eu posso ler um texto, ir para uma aula e pronto.

Analisando o processo de mudança, fala-nos da sua imagem de falante através da articulação do cognitivo e do motor:

Houve uma modificação do lugar que eu estava para o lugar que eu estou. Acho que uma coisa de antes eu me ver como mau falante e ver que não tinha condições de falar, que eu não tinha o que falar, né?, que eu não tinha... Quando eu comecei com você eu tinha muita coisa assim, de além de eu não conseguir falar, eu não tinha nada para falar.

Articulando o afetivo, o cognitivo e o motor, conta que o que move e sustenta a mudança forma-se pela dialética entre a confiança na capacidade de falar, a capacidade de compreender a produção da gagueira e o exercício da atividade da fala:

Acho que a força vem assim da confiança. De eu sentir que eu posso. Acho que todo um entendimento (...). Acho fundamental essa

coisa da gagueira mesmo, do achar que não posso (...) desse entendimento, acho fundamental...porque de repente todo o momento que eu sinto que eu estou gaguejando, que eu estou mais inseguro, eu fico mal. Mas o fato de eu poder ter isso como suporte de entendimento, de saber que eu posso até voltar, mas voltar significa também ir para frente, né? Eu volto, vou para frente. Esse entendimento da dinâmica da gagueira, de fazer força para falar, isso nossa! É fundamental essa compreensão. E depois de poder estar saindo da gagueira e poder estar vendo as coisas amplamente, poder ver os outros determinantes que afetam a minha fala, que são as minhas emoções (...) Acho que é uma coisa cíclica, né?, essa compreensão, esse empenho, que me puxam mais para compreender e que me levam para frente. E levando para frente eu estou falando mais, e falando mais eu fico mais confiante, né?

Eu sinto que essa base mesmo (...) da gagueira, do esforço, tudo isso é uma base fundamental para poder pensar outras coisas, né?, para poder entender a atuação da gagueira, pensar esse jeito. Quer dizer fazer esforço para falar, porque achava que não ia conseguir. Quer dizer ler o que estava acontecendo comigo, né?, entender tal.

É coisa de retroalimentação. (...) Eu sinto que é na atividade mesmo, é falando que eu sinto que fica concreto, que dá, eu posso. Não é pensando. Não é eu pensar vai dar. Não. É uma coisa na prática mesmo.

Me veio uma imagem agora, assim (...) eu barro, eu seguro totalmente a coisa. E é como se fosse um fluxo, não sei. É quando o parar de falar, ou não falar era uma coisa que pronto: estou preso, estou preso, vou ficar, não consigo sair disso, né? Eu sinto como se fosse elástico agora. Uma coisa assim de parou e (...) de não me assustar porque não estou falando.

(...) é uma coisa do corpo, né? (...) perceber que não falar tinha sentido, que não estava dando para falar mesmo, que estava preso, literalmente não estava livre, como se diz (...), eu não podia falar. Por que eu não podia falar? Porque estava fechado. Não era coisa da minha cabeça, porque estava fechado, estava tenso, era concreto.

Articulando o afetivo, o cognitivo, o social e o motor, mostramos que está vivendo um processo de mudança mais geral que não se restringe somente à forma de produção da fala:

Eu senti assim depois e também na hora: Eu quero mais dar um tempo, é tanta coisa nova que está acontecendo na minha vida esse ano e agora, né? Estou sentindo vontade de dar um tempo. Estou pensando em estar elaborando mais devagar. Tem muita coisa no-

va. Desde o dia que eu comecei a dar (...) uma palestra lá em Mogi, eu percebi, nossa! que eu podia falar em público, que o negócio ia fluente, quer dizer, com a minha separação, mudança de casa, tudo, né?

É um monte de coisas que está acontecendo junto, quer dizer, a minha fala, a minha potência de poder falar, me expressar espontaneamente, né? e de repente elaboro (...) estou elaborando uma separação de relacionamento, voltando a morar sozinho, ter o meu espaço e tal.

Ainda na perspectiva de uma mudança mais geral, mostra-nos que descobre e respeita seu desejo de ficar sozinho:

É gostoso assim o fim de semana, saindo, conversando com o pessoal. É muito gostoso. E momentos que eu estou querendo ficar sozinho, também. Eu estou mudando, estou respeitando muito isso.

Não estou a fim de sair hoje, vou ficar em casa, vou ficar sozinho, vou ficar lendo um pouco, tal.

DISCUSSÃO

Passados seis meses da última sessão analisada, vemos que Ricardo estruturou novas mudanças em direção à construção do seu personagem bom falante e que, como na situação terapêutica 3, falou somente a partir do ponto de vista da produção de si como bom falante.

A aceitação do silêncio na situação de comunicação é apresentada em novos desdobramentos, desta vez ligada à diminuição da cobrança, à diminuição da ansiedade de falar. O que faz Ricardo descobrir seu poder de conter à fala e selecionar o que, para quem e quando falar. Isto o faz perceber o sentimento de segurança, em oposição à sensação de falta de proteção e ameaça que experimentava, quando se cobrava falar, não conseguia viver em silêncio e acabava falando o que não desejava. Nessas condições, ficava com a impressão de não ter controle, não ter critério sobre o que devia ou não devia falar. Agora, descobre o prazer de falar espontaneamente sem ficar preso a roteiros prévios, em sala de aula e em público de modo geral. Assim, o que antes gerava insegurança agora o faz sentir-se fortalecido, seguro, confiante e potente, e assim ele se sente totalmente modificado, com vontade de conversar com todo mundo. A sensação de incapacidade para falar com clareza, para dar explicações; a sensação de não ter o que falar, exposta na situação terapêutica 1, dá lugar à sensação de confiança, à sensação de que tem muita coisa para falar; a partir disso Ricardo percebeu seu poder de ligar o pensamento diretamente à fala, de *pensar falando*, como diz ele.

Podemos perceber uma nova concepção de falante determinando o comportamento de Ricardo e ver que novos comportamentos como falante estendem-se a vários setores de sua vida. Além da produção de si como personagem bom falante-professor, que é mostrada nesta situação terapêutica e na situação terapêutica 3, aqui ele nos fala da produção de si como personagem bom falante nas atividades de supervisão e de pós-graduação. Na situação terapêutica anterior, Ricardo mostrou a produção da fala na pós-graduação como favorável à manifestação da gagueira, na medida em que o peso atribuído à fala não lhe permitia aceitar a gagueira, dessa maneira ativando a cobrança para falar bem. Atualmente, mostra que compartilha com os outros a sua capacidade de falar espontaneamente. Ricardo mostra também que o motor ou a sustentação da mudança na sua capacidade de produzir-se como falante é determinado pelo sentimento de confiança na capacidade de falar, somado à capacidade de compreender a dialética subjetividade/objetividade do modo de produção da gagueira e ao exercício da atividade de fala. Nessas condições, a produção da gagueira funciona como mola propulsora da produção de si como bom falante.

Ricardo mostra ainda que o processo de mudança não se restringe apenas ao contexto da produção de si como falante, mas acontece em sua vida de modo geral. Indica que a mudança de ponto de vista alcançada por um personagem (no caso o falante), relaciona-se com os demais personagens que compõem uma identidade. Vemos, desse modo, que o processo de mudança não é sentido pelo sujeito como um movimento isolado, o movimento de uma única faceta da identidade, mas está ligado a mudanças mais amplas na sua vida.

Entendemos que uma nova fase do processo terapêutico se inaugura e que não se trata mais de construir o personagem fluente, mas de fortalecê-lo e estimulá-lo.

Considerando que Ricardo demonstra dominar as variáveis que ativam o processo de mudança, e que é marcado por um significativo aumento de confiança na capacidade de produzir-se como bom falante, decidimos que seria interessante ele ler, em casa, uma das transcrições de sessão elaboradas para a realização desta pesquisa, com o objetivo de aumentar a percepção sobre sua forma de falar e observar alguns vícios articulatórios que marcam sua produção de fala. Dou a ele a transcrição da situação terapêutica 1, e na situação seguinte veremos o produto desta leitura.

Situação terapêutica 5 — 24/04/90

REPRESENTAÇÕES

Compõem a categoria Afetividade, neste discurso, as seguintes representações:

Gaguejando incomodado com a classe; sentindo que as minhas aulas não estavam boas; deixou supermal. Coisa que me assustou; sensação que eu queria falar um monte de coisas; senti que eu queria expressar algumas coisas para você; fico muito puto; pô!: é como se eu não pudesse mostrar; senti uma coisa chata; uma coisa de displicência com relação às palavras; para não enfrentar; passo para outras palavras como se estivesse tudo bem, isso me deixou supermal; fiquei mal pra caramba; não consegui ler a transcrição; foi uma coisa de choque inicial; nossa! que loucura essa dimensão do “né” e do “sabe”; eu não percebia assim nessa dimensão tão grande; medo de transpor essa barreira; de me apresentar de outro jeito; de transpor esse jeito de pular. Não ficou por aí não, senão ia ficar muito ruim; fui lidando com isso; acho o tempo de um mês legal para lidar. Tem coisas de eu me permitir não falar, guardar para mim; não é legal falar; pessoas que não é legal eu me abrir desse jeito. Encarar a palavra com mais seriedade; não posso ficar articulando como bem entendo. Poder me permitir não falar; guardar para mim; tem coisas que eu preciso segurar; tem coisas que é para conter; que não é legal falar; não é legal eu me abrir desse jeito; tenho que tomar cuidado. Vou ter que passar minhas idéias em dez minutos; não vai dar para falar tudo; o encontro fosse para falar tudo independente se pudesse falar aquilo. Me permiti falar mais nesse grupo (família); me permiti falar o que estava pensando e correndo o risco de errar alguma interpretação; me permitir falar um pouco sem grandes expectativas; falar umas bobearias; poder falar de forma mais simples; poder formular perguntas ingênuas; poder falar sem exigir tanto da minha família; assertivo; firme; me surpreendeu estar pensando e colocando de forma bem firme; categórica; é um jeito mais gostoso. É a coisa do meu incômodo; dentro de uma área clínica apresentar umas hesitações na fala; ganha uma repercussão muito grande no meu papel de psicoterapeuta; no papel de psicoterapeuta a dimensão é maior; uma dimensão maior no significado das conseqüências; no papel de aluno tudo bem. Medo desse desafio; medo de de repente me perceber no centro; de repente me perceber como potente; perceber minha potência de fala; como se isso fosse uma batata quente na minhas mãos. Estou gostando do que estou fazendo; um trabalho superconseqüente; super-responsável. Arriscar mais nesse contexto; não me vejo nesse momento acomodado tipo não vou enfrentar; não vou enfrentar a coisa de cara; vou devagar; me vejo com muita disposição para poder estar mudando essa situação; sinto que dá para dar essa mudada. Tranqüilidade para estar lidando com as

minhas tensões; sinto que estou em um momento legal para poder ter contato com as minhas tensões; com minha energia; de poder vivenciar um nível de relaxamento. Super-a fim de estudar; superempolgado; na aula eu estava super bem preparado, muito à vontade para falar. Fica chato, eu cheguei e começo a falar.

Compõem a categoria Cognição as seguintes representações:

Percebendo a dimensão disso; quando eu li isso daqui, que desordem, que desorganização; tantas voltas; tantos rodeios; frases tipo “sabe”; tem coisas que eu não estou explicando; eu não estou terminando a minha frase e fica por aí; vou completar um raciocínio aí não consigo; deixo sem completar; fica em aberto; passo por cima; essas palavras tinham a função de encobrir uma dificuldade de articulação; é tão instantânea a coisa; nas palavras não estava o que eu estava querendo expressar; como se eu julgasse que as pessoas já soubessem o que eu vou falar; eu não tinha consciente isso; o tempo todo uma síntese muito pequena do que eu penso; e uma necessidade de explorar uma idéia de forma mais ampla. E também uma outra coisa que estou vivendo; aprender a conter algumas coisas; parece que isso é importante; parece que facilita; ter coisas que é para conter mesmo; é como se de repente eu passasse por um monte de experiências e não tivesse a possibilidade; como se eu estivesse um momento de fala e tudo, eu tivesse que falar naquele momento; da próxima vez a gente conversa sobre isso; essa dimensão parece que eu não tinha. Esse movimento de interioridade; de olhar para dentro; é uma coisa que faz parte do momento; que são coisas do conter e do pôr para fora; é importante esse tipo de análise que eu acho que estou recuperando; poder entender esse modo; essa coisa dentro de um novo contexto; tem um monte de estímulos; tem um monte de coisas à minha volta; numa outra atitude; acho que as possibilidades são grandes; não acho que vai ser essa mudada que muda tudo; muda uma coisa de eu poder usar mais essa força para mim. Tem uma coisa do clínico; tem uma imagem diferente; a coisa do pessoal da clínica estar com o ouvido pronto para um tipo de discurso; minha fala é ouvida de outro jeito; o clínico da coisa. Me colocar como aluno numa outra atitude; acho que essa mudada não muda tudo, mas muda uma coisa de poder usar essa força mais para mim; estou vendo a abertura; ler melhor o texto; ir para a aula com uma leitura mais aprofundada; levantar questões para mim; escrever minhas dúvidas; não deixar para a hora; estar mais preparado; lembro eu preparava muito; ia para a aula muito bem preparado; lia e assinalava o texto; eu faço isso muito pouco como se fosse uma justifica-

tiva; pode estar na aula com o caderno aberto, preparando escrevendo; isso vai me ajudar muito; lia e assinalava o texto. Para o meu referencial estava (falando demais); deixa eu dar um tempo; terminologia eu tinha estudado sério.

Compõem a categoria Nível Motor as seguintes representações:

Gagueira; estava supergago; gaguejando bastante; sentindo aquela coisa apertada no peito; a voz não saía; vinha/estava o “né”; vinha/estava o “sabe”; substituo pelo “né” pelo “sabe”; pulo para o “sabe” e passo para outras palavras; não consigo articular; eu gaguejo; eu vacilo; apresentar umas hesitações; não gaguejei uma vez durante uns quinze minutos de leitura; a voz sai fluente eu não gaguejo. Falar, não falar; encontro dificuldade; eu ia falar não conseguia falar; passo para outras palavras; embolava muita coisa; não estou terminando a frase; vou falar passo por cima; não consigo articular, pulo para o “sabe” e passo para outras palavras; sinto que não vou conseguir falar; minha fala fica abafada; quando eu me sinto mais tenso eu tenho uma fala abafada; tenho um tipo de pergunta sintética; coisa de entrar e sair; esse jeito de pular; senti que precisava fazer uma articulação mais alta da minha fala; articular de uma forma mais precisa; articular mais claramente o que estou falando; articular mais firme a palavra; colocar uma força na palavra no sentido de uma coisa mais firme; a fala quando é dita tem que ter força para sair senão não sai uma coisa tão vibrante; falando mais forte mais preciso; enfatizando mesmo a articulação fica uma coisa que não há tantas pausas interrupções; parece que há uma fluência; se eu falar mais claro e firme sai; estava superfluente; me apóio na força; na respiração; na língua; na articulação; no ato da fala; percebi minha voz e minha fala; dá para falar se eu colocar firme a voz; impor minha voz com mais firmeza; colocar minha voz mais firme; se colocasse isso minha voz saía; faltava para mim falar de forma mais alta e firme que daí a voz saía sem problemas; é um jeito que a voz sai; será que minha entoação será que minha voz não é mais alta mesmo; fazia questão do esforço para segurar a fala; eu poderia usar o esforço para falar; é usar a força para falar e não para segurar; ler; tenho lido em voz alta; estou lendo para fazer uma pronúncia mais correta mais clara; tem um ponto de apoio que aí dá; superfluente; falando mais; potência de fala; falava e parava de falar; falando demais; monte de coisas para falar; cheguei e já começo a falar. Tensões.

Compõem a categoria Social as seguintes representações:

Aula; classe; pós-graduação; curso. Pessoas; pessoal; grupo; outros; encontro. Clínica; clínicos; pacientes individuais; uma família.

ANÁLISE DAS ARTICULAÇÕES ENTRE AS REPRESENTAÇÕES

Pelas articulações entre as representações deste discurso Ricardo retoma sua relação com a gagueira e a capacidade de ver criticamente este modo de produção de si.

Articulando o afetivo, o cognitivo e o motor, mostra que ao ler a transcrição de sua fala percebeu que a sensação de não conseguir dar explicações claras se materializava na utilização de dois truques colocados no lugar das frases que gostaria de ter falado; ao usá-los, agia como se o interlocutor pudesse pressupor o discurso não pronunciado. Isto gerou-lhe mal-estar.

Aí quando eu li isso daqui, que desordem, que desorganização. Uma coisa que me assustou, essa coisa de tantas voltas, tantos rodeios, sensação assim que eu queria falar um monte de coisas, mas aí não estava o que eu queria falar, estava o “né”, estava o “sabe” mas não a frase. (...) frase do tipo “sabe”, sabe nada! Quer dizer, tem coisa que eu não estou explicando, eu não estou terminando a minha frase e fica por aí. Eu senti uma coisa chata, uma coisa de displicência com relação às palavras. De repente eu vou completar um raciocínio aí não consigo e deixo sem completar. Parece que fica em aberto, ou seja, para não enfrentar, eu vou falar, encontro dificuldade e substituo essa dificuldade pelo “né”, pelo “sabe” por um monte de coisas e passo por cima (...) quanto essas palavras tinham a função de encobrir uma dificuldade de articulação. Aquele momento eu estou com uma dificuldade, aí vem. Mas é tão instantânea a coisa quer dizer, como se eu vou falar, aí não consigo articular, aí pulo para o “sabe” e passo para outras palavras como se estivesse tudo bem. Isso me deixou supermal, assim fiquei mal pra caramba, aí até eu não consegui ler a transcrição onde via isso acontecer (...) mas assim me assustou (...). Eu senti que eu queria expressar algumas coisas para você, mas que nas palavras não estava aquilo que eu estava querendo expressar (...). Eu senti isso dando aula; com outras pessoas. Isso como se as pessoas já soubessem o que eu vou falar, eu não tinha consciente, isso, como se eu julgasse que as pessoas já soubessem o que eu vou falar.

(...) foi uma coisa de choque inicial. Nossa! que loucura essa dimensão (...) do “né”, do “sabe”, mas não ficou uma dimensão muito grande. (...). Mas ficava uma coisa que eu não percebia assim nessa dimensão tão grande.

Articulando o afetivo, o social e o motor, fala da percepção do uso dos dois truques, o que também o deixa mal:

(...) eu estava supergago, eu estava gaguejando bastante assim, sentindo aquela coisa apertada no peito, gaguejando, incomodado

com a classe, sentindo que as minhas aulas não eram boas. (...) eu ia falar, não conseguia falar, a voz não saía e vinha o “né” e vinha o “sabe” e isso me deixou supermal (...).

Apoiando-se na consciência corporal e no sentimento de firmeza, fala-nos da produção de si com bom falante.

Articulando o afetivo e o motor, organiza a forma de produzir-se como bom falante e considera que deve usar sua força para falar e não para segurar a fala. Isso também mostra sua consciência crítica sobre o aspecto motor da produção da gagueira:

Mas aí não ficou por aí não; senão ia ficar muito ruim. Aí fui lidando com isso. Acho que o tempo de um mês (refere-se ao intervalo entre uma sessão e outra) é legal para lidar. E depois de um tempo (...), eu comecei a sentir o seguinte, Silvia, que era necessário para mim falar. (...) Senti que eu precisava fazer uma articulação mais alta da minha fala (falar com mais intensidade) e articular de forma mais precisa. Precisa assim no sentido de articular mais claramente o que estou falando, impor a minha voz com mais firmeza. Eu sentia que era uma coisa de colocar a minha voz com mais firmeza (...). Então eu senti assim, se eu colocasse isso, a minha voz sai. Então eu senti assim em aula, ou na fala. Comecei a sentir isso: o que faltava para mim era falar de forma alta e firme que daí a voz saía e não ia ter problema. Aí eu senti uma coisa tipo assim, o como eu fazia muito à questão do esforço para segurar a fala e como eu poderia usar o esforço para falar. (...) ficou muito claro isso: como que é usar força para falar e não para segurar.

Articulando o social e o motor, mostra que a partir do que organizou para a produção de si como bom falante, produz fala fluente:

Eu estava lendo com o pessoal (de um grupo de estudos), comecei a ler, ler, ler, não gaguejei uma vez durante uns quinze minutos de leitura e, bem, nessa perspectiva (...) colocar uma força na palavra no sentido de uma coisa mais firme. Articular com mais firmeza a palavra.

Eu sinto que falando mais forte, preciso (...), enfatizando mesmo a articulação, fica uma coisa assim que não há tantas pausas no sentido das interrupções. Parece que há uma fluência.

Articulando o afetivo, o motor e o social, mostra sua surpresa com relação à produção do personagem bom falante clínico. Ele se permite falar o que pensa sem cobrança, expectativa ou exigência e se apresenta superfluyente e firme:

Mas a fala, quando é dita, tem que ter força para sair, senão não sai uma coisa tão vibrante. Eu tive um grupo ontem (...) uma família (...), atendo a família e ontem eu me permiti estar falando mais nesse grupo. E eu sinto assim completamente... a minha fala fica abafada e eu sinto que não vou conseguir falar. E ontem eu me permiti falar o que eu estava pensando e correndo o risco de errar algumas coisas, alguma interpretação. De repente eu estava super-fluente que nem agora, assertivo, firme. Sabe? me surpreendeu assim (...) estar pensando, estar colocando em forma bem firme, bem categórica as coisas que estava pensando. (...) me permitir falar um pouco sem grandes expectativas, falar umas bobearias, poder falar de forma mais simples sim, poder formular perguntas ingênuas, poder falar sem exigir tanto da minha fala.

Articulando o afetivo e o motor, refere-se a dois pólos na produção de si como falante: o da manifestação da gagueira e o da manifestação da fala fluente, ligados à consciência corporal e ao sentimento de firmeza na fala:

Me apóio na respiração, me apóio na força, na língua, na articulação, no ato de fala.

E essa coisa assim, eu tenho lido coisas em voz alta, eu sinto que eu estou lendo, eu gaguejo, eu vacilo, mas quando eu coloco uma firmeza na minha fala, acho que é encarar a palavra com mais seriedade; estou lendo, não posso ficar articulando como bem entendo articular, mas fazer a pronúncia mais correta, mais clara, aí parece que tem um ponto de apoio que dá e a voz sai fluente e eu não gaguejo. Então tem esses dois pólos.

Articulando o cognitivo, o afetivo, o social e o motor, fala da importância de poder conter a fala, ligada à diminuição da cobrança, para a produção do bom falante. Analisa o efeito da cobrança na produção do mau falante:

E também uma outra coisa que eu estou vivendo (...) isso é uma coisa de um tempo assim de eu poder não falar coisas. Tem coisas de eu me permitir não falar, guardar para mim, aprender a conter algumas coisas. Parece que isso é importante, parece que facilita essa coisa de ter coisas que é para conter mesmo. Tem coisas que eu preciso segurar, que não é legal falar, que tem pessoas que não é legal eu me abrir desse jeito, que tenho que tomar cuidado. Tem pessoas que não vou (...) falar. Tem coisas que é para conter sim.

E como se de repente eu passasse por um monte de experiências e não tivesse a possibilidade... isso eu vou falar agora e isso aqui não

é para falar agora. Não poder encadear as coisas, como se eu tivesse um momento de fala e tudo eu tivesse naquele momento. Como se eu não pudesse... eu vou ter que passar minhas idéias em dez minutos, não vai dar para falar tudo, então da próxima vez a gente conversa sobre isso. Essa dimensão parece que eu não tinha. O encontro que eu tivesse com pessoas fosse para (...) falar tudo (...) independente se eu pudesse falar aquilo. Embolava muita coisa.

Falando da dificuldade na produção de si como falante, Ricardo articula o cognitivo, o afetivo, o social e o motor, e conta sobre o seu medo de transpor o limite entre o bom e o mau falante, apesar de saber que tem capacidade para fazê-lo. Ressalta a importância de compreender o modo de produção da gagueira:

Eu sinto assim, isso eu estou pensando agora: Será que naturalmente a minha voz não é mais alta do que normalmente falo? Não sei como fica isso né? Será que minha entoação, será que minha voz não é mais alta mesmo? Bem, não sei, mas eu sinto assim que é um jeito mais gostoso. É um jeito que a voz sai. Mas ao mesmo tempo eu sinto que na aula (na pós-graduação) (...) eu tenho um tipo de pergunta sintética, assim uma coisa de entrar e sair que fica mais difícil colocar um pensamento. Estou pensando isso... como que fica isso? Eu fico muito puto, porque eu falo: pô é como se eu não pudesse mostrar para a classe, para os outros e o tempo todo uma síntese muito pequena do que eu penso. É uma necessidade de poder explorar uma idéia de forma mais ampla. Então eu senti assim se eu falar mais claro e firme, sai. Mas aí vinha o medo de transpor essa barreira, de transpor esse jeito de pular. Não sei se me apresentar de outro jeito, né?, mas era uma coisa que eu sentia, dá para falar, se eu colocar firme a voz sai, mas ao mesmo tempo uma coisa que... com medo desse desafio. Não sei se é desafio, mas...

Acho que é importante esse tipo de análise que eu acho que estou recuperando de novo, né?, de poder entender esse modo, essa coisa dentro de um novo contexto mesmo, né, tem um monte de estímulos, tem um monte de coisas à minha volta, né.

Fala também do medo de perceber sua capacidade de produzir-se como bom falante, que lhe parece como uma “batata quente” nas mãos:

Eu estou fazendo um curso na clínica. Eu acho que tem uma coisa do clínico (...), tem uma imagem diferente, a coisa do pessoal da clínica estar com o ouvido pronto para um tipo de discurso, né?, de repente minha fala é ouvida de um outro jeito: o clínico da coisa,

né. Não sei se é por aí. É a coisa do meu incômodo mesmo. Eu estou trabalhando bem pra caramba em psicoterapia, eu estou gostando do que estou fazendo, um trabalho superconsequente, superresponsável. Mas essa coisa, né? de dentro de uma área clínica apresentar umas hesitações de fala, ganha uma repercussão muito grande no meu papel de psicoterapeuta. De professor sim, mas menos, no papel de psicoterapeuta a dimensão é maior. No papel de aluno, tudo bem, mas no papel de psicoterapeuta foi uma coisa, uma dimensão maior no significado das conseqüências, inclusive o significado disso.

Eu acho que se configura assim uma coisa que eu tenho sentido de um medo de de repente me perceber no centro, de repente me perceber como potente, perceber minha potência de fala, a articulação de minhas idéias, como se isso fosse uma batata quente em minhas mãos.

Considerando suas condições para a mudança, articula o afetivo e o cognitivo, e fala de sua disposição para mudar e da crença na sua capacidade de fazê-lo.

Acho que está na hora de arriscar mais neste contexto. (...) eu acho que me colocar de um outro jeito, né? numa outra atitude. Eu acho que as possibilidades são grandes. Eu não me vejo nesse momento acomodado tipo não vou enfrentar. Eu sinto que não vou enfrentar assim de cara, certo. Vou devagar. Mas me vejo com muita disposição para poder estar mudando essa situação. Falta pouco, sinto que dá para dar essa mudada. Não acho também que vai ser essa mudada que muda tudo, mas sim que muda uma coisa (...) de eu poder usar mais força para mim.

Articulando o cognitivo, o afetivo e o motor, fala da importância de lidar com as tensões e olhar para dentro de si:

(...) a nível assim de uma tranqüilidade de lidar com minhas tensões, eu sinto assim que estou em um momento legal para poder (...) ter contato mais com minhas tensões, com minha energia, de poder vivenciar um nível de relaxamento (...) eu acho que isso vai ajudar pra caramba (...). Eu sinto que esse movimento de interioridade, de olhar para dentro, eu sinto que é uma coisa que faz parte do momento, que são coisas do conter e do pôr para fora ao mesmo tempo.

Articulando o cognitivo e o motor, fala da necessidade de aprofundar-se mais nos textos a serem trabalhados nas aulas de pós-graduação, para poder apresentar-se como bom falante:

É, eu sinto que precisa algumas coisas para (...) completar isso. Primeiro ler melhor o texto e ir para a aula (que é freqüentada por

um grupo de clínicos e ministrada por um psicoterapeuta) *com uma leitura mais aprofundada do texto. Levantar questões para mim, levantar dúvidas, (...) escrever as minhas dúvidas. Eu acho que isso vai me ajudar bastante. (...) não deixar para a hora, (...) fazer uma leitura rápida e na hora ficar pensando e colocando. Estar preparando mais para isso (...) que eu acho que pode estar na aula com o caderno aberto, preparando, escrevendo. Eu estou vendo a abertura. Eu faço isso muito pouco, como se fosse uma justificativa: Ah, então eu não vou falar.*

Articulando o cognitivo, o afetivo, o social e o motor, conta que quando se aprofundou nos estudos obteve bom resultado na produção de si como bom falante:

Lembro do curso X. Eu estava superempolgado. (...) eu estava super-a fim de estudar. Eu preparava muito, eu ia para a aula muito bem preparado. Era coisas que eu já tinha visto em outros lugares, mas sentia que nas aulas eu estava super bem-preparado. Eu lia o texto, assinalava e tal. Eu ficava muito à vontade para falar. Tinha aula que eu falava e parava de falar porque: Não, deixa eu parar porque eu estou falando demais. Não sei muito, mas para o meu referencial eu estava, né? Deixa eu dar um tempo também, né? Teve uma aula que tinha um grupo falando sobre terminologia. Eu cheguei atrasado e terminologia eu tinha estudado sério e tinha um monte de coisas para falar. Fica chato, eu cheguei e já começo a falar. Deixa eu dar um tempo, né?

DISCUSSÃO

Através das articulações entre as representações deste discurso Ricardo apresenta mais detalhes a respeito das mudanças apontadas na situação terapêutica anterior e retoma sua relação com a produção da gagueira.

O contato de Ricardo com a transcrição de sua fala produzida três anos atrás, provocou um confronto com a produção de si como mau falante e levou-o à consciência crítica da produção de dois truques. Através deles, percebeu concretamente o que estava por trás da sua sensação de não conseguir dar explicações claras e também a persistência do uso dos truques em situações como na sala de aula. Mostrou com isso que, se a produção de si como bom falante tem-se expandido nas diversas atividades que compõem o seu dia-a-dia, a produção da gagueira não desapareceu. Isto fica claro também, quando Ricardo se refere aos dois pólos na forma de produzir-se como falante; quando fala do medo de transpor o limite entre o bom e o mau falantes e de sentir sua potência para produzir-se como bom falante em certas ocasiões.

A partir do contexto em que os medos acima referidos aparecem, vemos que a capacidade de produção de falante de Ricardo varia de acordo com os valores ou conteúdos afetivos que compõem as representações de si, dos outros e das situações de comunicação que determinam a pressuposição de valores que os outros atribuirão a sua fala. São eles que ativam a cobrança/exigência/expectativa sobre sua fala e se articulam com a antiga coerência social de produção de si como falante, a ponto de a capacidade de produzir-se como bom falante, poder ser sentida como uma *batata quente* em suas mãos. Nessas condições, a aceitação da gagueira, entendida como postura fundamental na desativação da cobrança para falar, choca-se contra essa coerência social. Vemos assim a dificuldade em abandonar a velha coerência de produzir-se no personagem mau falante, em situações que envolvem muita cobrança.

A importância do grau de ativação do sentimento de cobrança para a capacidade de produzir-se como falante evidencia-se também quando Ricardo mostra que a ausência de cobrança está ligada tanto à capacidade de conter e selecionar a fala, que o levam a uma percepção mais adequada do uso do tempo para falar, quanto à capacidade de falar espontaneamente, o que significa poder falar o que está pensando sem exigências ou expectativas, produzindo-se com assertividade e firmeza. Vemos assim que a ausência de cobrança para falar cria um equilíbrio entre a fala e o silêncio. Vemos também que Ricardo tem consciência crítica da relação entre a cobrança para falar e a capacidade de produzir-se como bom e mau falantes nos seus diversos personagens. Vemos ainda quanto a produção do personagem bom falante é novidade na vida de Ricardo, principalmente em situações de maior cobrança, quando ele se refere a sua surpresa com sua produção de fala na atividade clínica que desempenha.

Com relação à produção da gagueira, percebemos que ela não é mais a forma preponderante na produção da fala de Ricardo, uma vez que, confirmando o que vimos na situação terapêutica anterior, ela funciona como mola propulsora da produção do bom falante. Desse modo, Ricardo mostra que toma as rédeas de sua capacidade de produção de fala fluente, organizando a maneira de produzir-se como bom falante apoiada na consciência corporal e no sentimento de firmeza. Fala ainda da sua disposição para mudar e da confiança na capacidade de fazê-lo, considerando que as possibilidades são grandes e que não se acomodam, mas está disposto a enfrentar as situações e lidar com suas tensões nos planos da objetividade e da subjetividade. Remete-nos, assim, aos elementos que movem e sustentam a mudança, apontados por ele próprio na situação terapêutica anterior. Mostra-se também como alguém capaz de lidar bem com as produções de si como bom e mau falante, pela tendência a utilizar a per-

cepção da produção de si como mau falante para produzir-se como bom falante, com o que estimula e mantém esse personagem. Situando-se na perspectiva de bom falante, ocupa-se com o bem falar não mais como uma questão de ter ou não gagueira, mas de estar preparado com relação ao conteúdo do que deve ser falado.

Situação terapêutica 6 — 08/04/91

REPRESENTAÇÕES

Compõem a categoria Afetividade, neste discurso, as seguintes representações:

Meio no corre-corre; naquela expectativa; sensação que é super-gostoso me coloquei; coloquei numa boa; me coloquei tudo bem; supertranquilo. Recebi um *feed-back* superlegal que ao mesmo tempo mexeu comigo; um puta *feed-back*; pô legal!; nossa! porque você deu uma mudada da água para o vinho; a tua fala que legal; acho que é coisa que está mexendo com você; meus parabéns; será que você está mais tranquilo?; você está mais tranquilo diante da pós?; eu também estou mais tranquilo. Mas eu fiquei meio assim naquela como se a fala da Z fosse me pegar assim de um lado; e agora não vou mais...; não ficou uma coisa forte, uma fantasia meio sem sentido. Fui bem no curso. Ficou incômodo não estar mais fluente. Eu estou legal; não implico com isso (*gagueira*); não significa que vou gaguejar na frase seguinte; gaguejo tudo bem; gaguejo e pronto; não é uma coisa que me paralisa; em nenhum momento eu sinto que passa: a coisa vai voltar de novo; em nenhum momento fica aquela coisa assim: eu vacilei será que na próxima eu vou vacilar? será que vai voltar de novo aquela aflição?; são momentos que não desencadeiam uma coisa ansiosa em mim. Eu sinto que é uma coisa que me inquieta um pouco; ao mesmo tempo que eu sinto que é tranquilo; nossa, eu gaguejo desde os seis, sete anos de idade!; sem perceber uma expectativa de só falar fluente; ao mesmo tempo eu sinto que não. O que ela não quer estar mostrando; que esconde; que eu sinto que é uma coisa muito forte dentro de mim; uma coisa que eu não conseguia me segurar para ir. Me sentindo; sentindo minhas emoções; sinto que me coloco mais por dentro; mais solto diante das coisas; mais à vontade; hoje dou muito mais importância às minhas emoções; eu sempre fui uma pessoa muito emotiva; muito sensível; é como se eu não pudesse estar vivendo as minhas emoções. A sensação que estava com o olho fechado; não estava enxergando muito bem o que estava acontecendo na minha volta. É um barato; a gagueira de um sofrimento; de uma coisa totalmente fechada; fechando tudo. Eu acho

bom também poder mexer com uma coisa que há um tempo atrás era muito dolorido; poder lembrar como eu lidava com a coisa. Vou ficar: mas devia ter falado; sinto que eu fico meio brigando comigo; não é brigando; tentando recuperar algumas coisas; não tem nada tipo não vou conseguir; me preocupo tipo acho que força do hábito. Aí leio com prazer; então está sendo uma loucura; estou fazendo umas relações super; isso me dá uma segurança para poder voar; para me soltar; nossa! cai superbem; é uma tranquilidade chegar e... Sinto que é gostoso quando eu volto a atenção para a fala; é uma coisa gostosa. Ele olhou para mim e riu; eu ri também; não foi uma coisa pesada sabe; uma coisa... nossa! A questão da psicologia sempre foi muito forte; quando a coisa fosse clínica eu me sentia muito incomodado em estar diante; em clínica era o momento que eu me colocava mais na gagueira; como se fosse denunciar uma coisa muito flagrante que me impossibilitava de trabalhar como psicoterapeuta; aquela coisa bem assim: nossa, o cara está gaguejando!; não tem condições de trabalhar como psicoterapeuta. Eu tenho condições de olhar depois de um vacilo.

Compõem a categoria Cognição as seguintes representações:

Perguntou se eu estava lidando com a voz; se eu estava fazendo tratamento; fazia há muito tempo com você; você está completamente outro; houve uma mudada grande em você; eu acho que é principalmente uma mudada dentro de mim. Eu acho que estou mais atento; que é que está acontecendo?; o que está errado com meu corpo?; o que está acontecendo comigo? por que é que eu estou gaguejando nesta situação? Eu fico pensando uma coisa, tenho quase trinta anos, quase 25 anos de fala tensa. São algumas fases; o estilo de cada um; como de repente esse padrão de fluência é passar por cima da própria forma de se colocar no mundo. Há um tempo atrás tinha um movimento de ficar pensando, pensando, pensando; pensar, pensar; como se eu tentasse resolver as coisas pelo pensamento; não é só meu pensamento que vai conseguindo as coisas; o pensamento é importante mas não; tem meu pensamento; meu momento; tem a própria vida e um monte de coisas; as coisas têm seu momento não adianta estar apressando. Parece que era uma coisa que antes estava muito fora do meu universo. Passar a ser uma possibilidade de entender mais as coisas (a gagueira, cada vacilo); uma dica de que alguma coisa está acontecendo. Me vem uma idéia muito clara na cabeça; pinta idéia clara; sinto que é hora para falar; não sei por que essa idéia passa; daí já não é momento; já fechou a idéia; já está num outro assunto; acho que é mais uma coisa por falta de hábitc. Estou pre-

parando aula; terça-feira de manhã eu vou preparar aula; tempo para preparar a aula; já planejei aula; eu sei que a coisa mais organizada que eu tenho; eu tenho a coisa já mais bem estruturada; no ano passado eu sentia que improvisava muito; esse ano parece que eu improviso; a leitura minha está feita; estou dando aula de psicopatologia à noite e social de manhã; tudo que vejo na social dá para ver quase da mesma maneira na psicopatologia; pensando coisas que nem sei de onde estou tirando; que encaixa. Volto a atenção para a fala; volto a perceber como estou falando; perceber que é uma coisa que nesse momento parece que me apóio mais; dá para estar prestando atenção na articulação; vai ter uma seqüência; vai continuar. Questão da imagem.

Compõem a categoria Nível Motor as seguintes representações:

Falar; difícil para falar; dificuldade para falar; não estar falando mais fluente; incomodado para falar; ruim para falar; fala tensa; tentando algum movimento para que a fala saísse, vou falar só fluente; vou falar; vai sair; me pego falando; falar normalmente de uma forma firme; clara; atenção na forma como estou falando; dá para estar prestando atenção na articulação da fala; parece que é um apoio; parece que dá para dominar a voz; dá para brincar mais com ela; presa a minha voz; minha voz sai fluente; se eu engolir agora; nas próximas palavras vou engolir também; retomar aula; dando aula; me coloquei; coloquei um pouco a minha história; não me coloco; me colocando mais nas discussões; discutir; ler histórias; após um vacilo; sai sem vacilo; se eu vacilei; vou vacilar; cada vacilo; um vacilo; hesitação; dizer. Gaguejar; gaguejo desde os seis, sete anos, estou gaguejando; continuo gaguejando; gaguejo é pouco; eu gaguejo e pronto; é uma coisa que passa em seguida, no momento seguinte não estou; coisa da tensão no meu corpo.

Compõem a categoria Social as seguintes representações:

Aula; classe; curso; fazer seminário; pós-graduação. Situações; ocasiões. Casa de uns amigos. Apresentar-se. Pessoas; pessoal; professora; ela; alguém; a gente; eles; todo mundo; grupo; paciente; ele; amigo. Consultório; clínica. Telefone.

ANÁLISE DAS ARTICULAÇÕES ENTRE AS REPRESENTAÇÕES

Através da articulação entre as representações deste discurso, Ricardo, ao situar-se na perspectiva do *bom falante*, mostra que a gagueira não desapareceu, mas também não ativou a produção subjetiva de um pressuposto mau falar.

Articulando o motor e o social, reafirma a manifestação da gagueira como momento da fala e como propulsora da produção de si como bom falante:

(...) em muitas situações eu estou gaguejando. Nas situações que eu gaguejo, né, é pouco, mas eu fico meio..., tem hora que eu fico meio... a situação que dá é a seguinte: eu gaguejo, mas é uma coisa que passa em seguida. Eu não implico com isso, tipo assim eu gaguejei, agora isso não significa que eu vou gaguejar na frase seguinte. Até eu estava na casa de uns amigos meus (...) e fui falar e estava difícil para falar, estava presa a minha voz, né? Aí ficou incômodo eu não estar falando mais fluente. Aí a gente estava comentando sobre uma piada no gibi e aí peguei o gibi e comecei a ler a história para eles, né? Tipo assim: passei de uma dificuldade para falar o nome do filme e comecei a ler várias historinhas.

Articulando o afetivo, o cognitivo e o motor, reafirma a manifestação da gagueira como momento de fala que é tranqüilo e ao mesmo tempo inquietante:

E ao mesmo tempo que fica uma tensão como agora e fica ruim para falar, né? eu sinto que são momentos que não desencadeiam uma coisa ansiosa em mim, tipo se eu engolir agora, nas próximas palavras eu vou engolir também. Não. Eu sinto que é uma coisa que me inquieta um pouco. Eu sinto que ao mesmo tempo que eu sinto que é tranqüilo, me inquieta um pouco, como se... . Porque eu fico pensando uma coisa (...), olha: Nossa, eu gaguejo desde os seis, sete anos de idade! Tenho quase trinta anos, quase 25 anos de fala tensa tal. Não sei se talvez eu tenha (...), sem perceber, uma expectativa de fala só fluente, né? agora eu vou falar só fluente, porque ao mesmo tempo eu sinto que não. Eu sinto que por exemplo eu gaguejo, tudo bem, no momento seguinte eu não estou. Não é uma coisa que me paralisa.

Reafirma a manifestação da gagueira como momento da fala e considera que isso implica uma mudança na concepção da fluência que envolve a aceitação da sua singularidade como falante:

Eu sinto assim, aquilo que eu estava falando no começo para você, eu continuo gaguejando, só que são momentos, são algumas frases, algumas ocasiões e minha voz sai fluente. Após um vacilo ela sai sem vacilo. Em nenhum momento fica aquela coisa assim: se eu vacilei, será que na próxima eu vou vacilar, será que vai voltar de novo aquela aflição? Não. (...) ficou uma coisa muito forte o estilo

de cada um, né. Como de repente esse padrão de fluência é passar por cima da própria forma de se colocar no mundo, né?

Conta que a manifestação da gagueira, às vezes leva-o a observar seu estado corporal para entender o modo de sua produção, e outras, leva-o a aceitá-la, simplesmente, mas nunca a pensar que o sofrimento vai voltar:

(...). Então eu estou legal, sinto que o que fica mesmo, eu acho que eu estou mais atento. (...) Por exemplo, se eu gaguejo é uma coisa da minha tensão no meu corpo, (...) o que é que está acontecendo? Está apertado na garganta? Está incomodando para falar? Estou assim. O que está errado com meu corpo? O que é que está acontecendo comigo? Por que é que estou gaguejando nesta situação, né? Algumas vezes. Outras vezes estou gaguejando, gaguejo e pronto. Mas em nenhum momento eu sinto que passa: A coisa vai voltar de novo! Não, em nenhum momento mesmo.

Articulando o cognitivo, o afetivo, o social e o motor, considera que a capacidade de produzir-se como bom falante a partir da manifestação da gagueira, está relacionada à mudança no seu modo de considerar a imagem de falante que está passando:

É, mas eu acho que sempre fiquei com a questão da imagem. A imagem que é passada. Por exemplo hoje (...) eu acho que da mesma forma que eu olhei o pessoal que me olhava durante o telefonema (contou, em sessão não gravada, que quando falava ao telefone, na secretaria da sala dos professores da universidade onde trabalha, estava consciente de que gaguejava um pouco e sentiu que pessoas o olhavam. Olhou para trás e percebeu dois colegas observando-o. Olhou-os também e continuou sua conversa telefônica mas alterou seu padrão de fala, tornando-o completamente fluente), eu tenho condições de olhar depois de um vacilo, de uma gagueira, hesitação, e falar normalmente de uma forma firme, clara, e me colocar.

Situando-se ainda na perspectiva do *bom falante*, articula o cognitivo, o afetivo, o social e o motor, e mostra que o fato de a professora da pós-graduação reconhecer uma mudança na sua forma de falar, tendeu a ativar a produção da gagueira, mas acabou sendo vista como fantasia sem sentido:

É, eu acho que estou meio no corre-corre. Estou meio naquela expectativa de começo de aula. Naquela expectativa de (...) retomar aula, me colocar na classe, falar, supertranquilo. Aquela sensação que é supergostoso: Me coloquei. Aí recebi um feed-back superle-

gal, mas que ao mesmo tempo mexeu comigo. Foi o seguinte, eu estou fazendo um curso com a Z. (...) O primeiro curso que eu fiz foi com a Z e eu fiz um seminário (...) sozinho, né. Fui bem no curso e agora estou voltando a fazer curso com ela. Aí eu cheguei meio atrasado na aula, me coloquei, falei (...) coloquei um pouco minha história e assim, coloquei numa boa. (...) Me coloquei e tal. Tudo bem. Aí ficou assim e a Z voltou a falar do curso, explicou tal e tal. Aí chegou no final (...), ela deu o programa do curso e falou: Agora vamos lá embaixo para a gente pegar as apostilas. Aí descemos e tal. Quando eu estava vendo as apostilas (...) ela me chamou num canto e falou: Ricardo posso te falar uma coisa? Aí perguntou se eu ainda estava lidando com a voz, se eu estava fazendo algum tratamento. Falei que sim. Que eu fazia há muito tempo com você (...). Aí ela falou: Nossa! Porque você deu uma mudada da água para o vinho, você está completamente outro, a tua fala está perfeita, perfeita! Aí eu falei: Ah, é? Ela falou: Nossa Ricardo, você está completamente outro! A tua fala, que legal, meus parabéns! Ela falou assim: Acho que é uma coisa que está mexendo bastante com você, meus parabéns! Ficou assim. Mas ao mesmo tempo que eu falei: Pô, que legal! Um puta feed-back de alguém que me conheceu no começo do curso, até ela falou: Será que é alguma coisa que você está mais tranqüilo? Quer dizer, houve uma mudança grande em você, ou você está mais tranqüilo diante do pós? Eu falei: É acho que eu também estou mais tranqüilo, já estou quase no final dos créditos, mas eu acho que é principalmente uma mudança dentro de mim. Mas eu fiquei meio assim naquela, como se a fala da Z fosse me pegar assim de um lado. Assim: E agora, né? Não vou poder mais... Tá certo? Não ficou uma coisa forte mas ficou uma coisa assim de que..., uma fantasia meio sem sentido, né. Uma coisa por aí.

Mostra que, embora não sinta nenhum problema para falar, a falta de hábito em tomar a palavra quando deseja o faz perder o momento oportuno de fazê-lo:

(...) tem momentos por exemplo que a gente está discutindo em aulas e as pessoas falam algumas coisas e me vem uma idéia muito clara na (...) cabeça e eu não falo naquele momento. Eu sinto que é hora para falar, não tem problema nenhum, vou falar, vai sair, mas sinto que, não sei por que essa idéia passa. E aí, depois de alguns momentos (...) vou ficar: Mas devia ter falado! Mas daí já não é momento. Todo mundo já fechou a idéia. Já está num outro assunto, né? Eu sinto que eu fico meio brigando comigo. Não é brigando, mas (...) tentando recuperar alguma coisa. (...) acho que é mais

uma coisa (...) por falta de hábito mesmo de estar me colocando mais nas discussões em grupo no momento em que a idéia pintar; de estar esperando. Porque pinta idéia clara e eu sinto que não é..., não tem nada tipo não vou conseguir, mas me preocupo tipo acho que força de hábito, eu não sei, que eu não me coloco, né?

Retoma sua vivência no personagem bom falante-professor em sala de aula que prepara a aula, mas não fica preso a roteiros:

(...) E nesse ano está mais tranqüilo, estou fazendo menos coisas, então eu estou preparando aula. Então na terça-feira de manhã eu vou preparar aula; tudo bem. Aí leio com prazer o texto, legal, eu estou dando aula de psicopatologia à noite e social de manhã. Então está sendo uma loucura, porque eu estou fazendo umas relações su-per. Tudo que eu vejo na social dá para ver quase da mesma maneira na psicopatologia, sabe? (...) Então eu chego para a aula assim, tipo ontem, a leitura minha está feita, já planejei a aula, isso me dá uma segurança para (...) poder estar voando assim, para me soltar. Eu sei que a coisa mais organizada que eu tenho, né? ... então eu posso... porque no ano passado eu sentia assim que eu improvisava muito. Esse ano parece que eu improviso, mas eu tenho uma coisa já mais bem estruturada. Então eu me pego falando, pensando coisas que eu nem sei de onde estou tirando, né? que nossa!, cai superbem, que encaixa e tal, que eu acho que é essa coisa, né? de poder estar tendo tempo para preparar a aula, para estudar. Assim estou preparando aula, não vou chegar lá com aula não preparada né? Então é uma tranqüilidade chegar...

Articulando o afetivo, o motor e o social, considera a maneira como atualmente se produz no personagem bom falante-clínico, que compartilha com seu paciente o momento de gagueira. Relembra o modo como via a questão no passado:

Então eu estava no consultório na terça-feira. Atendi um paciente e ele chegou um pouco mais cedo, eu estava no telefone falando com um amigo meu e aí (...) eu fui perguntar para ele sobre o Rui e “r” não saía. (...) Meu paciente percebeu que eu estava, né?... Foi rápido, mas ele percebeu e olhou para mim e riu, e eu ri também, nós ficamos conversando e tal ... Não foi uma coisa pesada, sabe? Uma coisa... nossa!

(...) a questão da psicologia sempre foi muito forte porque era como assim... (...), por exemplo, sabe? quando a coisa fosse clínica eu me sentia muito incomodado em estar diante, não sei (...) mas

em clínica... é como se ... em clínica era o momento em que eu me colocava mais na gagueira, como se fosse denunciar uma coisa muito flagrante que me impossibilitava de trabalhar como psicoterapeuta. Aquela coisa bem assim: Nossa, o cara está gaguejando! Não tem condições de trabalhar como psicoterapeuta (...).

Articulando o cognitivo, o afetivo e o motor, confirma a consciência proprioceptiva como um comportamento prazeroso ligado à capacidade de dominar a fala e ao sentimento de que a capacidade de falar bem vai continuar:

Eu sinto também que é gostoso quando eu — acho que estava falando para você na semana passada — volto a atenção para a fala, volto a perceber como eu estou falando, assim perceber que é uma coisa que nesse momento parece que me apóio mais. Quando eu sinto que, além de estar falando, eu estou prestando atenção na forma como eu estou falando, parece que é um apoio, que é uma (...) coisa gostosa. Parece que dá para dominar mais a voz, dá para brincar mais com ela, dá para estar prestando atenção na articulação da fala. Então (...) eu sinto que tem uma coisa assim muito boa, que vai ter uma seqüência, que vai continuar.

Retoma suas considerações sobre o passado, quando não se mostrava e permanecia no universo dos pensamentos, em relação ao presente, quando expõe seu mundo interior, valoriza e vive mais suas emoções:

O que é que a pessoa está dizendo, o que é que ela não quer estar mostrando, que esconde, que é uma coisa que eu sinto muito forte dentro de mim (...). É, eu sinto por exemplo: Há um tempo atrás tinha um movimento de ficar pensando, um pensando, pensando, pensando, como se eu tentasse resolver as coisas pelo pensamento. Uma coisa muito forte dentro de mim. Uma coisa que eu não conseguia me segurar para ir... sabe aquela coisa... pensar, pensar, pensar. Parece que hoje eu sinto que... é uma coisa assim, eu estou muito mais próximo da questão do lado emocional, né? Me sentindo, sentindo as minhas emoções. É uma coisa que é bem assim, não é só o meu pensamento que vai conseguindo coisas. Tem eu, meu pensamento, meu momento, tem a própria vida e um monte de coisas que não dá para... Eu sinto que eu me coloco mais por dentro, mais solto diante das coisas, mais à vontade. As coisas têm seu momento, não adianta estar apressando. O pensamento é importante, mas não... Eu sinto que hoje eu dou muito mais importância às minhas emo-

ções, sabe? Parece que era uma coisa que antes estava muito fora do meu universo. Eu sempre fui uma pessoa muito emotiva, muito sensível, mas é como se eu não pudesse estar vivendo essas coisas, né? as minhas emoções.

Falando de sua relação atual com a gagueira, conta que de um sofrimento, de um fechamento, de uma tentativa de movimento feita no escuro, ela se transformou em uma possibilidade de autoconhecimento.

Parecia que antes era assim a sensação que estava com o olho fechado, tentando algum movimento para que a fala saísse. Era sensação que estava com o olho fechado, que não estava enxergando muito bem o que estava acontecendo em volta.

É um barato como que a gagueira de uma coisa..., de um sofrimento, né?, de uma coisa fechada, né?, assim fechando tudo, né? pode passar a ser uma possibilidade de entender mais as coisas. Cada vacilo é uma possibilidade de entender mais as coisas, uma dica de que está acontecendo alguma coisa.

Eu acho bom também poder mexer com uma coisa que há um tempo atrás era muito dolorido, poder lembrar de como eu lidava com a coisa, como eu estou hoje.

DISCUSSÃO

Um ano após a sessão analisada, vemos que pelas articulações entre as representações explicitadas, Ricardo avançou mais em sua capacidade de produzir-se como bom falante. Ele enfatiza que a gagueira existe, mas não ativa a produção subjetiva de pressupor o mau falar. Isto mostra que a produção de gagueira passou a ser entendida como condição natural à produção da fala, e que a dimensão da gagueira como sofrimento foi superada. Esta condição é reforçada quando Ricardo diz que não tem a expectativa de manter uma fala idealmente fluente, em função de seus 25 anos de fala tensa. É reforçada também quando, complementando a idéia anterior, diz que mudou o modo de encarar a imagem de falante que ele mesmo passava, o que lhe permite produzir-se como bom falante a partir da manifestação da gagueira; e que mudou sua concepção de fluência, o que indica ter aceitado sua singularidade como falante. É reforçada ainda, ao reafirmar que aceita a gagueira como um momento da fala que não o paralisa, mas o leva a observar seu estado corporal, sem pensar que o sofrimento vai voltar.

A superação da gagueira sofrimento também se evidenciou quando Ricardo mostra que atualmente consegue descartar o sentimento

de cobrança, que era forte na situação de comunicação no curso de pós-graduação. Isso aconteceu quando a professora, ao reconhecer a fluência de Ricardo, tendeu a ativar o sentimento de cobrança. A capacidade de lidar com a cobrança evidenciou-se quando Ricardo contou que enfrentou o olhar do outro enquanto gaguejava e produziu fala fluente; ou quando compartilhou sua gagueira com seu paciente, ao passo que antes ligava-a à impossibilidade de trabalhar como psicoterapeuta. Nesse contexto, considerou a relação que existe entre a produção de si no personagem bom falante e a vivência maior das suas emoções.

A superação da gagueira sofrimento, que indica que a concepção que Ricardo tinha dela mudou, por fim explicitada quando ele afirma que do sofrimento, ligado à alienação do plano articulatório e das características de suas relações com os outros, ela se transformou em possibilidade de autoconhecimento.

Ao falar que a mudança na sua fala foi reconhecida pela professora do curso de pós-graduação, lugar onde a situação de comunicação era sentida como das mais difíceis, Ricardo forneceu-nos elementos para enfatizar que a mudança no seu modo de produção como falante aconteceu tanto no plano da subjetividade como no da objetividade. Ao lado disso, ressaltamos a importância dada à consciência proprioceptiva para o fortalecimento e consolidação do seu personagem fluente, que por sua vez está ligada ao sentimento de que a capacidade de falar bem vai continuar. Ricardo não se refere mais à dificuldade de manter a consciência proprioceptiva, mas, ao contrário, afirma que *dá para estar prestando atenção na articulação*. Vemos também que ele percebe não ter o hábito de, espontaneamente, fazer uso da palavra no momento oportuno. Isso reforça a existência de uma nova postura de falante, em oposição ao velho condicionamento de preparar-se com antecedência para tomar a palavra, por que pressupõe e tem necessidade de evitar a gagueira.

Situação terapêutica 7 — 07/06/91

REPRESENTAÇÕES

Compõem a categoria Afetividade as seguintes representações:

Estou legal; sinto que está uma coisa mais ou menos estabilizada; não fica uma coisa pesada. Tive uma experiência legal na pós-graduação; chegou na hora eu senti que fiquei nervoso não para falar em si mas com o esquema da coisa; queria falar mais; fiquei um pouco mais ansioso por isso; fiquei nervoso. Parece que tem hora que eu fico me exigindo falar mais longamente; uma exigência de

falar as coisas muito bem elaboradas; eu sentia que era uma cobrança; sinto que não é uma necessidade minha ficar extensamente falando as coisas; sinto que gosto de pontuar mais objetivamente; gosto de ser objetivo; não precisa ser muita coisa; pode ser coisa pequena; adoro ouvir as pessoas falarem; curto para caramba; não gosto de ficar tomando espaço; aquilo pouco foi suficiente, foi importante; importante para mim; gosto de ser simples; percebi que posso ser simples e tudo bem; dou uma aula legal. O importante é poder falar, dar contribuição; poder me relacionar afetivamente com as pessoas; isso é mais importante que marcar minha presença com a fala fazer alguma coisa assim sem gaguejar; acho que me sinto superbem; permitindo falar o que está passando pela minha cabeça. Fala nada; fica quietinho. Ela se encontra muito à vontade para falar. Então como e começo tudo bem. Acho que ela deve ter ficado frustrada de eu ter falado. Eu sinto que é muito engraçado, interessante, assusta; sabe qual é o problema? não sei se é bom ou mau; não me dou liberdade para fazer essa mudança; eu sinto que tem uma hora que é uma coisa para eu reafirmar para mim mesmo que dá; falar que eu consigo falar; eu sinto que é legal isso: oh! saiu a palavra; mas tem hora que eu sinto uma falta de...; porque eu não posso mudar e querer falar aquela palavra?; eu sinto que eu não fico preocupado; parece uma coisa meio perfeccionismo; uma coisa como exigência; ter que falar direitinho as palavras; é uma experiência normal uma pessoa que não tem história nenhuma de gagueira diante de uma fala em qualquer lugar a palavra não sair?

Compõem a categoria Cognição as seguintes representações:

Sei que quando começar a falar, fluência do mesmo jeito e esqueço. Foi uma proposta levar um projeto por semana; fazendo um exercício metodológico; como se fosse um exercício; problemas a levantar; pensei em fazer esboço e acabei não fazendo; tentei fazer um esboço; queria priorizar algumas coisas; na minha cabeça é uma coisa que estou lidando há bastante tempo; estava sabendo as regras do jogo; fiquei sem saber o que falar; fala do projeto?; já sei mais ou menos o que vou falar; eu começo falando sobre tudo que me deu a idéia de fazer esse projeto; vou fazer um pequeno histórico; impressão que a idéia não era que eu ficasse falando muito; que eu estivesse colocando algumas coisas até para ajudar a classe a pensar; um processo não pronto; as próprias dúvidas seriam boas para estar usando para discutir com a gente; parecia que eu tinha falado um monte de coisas que ela não queria que passasse batido. Algumas pessoas falaram coisas que eu já tinha trabalhado há algum tempo.

Não saber muito bem, escuto mais. Reparei que ficou claro uma coisa para mim sobre o estilo da minha fala; sou mais objetivo; sou mais simples; me faz pensar: falo pouco mas aquilo é importante; fiquei pensando a questão da fala; contribuo com as minhas coisas dentro das minhas possibilidades; pintam umas idéias interessantes. Antes não era uma coisa: deixa eu aprontar na minha cabeça direitinho daí eu falo. Comparando o jeito que ela falava com o que eu coloquei; eu acho que são estilos diferentes; diferente mas não é coisa de melhor ou pior ou o dela foi bom e o meu foi ruim; são coisas diferentes e você tem que pesar as coisas por aí. Me passam mil outras palavras pela cabeça que cabem exatamente no lugar e a frase vai ficar até melhor; vai ficar até mais clara; penso uma palavra e penso duas, três cabem perfeitamente no lugar.

Compõem a categoria Nível Motor as seguintes representações:

Conversou; falou do “rr”. Gaguejo; gaguejei uma hora ou outra; algumas palavras não saem, algumas eu sinto que não vão sair, eu senti que não ia conseguir falar; eu sinto que não dá para falar; é coisa que passa; sinto que não é coisa forte; logo em seguida falo. Falar; comecei a falar; falar mais isso menos isso; comecei a falar então eu falei; apresentar meu projeto; estar conversando mais sobre meu projeto; fiz um histórico de como cheguei no tema; contei que eu trabalhei num ambulatório; conversado com ela; vacilei mais por conta do conteúdo das coisas; dar uns palpites; coloquei bastantes coisas; não sou pessoa de discorrer; falar excelentes idéias; falar algumas coisas simples; falo alguma coisa e eu paro; falar alguma coisa e parar já me aquece para daqui a uns minutos dar outra idéia; ir colocando as coisas que acho interessantes; o jeito de falar; eu tenho um outro jeito de falar; sentia que não conseguia ir falar oi! é o Rui quem está falando?; Oi Rui, mas aí a coisa engasga; falar sobre ramal daí fiquei porque não ia conseguir; daí falei o número; com o 134 passou; tem hora que eu quero falar uma palavra e a palavra não sai; quero falar uma palavra; não vai sair; tem aquela que não sai; mas uma vai ter que sair; então eu não falo; daqui a pouco volto e falo, sabe. O que passa ela fala; ela nem pensa muito para falar; ela falou; falou.

Compõem a categoria Social as seguintes representações:

Pós-graduação; curso; classe; aula. Professora; ela; a Z; a gente; os caras; menina a L; cada um; o Rui; pessoas; queriam falar, queriam dar palpite; deixa as pessoas falarem. Me apresentar. Estar

mostrando que estou dentro de grupos e que estou fora; vou falar com uma pessoa vou falar com outra; não é uma aproximação apenas com a fala; me sinto dentro do grupo; estou dentro; faço parte desse grupo; ninguém está esperando grande coisa de mim. Você começa Ricardo; semana que vem você. Telefone; ligar para alguém; liguei para a prefeitura. Sozinho.

ANÁLISE DAS ARTICULAÇÕES ENTRE AS REPRESENTAÇÕES

Falando sempre a partir da perspectiva do *bom falante*, Ricardo articula o cognitivo, o afetivo e o motor, e retoma a aceitação da manifestação da gagueira vista como momento passageiro e que não compromete a fluência da fala, considerando-a como uma condição estável:

Eu estou legal. Da última vez que a gente conversou, a gente falou do “rr”, né? (...) Eu sinto que está uma coisa mais ou menos estabilizada, estável no sentido de ... né?, gaguejo, fico... algumas palavras não saem, algumas eu sinto que não vai sair e tal, mas é uma coisa que passa, sei que quando começar a falar, fluência do mesmo jeito e esqueço. Não fica uma coisa pesada, sabe? Gaguejei uma hora ou outra, eu senti que não ia conseguir falar, tal, eu sinto que não é uma coisa forte, porque eu sinto que não dá pra falar, mas logo em seguida eu falo.

Mostra que continua a se preocupar com a qualidade de sua fala e que essa preocupação não é mais com o aspecto motor dela. Enfatiza também que se aceita em sua singularidade como falante.

Articulando o cognitivo, o afetivo, o social e o motor, mostra a preocupação com o conteúdo da atividade de fala na pós-graduação:

Foi assim a proposta: era cada um levar um projeto por semana (...): “Então você começa, Ricardo, semana que vem você...” Então como eu começo tudo bem, aí cheguei mais cedo. Então eu falei para a Z que não sabia como... falei assim, como que vou... eu vou falar o quê? eu falo do projeto? Fiquei sem saber o que falar.

Aí cheguei, sabe, perguntando. Tentei fazer um esboço para mim. Queria priorizar algumas coisas, falar mais isso, menos isso. Mas na hora que comecei a falar, então eu falei, eu já sei mais ou menos o que vou falar. Eu vou começar falando sobre tudo que me deu essa idéia para fazer esse projeto. Vou fazer esse projeto. Vou fazer um pequeno histórico. Conteí que eu trabalhei num ambulatório, que daí começou a idéia de fazer pós-graduação. E por que saúde mental? Porque no trabalho estava lidando com atendimento clínico. Aí

comecei a falar, falar, falar, aí ela me deu um tempo, porque..., (...) ela deu um tempo mais ou menos, porque parecia assim que eu tinha falado um monte de coisas que ela não queria que passasse batido.

Então eu senti que... (...), acho que ela deve ter ficado frustrada de eu ter falado, né? Mas eu não entendi bem. Ela perguntou para mim, né? Falei, né?

Então quando ela abriu: Então você fala, falei e agora! Eu falo, só que eu não tenho um projeto pronto para... você está brincando! E ela falou assim: Ah, tudo bem! Então ficou uma coisa assim, um acordo, que essa mudança seria legal. As próprias dúvidas seriam boas para estar usando para discutir com a gente.

Mostra que a ansiedade e o nervosismo que sente na situação de comunicação no curso de pós-graduação, devem-se ao esquema da aula proposto pela professora.

Eu tive uma experiência legal na pós-graduação. Eu estou fazendo um curso com a Z, eu faço metodologia e ela pediu para mim apresentar meu projeto para a classe. Em vez dela ficar dando uma expositiva, a gente apresenta e vai fazendo um exercício metodológico, né?, problemas a levantar. Achei interessante que ela falou: “Olha, então você apresenta, você começa a apresentar e tal. Achei ótimo pensar, estar conversando mais sobre o meu projeto e tal. Até pensei em fazer um esboço e acabei não fazendo, mas estava claro, né?, na minha cabeça, é um coisa que eu estou lidando há bastante tempo. Eu tinha conversado com ela há uns quinze dias, aí chegou na hora eu senti que eu fiquei nervoso, fiquei meio... não para falar em si, mas com o esquema da coisa, né?, porque eu não estava sabendo as regras do jogo assim, sabe? Ela pediu para eu me apresentar, e eu fiz um histórico de como eu cheguei no tema e tal. Aí comecei a falar (...) Tinha a impressão assim que a idéia não era que eu ficasse falando muito, mas que eu estivesse colocando algumas coisas até para ajudar a classe a pensar, né? Um processo não pronto, mas assim como se fosse um exercício, né? Então fiquei meio que... eu queria falar mais e... mas aí vi que pessoas queriam falar, queriam dar palpite (...). Aí algumas pessoas falaram coisas que eu já, né? tinha trabalhado há algum tempo. Aí fiquei um pouco mais ansioso por isso, porque eu queria falar mais e a coisa não era... era mais uma coisa aberta. Deixa as pessoas falarem. Mas teve umas coisas assim, fiquei nervoso no sentido assim: não vou conseguir falar, que eu vacilei mais por conta do conteúdo das coisas, não saber muito bem... então é isso, escuto mais o que os caras dizem...

Fala de suas características como interlocutor que gosta de ouvir o outro e como falante que se reconhece como alguém que não

é de muito falar; a partir daí critica sua cobrança/exigência para falar, ao reconhecer que esta não é uma necessidade efetivamente sua:

Aí, na segunda parte da aula, foi uma menina falar, a L, falar sobre a constituição de um projeto. Aí eu falei, dei uns palpites no projeto dela, né?, coloquei bastante coisa e tal. Aí reparei, até ficou claro uma coisa pra mim (...) sobre o estilo da minha fala, né? Porque eu não sou uma pessoa de discorrer, discorrer, discorrer as coisas. Eu sou mais objetivo nas coisas que eu falo, eu gosto de ser mais objetivo. Então parece que tem hora que eu fico me exigindo, né?, falar mais longamente, mais extensamente. Eu sinto... eu sinto que não é uma necessidade minha ficar extensamente falando as coisas, eu sinto que eu gosto de pontuar mais objetivamente. Adoro ouvir as pessoas falarem, eu curto pra caramba, não gosto de ficar tomando o espaço. Então essa coisa me faz pensar nisso: tem hora que eu falo pouco, mas aquilo é importante, importante para mim, que é necessário, né? (...) Então, de repente, aquilo pouco foi suficiente, foi importante e tal.

Considera o uso da fala para se aproximar do outro tanto do ponto de vista do conteúdo intelectual, quanto do afetivo, e afirma que esses aspectos são mais importantes que se preocupar em não gaguejar e marcar presença pela fala. Afirma também que se sente acolhido pelos grupos que frequênta e que não se cobra ser um falante diferente do que é:

Aí eu fiquei pensando assim (...) a questão da fala (...), fiquei pensando assim para mim (...), o importante é poder falar algumas coisas e dar uma contribuição para o grupo, no sentido de estar assim, de estar mostrando que eu estou dentro de grupos e que eu estou fora, sei lá, só passeando e também poder me relacionar afetivamente com as pessoas, quer dizer, não é uma aproximação apenas com a fala, falar e tal excelentes idéias. Não, falar algumas coisas simples. De repente vou falar com uma pessoa, depois vou falar com outra, né?, isso é mais importante do que marcar minha presença com a fala, sabe? fazer alguma coisa assim sem gaguejar. (...) Acho que me sinto superbem. Me sinto dentro do grupo, sabe, estou dentro. Faço parte desse grupo. Contribuo com as minhas coisas dentro das minhas possibilidades. Não precisa ser muita coisa não, pode ser uma coisa pequena, ninguém está esperando grande coisa de mim, né? Pequenas coisas.

(...) que eu sou mais simples, que eu gosto de ser mais simples. Falo as coisas de modo simples, tá ótimo, pintam umas idéias interessantes e tal. Eu sentia que era uma cobrança né?, uma exigência de falar coisas assim muito bem elaboradas e tal.

Retoma suas considerações sobre a capacidade de equilibrar fala e silêncio e a liberdade de falar o que está pensando. Mostra, em oposição ao passado em que não se permitia falar, que atualmente não necessita se cobrar ser um falante diferente do que de fato é:

Eu percebi que eu posso ser simples e tudo bem, eu dou uma aula legal. (...) Por exemplo com a Z eu tenho tido uma experiência legal, assim. De repente eu estou na aula e eu falo alguma coisa e eu paro, mas esse fato de falar alguma coisa e parar já me aquece para daqui a uns cinco minutos, dois minutos, me dar outra idéia e..., quer dizer, vai permitindo falar o que está passando pela minha cabeça e ao mesmo tempo ir colocando as coisas que eu acho interessantes e tal. E antes não. Era uma coisa assim: deixa eu aprontar na minha cabeça direitinho daí eu falo. Fala nada. Fica quietinho.

Compara seu modo de falar com o de uma colega e reafirma a aceitação de sua singularidade como falante, entre:

A L é uma pessoa que fala. Ela se encontra muito à vontade para falar. Na classe ela..., o que passa lá ela fala, ela nem pensa muito para falar, né? É uma pessoa muito inteligente, muito interessante. E ela está fazendo uma pesquisa (...). E ela falou, falou, falou. Aí eu estava comparando o jeito que ela falava com o que eu coloquei que eram muito diferentes, né? Mas eu acho que são estilos o jeito de falar assim e eu tenho um outro jeito de falar. Não é? Diferentes, mas que não é uma coisa de melhor ou pior, ou o dela foi bom e o meu foi ruim. São coisas diferentes e você tem que pesar as coisas por aí.

Esclarece mais uma vez a sua relação com a gagueira e considera natural a possibilidade de eventualmente não conseguir pronunciar certas palavras. A partir disso questiona a absolutização do comportamento de não trocar palavras (que vem utilizando por solicitação do terapeuta, na medida em que trocar palavras se constituía num truque para falar bem e funcionava como reforçador da sensação de incapacidade para falar) e argumenta que esse comportamento pode ser empregado sem estar comprometido a uma exigência de perfeccionismo; com isso, indica aceitar sua singularidade como falante:

Então eu sinto que..., é muito engraçado, interessante, né? assusta. Quando eu pego o telefone, mesmo quando eu estou sozinho, para ligar para alguém, né?, para o Rui justamente, fica uma coisa que... né?, porque eu liguei para a casa dele e eu não consigo, né?, eu sentia que não conseguia ir falar oi! É o Rui quem está falando?

— Ah! Oi, Rui, tudo bem? Oi! Rui, mas aí a coisa engasga. Inclusive liguei para a prefeitura também, para falar sobre “ramal”, “ramal”, daí eu fiquei porque não ia conseguir, e aí falei o número, queria falar com o 134. Com o 134, passou.

Então, mas sabe qual é o problema? Tem hora que eu acho, não sei se com isso... não sei se é bom ou mau, né? porque tem hora que eu quero falar uma palavra e a palavra não sai. Eu sinto que eu estou com...., me passam mil outras palavras na cabeça que cabem exatamente no lugar e a frase até vai ficar até melhor, vai ficar até mais clara. Mas eu sinto que fica uma coisa assim; eu não me dou a liberdade para fazer essa mudança. Sabe tipo assim: quero falar uma palavra, não vai sair, então eu não falo; daqui a pouco eu volto e falo, sabe?

Eu acho que é para...., eu sinto que tem uma hora que é uma coisa para eu reafirmar para mim mesmo que dá. Falar que eu consigo falar, tá. Mas então eu sinto que é legal isso. Oh! saiu a palavra. Mas tem hora que eu sinto também uma falta de... Porque eu não posso mudar em querer falar aquela palavra, né?

Então, parece assim que eu estou...., se eu mudo a palavra parece que eu estou usando muito...., que estou gaguejando e eu estou querendo...., não sei.

Eu sinto que eu não fico preocupado, né?, assim tipo que fica uma...., parece uma coisa meio perfeccionismo, uma coisa com exigência, né? Ter que falar direitinho as palavras. Quero falar “regra” e não vem outra palavra... “regra”, né? Dando aula também acontece. Penso numa palavra e penso duas, três, que cabem perfeitamente no lugar. Aquela, né? aquela... tem uma que não sai, né?, mas uma vai ter que sair.

É uma experiência normal (...) uma pessoa que não tem história nenhuma de gagueira (...), diante por exemplo de uma fala em qualquer hora, a palavra não sair?

DISCUSSÃO

Pelas articulações entre as representações deste discurso, vemos que Ricardo reafirma as mudanças já apontadas, que concretizam uma nova concepção de si como falante, ao lado de uma nova concepção da gagueira. Assim, reafirma que aceita a gagueira como um momento da fala, inscrito no contexto da produção de si como bom falante. Com isso, mostra que ela deixou de ser uma manifestação que produz sofrimento, uma manifestação pressuposta e, ao mesmo tempo, evitada, e a partir daí reposta. A preocupação de Ricardo com a fala, como vimos, não desapareceu, mas deixou de ser uma preocupação com sua capacidade de produzi-la, ou seja, com o aspecto motor, aspecto esse no qual ele passou a confiar. Permite-se

falar espontaneamente o que pensa e considera a possibilidade de trocar palavras como algo que está fora do contexto dos truques para falar bem. Não se cobra mais ser um falante idealizado, diferente de si mesmo, confirmando que passou a aceitar-se na sua singularidade de falante. Nesse contexto, Ricardo considera que os aspectos intelectual e afetivo da fala são mais importantes que a preocupação em não gaguejar e marcar presença pelo aspecto motor da fala. Sua preocupação com a fala é relativa ao conteúdo expressado e à maneira como é adequada ao esquema de fala proposto numa dada situação. Afloram as suas características como falante e como interlocutor, dentro da nova concepção.

CONCLUSÃO

Considerando que a história de vida deixa marcas nos comportamentos subjetivo e objetivo, os quais constituem as características pessoais de cada um, o encerramento do processo terapêutico não pressupõe a ausência total de conflito com relação à produção de si como falante, nem tampouco a ausência total de gagueira na atividade de fala. Pressupõe, sim, uma harmonização da imagem de si como falante, expressa na capacidade de lidar satisfatoriamente com a produção de fala nas diferentes situações de comunicação e a aceitação da manifestação da gagueira como uma possibilidade natural da fala. É essa a atual condição de falante vivida por Ricardo. Se o seu padrão de fala é de tal ordem que não leva seus interlocutores a identificá-lo como gago, isso se deve não à ausência de quebras na fala — uma vez que elas existem como expressão de emoções, artifícios de retórica, falhas de evocação, enfim, de contingências naturais ao ato de falar —, mas às mudanças na dialética subjetividade/objetividade do modo de produção de si como falante, que influía no tônus geral que ele expressava ao falar.

De maneira coerente, esta situação terapêutica coincidiu com a época em que Ricardo expressou o desejo de se afastar da terapia por um tempo indefinido, para ver o que lhe acontecia em relação às mudanças alcançadas.

Análise da situação terapêutica com Eliane e Solange

Situação terapêutica de 12/08/88

REPRESENTAÇÕES

Compõem a categoria Afetividade no discurso de Eliane, as seguintes representações:

Foi uma coisa que sempre atrapalhou a minha vida; atravanca toda a tua vida; tudo o que você faz; foi assim uma barreira para tudo, entendeu; para mim a gagueira sempre foi assim um muro alto na minha frente; uma prisão que cerca a gente e de repente a gente não vê; coisa sofrida; responsabilizava a gagueira pelo fato de eu ter dificuldades ou não ir; e a gente entra nisso como se engolissem a gente; eu responsabilizava essa tal de gagueira por tudo que eu tinha medo; eu tinha medo por causa da gagueira; a gente pinta de uma maneira muito grande; coisa que a gente fazia um cavalo de batalha; meu Deus, o dia que eu deixar de ser gaga vai ser uma coisa maravilhosa!; eu colocava assim como se eu tivesse descoberto o Éden da vida, o paraíso. A auto-imagem ia lá embaixo; é uma reação emocional o que está diretamente relacionado com a imagem que você tem que passar para o outro; eu tinha fantasias assim de ser uma superfalante para um público maravilhoso; eu tinha uma mania ficava assim fissurada no cara que estava falando, no jeito dele falar, na fluência, forma; um negócio fissurante entendeu; era uma coisa assim, a forma e o conteúdo; sempre tive muito medo de encontrar uma pessoa gaga na minha frente; tinha medo de ver no outro a minha dificuldade; ele também mostrava aquela imagem que eu sempre achei negativa; por que a imagem do gago é extremamente negativa; minha imagem é um negócio; era um dilema conversar com ela (gaga); era uma dificuldade eu lidar com o outro (gago); aí eu abaixava, realmente me acalmava, entende; com oito nove dez anos eu era uma catástrofe. Uma mania que você tem praticamente porque isso fica em você; o hábito está aí; fica difícil depois. Então aquela ansiedade de não aparecer mais; você às vezes se odeia; eu me odiava por ter conseguido exatamente naquele momento; eu me assustava com a minha fluência; meu Deus eu estou falando; parava, porque eu falava: Meu Deus eu estou falando; essa busca de não ser mais gaga foi uma coisa assim de muito tempo. Com quinze dezessete já tinha dado uma amenizada; esse negócio amenizou demais; aceitar que a tua fala; sem aquela preocupação; então agora isso já ficou um pouco mais tranquilo; esse negócio abaixou em mim; abaixou de uma maneira gostosa, sem aquela ansiedade de você sair em busca desesperada; tudo bem se pintar gagueira; não é mais alguma coisa assim sofrida. Fui gaga por causa do meu medo de enfrentar uma série de coisas; de assumir uma série de coisas; virou a minha vida; enxergar isso para mim foi coisa muito importante me ajudou demais; é tão sutil; é tão tênue; de repente quando a gente olha e fala: mas era isso!; tanta ansiedade tanta expectativa tanta busca tanto empenho para depois ver que é uma coisa que acontece com todo mundo; é só a forma de você se relacionar com isso que te dá esse

estigma de gago ou não. O grande pavor de público; eu sou uma pessoa medrosa; eu tenho medo. Isso para mim foi sempre muito difícil assumir; porque a autocrítica está presente; a autocrítica pinta demais; minha expectativa é extremamente alta. É um histórico assim pesadíssimo; desde a infância é uma pressão uma cobrança; o mundo cobra você; há uma cobrança do outro; com os outros era uma verdadeira tragédia; eu fui muito espremida; muito responsabilizada; muito cobrada; ficava aquele cobrar ou não cobrar; se a gente vivesse sozinho ninguém ia ser gago; tinha uma certa necessidade de realmente passar aquilo que eu estava sentindo; aquela ansiedade de fazer e de ir sem ter condições de fazer isso. Passo muito bom; individual tudo bem. Elas agem de uma maneira supernatural. Teve uma época que eu também comecei: Será que essa onda vai passar?; muda a lua eu mudo junto; sou extremamente cíclica; tem semanas assim que é... Nossa Senhora, uma fluência assim!; Rex Humbard ia ficar com inveja de mim; é um negócio fora de série; tem semanas... porque eu estou mais ansiosa, ou eu estou mais isso, eu estou mais aquilo; aquela conotação de ansiedade, puxa! quanto tempo mais ainda tenho que ir na Silvia? quanto tempo mais..., parece que acabou; agora eu não estou mais tão preocupada como eu estava antes se vai demorar, se vai ser amanhã que...; antes era alguma tentativa de ir mais adiante, não ficar tensa, ou não isso, não aquilo. Alguma coisa assim que é meu, que está aqui e que é uma coisa vivenciada; consigo vivenciar. Era uma distância de que eu estou aqui, mas a minha fala está lá; então era uma distância muito grande que eu tinha que unir isso; completamente distante; intuitivamente eu achava que era assim; intuitivamente eu sempre achei isso. Mais falta de espontaneidade; se eu sou espontânea a coisa flui do jeito que eu sou, com quebra, sem quebra, mas eu sou assim e tenho dito, assinado embaixo e ponto final. A parte social uma coisa que eu sempre deixei um pouco de lado e hoje eu vejo o quanto é importante.

Compõem a categoria Afetividade, no discurso de Solange, as seguintes representações:

Escaparam dessa trama toda; queria pegar; é mesmo real?; cadê?; quero ver; queria apalpar; eu não queria um objetivo; eu queria não é experiência; eu queria alguém que passou por essa experiência e teve bom resultado; eu não acreditava mais em pensar apenas. Uma trama; coisa pesada; aquele fardo pesado que eu carregava todo dia; eu acho que era tão pesado que eu não escutava minha voz; com toda aquela carga junto comigo, daí eu passava uma tal carga; coisa massacrante que era eu ter que ir até a esquina; eu sempre fui a

primeira a falar qualquer coisa; na escola principalmente eu não tenho paciência de esperar nada; não dava para esperar a minha vez; olha eu sou assim assim assado; passava o meu recado acabou; era uma carga que eu tirava. Eu colocava uma arma e ia embora; toda armada; vou enfrentar; eu sou e vejo o que faço com ela. Morrendo de medo; sofria pra caramba. Agora que não sofro mais; como antigamente eu tinha presente isso a todo instante, agora isso não me preocupa mais. Agora você vai me ouvir; eu te agarrava e era bem assim; eu te colocava no sofá e te enfrentava; o mais importante era passar o que eu precisava; independente do que você ia me responder; não tinha muita importância; tinha importância aquela mensagem que eu tinha que passar; eu achava que o mais importante era falar independente de ser gaga ou não; eu estava tão preocupada em falar; eu não estava pensando na tua resposta eu estava pensando na minha. Eu gosto de me escutar falar; antigamente não; eu tinha uma voz de taquara rachada terrível; eu consigo escutar; gente eu não conseguia escutar na minha vida; não conseguia escutar sinceramente; consigo dar meu tempo. Eu quero para mim não quebrar mais. Quando eu consegui arrancar ela de cima eu fiquei perdida no começo; é como se eu tivesse um casaco pesado e eu tirei; a partir desse momento eu tirei a gagueira; meu Deus e agora?; fiquei sozinha meu Deus do céu! cadê a capa?; eu faço o quê?; eu achei que não sabia mais conversar; eu achei que não tinha mais onde me apoiar; era um apoio. A gente acorda em cima dela apesar de não querer e não aceitar; ela é muito fácil. A coisa começou a aparecer a surgir que me assustou. Antigamente era a preocupação com os outros e a gagueira; agora é a preocupação que eu tenho de os outros verem que eu não sou mais gaga; mas de repente eu falo e agora preciso mostrar que não sou mais gaga; estou ótima; quer dizer a preocupação está lá.

Compõem a categoria Cognição, no discurso de Eliane, as seguintes representações:

Era essa imagem de corpo; eu via uma garganta estrangulada; percebe que é uma garganta estrangulada realmente?; todo o meu caminho profissional foi em cima do corpo; voltei totalmente para a área corporal; porque eu achava que era alguma coisa de corpo; então todo o meu trabalho voltado para cima disso; eu achava que era um lance de corpo; então os meus caminhos foram sempre para isso: psicomotricidade, massoterapia, depois Reich, toda essa linha para trabalhar o corpo; que eu achava que tinha alguma coisa com ele; como se fosse alguma coisa orgânica; um comprometimento as-

sim orgânico; eu realmente busquei coisas para isso; eu fui fazer psicologia depois psicomotricidade; mas tinha alguma coisa que estava faltando; então você vai juntando uma peça aqui uma peça ali; mil técnicas respiratórias de relaxamento; sempre fuçando; nunca conseguindo aquele objetivo que é não ser mais gaga; isto é a última coisa a ser pensada. Mas eu acho que foi mais ou menos a mesma coisa comigo também; então eu não ia mais além por fatores pessoais. Parece que isso ficou muito diferente agora; é uma coisa que acontece e que eu encaro agora completamente diferente; tive essa outra visão também; virou porque o enfoque foi outro; para mim foi a grande mudança; essa foi a minha grande mudança de não acordar ficar pensando em técnicas de como driblar esse tipo de coisa; acordava de manhã com mil planos e projetos de como driblar, como fazer, respirar melhor, ou sabe coisas assim; agora nada disso mais acontece; isso eu saquei também; é como a gente transava essa quebra que era o grande lance. Eu comecei a me sacar mais sem gagueira; porque antes era só gagueira; na hora você está tão atenta aos truques da fala; sempre foi assim que eu saiba; foi observando isso que eu achei assim que todo mundo pode ter a mesma coisa e sem ter aquela conotação de gagueira; cada um tem o seu jeito de falar; respeita a forma de cada pessoa ser; é um auto-respeito com você também; isso é uma lição de vida; montou todo o esquema; ele idealiza; era uma fantasia mesmo; você adquire aquele hábito; isso por causa da história; depois toda a vida gira em torno da gagueira; se você faz é porque você é gago; se você não faz é porque é gago também; não é nada disso; isso é um dos lances da tua vida; não é tua vida inteira; começou a mil outras coisas ficarem envolvidas aqui fora da gagueira; eu vi que eu era gaga eu era uma série de coisas por trás; eu sei que eu fui gaga por causa do meu medo; eu não vou por causa da gagueira e é um processo oposto; é um conjunto só; durante 33 anos eu fiz isso; então isso vai realmente acontecendo; é um processo longo; o estalo já deu; acho que é tudo isso que você (Solange) está falando até agora; era uma coisa intrínseca (a gagueira e o outro). Um dado que eu não sei por quê (aparecimento de fluência diante de outro gago); não sei, talvez ele estivesse mostrando para mim alguma coisa que é de todo mundo, ou que eu sempre fui fluente no caso.

Compõem a categoria Cognição, no discurso de Solange, as seguintes representações:

Me mostraram um outro caminho. Aprendi a encarar quando eu fiz terapia. Consegui enxergar isso; imagino como que é agora; agora me passou tanto a fase que eu já nem sei como que era realmente; eu já não consigo recordar tanto como que era; eu não sei como

que o negócio acontece; me vejo de uma outra forma; tenho mais alguma coisa além da gagueira; é a gagueira é você; não uma coisa só; a gagueira encobria tudo; a gente usa um pouco ela. Porque eu tinha tudo programado; até que eu gaguejava eu já tinha a próxima palavra no assunto. Não precisa ensaiar nada.

Compõem a categoria Nível Motor, no discurso de Eliane, as seguintes representações:

Gagueira; minha dificuldade; coisa que acontece com todo mundo; um átimo de segundo; uma coisa rápida; pinta o lance; quebrou, acabou, foi embora; pintou, foi, acabou; coisa vai aparecer; chegava na hora H...; é um ritmo; corte; a gente ganha tempo com aquele corte, com aquela quebra mesmo; quebras; parava; quebra plenamente normal; truques; coisa assim que é meu, que está aqui e que é uma coisa vivenciada; alguma coisa que você tenha que vivenciar em você. Fala; jeito de falar; papo; flui mais; fluência; fluência impressionante; uma fluência assim; minha fluência aparecia de uma maneira superespontânea; aquela fluência aparecia; sozinha na maior fluência; entra uma fluência; todas aquelas articulações; tudo direitinho, na hora certa, na hora exata; uma pronúncia maravilhosa; falando sozinha eu dava as minhas palestras dirigidas; leio muito bem sozinha; porque trrrrrr; de repente prrrrr; aí eu parava; dar um seminário; passar; agora eu fico mais quieta do que falo; estar falando pra caramba; a gente tem que falar aqui. Respirar melhor. Quando eu realmente estou tensa consigo vivenciar. Palestra, seminário.

Compõem a categoria Nível Motor, no discurso de Solange, as seguintes representações:

Gagueira; quebra; trava tudo; fecha aqui; abre não abre. Vou falar; vou fazer; passar; conversar; mandar mensagem. Voz. Eu tenho ouvido também além de boca; existe mais; eu tenho mais partes; eu tenho pernas ouvido mãos ombros; agora eu sinto que eu tenho tudo; eu ando eu sinto tudo andando junto; antigamente eu não tinha ombro; eu tinha uma armadura tensa; eu andava tão tensa; tão presa; só sabia que tinha boca e acho que gagueira junto. De repente comecei a ver abre; solta; agora eu ando solta; não precisa prender nada.

Compõem a categoria Social, no discurso de Eliane, as seguintes representações:

Outro; cliente; pessoas estudando você; pessoas da família; junto comigo e o outro; gente na sala; eu esperava todo mundo sair; todo mundo tem; Silvia; Inês; elas; relacionamento; público; parte social;

individual; a troca era mais íntima; grupo; ninguém; irmã muito mais gaga do que eu; cara que está falando. Sozinha. Faculdade; seminário. Consultório.

Compõem a categoria Social, no discurso de Solange, as seguintes representações:

Gente, pessoas; eu pegava a pessoa; alguém me perguntava a hora na rua; você; gago; outros. Escola.

ANÁLISE DAS ARTICULAÇÕES ENTRE AS REPRESENTAÇÕES

Pelas articulações entre as representações que compõem o discurso de Eliane vemos que, comparando sempre o passado com o presente, ela fala da imagem de si como falante e da visão da gagueira, mostrando as mudanças que nelas ocorreram.

Falando da sua visão da gagueira, Eliane articula o cognitivo e o motor,, e fala da imagem corporal associada à gagueira:

Eu acho que a garganta, eu via uma garganta estrangulada. Era essa a imagem do corpo, entendeu? Porque percebe que é uma garganta estrangulada realmente, não é?

Articulando o cognitivo, o afetivo e o motor, mostra que a partir de uma barreira e de uma desculpa para seus problemas ela passou a ser vista como um hábito adquirido:

Mas eu acho que foi mais ou menos uma coisa assim comigo também, sabe? a gagueira foi uma coisa para mim que sempre atrapalhou a minha vida. Foi assim uma barreira para tudo, entendeu? Então eu não ia mais além por fatores pessoais, mas responsabilizava a gagueira pelo fato de eu ter dificuldades ou não ir. Então parece que isso ficou muito diferente agora. E então é claro e é um ritmo, né? É uma (...) mania que você tem praticamente, porque isso fica, fica em você. Pôxa, você adquire aquele hábito e fica difícil depois. Mas o hábito está aí, é uma coisa que acontece e que eu encaro agora completamente diferente também.

Para mim a gagueira sempre foi assim um muro alto na minha frente, entendeu.

Falando ainda da sua visão da gagueira, mostra a consciência crítica da dialética subjetividade/objetividade de seu modo de produção.

Articulando o cognitivo, o afetivo, o social e o motor, fala do esquema de pressuposição da gagueira, da tentativa de evitar sua ma-

nifestação através dos truques e da ativação de emoção negativa diante da manifestação propriamente dita. Fala também da cobrança ou autocrítica diante da atividade de fala e da importância da opinião do outro a respeito da sua produção da gagueira. Mostra como mudou em relação a isso, na medida em que, no âmbito de sua profissão, saiu da dimensão do individual e passou a trabalhar com grupos:

Então aquela ansiedade de não aparecer mais, porque tem alguns momentos que, tipo assim, acontece e você assim, às vezes se odeia, ou eu me odiava por ter acontecido exatamente naquele momento, entende? Então a autocrítica pinta demais. Aí o que é que o outro, o que é que o cliente, o que a pessoa vai... sabe? Tipo assim.

Era uma coisa intrínseca, sabe? totalmente junto comigo e o outro, não é? Tanto é que quando tinha gente na sala eu esperava todo mundo sair, sabe?, e então fazer uma ligação, sabe? alguma coisa assim. Então agora isso já ficou um pouco mais tranquilo, entende? Tudo bem se pintar gagueira.

A gente pinta de uma maneira muito grande, porque atravança toda a tua vida, tudo o que você faz, qualquer relacionamento, qualquer tipo de papo que você vai ter, na faculdade, para dar um seminário, pra fazer alguma coisa. O grande pavor de público, porque a autocrítica está presente, não é? Então agora, depois de tantos anos, consegui montar o meu grupo (de pacientes no consultório), sabe? Para mim foi um passo muito bom, entende? Porque era só individual, porque individual a troca era mais íntima, mais próxima, então tudo bem, parece que a coisa flui mais. Agora o grupo já são várias pessoas estudando você, como você está, como você fala principalmente.

Fala da gagueira como produto da história de vida, em que pesaram as relações sociais marcadas pela cobrança e por uma autoimagem negativa, as quais levaram a uma exacerbada reação e valoração das quebras no fluxo da fala. Em oposição a isso, mostra que a gagueira também pode ser uma manifestação natural:

Eu acho que quebras todo mundo tem, sabe? A Silvia tem, a Inês tem, entende? só que elas agem de uma maneira supernatural, quebrou, acabou, foi embora. É como a gente transava essa quebra que era o grande lance. A auto-imagem ia lá embaixo, aquela coisa toda né? Isso por causa da história, não é? É um histórico assim pesadíssimo, acho (...). Desde a infância é uma pressão, uma cobrança, é tudo. O mundo cobra você, tá? Pôxa, eu acho que se a gente vivesse sozinho, ninguém ia ser gago, não é verdade? Porque há uma cobrança do outro (...). E a gente entra nisso como se engolisse a

gente, não é? E depois toda a vida gira em torno da gagueira. Toda a tua vida. Se você faz é porque você é gago. Se você não faz é porque é gago também (...), sendo que não é nada disso. Isso é um dos lances da tua vida, não é tua vida inteira.

Eu tive essa outra visão também. Para mim, foi a grande mudança.

E dá essa quebra plenamente normal, coisa que a gente fazia um cavalo de batalha e uma quebra, segunda quebra, terceira quebra e pronto, montou todo o esquema.

Foi observando isso que eu achei assim que todo mundo pode ter a mesma coisa e sem ter aquela conotação de gagueira.

É uma reação emocional o que está diretamente relacionado com a imagem, a imagem que você tem que passar para o outro, entendeu?

Fala do seu esforço para deixar de ser gaga e mostra que a grande mudança aconteceu quando superou o jogo de pressuposições e truques para falar bem, o que a levou a aprofundar o conhecimento sobre si mesma:

Olha, aconteceu assim mais ou menos: Eu tinha uma certa necessidade de realmente passar aquilo que eu estava sentindo, tá? E então, sei lá, não é?, essa busca de não ser mais gaga foi uma coisa assim de muito tempo. Então, desde a faculdade, desde tudo... eu fui aos poucos. Eu era muito mais gaga do que sou agora, muito mais. Com oito, nove, dez anos eu era uma catástrofe. Com quinze, dezessete, já tinha dado uma amenizada, e assim foi indo, entende? Mas eu realmente busquei coisas para isso. Então eu fui fazer psicologia, depois psicomotricidade, voltei totalmente para a área corporal, porque eu achava que era alguma coisa de corpo, lance de corpo, de se sentir, não é? Então todo o meu trabalho (profissional) voltado para cima disso. Aí, mas tinha alguma coisa que estava faltando. Então você vai juntando uma peça aqui, uma peça ali, mil técnicas, sabe? respiratórias, de relaxamento e piriri e pororó, vamos ver se aqui vai. Sempre fuçando, mas nunca conseguindo aquele objetivo que é não ser mais gaga, sendo que isto (não ser gaga) é a última coisa a ser pensada, não é? Então essa foi a minha grande mudança, de não ficar mais... acordar, ficar pensando em técnicas de como driblar esse tipo de coisa. Então virou a minha vida. Virou porque o enfoque foi outro. Aí eu comecei a me sacar mais sem gagueira, porque antes era só gagueira, não é?

Articulando o cognitivo, o afetivo e o motor, conta sobre a descoberta de que não era a gagueira que determinava seu modo de ser, mas sim o seu modo de ser que determinava a gagueira. Nesse con-

texto, ressalta seus trinta anos de gagueira sofrimento, a alta expectativa e a cobrança sobre a fala, a imagem negativa sobre si mesma, seu medo, sua dificuldade para assumir a gagueira e de enfrentá-la, explicitando que a gagueira ainda existe, mas deixou de ser vista como elemento isolado:

Então por trás daquilo eu falei: Olha! A minha expectativa é extremamente alta, a minha imagem é um negócio assim, sabe? começou a mil outras coisas ficarem envolvidas aqui, fora da gagueira. Então eu vi que era gaga, eu era uma série de coisas por trás, é um conjunto só, entende? Então isso acho que me favoreceu bastante. Existe quebra, existe tá? porque é uma coisa que, pôxa, durante 33 anos eu fiz isso, então isso vai realmente acontecendo e é um processo longo, eu acho que é longo, tá? Só que o estalo já deu, que eu acho que é tudo isso que você (Solange) está falando até agora, entende? O estalo já deu, mas eu sou uma pessoa medrosa, eu tenho medo, e isso para mim foi sempre muito difícil assumir. Só que eu responsabilizava essa tal de gagueira por tudo que eu tinha medo. Eu tinha medo por causa da gagueira. Hoje eu sei que eu fui gaga por causa do meu medo, entende?, de enfrentar uma série de coisas e de assumir uma série de coisas. É que eu fui muito espremida, muito responsabilizada, muito cobrada. Então ficava aquele cobrar ou não cobrar, aquela ansiedade de fazer e de ir, sem ter condições de fazer isso. Então pintava a gagueira naquele momento. Então eu falava: Bom, eu não vou por causa da gagueira e é um processo oposto. Então enxergar isso para mim foi coisa muito importante, me ajudou demais.

Articulando o afetivo, o motor e o social, considera que a gagueira pode ser uma manifestação natural e que a forma de relacionar-se com ela é que determina o sofrimento e a estigma:

É (...) toda uma prisão que cerca a gente e de repente a gente não vê, não é? que é tão sutil, é tão, sabe, tênue, que de repente quando a gente olha e fala: Mas era isso? Entendeu? Porque de repente a gente fala assim: Ai meu Deus, o dia que eu deixar de ser gaga vai ser uma coisa! Uma coisa maravilhosa. Então eu colocava assim como se eu tivesse descoberto o Éden da vida, entendeu?, o paraíso. Então de repente agora, quando você olha e fala: Mas era tanta ansiedade, tanta expectativa, tanta busca, tanto empenho, para depois ver que é uma coisa que acontece com todo mundo e é só a forma de você se relacionar com isso que te dá esse estigma de gago ou não, não é?

Articulando o cognitivo, o social e o motor, mostra que a gagueira existe e deixou de ser um sofrimento:

É alguma coisa sofrida que de repente eu acordava de manhã com mil planos e projetos de como driblar, como fazer, respirar melhor, ou sabe coisas assim. Agora nada disso mais acontece. Apesar de que, quando eu vou atender o telefone, de repente pinta assim o lance, entendeu. Mas tudo bem, pintou, foi, acabou. Não é mais alguma coisa assim sofrida.

Falando da imagem de si como falante, Eliane articula o afetivo, o motor e o social, põe em evidência a integridade de sua capacidade fonarticulatória e mostra que a percepção de sua fluência ativava a gagueira:

Tinha vezes que eu me assustava com a minha fluência. Às vezes, sabe?, lá pôxa, com algum cliente no consultório tudo, eu começava a falar e de repente prrrrr, aí eu parava, porque eu falava: Meu Deus eu estou falando, não é? Então aí a gente ganha tempo com aquele corte, com aquela quebra mesmo.

Olha, um átimo de segundo, uma coisa assim tão, tão... Ela é tão rápida, tão..., eu simplesmente continuava, mas eu tinha quebra exatamente nesse momento.

Articulando o cognitivo e o motor, mostra consciência crítica da relação entre fala e silêncio:

Até isso eu saquei também, então de repente agora eu fico mais quieta do que falo, apesar de eu estar falando pra caramba; mas eu acho que a gente tem que falar aqui.

Relacionando a visão da gagueira à imagem de si, Eliane põe em evidência a integridade de sua capacidade fonarticulatória e mostra o fato de a gagueira ser determinada na relação com o outro e em função do valor atribuído à imagem de si.

Articulando o afetivo, o motor e o social, fala da relação entre a fluência e o estar sozinha:

Mas acontece que eu leio muito bem sozinha, não é? Com os outros era uma verdadeira tragédia, mas sozinha entra uma fluência. Colocava sabe?, todas aquelas articulações, tudo direitinho, na hora certã, na hora exata, uma pronúncia maravilhosa, entende? Como que falando sozinha eu dava as minhas palestras dirigidas, porque trrrrrr, porque não sei o quê. Tudo sozinha, na maior fluência. Chegava na hora H...

Articulando o cognitivo, o afetivo, o motor e o social, mostra que a relação de comunicação com outra pessoa gaga, ativava a ima-

gem estigmatizada de falante, num primeiro momento, e em seguida levava à produção espontânea de fluência. Em relação a isso, fala criticamente de uma imagem idealizada de falante, considerando-a uma fantasia geradora de cobrança da qual se libertou:

Eu sempre tive muito medo de encontrar uma pessoa gaga na minha frente. Eu tinha medo. Eu tenho uma irmã muito mais gaga do que eu. Era um dilema conversar com ela. Até que ela era uma pessoa mais fácil, porque era uma pessoa da família. Mas (...) na hora você está tão atenta aos truques etc. da fala. Então era no ato. Eu tinha medo de, sabe? ver no outro a minha dificuldade. Então era uma dificuldade eu lidar, entende?, o outro de repente. Aí eu abaixava, realmente me acalmava, entende? E aí uma fluência impressionante, sabe? É só eu encontrar uma outra pessoa, sempre foi assim que eu saiba, que tinha dificuldade tudo, a minha fluência aparecia de uma maneira superespontânea. É um dado que eu não sei por quê. Não sei, talvez ele estivesse mostrando para mim alguma coisa que é de todo mundo, ou que eu sempre fui fluente no caso, tá certo, e aquela fluência aparecia.

Então sei lá, de repente ele também mostrava aquela imagem, não é?, que eu sempre achei negativa no caso, porque a imagem do gago é extremamente negativa, ou então ele idealiza. Por exemplo, eu tinha fantasias assim de ser uma superfalante para um público maravilhoso, entendeu? Então esse negócio abaixou em mim, sabe? Porque era uma fantasia mesmo, não é? Então abaixou de uma maneira gostosa, sem aquela ansiedade de você sair em busca desesperada.

Ainda relacionando a visão da gagueira à imagem de si, e pon-do em evidência a integridade de sua capacidade fonoarticulatória, Eliane articula o afetivo e o motor, e mostra que na sua fala existem fluência e gagueira. Mostra também que a gagueira é vivenciada sem ansiedade e a aceita como uma manifestação ligada ao contexto da ativação das emoções. Fala ainda da importância da consciência proprioceptiva para esse estado de coisas:

É, teve uma época que eu também comecei: Será que essa onda vai passar? Porque eu sou extremamente cíclica, sabe? Muda a lua eu mudo junto, entendeu? Então tem semanas assim que é... Nossa Senhora, uma fluência assim! Rex Humbard ia ficar com inveja de mim entendeu? Então é um negócio fora de série. Agora tem semanas... Por quê? Porque eu estou mais ansiosa, ou eu estou mais isso, eu estou mais aquilo e a coisa vai aparecer, entende? Agora eu não estou mais tão preocupada como eu estava antes se vai demorar, se

vai ser amanhã que... sabe? É alguma coisa assim que é meu, que está aqui e que é uma coisa vivenciada, sabe? Então sabe aquela conotação de ansiedade, tá. Puxa! quanto tempo mais ainda tenho que ir na Silvia? Sabe assim, quanto tempo mais..., parece que acabou.

Eu acho até que é sentir seu corpo, alguma coisa que você tenha que vivenciar em você.

Às vezes assim, às vezes quando eu realmente estou tensa, tá?, consigo vivenciar. Agora passar para o outro processo eu não passo mais. Porque antes era alguma tentativa de ir mais adiante, não ficar tensa, ou não isso, não aquilo.

Relacionando, mais uma vez, a visão da gagueira à imagem de si, Eliane articula o cognitivo, o afetivo, o motor e o social, e fala sobre a importância da consciência corporal e social para superar a visão da gagueira como um problema orgânico e assumir sua espontaneidade e singularidade como falante:

Exatamente. Está completamente distante, entendeu? Agora, intuitivamente eu sempre achei isso, por isso que todo o meu caminho profissional foi em cima do corpo. Eu achava que era um lance de corpo, mais falta de espontaneidade. Para mim era isso, tá?, porque se eu sou espontânea a coisa flui do jeito que eu sou, com quebra, sem quebra, mas eu sou assim e tenho dito, assinado embaixo e ponto final entendeu? Mas não. Era uma distância de que eu estou aqui, mas a minha fala está lá. Então era uma distância muito grande que eu tinha que unir. Intuitivamente eu achava que era assim, então os meus caminhos foram sempre para isso: psicomotricidade, massoterapia, depois Reich, toda essa linha para trabalhar o corpo que eu achava que tinha alguma coisa com ele.

Isso e a parte social também, sabe?, que foi uma coisa que eu sempre deixei um pouco de lado e hoje eu vejo o quanto é importante.

Como se fosse alguma coisa orgânica, como eu te falava, não é? Um comprometimento assim orgânico, entendeu?

Articula o cognitivo, o afetivo, o social, e o motor, e mostra que aceita sua forma de falar e sua singularidade como falante:

Eu tinha uma mania. Toda vez que eu ia em seminário, palestra, etc., então eu ficava assim fissurada no cara que estava falando, no jeito dele falar, na fluência, forma. Era uma coisa assim, a forma e o conteúdo. Mas um negócio fissurante entendeu? Então de repente esse negócio amenizou demais. Cada um tem o seu jeito de falar, tá. E eu acho que isso é uma lição de vida também, porque

você, sei lá, respeita a forma de cada pessoa ser, né? Porque falar é uma forma de ser também, não é verdade? Então é um auto-respeito com você também, aceitar que a tua fala é assim, não é verdade? Então acho que por aí a coisa começou a fluir muito mais sem aquela preocupação.

Articulando o cognitivo, o afetivo e o social Solange fala de seu passado de descrever na possibilidade de sair da gagueira e da esperança surgida a partir do encontro com alguém que conseguiu:

Eu sempre quis ver gente, ver pessoas, porque eu nunca conheci pessoas que escaparam dessa trama toda. Eu conheci gago já, mas não gago que deixa de ser gago. Nunca conheci.

Quando me mostraram um outro caminho (no atual processo terapêutico que está vivenciando) eu queria pegar. É mesmo real? Mas ele... isto realmente... cadê? Eu quero ver. Porque eu não acreditava mais em pensar apenas, eu queria ver eu queria apalpar.

(...) eu não queria um objetivo não, eu queria não é experiência (...) eu queria um exemplo vivo, eu queria alguém que passou por essa experiência e teve um bom resultado.

Através das demais articulações entre as representações que compõem o seu discurso, Solange, assim como Eliane, compara o passado e o presente com relação à imagem de si e à visão da gagueira, mostrando mudanças.

Relaciona a visão da gagueira à sua forma de interagir com os outros.

Articulando o cognitivo, o afetivo e o motor, mostra os conteúdos negativos com que representava a gagueira e também as características de suas relações de comunicação, nas quais se impunha e desconsiderava o interlocutor. Afirma que quando deixou de sofrer por causa da gagueira, conscientizou-se desse estado de coisas, que hoje faz parte do passado:

A gagueira pra mim foi uma trama, uma coisa pesada que eu aprendi a encarar quando eu fiz terapia um ano e meio, dois anos. Eu sou e vejo o que eu faço com ela. Vou enfrentar.

(...) aquele fardo pesado que eu carregava todo dia. Coisa massacrante que era eu ter que ir até a esquina e pensar: Eu vou na esquina, eu vou fazer, eu vou falar, com toda aquela carga junto comigo. Eu ia fazer, só que morrendo de medo, toda armada. Eu colocava uma arma e ia embora. Sofria pra caramba. Só que eu só consegui enxergar isso agora que eu não sofro mais. Entendeu como é que é a coisa agora comigo?

Eu pegava a pessoa, era incrível, eu pegava a pessoa e: Agora você vai me ouvir, entendeu? Daí eu passava uma tal carga que eu imagino como é que era, agora. Sabe que agora me passou tanto a fase que eu já nem sei como que era, como que era realmente. Eu já não consigo recordar tanto como é que era, como antigamente eu tinha presente isso a todo instante, sabe? Agora não, isso não me preocupa mais.

Articulando o cognitivo, o afetivo, o social e o motor, mostra a consciência crítica de sua falta de espontaneidade para falar, ligada às características das relações de comunicação acima apontadas:

Porque antes eu tinha tudo programado, entendeu? Até que eu gaguejava eu já tinha a próxima palavra no assunto, independente do que você ia me responder, não tinha muita importância. Tinha importância aquela mensagem que eu tinha que passar. Eu te agarrava e era bem assim: eu te colocava no sofá e te enfrentava.

Relaciona a visão da gagueira à consciência corporal.

Articulando o cognitivo, o afetivo e o motor, mostra mudança na consciência que tinha sobre a forma de produção da fala:

Você manda a mensagem, não tem resposta, não sabe o que aconteceu, trava tudo, fecha aqui, abre, não abre (...) De repente eu comecei a ver, abre, solta, não precisa prender nada, não precisa fazer nada, não precisa ensaiar nada. A coisa começou a aparecer, a surgir, que me assustou.

Relaciona a imagem de si à maneira como se relaciona com os outros.

Articulando o afetivo, o motor e o social, explicita a cobrança e ansiedade para falar, que geravam incapacidade para ouvir o outro e se transformaram em capacidade de ouvi-lo, e com isso evidencia um equilíbrio entre a fala e o silêncio:

Aconteceu comigo também. Eu achava que o mais importante era falar, independente se era gaga ou não, entendeu? (...) que eu sempre fui a primeira a falar qualquer coisa. Na escola principalmente, eu não tinha paciência de esperar nada, entendeu? Não dava para esperar a minha vez. Eu sempre chegava: Olha, olha, eu sou assim, assim, assado, patati patatá, patatá, passava o meu recado, acabou. Era uma carga que eu tirava.

Agora consigo dar o meu tempo, eu consigo escutar. Gente! Eu não conseguia escutar na minha vida, não conseguia escutar, since-

ramente. Eu estava tão preocupada em falar que eu não estava nem pensando na tua resposta, eu estava pensando na minha.

Relaciona a imagem de si à consciência corporal.

Articulando o cognitivo, o afetivo e o motor, fala da mudança no grande estado de tensão e de alienação corporal:

Agora eu consigo escutar, eu tenho ouvidos também, além de boca, entendeu?

Tenho mais alguma coisa em mim além da gagueira. Existe mais, eu tenho mais partes, eu tenho pernas, pé, sabe?, ouvidos, mãos, ombros, que antigamente eu não tinha ombro, eu tinha uma armadura tensa. Agora eu sinto que eu tenho tudo. Eu ando, eu sinto tudo andando junto. Antigamente não, eu andava tão tensa, tão presa, esperando alguma coisa, que eu não sabia de nada, só sabia que eu tinha boca eu acho e gagueira junto.

Relacionando a imagem de si à visão da gagueira, articula o cognitivo e o afetivo, e mostra consciência crítica de que a gagueira lhe parecia intrínseca ao seu modo de ser e lhe servia de apoio, a ponto de sentir-se perdida ao ver-se sem ela:

É a gagueira, é você. Não uma coisa só, porque antes era uma coisa só, tanto que a gagueira encobria tudo. Quando eu consegui arrancar ela de cima eu fiquei quase que perdida no começo, sabe? Meu Deus e agora? Cadê a capa, entendeu? A gente usa um pouco ela, não é?

A gente acorda em cima dela, apesar de não querer e não aceitar, mas ela é muito fácil, não é? É como se eu tivesse um casaco pesado e eu tirei. A partir desse momento eu tirei a gagueira, fiquei sozinha, meu Deus do céu! (...) Eu faço o quê? Entendeu? Eu achei que não sabia começar mais. Eu achei que não sabia mais conversar. Eu achei que não tinha mais onde me apoiar, porque era que nem um apoio, entendeu?

Articulando o cognitivo, o afetivo e o motor, fala de mudanças na sua postura corporal e na imagem de si como falante e mostra consciência de que se cobrava para falar.

Se alguém me perguntava a hora na rua, eu andava presa. Agora não, eu ando solta que nem eu estava te dizendo. O timbre da minha voz é outro. Eu gosto de me escutar falar. Antigamente não, eu tinha uma voz de taquara rachada, terrível. (...) Não sei como

é que o negócio aconteceu, tá? Mas eu acho que eu vejo de uma outra forma. Eu acho que era tão pesado que eu não escutava a minha voz de tão pesada que era a coisa. O mais importante era falar, passar o que eu precisava.

Articulando o afetivo, o motor e o social, fala da imagem de si e mostra que não aceita a gagueira:

Daí aconteceu uma coisa, poxa, antigamente era a preocupação com os outros e a gagueira, agora é a preocupação que eu tenho de os outros verem que eu não sou mais gaga. Quer dizer, a preocupação está lá.

Mas de repente eu falo e agora? Preciso mostrar que eu não sou mais, quer dizer, estou ótima entendeu? Olha!

E a responsabilidade agora de não ser mais gaga gente, cadê?

Articulando o afetivo e o motor, fala sobre sua concepção de fluência e revela a não aceitação da gagueira:

Eu quero para mim não quebrar mais, já que eu posso, eu sei sabe?, eu não quero mais quebrar.

DISCUSSÃO

Através das articulações entre as representações deste discurso Eliane caracterizou sua imagem estigmatizada de falante, no passado, e sua imagem de bom falante, no presente, bem como a consciência crítica do modo de produção de si como falante.

A visão absolutista da gagueira, de uma barreira para tudo, a desculpa para todos os problemas, é relativizada e passa a ser vista como hábito adquirido, assumindo a dimensão de uma manifestação desenvolvida ao longo da história de vida. Nesta, destaca a vivência de pressão e cobrança por parte dos outros, remetendo-nos às reações de não aceitação do padrão de fala analisadas no capítulo anterior. Eliane mostra consciência da dialética subjetividade/objetividade do modo de produção da gagueira, na qual se destacam os sentimentos negativos à manifestação da gagueira e à imagem de falante; o esquema de pressuposição da gagueira; e o uso de truques para evitá-la. Destacam-se também o esquema de cobrança para falar (autocrítica) e a relação desse esquema com a opinião dos outros, onde pesam os valores e as emoções sobre a imagem de si e sobre as quebras da fluência. Uma mudança desse estado de coisas é evidenciada, na medida em que Eliane considera que a quebra de fluência também pode ser uma manifestação *plenamente normal*, o que sig-

nifica que aceita a produção da gagueira. A mudança evidencia-se, ainda, quando Eliane conta que deixou de evitar situações de grupo e passou a expor-se profissionalmente nesse tipo de situação. Mostra, com isso, mudanças na sua forma de ver a gagueira e na imagem de si como falante.

A superação do jogo de pressuposições e truques para falar bem é apontada por Eliane como a grande mudança na forma de produção da fala. Essa mudança, tanto quanto para Ricardo, está ligada à possibilidade de conhecer-se mais. Desse modo, Eliane reflete sobre a compreensão a que chegou a respeito da relação de determinação entre a gagueira e seu modo de ser, e entende que era seu modo de ser que ativava a gagueira. Considera que atualmente existem quebras em sua fala, e que as emoções e os valores nas quais elas estão envolvidas, determinam ou não a imagem estigmatizada de falante. Afirma que a gagueira deixou de ser um sofrimento, na medida em que deixou de estar ligada ao jogo de pressuposições e truques. Desse modo, mostra que aceitou a gagueira e confirma a mudança na visão que tinha dela, e também na imagem de si como falante.

Evidenciando a integridade de sua capacidade fonoarticulatória, Eliane comenta a preponderância da imagem estigmatizada de falante sobre sua forma de produção de fala, no passado, e mostra que as variações na mesma ocorriam em função da presença do outro e dos valores atribuídos a ele e à imagem de si. Ressalta-se, assim, a estreita relação que existe entre os valores (ativadores das emoções) atribuídos a si e aos outros e a produção da gagueira sofrimento.

Caracterizando a imagem de si como bom falante, Eliane critica a imagem idealizada geradora de cobrança. Mostra que aprendeu a equilibrar a fala e o silêncio, não cobrando-se mais para falar, o que implica a desativação do jogo de pressuposições e truques para falar bem. Mostra que é capaz de vivenciar a gagueira sem ansiedade e que a aceita como um momento passageiro e normal da fala, ligado ao contexto da ativação das emoções. Mostra ainda que está para os outros, na medida em que passou a expor-se em situações grupais. Assume-se, assim, na sua singularidade de falante. Evidencia a importância da consciência proprioceptiva e social para chegar a esse estado de coisas e fala da certeza de que não voltará ao estado de gagueira sofrimento.

Através das articulações entre as representações do discurso de Solange, vemos uma mudança com relação a sua visão da gagueira e a sua imagem de falante, caracterizada por um aumento da capacidade de vê-la de modo crítico.

Desse modo, no plano da subjetividade, Solange mostrou ter tomado consciência dos conteúdos emocionais negativos que associa-

va à gagueira, da tentativa que fazia de programar todo o discurso — um truque para evitar a gagueira —, da ansiedade e da cobrança para falar. No plano da objetividade, mostrou ter desenvolvido consciência proprioceptiva, evidenciada na percepção da tensão empregada para falar e da forma de movimentar os órgãos fonoarticulatórios para falar fluentemente. Tomou consciência também da maneira negativa de relacionar-se com o outro, quando, ao mesmo tempo que se impunha, ignorava-o. Mostrou, assim, que passou a perceber a dialética subjetividade/objetividade que determinavam a manifestação da gagueira sofrimento.

Nesse contexto, Solange disse que passou a escutar a fala dos outros, sugerindo a diminuição na sua cobrança para falar e o aumento da capacidade de estabelecer equilíbrio entre a fala e o silêncio. Contou também que, além de perceber como devia usar os órgãos fonoarticulatórios para falar fluentemente, percebeu que não havia necessidade de planejar sua fala, nem usar truques para falar bem, chegando a se assustar com a fala que, nessas condições, começou a surgir. Isto mostrou quanto Solange estava afastada da sua efetiva capacidade de falante, o que se confirmou quando ela contou que a gagueira lhe parecia intrínseca ao seu modo de ser e lhe dava apoio, a ponto de sentir-se perdida ao ver que podia falar sem ela. Mostra, assim, quanto a gagueira fazia parte da coerência de sua identidade.

Uma visão diferente de si como falante começa a surgir: Solange se vê solta, gosta de ouvir sua voz, não se cobra para falar. Entretanto, seu desejo é de não ter mais quebras ao falar, com o que demonstra que ela vê a fluência como algo absoluto. Seu desejo é também expor a toda sua capacidade de falar sem quebras, para mostrar que não é mais gaga. O que Solange evidencia através desses desejos, embora afirme que a gagueira não se constitui mais em sofrimento, é a negação da gagueira e o predomínio do personagem mau falante no modo de produção de si. Entendemos que, nessas condições, a capacidade de produzir fala fluente, como um fenômeno da objetividade, não tem como contrapartida a imagem de bom falante, no plano da subjetividade. A consciência corporal e a capacidade de sentir a fala, que favorecem a produção de uma fala fluente, passaram a se constituir, portanto, em truque para falar bem. Isto nos remete à necessidade de trabalhar terapêuticamente, no sentido de Solange tornar-se crítica em relação à sua forma de usar a capacidade de falar fluentemente, levando-a a usar essa capacidade no desenvolvimento do personagem bom falante.

Apesar das diferenças substantivas entre as imagens de falante de Eliane e Solange, entendemos que as representações articuladas

em ambos os discursos indicam semelhanças entre as mudanças, e também o caminho percorrido para alcançá-las, apresentados por Ricardo. Essas semelhanças apontam para os aspectos mais relevantes de um possível trabalho terapêutico com sujeitos que manifestam gagueira sofrimento.

Análise da situação terapêutica com Gerson e Edgar

Situação terapêutica de 11/12/87

REPRESENTAÇÕES

Compõem a categoria Afetividade, no discurso de Gerson, as seguintes representações:

É não ficar muito preocupado com o efeito primeiro, na hora; no terceiro dia eu já ficava deprimi...; fiquei deprimido um dia que eu vi aqui e eu vi que era um processo; porque eu estava de saco cheio de passar por vários processos para acabar com a gagueira; ia em cima; saía daqui empolgadíssimo com as coisas; eu passei por altos e baixos; agora como e quando voltou à tona, eu caí numa depressão e para me reerguer outra vez foi. Quando eu tinha onze anos era muito grave; então eu sofri muito até os onze anos; não queria ser reconhecido como um gago no palco; isso que me trazia um conflito; comecei a perceber que ganhava fama através... e me deixava muito deprimido; durante a minha vida toda eu quis mostrar para as pessoas que eu não era gago, por isso que eu usava o truque; a minha vida inteira foi evitar pensar na gagueira: eu tinha medo de dizer: “Vamos tomar Coca-Cola”; eu tinha medo de falar “vamos”, “va”, “va” o “va” ou a palavra Cola-Cola; da palavra guaraná eu não tinha...; coisa tão simples entrar num bar e pedir uma Coca-Cola, né?; outra pessoa ia entrar, ia pedir, ia ficar pensando outra coisa, no trabalho; fiz todo um processo de sair de carro e ficar pensando se eu ia pedir uma Coca-Cola e porque que não pedir um guaraná; eu queria tomar uma Coca e quantas vezes eu troquei o meu refrigerante; milhões de vezes!; troquei, troquei mesmo, de tomar guaraná e eu não gosto de guaraná eu prefiro Coca; eu olhava com raiva, tinha vontade de nem pagar a Coca-Cola; eu ficava com raiva; eu não queria que as pessoas percebessem que eu era gago; sempre eu estava forjando; eu estava fugindo da coisa; acho que por mais que você não queira se sentir é um centro de atração por causa da gagueira; algo que eu tentei esconder tanto tempo para que as pessoas não rissem de mim; porque o riso, a risada, o tirar sarro, era muito doído para mim; era muito difícil; porque a criança não respeita muito

porque ela é muito até pura. Nervosismo é uma ótima emoção; você fica nervoso; a gente é nervoso; São Paulo é nervosa; há um nervosismo de todo mundo; se percebe que ele está nervoso no início, ele entra nervoso; melhor ter um nervosismo do que ir sem emoção alguma; ser uma pessoa fria; não há como você não ser uma pessoa tensa, principalmente numa cidade como São Paulo: não há como dizer eu vou se uma pessoa calma; tensão existe; ela sempre vai existir; mas eu sempre, antes aí de entrar, me bate o coração um pouquinho; isso é ótimo; não queira acabar com isso; é a emoção. Um a um intimista assim, eu odiava conversar; eu não gostava de conversar às vezes com pouca gente; no telefone ansiedade, a pessoa está esperando; o telefone era uma desgraça para mim; eu odiava telefone; eu odiava isso; porque eu tinha eu não conseguia; eu não estou a fim de ligar para esses clientes. Eu adorava ler na aula; modéstia à parte, eu sabia ler muito bem e queria mostrar para as pessoas. Já perdi o medo para falar; eu estou melhorando porque eu estou sem medo agora; o medo você só perde enfrentando; mas eu enfrentei; só você indo na dor, profundamente na dor você entende a dor e estoura; eu vou fundo nela; tem que ir de cabeça; eu vou sofrer; é sofrer mesmo; porque você vai ter que sofrer a ponto tipo de se expor; se expor é uma fase difícil; são tantos os truques que não é fácil eu dizer eu vou pular todos; mas você pode curtir de uma boa forma; eu assumi a gagueira diante dele; eu assumi assim tipo eu tenho a gagueira; tive que assumir; claro que na hora criou um trauma; pela própria angústia; estava encucado; não gostei dele rir; eu não gostei da situação; não foi fácil; foi fogo assim sair daqui e dizer assim: Vou ter que gaguejar com todo mundo para deixar o truque; eu saí com tanto entusiasmo e liguei para todos os clientes; gaguejei que nem um tonto; só porque eu encuquei com esse aparelhinho. Foi difícil eu abandonar o pensamento; abandonar essa mensagem não foi fácil; para você abandonar esse pensamento você tem que assumir também; e vem uma mensagem: Cuidado com a palavra!; parece que tem o anjinho aqui e o diabinho; sabe, em desenho animado que o diabinho fica: “Você vai gaguejar, não tem jeito”; era o anjinho que estava: Por que é que eu vou gaguejar?; eu me tornei uma pessoa muito mais feliz quando eu abandonei isso.

Compõem a categoria Afetividade, no discurso de Edgar, as seguintes representações:

Me sinto muito seguro; certas tensões por milagre elas desaparecem; diante de um público grande me saí bem; com certas pessoas eu vivo tranqüilamente sem problema nenhum; com certas pessoas passa

a ser um troço muito desgastante; só que eu não acredito nisso de ter me saído bem; eu não acreditava nisso de ter falado; você toma até um susto; ué, por que é que você falou bem?; a gagueira em você é muito mais forte do que não gaguejar; o gaguejar está em você; ele está muito mais presente; muito mais dentro no que é você; você passa a não acreditar naquilo que você faz; a não competência está muito forte ainda pelo menos dentro de mim; a não competência está muito forte e ela basicamente mascara a competência com muito mais força; não consigo acreditar ainda na minha competência; eu acredito mas ainda na minha não; é isso que está difícil dizer para mim mesmo; eu tomar alguma atitude de dentro para fora, que eu sou competente para falar; que eu consigo falar bem; e essa história de pensamento: por que é que eu vou gaguejar?, eu já crio uma angústia muito grande e crio uma tensão talvez maior ainda. Fico com medo de ser questionado; sensação de medo; é esse nervoso que eu quero falar. Eu não gosto de ser gago; o gago ele tem medo de se tornar o centro de atenções para gozações; nesse perceber por todo mundo ser de uma forma gozadora; ser alvo de piada; eu sinto isso; você não gosta de se sentir o centro das atenções; você não gosta de ser gozado; isso está muito forte ainda dentro de mim; eu não consegui ainda me libertar disso. Se torna mais ridículo eu colocar o “eras” do que eu gaguejar, do que repetir sílabas várias vezes; eu me sinto melhor colocando “eras”. Pedi o quadro-negro ansiosamente; quando eu cheguei lá e não vi o quadro me senti desmontado; totalmente desmontado; só comecei a palestra quando veio o quadro-negro e o giz. Ela me falou coisas que eu senti mesmo.

Compõem a categoria Cognição, no discurso de Gerson, as seguintes representações:

A gagueira existe como um objeto; eu pensava sempre que a gagueira era um objeto; era algo que podia puxar da minha vida; pensei que eu vinha aqui e em poucos meses eu ia acabar. Vi que era processo; é processo, é treino também; é treino esse papo de mensagem assim; é um treino que você vai fazendo dia a dia; para abandonar esse pensamento eu demorei uns três meses; eu acho, até mais, porque estou aqui em fevereiro faz um ano; eu demorei muito mais; eu demorei para ter uma consciência de que ele existia; o resultado nunca é na hora, algo que eu também me conscientizei aqui; eu falei: Em breve não vou mais voltar aqui; é algo às vezes que declina se a gente quer algo imediatista. Você vai sair daqui e talvez aí no trânsito você seja fechado: você vê uma crise nos hospitais. É uma crença que você tem; ele não acredita que é gago; acho que a gente

põe crenças na gente que na frente de cem, duzen...; tinha uma crença contrária; eu coloquei algo ainda na cabeça; você vê que é contrário do que você fazia. Eu acho que eu tenho embasado pelo menos o que eu aprendi para sair do sistema da gagueira; dizer não ao truque; dizer eu vou abandonar o truque; porque vira automatismo; porque vira vício; o truque às vezes é vício; eu criei os meus vícios; eu tenho aquela coisa de achar que nas palavras com “tr”, nas palavras com “pl” ou “pr”, eu vou gaguejar; até que um dia eu percebi que o truque é desnecessário; o truque na minha opinião é o sintoma; às vezes tem uns que eu nem tenho consciência; até eu começo a tomar consciência agora, depois de tanto tempo; não sabia que isso era truque. Acho que tem algo que a gente também chegou que foi assim sobre a crença, sobre o pensamento, sobre a mensagem e a contramensagem; em um papo que já Jesus lá dois mil anos atrás falava: “Orai e vigiai, vigiai os pensamentos”; aquela mensagenzinha que vinha: “Você vai gaguejar; você não vai conseguir”; essa mensagem que eu ouvia na minha consciência: Você não vai conseguir, você é gago; por exemplo, eu posso passar isso agora e para a mensagem existe a contramensagem e você tenta fazer isso agora; mas é o pensamento; eu tinha aquela mensagem na minha cabeça; que é mensagem; eu vou gaguejar, mas por que é que eu vou gaguejar? Só porque é um telefone; só porque eu institucionalizei que esse aparelhinho eu gaguejo?; eu não vou mais gaguejar; não tenho defeito nenhum na fala; mas o pensamento vem; como às vezes ainda vem de vez em quando; nós falamos aqui de criar a contramensagem; você tem que dizer eu tenho esse pensamento e então eu vou começar a mandar as contramensagens para ele; mandar as contramensagens dizendo assim: Por que é que eu vou gaguejar? Eu vou falar; isso eu fazendo todo dia, toda hora, na hora que eu ia falar. Eu sabia que eu era gago desde pequeno; desde pequeno tenho a experiência. Eu não ficava pensando na gagueira; quando eu fui num fonoaudiólogo outro, ele não me fazia pensar o que era a gagueira; ninguém me fazia refletir o que era a gagueira para mim; qual era o meu histórico; eu tenho um histórico; você tem um histórico da gagueira; então só foi um dia em que eu fiquei falando, eu parei de pensar. Eu sou gago, mas a hora que eu subo no palco eu não...; não é que eu sou gago, eu tenho a gagueira; tem que ir a fundo; tem que entender. É um pobre de espírito; é uma pessoa que..., eu comecei a pensar assim uma vez.

Compõem a categoria Cognição, no discurso de Edgar, as seguintes representações:

Penso para falar; inclusive não importa o raciocínio; eu não tenho idéias; não penso para falar; é uma coisa que eu não consigo

entender; eu não consigo entender dentro de mim; eu não consigo ainda dentro de mim perceber isso; por que se eu estava falando bem lá fora; e por que essa sensação de medo?; parece que é uma muralha separando essas duas coisas; por que essa separação? é isso que eu não consigo ainda separar; você já me explicou várias vezes isso. A Silvia colocou coisas que realmente me convenceram; porque eu estava falando normalmente quando eu estava escrevendo; porque eu não poderia falar sem estar escrevendo; estou percebendo que o “eras” é ridículo porque não tem nada a ver; eu acho que o centro de tudo é o truque que você emprega; uma situação que eu só percebi depois; depois é que comecei; depois que eu vim; eu estou aqui com a Silvia basicamente uns três meses. Eu consigo falar nisso, eu consigo pensar nisso diariamente, só que eu não consigo acreditar ainda; você sai dali e passa pela sua cabeça várias coisas e você esquece aquilo que você faz bem. Você acha dentro da sua cabeça que você vai ser o centro de todo mundo.

Compõem a categoria Nível Motor, no discurso de Gerson, as seguintes representações:

Gaguejar, eu vou gaguejar; eu gaguejei mas eu falei; eu não mostro que eu gaguejei; truques; uso de vez em quando; caio no truque; são tantos os truques; dar uma respiradinha ou outra coisa; falar a palavra “é” na frente; eu botava o “é” na frente, voltar a “é”, botar o “é” na frente; é vamos tomar uma Coca-Cola? eu conseguia falar o Coca-Cola; tem que gaguejar; para eu abandonar a gagueira ela teve que aumentar; a gagueira tinha aumentado; vou ter que gaguejar com todo mundo para deixar o truque; abandonar o truque; não estou mais usando o truque; eu não gaguejei nada; não gaguejava; um dia eu passava sem gaguejar; no palco eu não gaguejo. Eu falei: Me dá uma Co... Co... e eu fiquei no... até sair; vou ter que ficar numa palavra como Coca-C..., Coca-Cola; tive que ficar em cima das palavras, em todas; tenho tentado ficar nelas como agora eu fiquei; fui falar truque, eu não dei uma paradinha, eu fui: Truque; a palavra “truque” como agora eu dei uma demoradinha para falar; entra no teu: Pô, eu posso falar; é isso o sentir a fala; você ficando nisso; demorar. Falar, falar em aula; ficava falando frases; tive que falar; lia; ler em aula; ler crônica; ler poesia; sabia ler muito bem; sei ler apesar de ser gago; fazer palestra; a palestra corre; conversar; pedir uma Coca-Cola.

Compõem a categoria Nível Motor, no discurso de Edgar, as seguintes representações:

Tensões desaparecem; tensão muito maior; vem a tensão; crio mais tensão; estado tensional que bloqueia a voz; bloqueia o modo de falar em si; bloqueio a nível de cordas vocais. Gaguejo; eu gaguejo muito; eu não consigo pronunciar quase uma palavra; problema muscular; uso truque; um truque que eu uso é “eras”; eu ia usar agora; colocava “eras” na frente de palavras que não têm nada a ver; uso um outro truque; falar e escrever ao mesmo tempo. Falar; falo bem; não penso para falar; consigo falar muito bem; falando normalmente quando eu estava escrevendo; conversando; flui naturalmente a minha fala; inclusive desenvolver um raciocínio; penso para falar; não consigo falar; tenho a impressão de que eu não vou conseguir falar; fazer, dar palestra.

Compõem a categoria Social no discurso de Gerson, as seguintes representações:

Fazer teatro com onze anos; palco; gago está no palco; ser reconhecido como bom ator não como gago; ganhava fama através...; já tenho uma certa experiência, eu já fiz quantas apresentações. Pessoas; eu e a Silvia; pai; clientes; pessoas falavam: Ah, o Machado de Assis era gago e foi em frente ao mar, abria o livro e ficava falando em frente ao mar; todas as pessoas: O Joelmir Beting era gago e falava assim em frente ao espelho e falava devagar; desde o jardim-de-infância as pessoas gozando; as pessoas às vezes olham para a gente rindo; ela está rindo de perceber que eu sou uma pessoa que tenho um problema; a pessoa vira e até fala: É um coitado; outros; outro que goza; outro que tira sarro; o cara dar risada; um ou outro que goza, que tira sarro; criança que dá risada; você vira adolescente as pessoas começam a te respeitar mais; médico; todo mundo; todo mundo percebeu; as pessoas sacaram: Nossa, a sua gagueira aumentou?; achavam que tudo que eu estava fazendo em volta da gagueira não estava adiantando; como todo mundo gagueja; cara que é gago; cara ficou nervoso; o cara que estava atendendo no bar; ele deu uma risada; um diretor me explicou; um amigo meu; ele é assim também; ele não é gago; ele gagueja de vez em quando; ninguém me fazia refletir. Se expor para as pessoas. Palestra. Aula; recreio; jardim-de-infância. São Paulo. Aqui (consultório). Telefone; ligar. Situação; pouca gente; um a um intimista; contato corpo a corpo, um a um, dois a dois. Padaria; bar. Em casa. Encontro de jovens. Telefone. Escritório de advocacia. Fazer um vídeo profissional.

Compõem a categoria Social, no discurso de Edgar, as seguintes representações:

Sozinho. Outras pessoas; pessoas; certas pessoas hierarquicamente superiores; médicos; amigos; chefe; paciente; a Silvia; grupo; platéia; defrontei diante de um público grande; trabalhadores. Situações diferentes. Consultório. Auditório. Telefone. Semana de prevenção de acidentes. Ser o centro de todo mundo; ser olhado por todo mundo; ser percebido por todo mundo.

ANÁLISE DAS ARTICULAÇÕES ENTRE AS REPRESENTAÇÕES

Através das articulações entre as representações que compõem o discurso de Edgar, ele nos mostra as condições de produção de si nos personagens bom e mau falante e evidencia a integridade de sua capacidade fonoarticulatória.

Articulando o cognitivo, o afetivo, o social e o motor, fala-nos das condições ligadas à produção de si como bom e mau falante e apresenta uma opinião assumida a partir da relação terapêutica que vivenciou comigo:

É, tudo bem. Eu estive conversan... é, é viu, Gerson? eu quando es..., eu es...tou no meu consultório diante do meu paciente, eu, eu, me sinto muito seguro e realmente eu não penso para falar. Eu realmente, certas tensões, né?, elas por milagre elas desaparecem: quer dizer, eu não penso para falar e realmente flui naturalmente a minha fala. É diante do meu paciente eu, eu sozinho, eu consigo falar muito bem e, e inclusive desenvolver um raciocínio. É o contrário quan..., quando eu estou com outras pessoas, quando eu estou em grupo, ou quando eu estou diante de uma platéia. Realmente há uma tensão muito maior e eu não consigo é realmente falar, inclusive não importa o raciocínio, quer dizer, eu não tenho idéias, né? São duas situações diferentes, né?, uma que eu me sinto..., não penso para falar e realmente falo bem dentro do meu consultório, diante do meu paciente. Agora com certas pessoas é, talvez eu não sei, eu vou empregar esse termo, é, é hierarquicamente superiores, no caso amigos, o chefe, alguma coisa, não sei, eu realmente penso para falar e vem a tensão e eu gaguejo, né? E tem vezes que eu gaguejo muito e eu não consigo pronunciar quase uma palavra e, e nisso eu uso truque e sobre esses truques é, é a Silvia colocou coisas que realmente me convenceram, né? Eu, eu uso é desses truques, crio mais tensão e gaguejo muito mais.

Fala-nos das produções de fala fluente e de gagueira sofrimento, articulando essa última à impressão de não conseguir falar, bem como à ativação da emoção medo. Mostra, apesar disso, não compreender a dialética subjetividade/objetividade desses modos de produção de si como falante:

Ó Silvia, é uma coisa que eu não consigo ainda é entender, ainda perceber. Parece que é uma muralha é separando essas duas coisas. É... um exemplo, eu estou conversando em grupo, quer dizer, com um grupo de médicos, ah eu estou falando bem e eu vou, é, é, exemplo, eu estou fora de um auditório, conversando no caso com eles bem, é, é, no caso, falando, e quando eu entro nesse auditório eu não consigo, quer dizer, eu tenho a impressão de que eu não vou conseguir falar. Então eu não consigo ainda. Você já me explicou várias vezes isso e eu não consigo ainda dentro de mim perceber isso. Por que essa separação? Você entendeu? Porque se eu estou falando bem fora para duas ou três pessoas, eu entro nesse auditório, eu fico com medo de ser questio..., de ser questionado, de realmente achar que eu é... que vou falar para aquela platéia? Mas por que eu estava falando bem fora e por que essa sensação de medo? Quer dizer, é isso que eu não consigo ainda separar e eu não consigo entender dentro de mim.

É esse nervoso que eu quero falar (...). É esse estado tensional que bloqueia no caso a voz. Bloqueia o modo de falar em si. E por que eu estava falando bem lá fora? Por mais que eu estivesse tenso, por que que eu estava falando bem lá fora?

Mostra a força da *imagem estigmatizada de falante* na forma de produção de si.

Articulando o cognitivo, o afetivo, o social e o motor, Edgar mostra ter consciência do uso de truques. Apesar do que sabe sobre eles, afirma sentir-se melhor usando-os para esconder a gagueira e não ser o centro das atenções:

Você sabe Ger... eu estou... é, eu uso truques porque realmente eu não gosto de ser gago e com você, e com... Olha, eu ia usar agora um truque que eu realmente uso, é "eras". Eu colocava "eras" na frente de palavras que não têm nada a ver. "Eras". E eu estou e real..., e real..., e realme... percebendo que o "eras" ele é ridículo realmente, porque não tem nada a ver. Quer dizer, se torna mais ridículo eu colocar o "eras" do que eu gaguejar, do que repetir sílabas várias vezes, né? Mas eu me sinto melhor colocando "eras". E como você falou, porque o gago ele tem medo de se tornar o centro de atenções para gozações e eu..., e isso está muito forte ainda dentro de mim. Quer dizer, eu não consegui ainda me libertar disso. Eu não sei se eu já contei isso para a Silvia. Uma vez eu ia numa semana de prevenção de acidentes, eu ia fazer uma palestra para trabalhadores, então eu pedi o quadro-negro ansiosamente, porque eu usava, eu uso um outro truque. Por exemplo, se eu escrever, se eu falar e escrever ao mesmo tempo, eu notava que eu gaguejava menos, bem

menos. Então eu fui dar essa palestra e quando eu cheguei lá e não vi o quadro, eu me senti desmontado, totalmente desmontado. Tanto prova que eu só comecei a palestra quando veio o quadro-negro e o giz, certo, você entendeu? Quer dizer é eras uma situação que eu só percebi depois. Quer dizer, depois que eu comecei. Olha “eras”, né? Depois que eu vim, é eu estou aqui com a Silvia basicamente uns três meses, né Silvia? então ela realmente, ela me falou coisas que eu senti mesmo. É porque eu estava falando normalmente quando eu estava escrevendo. E porque que eu não poderia falar sem estar escrevendo. Quer dizer, é, foi um outro truque que eu..., mas eu acho que o centro de tudo é realmente é o truque que você emprega. É o truque, você não gosta de se sentir o centro das atenções.

É você não gostar de ser gozado. Você achar que você..., você achar dentro da sua cabeça que você vai ser o centro de todo mundo, quer dizer, ser olhado é por todo mundo, ser percebido por todo mundo, entendeu?, e nesse perceber por todo mundo ser de uma for... de, de uma forma gozadora, ser alvo de piada, você entendeu? Eu sinto isso.

Articula o cognitivo, o afetivo e o motor, e mostra a crença na incapacidade de falar, bem como a força da manifestação da gagueira para a composição da sua imagem de falante, em face de uma experiência na qual teve que falar bem em público:

Mas é interessante que eu já me defrontei diante de um público grande tal e me saí bem. Só que eu, só que eu não acredito nisso de ter me saído bem, você entendeu? Eu não, eu não acreditava nisso de ter falado e digo ué, né? Você toma até um susto. Ué, por que é que você falou bem? E você sai, aí você sai dali e você passa pela sua cabeça várias coisas e você realmente esquece aquilo que você faz bem, né?, porque a gagueira, a gagueira em você é muito mais forte do que não gaguejar. Quer dizer, o gaguejar está em você, ele está muito mais presente, muito mais dentro no que é você e você passa a não acreditar naquilo que você faz.

Afirma que a crença na incapacidade de falar é forte o suficiente para mascarar sua competência para falar e impedi-lo de mobilizar a energia interior em direção a essa competência:

É, isso aqui a gente está lutando realmente para isso, porque a não competência está muito forte ainda pelo menos dentro de mim. A não competência está muito forte e ela basicamente mascara a competência, quer dizer, com muito mais força e é isso que eu..., que é..., que está difícil dizer para mim mesmo, eu tomar alguma atitude

de de dentro para fora, que eu sou competente para falar; que eu consigo falar bem; que eu não tenho nenhum bloqueio ao nível de cordas vocais; que eu não tenho nenhum problema muscular, né? quer dizer que eu articulo bem as palavras. Então isso, daí, quer dizer, eu, eu, é, eu consigo falar nisso, eu consigo pensar nisso diariamente, só que eu não consigo acreditar ainda, quer dizer, na minha competência está falan..., eu acredito mas ainda na minha não, é na não competência. Então isso que é o mais difícil para mim.

Fala das condições de produção de si como bom e mau falante e da força da imagem estigmatizada de falante.

Articulando o cognitivo, o afetivo, o motor e o social, mostra que a produção de si como bom e mau falante depende das pessoas com quem fala, e que o procedimento para superar a pressuposição da gagueira, descrito por Gerson (adiante), no seu caso só ativa mais gagueira:

Mas, Gerson, esse pensamento eu estou no seguinte estágio do processo, quer dizer, eu... exemplo do telefone: Com certas pessoas eu vivo tranqüilamente, tal, sem problema nenhum. Quer dizer, o telefone eu até esqueço que é um telefone. Mas quando é com certas pessoas, eu realmente, o telefone é..., passa a ser um troço muito desgastante. E, e essa história de pensamento, eu estou no estágio que diz: Mas por que é que eu vou gaguejar se eu tenho tudo perfeito? Por que é que eu vou, por que é que eu vou gaguejar? Eu já crio uma angústia muito grande e crio uma tensão talvez maior ainda, e aí eu gaguejo.

Através das articulações entre as representações que compõem o discurso de Gerson vemos que, articulando o cognitivo e o afetivo, ele nos mostra a concepção que tinha sobre a gagueira quando começou o processo terapêutico comigo:

A gagueira existe como um objeto. Eu pensava sempre que a gagueira era um objeto, era algo que podia, de uma hora para a outra, puxar ela da minha vida. (...) Eu fiquei deprimido um dia que eu vim aqui e eu vi que era um processo. Eu odiei, porque eu pensei que eu vinha aqui e em poucos meses eu ia acabar. A hora que eu vi que era um processo eu fiquei deprimido, porque eu estava de saco cheio de passar por vários processos para acabar com a gagueira.

Fala sobre a imagem estigmatizada de falante, sobre as condições de produção de seus personagens bom e mau falante e evidencia a integridade de sua capacidade fonoarticulatória.

Articulando o afetivo, o motor e o social, conta sobre sua imagem estigmatizada de falante na adolescência e mostra que a alternância entre os personagens bom falante no palco e mau falante fora do palco produzia um conflito em sua identidade:

É. Aliás eu tenho até algo para dizer. Quando eu tinha onze anos era muito grave. E uma vez eu decidi fazer teatro com onze anos e no palco eu não gaguejei nada. Nunca gaguejei no palco. E aliás era isso que me trazia um conflito, né?, porque eu era uma atração para as outras pessoas. O gago está no palco e eu não queria ser reconhecido como um gago no palco. Eu queria ser reconhecido como bom ator no palco, não como gago. E aí eu comecei a perceber que ganhava fama através... e me deixava muito deprimido.

Fala sobre as condições de produção de seus personagens bom e mau falante e evidencia que aceita a gagueira como momento da emoção.

Articula o cognitivo, o afetivo, o social e o motor, e procura dar outra visão da ativação do nervosismo para falar, apresentada por Edgar, e sobre a ativação da emoção em geral, mostrando-as como natural. Mostra ainda que o modo de produção da fala é determinado por crenças pessoais, onde destaca a oposição entre suas crenças e as de Edgar:

Então isso que você falou sobre que na frente de pessoas você..., a tua fala..., é, é uma crença que você tem. Porque, por exemplo, para atores novos como eu, ou como os outros, o nervosismo é uma ótima emoção, porque é emoção. É melhor ter um nervosismo e ir fazer uma palestra nervoso ou entrar em cena, do que ir sem emoção alguma. Ser uma pessoa fria. É que às vezes a gente, por exemplo, é isso que (...) a gente sempre fala aqui, não há como você não ser uma pessoa tensa, principalmente numa cidade como São Paulo, onde você vai sair daqui e talvez aí no trânsito você seja fechado, você que é médico, você vê nos hospitais é... né?, há uma crise nos hospitais, você fica nervoso. Não há como dizer eu vou, né?, eu vou ser uma pessoa calma. A gente é nervoso, São Paulo é nervosa. Quer dizer, a tensão existe, ela sempre vai existir. E para subir para fazer uma palestra há um nervosismo de todo mundo, não há quem não..., só quem tem muita tarimba de fazer palestra.

(...) eu já tenho experiência de teatro, mas eu sempre antes af de entrar, me bate o coração um pouquinho. E antes eu ficava depri..., mas que eu já tenho uma certa experiência, eu já fiz quantas apresentações, eu ainda... Aí um diretor me explicou (...) Ele falou, isso

é ótimo, não queira acabar com isso. É a emoção (...) E eu tenho um amigo meu que ele é assim também. Quando ele entra para fazer uma palestra; se percebe que ele está nervoso no início. Ele não é gago, ele gagueja de vez em quando, mas ele não acredita que ele é gago. Ele gagueja como todo mundo gagueja; depois a palestra corre, mas ele entra nervoso. É assim que é, né?, que a gente põe crenças na gente que na frente de cem, duzen... Eu já te..., é tinha uma crença contrária. Que eu fiz palestra também em encontro de jovens e eu em palestra era..., eu não gaguejava, porque eu credi... Agora um a um intimista assim, eu odiava conversar, porque aí eu coloquei algo ainda na cabeça, porque em contato corpo a corpo, um a um, dois a dois, eu me fecho. Então eu não gostava de conversar às vezes com pouca gente, mas uma palestra parar e poder falar em aula, ler na aula, nossa! eu adorava ler na aula. Eu lembro de quando eu era adolescente eu era um dos primeiros a pedir para ler crônica, ler poesia. E além de tudo, e modéstia à parte, eu sabia ler muito bem e queria mostrar para as pessoas. Está vendo, eu sei ler apesar de ser gago. Mas acabava, ia para o recreio, era aquilo. Você vê que é o contrário do que você fazia.

Fala dá imagem estigmatizada de falante e das mudanças nela ocorridas.

Articulando o cognitivo, o afetivo, o motor e o social, mostra que vê a gagueira como um sistema que engloba os truques e do qual ele sabe sair. Mostra também ter consciência da dialética subjetividade/objetividade que determina o uso de truques para falar bem, e para isso ele considera a história da vida, a imagem de si e os outros. Afirma ainda que atualmente percebe que o truque é desnecessário:

Assim sobre o truque, eu acho que eu tenho embasado pelo menos o que eu aprendi para sair do sistema da gagueira, porque eu durante a minha vida toda eu quis mostrar para as pessoas que eu não era gago, por isso que eu usava o truque. E não que eu não use de vez em quando, porque já..., uma porque vira automatismo, uma porque era vira vício. O truque às vezes é vício, já nem é... (...). Eu sabia que eu era gago desde pequeno, mas eu criei os meus vícios, por exemplo falar a palavra "é" na frente: É vamos tomar uma Coca-Cola? Então eu usava o truque porque eu não queria que as pessoas percebessem que eu era gago. Sempre eu estava forjando, eu estava fugindo da coisa, porque o riso, a risada, o tirar o sarro, era muito, era muito doído para mim. Desde pequeno tenho a experiência desde o jardim-de-infância as pessoas gozando. Então era muito difícil. Quando você vira adolescente as pessoas começam a te respeitar mais,

porque a criança não respeita muito porque ela é muito pura. Ela brinca, ela viu uma criança gaga ela dá risada. Então eu sofri muito, acho que até os onze anos. Depois acho que os adolescentes começam a respeitar. Aquele cara é gago, não vamos ficar rindo dele. Um ou outro que goza, que tira sarro. Até que um dia eu percebi que o truque é desnecessário, que se eu falo, se eu tinha medo de dizer: “Vamos tomar Coca-Cola”, eu botava o “é” na frente: “É vamos tomar Coca-Cola”, por exemplo. Eu tinha medo de falar “vamos”, “va”, “va” o “va” ou a palavra Coca-Cola, então eu botava um “é” na frente, eu conseguia falar a Coca-Cola.

Porque algo que eu tentei esconder tanto tempo, que é a gagueira, para que as pessoas não rissem de mim, acho que é por mais que você..., você não queria se sentir esse..., é um centro de atração por causa da gagueira.

Fala da produção de si como bom falante e mostra a necessidade e a dificuldade de enfrentar/assumir/aceitar a manifestação da gagueira, bem como de expor-se como meios para superá-la.

Articulando o cognitivo, o afetivo, o social e o motor, explicita e exemplifica um procedimento para superar o uso dos truques para falar bem. Mostra que, ao abandonar os truques, desenvolveu consciência proprioceptiva e descobriu sua capacidade de falar. Mostra ainda que é capaz de lidar com a gagueira, com as emoções (cobrança, gozação, nervosismo) e com as situações sociais em face da gagueira:

Só que para você dizer não ao truque você tem que gaguejar, como por exemplo eu mesmo falava que uma vez eu cheguei um pouco cedo aqui, eu parei aí na padaria e falei: Vou pedir uma Coca-Cola e não vou falar “é”, “É me dá uma Coca-Cola”. Eu mesmo, eu falei: Me dá uma Co... Co... e eu fique no.. até sair. Só que aquilo lá eu via a própria situação, que o cara ficou nervoso, o cara que estava atendendo no bar, ele deu uma risada, quer dizer, eu assumi a gagueira diante dele. Claro que na hora criou um trauma, porque não gostei dele rir, eu não gostei da situação, tanto por eu demorar, pela própria angústia, que é uma coisa tão simples entrar num bar e pedir uma Coca-Cola, né? Ou... outra pessoa ia entrar, ia pedir, ia ficar pensando outra coisa, no trabalho. Eu, eu estava encucado e fiz todo um processo de sair do carro e ficar pensando seu eu ia pedir uma Coca-Cola e porque não... eu não pedir um guaraná, porque da palavra guaraná eu não tinha... Eu queria tomar uma Coca e quantas vezes eu troquei o meu refrigerante. Milhões de vezes! Troquei, troquei mesmo, de tomar guaraná e eu não gosto de guaraná (risada), assim, eu prefiro Coca. Mas eu assumi a gagueira, quero dizer abandonar o truque.

Então eu tive que assumir. Só que para mim assumir todo mundo percebeu. Na minha casa, por exemplo: “Pô, sua gagueira aumentou! Está adiantando a fonoaudióloga?” E eu fazendo terapia (psicoterapia) também. “Está adiantando a terapia?” Achavam que tudo que eu estava fazendo em volta da gagueira, não, não estava adiantando, que a gagueira tinha aumentado, porque era... para eu abandonar a gagueira ela teve que aumentar. Porque eu tive que ficar em cima das palavras, em todas, né? Quer dizer, abandonar os truques. Então o truque na minha opinião é o sintoma. À medida que você abandona o truque (...) você começa até perceber que é isso o sentir a fala. Por exemplo, a palavra “truque” que eu tinha... e como agora eu dei uma demoradinha para falar (...), eu tenho aquela coisa de achar que nas palavras com “tr”, nas palavras com “pl” ou “pr”, eu vou gaguejar. Mas eu tenho tentado ficar nelas, como agora eu falei. Eu fui falar truque, eu não dei uma paradinha, eu fui: truque. Apesar de que às vezes eu caio nessa, por exemplo no telefone tal, ansiedade, a pessoa está esperando você falar; outras horas eu caio no truque. Eu voltar a “é”, botar o “é” na frente, ou dar uma respiradinha ou outra coisa, que às vezes eu nem tenho muita consciência, que são tantos os truques que não é fácil eu dizer eu vou pular todos, que às vezes tem uns que eu nem tenho consciência, que até eu começo a tomar consciência agora, depois de tanto tempo: Oh, não sabia que isso era truque! Mas eu estou tentando acabar, mas eu acho que é uma das partes mais difíceis é isso, é assumir a gagueira, é dizer eu vou abandonar o truque, só que para isso eu vou ter que assumir, quer dizer, eu vou ter que ficar numa palavra como Coca-C..., Coca-Cola, porque você ficando nisso, você mesmo entra no teu..., acho que entra no teu: Pô, eu posso falar!

Fala da importância de compreender criticamente a gagueira, para o que ressalta a importância da história de vida. Mostra que aceita a gagueira e a reação dos outros a ela, e que a gagueira não é um modo de ser mas algo que se tem.

Já perdi o medo para falar (...) mas é o medo você só perde enfrentando. É o que eu te falei. Não foi fácil, foi fogo assim sair daqui e dizer assim: Vou ter que gaguejar com todo mundo para deixar o truque. Não é fácil. Por você vai, mas aí a gente chegou uma vez (...) eu e a Silvia, falamos um montão de coisas (...) que só você indo na dor, profundamente na dor, você, né?, você entende a dor e estoura. E a minha vida inteira foi evitar pensar na gagueira. Eu sempre falava assim: Ah, eu sou gago, mas quando eu subo no palco eu não gaguejo. Pronto, eu não ficava pensando na gagueira. E quando eu fui numa fonoaudióloga, num fonoaudiólogo outro, ele não

me fazia pensar o que era a gagueira. Eu ficava falando frases, lia. As pessoas falavam: Ah, o Machado de Assis era gago e foi em frente ao mar, abria o livro e ficava falando em frente ao mar. E todas as pessoas: O Joelmir Beting era gago e falava assim em frente ao espelho e falava devagar; só, né?, mas ninguém me fazia refletir o que era a gagueira para mim, qual era o meu histórico, que eu tenho um histórico; você tem um histórico da gagueira, tem tudo. Então só foi um dia em que eu fiquei falando; eu parei de pensar: Eu sou gago, mas a hora que eu subo no palco eu não... O dia em que eu assumi assim tipo eu tenho a gagueira, não é que eu sou gago, eu tenho a gagueira, eu vou fundo nela, eu vou sofrer, é sofrer mesmo, porque você vai ter que sofrer a ponto tipo de se expor, porque para você abandonar o truque você vai ter que se expor para as pessoas. Esse se expor é uma fase difícil, mas você pode até (...) curtir de uma boa forma. Quer dizer, sem perceber as pessoas às vezes olham para a gente rindo (...) e a pessoa vira e até fala: É um coitado, né? Quer dizer ela está rindo (...) de perceber que eu sou uma pessoa que tenho um problema, invés de, né?, me olhar. É um pobre de espírito. É uma pessoa que... Eu, eu comecei a pensar assim uma vez, de ir num bar e pedir uma Coca-Cola e o cara dar risada e eu ficar com raiva, que era sempre o que eu fazia. Eu olhava com raiva, tinha vontade de nem pagar a Coca-Cola. (...) mas eu enfrentei. Eu tive que falar. As pessoas sacaram: nossa, a sua gagueira aumentou? Mas não era. Era o próprio dizendo: Olha, eu estou melhorando porque eu estou sem medo agora, eu não estou mais usando o truque. Mas tem que ir, né?, tem que ir de cabeça.

Tem que ir a fundo. Tem que entender.

Falando ainda da produção de si como bom falante, explicita e exemplifica o modo de produção subjetivo de pressupor a gagueira, bem como o procedimento e o esforço que fez para superá-lo:

É, acho que tem algo que a gente também chegou e que eu cheguei com a Sílvia, que foi assim sobre a crença, sobre o pensamento, sobre a mensagem e a contramensagem. Que tem um papo que já Jesus lá dois mil anos atrás falava: "Orai e vigiai, vigiai os pensamentos". Foi difícil eu abandonar o pensamento que era aquela mensagenzinha que vinha: Você vai gaguejar; você não vai conseguir. E eu me tornei uma pessoa muito mais feliz quando eu abandonei isso. O telefone era uma desgraça para mim. Eu odiava telefone (...) eu já trabalhei com meu pai e você chegar na mesa e tem um papel para quantas pessoas eu tinha que telefonar para conversar. Eu odiava isso.

É. Mas por quê? Porque eu tinha, né?... eu não conseguia. Até que um dia eu che..., eu cheguei aqui com a Silvia e eu ia fazer um vídeo profissional que eu ia ter que ligar para alguns clientes e eu não estou a fim de ligar para esses clientes, eu vou gaguejar. Eu tinha aquela mensagem na minha cabeça, que é mensagem. Parece que tem o anjinho aqui é... e o diabinho. Sabe, em desenho animado que o diabinho fica: "Você vai gaguejar, não tem jeito". E para abandonar esse pensamento eu demorei uns três meses, eu acho, até mais, porque estou aqui quase..., em fevereiro faz um ano. Eu demorei muito mais. E como é difícil abandonar isso. Mas é que eu demorei para ter uma consciência de que ele existia, essa mensagem que eu ouvia na minha consciência: Você não vai conseguir, você é gago. (...) Mas é o pensamento. Para abandonar esse pensa... Aí eu peguei esse telefone né, aí a Silvia falou: liga e fé. Aí eu saí com tanto entusiasmo e liguei para todos os clientes que eu tinha. Gaguejei que nem um tonto. Eu não mostro que eu gaguejei, mas eu gaguejei, sabe?, eu gaguejei, mas eu falei: Vou e vou tentar abandonar esses pensamentos, assim tipo: Eu vou ga..., eu peguei o telefone. Eu vou gaguejar. Mas por que é que eu vou gaguejar? Só porque é um telefone? Só porque eu encuquei com esse... Só porque eu institucionalizei que esse aparelhinho eu gaguejo? Eu não vou mais gaguejar. E ficava. Mas o pensamento vem. E muito difícil abandonar. Aí que nós falamos aqui de criar a contramensagem: Eu vou gaguejar? Por que é que eu vou gaguejar? Quer dizer era o anjinho que estava: Por que é que eu vou gaguejar? Eu tenho defeito nenhum na fala. Quer dizer, isso eu fazendo todo dia, toda hora, na hora que eu ia falar. Porque abandonar essa mensagem não foi fácil, como às vezes ainda vem de vez em quando, sabe?, algum erro, alguma palavra que eu sei que vou falar e vem uma mensagem: Cuidado com a palavra! Que é só esse cuidado com a palavra, né?, já... Então o pensamento é uma coisa que não..., eu percebi na hora que você abandona esse pensamento, embora para você abandonar esse pensamento você tem que assumir também, você tem que dizer eu tenho esse pensamento e então eu vou começar a mandar as contramensagens para ele, né?, mandar as contramensagens dizendo assim: Por que é que eu vou gaguejar? Eu vou falar.

Considerando o processo terapêutico, articula o cognitivo, o afetivo, e o motor, e explica que o resultado do trabalho não é imediato, mas depende de treino, mostrando, assim, sua familiaridade com o trabalho:

E não ficar muito preocupado com o efeito primeiro, na hora, porque é algo às vezes que existe, que declina às vezes se a gente quer

algo imediatista. Por exemplo, eu posso passar isso agora e para a mensagem existe a contramensagem e você tenta fazer isso agora. O resultado nunca é na hora, algo que eu também me conscientizei aqui. Porque eu vim aqui, eu saía daqui empolgadíssimo com as coisas. Um dia eu passava sem gaguejar, dois e no terceiro já eu ficava deprimi... Nossa! Eu, sabe?, eu passei por altos e baixos. Ia em cima... Aliás um dia eu cheguei aqui, sentei com a Silvia e falei assim: Em breve eu não vou voltar mais voltar, né? Eu falei: Não vou mais voltar aqui. Agora como e quando voltou à tona, eu caí numa depressão e para me reerguer outra vez foi..., porque tudo sabe?, é processo, é treino também. É treino esse papo de mensagem assim. É um treino que você vai fazendo dia a dia.

DISCUSSÃO

As representações que se articulam no discurso de Gerson e de Edgar, a exemplo do que vimos no discurso de Eliane e Solange, mostram uma diferença básica nas suas formas de produção como falantes. Em Gerson, assim como em Eliane, existe uma imagem estigmatizada de falante no passado e a capacidade de produzir-se como bom falante no presente. Edgar, assim como Solange, tem a produção de sua fala determinada por uma imagem estigmatizada de falante, mas ao contrário de Solange, demonstra que não tem ainda qualquer visão crítica da gagueira sofrimento.

Como vimos, Edgar vivencia os personagens bom e mau falante, mostrando, dessa maneira, a integridade da sua capacidade fonarticulatória. Ao descrever as condições ligadas à produção de si nesses personagens, evidencia que são os valores atribuídos a si próprio e aos outros (*hierarquicamente superiores*) que determinam sua capacidade de produção de fala. Entretanto, afirma que não entende por que certas situações geram nervosismo, bloqueiam sua voz e lhe dão a impressão de que não vai conseguir falar. Por que algumas situações o fazem pensar para falar e usar truques, ao passo que outras permitem a produção de si como bom falante. Assim, no que se refere às condições de produção de si como falante, Edgar demonstra não entender que os valores assumidos ao longo da sua história de vida e atribuídos a si e aos outros nas diferentes situações sociais, determinam essas condições. Dessa forma, não compreende a dialética subjetividade/objetividade que caracteriza o modo de produção da gagueira sofrimento e permanece preso a um falacioso questionamento da dicotomia que experimenta na forma de produzir-se como falante, o que evidencia uma visão da gagueira como fenômeno isolado. A partir do discurso de Edgar, vemos que a existência de gagueira sofrimento na composição de uma identidade não impede a

existência de personagens que se produzam como bons falantes. Isso deve ser diferenciado da produção de si como um mau falante que eventualmente fala bem, e que, ao perceber o bem falar, tem a produção da gagueira ativada.

Caracterizando a imagem estigmatizada e a produção do mau falante, Edgar deixa muito claro que as experiências nas quais era fluente só ativaram a descrença na sua capacidade de falar, porque a gagueira é muito mais forte no modo de produção de si. Tanto é que afirma estar sendo muito difícil desenvolver, no plano da subjetividade, confiança na sua capacidade de falar, e no plano da objetividade a certeza de que não tem problemas musculares, ou bloqueios nas cordas vocais, referindo-se aos argumentos de Gerson e ao que lhe foi proposto em terapia. Evidencia também acreditar na possibilidade de problemas orgânicos. Além disso, apesar de considerar que os truques podem ser mais ridículos do que a gagueira, afirma sentir-se melhor usando-os, por acreditar que dessa maneira evitará a reação de gozação dos outros. A este estado de consciência soma-se a ausência do desenvolvimento de uma consciência proprioceptiva crítica, evidenciando que a imagem estigmatizada de falante é a que determina de modo preponderante o modo de produção de si. Assim como Solange, vimos que o procedimento que levou Gerson a superar a pressuposição da gagueira e a produzir-se como bom falante só fez ativar a gagueira sofrimento, no caso de Edgar.

O discurso de Gerson, assim como o de Eliane, foi determinado pelo outro sujeito que compartilhou sua situação terapêutica. Como vimos, o discurso de Solange era o de alguém animado com as mudanças experimentadas na sua capacidade de comunicação e desejo de conhecer as mudanças do outro. Nessas condições, cooperou para que Eliane discorresse sobre suas mudanças. Já o discurso de Edgar é o de alguém que se mostrou totalmente descrente da capacidade de falar bem. Nessas condições, Gerson procurou ajudá-lo e organizou o seu discurso de modo a colaborar com a reestruturação da visão de falante de Edgar, além de mostrar-lhe procedimentos que utilizou para sair da gagueira sofrimento. O comportamento de Gerson por si só mostra sua capacidade de compreender e lidar com a gagueira sofrimento, bem como o de produzir-se como bom falante. As representações articuladas em seu discurso podem ser comparadas às de Ricardo e Eliane, acrescentando-lhes exatamente a descrição de procedimentos empregados para superar a produção da gagueira sofrimento.

Sempre expressando sua capacidade de compreender criticamente o modo de produção da gagueira, Gerson procura mostrá-la a Edgar a partir de uma manifestação determinada pelas características da história de vida de cada um, entendendo-a como um modo de estar e não de ser.

Mostrando empatia com a visão estigmatizada de falante de Edgar, conta que também vivenciou a dicotomia entre os personagens fluente e gago e que isso gerou o conflito de não querer ser reconhecido como o ator gago que não gagueja no palco. Mostra assim a integridade do seu sistema fonarticulatório.

Argumentando sobre o nervosismo, refere-se a ele a partir de um ponto de vista diferente daquele apresentado por Edgar e liga-o às contingências das situações, dando-lhe um caráter positivo e até usual a certas condições de produção de fala. Opõe, assim a gagueira sofrimento à gagueira natural e permite-nos concluir que aceita a gagueira como momento da emoção, ajudando Edgar a aceitá-la também.

Mostra consciência da dialética subjetividade/objetividade do modo de produção da gagueira e argumenta sobre a produção subjetiva, explicando a Edgar que a gagueira sofrimento é determinada pelas crenças de cada um, tanto que, no seu caso, ela se produzia a partir de uma crença exatamente oposta à de Edgar.

Procurando compartilhar com Edgar a maneira de superar a produção da gagueira, fala da necessidade de compreendê-la profundamente; da necessidade de se auto-observar para chegar à consciência crítica da existência das crenças; da necessidade de acrescentar um novo elo às cadeias cognitivo-afetivas habituais ligadas à produção da gagueira. A esse novo elo Gerson deu o nome de contramensagem.

Argumentando sobre a produção objetiva da gagueira, ele se mostra crítico à produção dos truques, explicando que os usava para camuflar uma imagem de falante indesejada, onde pesava uma pressuposta reação dos outros a sua fala. Explica que para superá-los foi preciso aceitar a manifestação da gagueira, e nessas condições a gagueira teve de aumentar (o que nos remete aos níveis de tensão 1 e 2, dos quais já falamos na análise do discurso de Ricardo). Evidencia, assim, mudança na imagem de si como falante que fica clara ao aceitar a reação dos outros à gagueira, seja nas situações em que pedia refrigerante no bar, seja enfrentando a família que lhe cobrava melhora. Nestas situações sociais, ainda, mostra que é capaz de lidar com as emoções que a ativam. Demonstrando empatia com Edgar, e procurando novamente ajudá-lo a aceitar a gagueira, fala da dificuldade que enfrentou para assumi-la, na medida em que isso implicava deixá-la aparecer. Explica também que a reação do outro à gagueira não diz nada sobre ela, mas sobre quem é esse outro.

Mostrando o desenvolvimento da consciência proprioceptiva crítica e sugerindo capacidade de produzir-se como bom falante a partir da gagueira, argumenta que os truques são muitos, portanto é difícil perceber e superar todos de uma vez. Diz que isso vai aconte-

endo aos poucos. Conta que para deixar de usar truques foi preciso não fugir das palavras, o que levou ao desenvolvimento proprioceptivo: Revela ainda que continua usando truques quando a situação o faz sentir-se cobrado para falar (*no telefone tal, ansiedade, a pessoa está esperando você falar*).

Demonstrando ainda sua capacidade de produzir-se como bom falante, Gerson refere-se à gagueira como um sistema do qual sabe sair, e aos truques, como elementos desnecessários, na medida em que são uma produção da fala a serviço da superação do medo de falar. Ressalta também a importância de um trabalho constante para superar os velhos hábitos.

É interessante comentar a diferença do tempo de terapia envolvido no processo de mudança na capacidade de produção de si como falante, entre Gerson, Eliane e Ricardo. Como vimos, o tempo investido nos dois primeiros foi significativamente menor que o do último. Para essa diferença pesaram as histórias de vida de cada um, que marcaram as características significativas da identidade para o possível desenvolvimento do processo terapêutico aqui proposto. Assim, consideramos o fato de Gerson e Eliane terem mostrado excelente domínio da dimensão corporal, um por ser ator, a outra, por ser massoterapeuta, enquanto Ricardo mostrou ser uma pessoa que sempre priorizou o aspecto mental, apresentando dificuldades para desenvolver uma consciência corporal. Consideramos também o fato de Gerson, desde jovem, ter vivenciado uma imagem de bom falante diante do público, demonstrada pela confiança na capacidade de ler em sala de aula e, posteriormente, pela imagem de bom falante no palco, ligada a sua profissão. Ricardo e Eliane, entretanto, tiveram uma história de vida marcada, desde a infância, apenas pela imagem estigmatizada de falante. Entendemos, desse modo, que o aspecto mental ou intelectual, por si só, onde está representada a imagem de bom falante, não favorece a superação da gagueira sofrimento, sendo necessário desenvolver uma consciência crítica que o ligue à dimensão corporal. A vivência corporal é fundamental para o desenvolvimento da consciência da capacidade de falar, e essa consciência é básica porque a gagueira sofrimento é sustentada por uma dúvida na capacidade de produzir a fala, o que significa duvidar da atividade corporal. Na ausência de uma consciência corporal crítica, a produção de fala fluente, como vimos, ativa a descrença na capacidade articulatória (discurso de Edgar) e a produção de gagueira (discurso de Eliane e Ricardo), evidenciando a força da imagem estigmatizada de falante, que é pressuposta e repostada através da dúvida articulatória. A partir do desenvolvimento da consciência crítica da capacidade de falar, que liga o mundo das representações ao da

sensação corporal, o sujeito pode vir a mudar a concepção de falante estigmatizado que se cristalizou ao longo de sua história de vida. Para que essa mudança aconteça, consideramos a importância da relação entre a emoção e a vivência corporal, entendendo que a emoção é uma manifestação que se expressa necessariamente no plano orgânico, mediando as relações entre o organismo e o meio. Como essa mediação vai se modificando conforme o desenvolvimento cognitivo socialmente determinado, uma vez que a manifestação da emoção se articula com a cognição, e a partir daí com o contexto social, ela passa então a ser entendida como afetividade. Nessas condições, a alienação da dimensão corporal favorece a manutenção das representações que compõem a imagem de mau falante, tanto no plano cognitivo como nas suas manifestações nos planos corporal e emocional, como produtos da história de vida do sujeito. Favorece que a produção de si como bom falante seja a mola propulsora da reposição do mau falante, na medida em que a vivência da fluência por si só não tem força para modificar os valores e emoções, portanto a esfera ligada à atividade de fala. A análise dos discursos nos sugere que a vivência da produção de si como bom falante, num contexto em que a gagueira sofrimento é preponderante para o modo de produção de si, é menos relevante para a evolução do processo terapêutico do que a vivência corporal crítica. Os sujeitos que iniciaram o processo terapêutico mostrando maior desenvolvimento nesse tipo de vivência, tornaram-se mais rapidamente críticos da relação entre ela e as representações cristalizadas da sua imagem de falante e modificaram os valores que sustentavam essa imagem, bem como o comportamento a eles ligado.

Capítulo 4

Norteadores da abordagem terapêutica

Relações entre a teoria e a prática

Como já dissemos, as categorias apreendidas a partir da análise do discurso nos situam no universo em que nos movemos durante o trabalho de compreensão e superação terapêutica da gagueira sofrimento. Essas categorias explicitam as áreas do saber com que estamos lidando, mostrando aspectos da realidade em que podemos nos aprofundar, na teoria e na prática, na busca de modos eficientes de lidar com os conteúdos específicos que as compõem, sendo que esses conteúdos representam ao mesmo tempo a realidade subjetiva e objetiva de indivíduos socialmente situados. Desse modo, através das categorias fazemos a síntese entre a teoria e a prática.

Nessas condições, apoiamo-nos na concepção da linguagem, de homem e de mundo explicitada no Capítulo 2, que permite criar uma síntese entre a afetividade, a cognição, o social e o nível motor de modo a entender o processo de produção da identidade que abriga uma imagem estigmatizada de falante e produz o personagem mau falante. Essa concepção sustentou também a proposta de um procedimento teórico-prático para superar tal condição de falante.

Trabalhamos com as características singulares da identidade de sujeitos que se consideravam maus falantes, visando promover mudanças nessa forma de representação de si. A necessidade de mudar as condições (crenças e valores cristalizados sobre si mesmo, os outros e as situações sociais) que determinam a produção de si como mau falante foi assumida como pressuposto básico desta abordagem terapêutica. Esse pressuposto foi aceito na medida em que entendemos: a) a produção da identidade como síntese das representações de si; construídas ao longo da história da vida, constituindo a subjetividade

do sujeito; b) a cristalização de aspectos da identidade que a tornaram estática e perpetuaram seu modo de apresentação, como produto de significados absolutizados que, compondo uma dada representação ou conjunto de representações, são compartilhados entre o indivíduo e aqueles que o cercam; c) o desenvolvimento e a manutenção da gagueira sofrimento como produto de significados absolutizados e compartilhados que, sustentando uma imagem estigmatizada de falante, perpetuam a apresentação do sujeito como mau falante; d) a identidade com um constante processo de metamorfose, na medida em que as representações que se constroem ao longo da história de vida podem ser questionadas e reelaboradas no desenrolar das interações sociais. Assim, defendemos que uma mudança na representação de falante, acompanhada de vivência da capacidade de falar bem é necessária, quando um dado sujeito deseja superar esse modo de produção de si.

Para demonstrar que a superação concreta da gagueira sofrimento se dá concomitantemente às mudanças no movimento de consciência que lhe é subjacente, captamos, através da análise dos discursos estudados, as mudanças na dialética subjetividade/objetividade do modo de produção da fala de três sujeitos que, ao longo do processo terapêutico proposto, construíram seus personagens de bons falantes.

O caminho da mudança

O discurso de Ricardo, que permitiu uma visão diacrônica da construção do personagem bom falante, serve-nos de fio condutor para sintetizar o caminho das mudanças e fazer comparações entre as condições de falante apresentadas pelos demais sujeitos.

A análise do primeiro discurso mostrou-nos que Ricardo dava alto valor à gagueira e se mantinha fechado para o relacionamento com os outros. Mostrou também que, a partir do que foi proposto nas situações terapêuticas anteriores, ele assumiu novas atividades relacionadas ao desenvolvimento da consciência corporal ou proprioceptiva. Dedicou-se à auto-observação da sua produção articulatória e percebeu que, ao sentir a execução dos movimentos articulatórios, produzia fala fluente. Ao lado disso, tal como Eliane e Gerson, evidenciou a integridade de sua capacidade fonoarticulatória e mostrou que desenvolveu consciência crítica da dialética subjetividade/objetividade do modo de produção dos personagens bom e mau falante, que coexistiam no modo de produção de si, o que também é fruto da auto-observação. Nesse contexto, descobriu que a forma de usar o tempo para falar, no sentido de dar-se mais tempo para elabo-

rar o que desejava e para considerar a manifestação do interlocutor na situação de comunicação, era uma variável importante para a produção de si como bom falante. Esses comportamentos e conscientizações por si só não constituem necessariamente uma mudança, ou seja, uma diferença ligada ao comportamento típico da produção de si no personagem mau falante, uma vez que Solange, ao apresentar uma situação semelhante à descrita acima, mostrou ter capacidade de produzir fala fluente como truque para falar bem. A trajetória de Ricardo, por outro lado, leva-nos a considerar que os comportamentos e conscientizações descritos preparam a mudança, na medida em que se ligam a um trabalho de construção da imagem de si como bom falante.

Coerentemente com o pressuposto de nossa proposta terapêutica, o discurso de Ricardo, assim como o de Eliane e de Gerson, mostrou-nos que o desenvolvimento da consciência crítica, ou seja, a compreensão da dinâmica psicossocial que determina a dialética subjetividade/objetividade do modo de produção da gagueira e permite vê-la como manifestação temporária, faz com que seja aceita. Assim, no discurso de Ricardo, às condições acima apontadas seguiu-se uma mudança na visão da manifestação da gagueira, que passou a ser entendida numa perspectiva relativizada, como um momento da fala e da emoção, e nesse contexto passou a ser aceita. Estas condições também foram vistas no discurso de Eliane e de Gerson. Os três mostraram-se capazes de lidar com a gagueira na medida em que a percebiam como expressão passageira da emoção e entendiam os motivos subjacentes da sua ativação nas situações em que deviam falar. Mostraram-se, ao mesmo tempo, capazes de lidar com a emoção, de permanecer na emoção, aceitando seus sentimentos e deixando-os fluir. Nessas condições, Ricardo apresentou-se num personagem bom falante muito emocionado e aberto para o outro, um personagem que considera a pressuposição e a produção da gagueira como algo secundário e deixa que o desejo de falar prepondera.

Essa mudança, ou seja, aceitar a manifestação da gagueira, significa romper o paradoxo que sustentava a manifestação da gagueira sofrimento (duvidar da capacidade articulatória, pressupor gagueira e tentar evitá-la planejando o espontâneo) e inaugurar uma nova forma de produzir a dialética subjetividade/objetividade. Revela também quanto a produção da gagueira sofrimento está ligada à contenção de emoções, o que implica fechar-se para o relacionamento com os outros. Consideramos que na perspectiva da gagueira sofrimento a contenção de emoções está ligada ao desejo de evitar a gagueira, na mesma medida em que, do ponto de vista da superação do sofrimento, a gagueira é aceita como momento de emoção. Ricardo mostrou-se

aberto para as pessoas, disposto a relacionar-se com os outros, e considerou isso importante para enfrentar as emoções e a manifestação da gagueira. A aceitação da gagueira, assim, implica uma mudança fundamental nos conteúdos que compõem a imagem de si, uma vez que indica a superação da visão estigmatizada de falante. Nessas condições, ela nos pareceu central para a articulação das demais mudanças.

Se do ponto de vista da subjetividade Ricardo passou a aceitar a gagueira, passando a vê-la como um momento da fala e um momento da emoção, do ponto de vista da objetividade demonstra uma mudança na sua capacidade de produzir-se como falante. Falou-nos, assim, da capacidade de alterar a articulação em curso e produzir fluência a partir da gagueira. Ao lado dessa mudança, tanto Ricardo quanto Gerson mostraram ter consciência crítica da produção de truques para falar bem. Mostraram a oposição que existe entre os movimentos requeridos dos órgãos fonoarticulatórios pelos truques e os movimentos necessários para a atividade comum de fala. Nesse contexto, devemos considerar a importância do desenvolvimento da consciência proprioceptiva para que a gagueira sofrimento seja superada, uma vez que ela permite realizar a síntese entre o cognitivo, o afetivo, o emocional, o motor e o social, ou seja, uma síntese das relações entre o corporal, o mental e as situações de comunicação. Assim, a consciência proprioceptiva, que corresponde à capacidade de perceber a atividade e o tônus dos músculos, dos tendões e dos ossos, subjaz à percepção de que a manifestação da gagueira corresponde a um momento de fala, bem como à percepção de que esse momento está ligado à emoção, uma vez que a ativação emocional também envolve a alteração do tônus muscular. A consciência proprioceptiva subjaz também à capacidade de alterar a articulação em curso. Permite, ainda, fazer a síntese da relação entre os estímulos externos, as manifestações cognitivas e as mudanças nos estados corporais.

Do ponto de vista das relações de comunicação também evidenciou-se uma mudança. Ricardo relativizou não apenas sua visão sobre a manifestação da gagueira, mas também sua visão sobre a opinião dos outros em relação à produção da fala com gagueira. Passou a perceber que o que para ele parecia muita gagueira, para o outro não era gagueira nenhuma. Ao mesmo tempo, passou a aceitar a reação do outro a sua gagueira. A isso também se referiram Eliane e Gerson.

A seguir, no contexto das mudanças, vimos que Ricardo aprofundou sua consciência crítica da dialética entre a ativação das emoções, as relações de comunicação e a atividade de fala, entendendo

que a atividade mental que envolve o cognitivo e o emocional refere-se à afetividade. Falou-nos do sentimento de cobrança (cobrar-se e sentir-se cobrado pelos outros para falar), mostrando que ele ocupa uma posição nuclear na capacidade de produção de si como falante. No discurso de todos os sujeitos há referências à cobrança que é atuada em função dos valores atribuídos a eles próprios, aos outros e à situação de comunicação, gerando expectativa, ansiedade e tensão para falar, e impondo a coerência da gagueira sofrimento. Ricardo e Solange perceberam que não se permitiam ficar em silêncio. Em função disso, Ricardo percebeu que não tinha controle e critério sobre o que devia ou não falar. A diminuição da cobrança levou-o a aceitar o silêncio na situação de comunicação, que está ligado à capacidade de conter a fala e selecionar o que, para quem e quando falar. Isso gerou um sentimento de segurança e levou a um equilíbrio entre a fala e o silêncio. Entendemos que Ricardo já preparava a diminuição da cobrança e a aceitação do silêncio na fala, quando, na primeira situação terapêutica analisada, considerava a importância de se dar mais tempo para elaborar o que desejava falar e observar a manifestação do interlocutor, para a produção de si como bom falante. Para isso, ele teve que desenvolver a capacidade de lidar com a emoção, aceitar o silêncio e diminuir a cobrança para falar. A essas condições Ricardo também relacionou sua capacidade de alterar a articulação em curso.

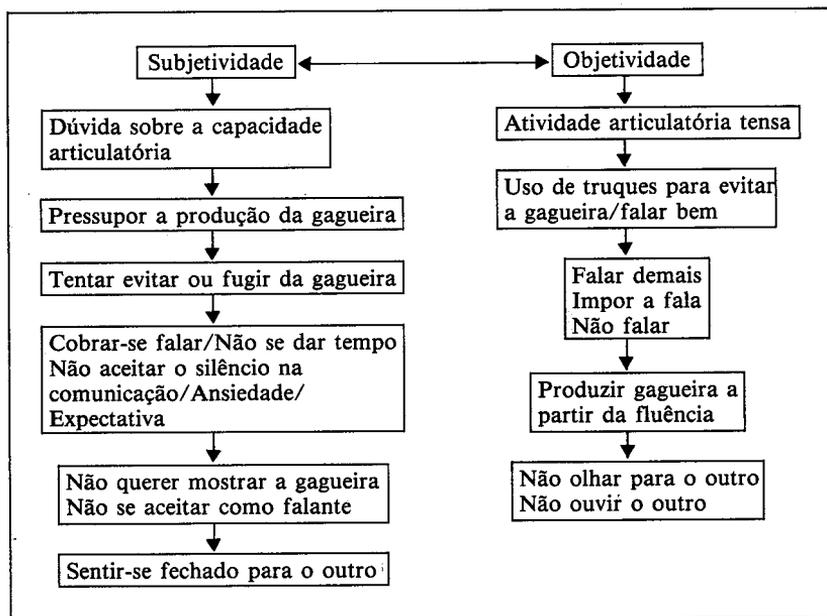
Esclarecendo sobre o que move e sustenta o processo de mudança, Ricardo apontou sua confiança na capacidade de falar, a compreensão da dialética subjetividade/objetividade do modo de produção da gagueira e o exercício da atividade de fala, onde a produção da gagueira deixa de ser um sofrimento e passa a ser entendida como natural, funcionando como mola propulsora da produção de si como bom falante.

Concretizando as mudanças no seu comportamento, Ricardo descobre novas características de si como falante. Descobre a dificuldade de falar de si mesmo com certas pessoas; seu jeito de falar pouco; a fala semelhante a uma dança; o prazer de falar espontaneamente sem ficar preso a roteiros, compartilhando com os outros sua capacidade de falar; a falta de hábito de impor sua fala no momento oportuno; a capacidade de ligar o pensamento diretamente à fala. Esse último aspecto o faz sentir-se *seguro, fortalecido, confiante, potente*. Ele afirma sentir-se *totalmente modificado e com vontade de falar com todo mundo*. Ricardo e Eliane mostraram que a gagueira transformou-se de sofrimento em forma de autoconhecimento; que a mudança na forma de produção de si como falante implicou uma mudança na vida em geral. Os três não temem um retorno à gagueira

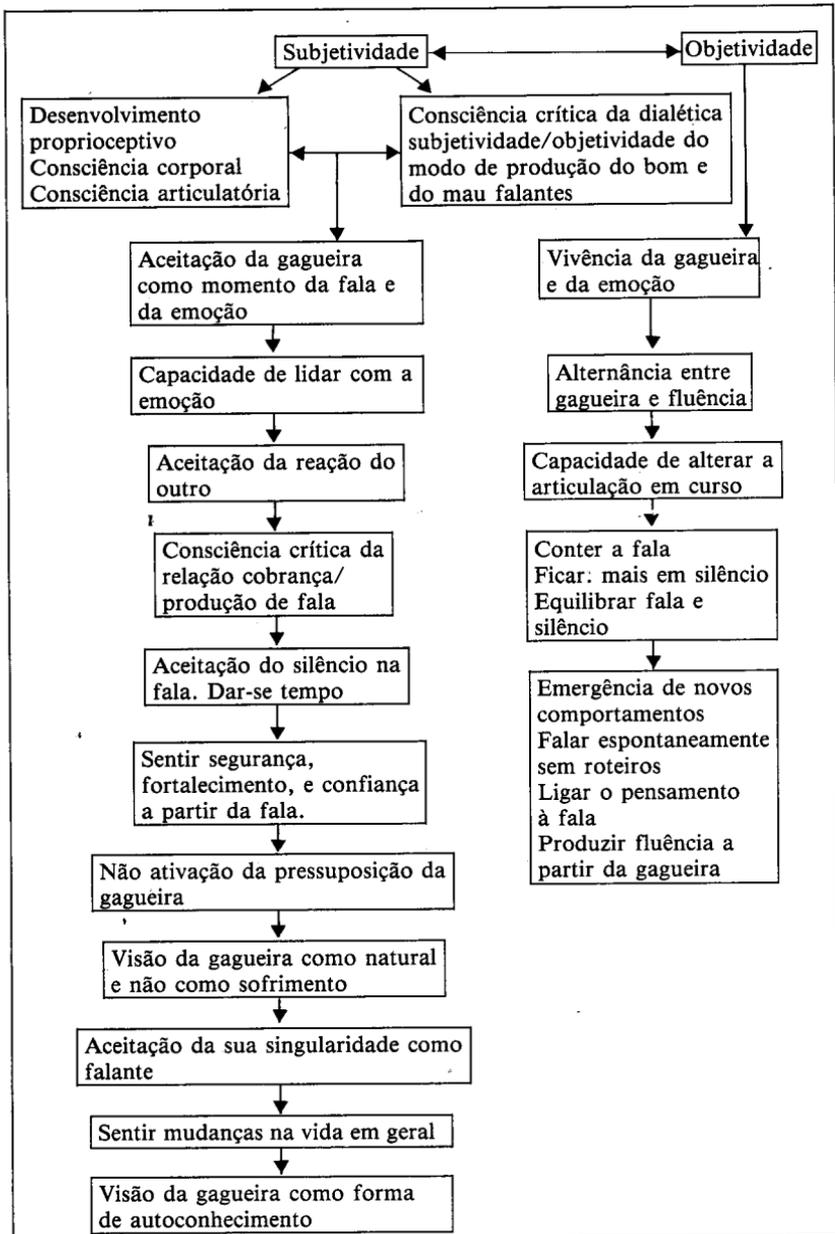
sofrimento e aceitam a sua singularidade como falantes. Ricardo, ao mostrar que a forma de produção de si como falante não ocupa mais o lugar central de suas preocupações, considera que a mudança não altera tudo em sua vida.

De acordo com o que propusemos no Capítulo 2, vimos que o desenvolvimento da consciência crítica sobre a forma de produção da gagueira sofrimento permitiu encontrar o caminho da sua superação, uma vez que ela indicou as condições em que podíamos buscar novas formas de ação. Ricardo, Eliane e Gerson reestruturaram os valores cristalizados sobre si mesmos, sobre os outros e sobre as situações sociais, que concorriam para a produção deles como maus falantes. Mudaram as condições que determinavam a produção de si como falantes estigmatizados, onde predominava o personagem mau falante, e passaram a produzir-se como bons falantes. Mudaram, assim, as condições de produção de suas identidades.

Quadro esquemático da gagueira sofrimento: a dialética entre a subjetividade e a objetividade no modo de produção de si como mau falante.



Quadro esquemático da seqüência das mudanças: mostra a dialética entre a subjetividade e a objetividade no modo de produção de si como bom falante.



Isomorfismo e cooperação

As noções de isomorfismo e cooperação organizam o padrão de interação do terapeuta dentro de uma lógica racional, partindo da observação da forma de manifestação corporal do sujeito, dos conteúdos do seu discurso e da descrição de suas vivências. Em função destes, o terapeuta produz seu personagem, utilizando posturas corporais, vocabulário e contextos semelhantes aos apresentados pelo sujeito, para reestruturar ou reforçar as situações por ele trazidas. Segundo essas condições, e conforme a necessidade, apresenta as situações de um ponto de vista diferente ou reforça o ponto de vista do sujeito. Pretende-se com isso criar um contexto familiar para favorecer a ancoragem das informações, levando em consideração o processo de elaboração e estruturação das representações descrito por Jodelet (1986), conforme explicitado no Capítulo 2. Dessa forma, as noções de isomorfismo e cooperação foram usadas como norteadoras do padrão de interação que visa promover reestruturação e mudança no comportamento.

Entendemos que a nossa interação com Ricardo, Eliane e Gerson foi suficientemente isomórfica e cooperativa para que a representação da gagueira apresentada pelo terapeuta os sensibilizasse e os levasse a aceitar e a se envolver com a proposta terapêutica, e nessas condições o objetivo foi alcançado.

Apresentamos a seguir dois momentos de interação terapêutica com Ricardo, resumindo e comentando as nossas respostas a sua fala, com o objetivo de observar o isomorfismo e a cooperação.

Se estou bem, se estou bem afetivamente, bem comigo e com as outras pessoas, nossa! Minha voz muda completamente, há uma fluência enorme. Por exemplo dificilmente eu faço esforço para falar se eu estou bem, se estou relativamente aberto para as pessoas. Se eu me sinto mais fechado, mais trancado, assim mais bravo, mais irritado no contato com os outros, nossa! A minha voz não sai mesmo. E aí aparece o esforço e mesmo fazendo esforço é difícil falar. É muito interessante isso, porque eu estando aberto para as pessoas há uma fluência muito maior. Tem vezes que eu até esqueço assim da minha dificuldade tal, que nessa última fase é uma coisa muito difícil. Eu voltei a uma fase muito difícil para mim. Senti que a minha dificuldade está grande pra caramba.

Procurando isomorfismo na construção geral do pensamento de Ricardo, considere a representação dele como alguém que tem dificuldade para falar. A partir daí passei a mostrá-la sob um novo ponto

de vista, apresentando-a como um conflito entre a imagem ideal e real de falante, em face das expectativas sociais pressupostas em relação aos falantes. Cooperando com essa idéia, Ricardo responde:

É. É a coisa, né? Quer dizer, eu não me aceito e isso eu percebo nas relações com os outros, né? Recuo de minha parte, né?

Numa outra seqüência de fala, estímulo a observação crítica da atividade articulatória e sugiro que fale comigo sobre algum assunto, sentindo os movimentos da fala e percebendo os pensamentos e sentimentos que a acompanham. Ricardo responde:

Não sei por quê, mas eu vim para cá hoje com a sensação que não tinha muita coisa para falar, não tinha muita coisa para contar para você. Uma coisa meio... meio vazio, né?

Coopero, dizendo que me parece muito bom que ele não tenha coisas para me contar sobre a gagueira. O fato de não ter vontade de se queixar, relatando situações difíceis, significa que o por quê e o como ela se produz já estão entendidos, e agora é necessário vivê-la para desarticulá-la. Ricardo, cooperando com a proposta, sugere:

Posso ler alguma coisa? Eu ia te falar... eu sinto assim... me deu vontade. Então eu estou pensando assim de ler, né?, e ficar bem atento aos movimentos e quando eu for fazer, então parar.

A situação terapêutica de Roberto, analisada para entender as determinantes que o levaram a abandonar o processo antes de alcançar seu objetivo, levou-nos a perceber que a forma de interação estabelecida não seguiu os padrões de isomorfismo e cooperação favoráveis, mas criou um clima de resistência e oposição entre nós. Roberto deixou claro logo no início da sessão que sua condição de vida atual o impossibilitava de assumir a proposta terapêutica, na medida em que exigia dele a introdução de novas atividades na sua rotina de vida, a fim de desenvolver as condições para reestruturar as representações prévias de falante. Apesar disso, queixava-se de haver piorado, o que entendemos, significava pedir ajuda. A postura isomórfica e cooperativa implicaria concordar que, vivendo nas condições descritas, ele não poderia assumir as tarefas propostas, reforçando seu modo de agir. Significaria também explorar mais essas condições, para poder apresentá-las sob um outro ponto de vista e ajudá-lo a encontrar uma maneira de trabalhar com sua fala. Entretanto, minha reação foi a de insistir em que ele recordasse aquilo que já

havíamos visto em sessões anteriores e que o ajudara a perceber sua capacidade de produzir-se como bom falante, para que ele retomasse esse modo de agir. Criei, desse modo, uma oposição a sua impossibilidade de assumir a proposta terapêutica, exigindo aquilo que estava sendo negado. Este foi o clima geral que caracterizou toda a interação estudada. Nele reconheci o clima das interações anteriores. Antes da análise, percebia que a interação gerava em mim uma ativação emocional negativa diante do fato de Roberto não realizar as tarefas solicitadas; não percebia, porém, que minha forma de interação cooperava para que isso se perpetuasse.

Eis um trecho da transcrição de nossa interação:

É, no começo das suas férias estava tudo bem. Estava tudo em ordem. Só que nas últimas duas, três semanas a..., a gagueira minha ficou aparente, ficou muito forte, inclusive ainda está forte. É dificuldade em fala, dificuldade em tudo. Alguma coisa que houve, não sei dizer o quê. É ansiedade, emoção, não sei. Mas esses últimos vinte dias aí, está..., está forte.

Silvia: É uma coisa que começou e continua?

Roberto: É, começou de um modo não tão forte assim. Vai aumentando. De repente estabilizou. Não sei. Está assim, está forte. Ontem até que não estava muito, mas é na média dos dias, de todos os dias, ela está bem forte e sem causa, sem motivo, entende?

Silvia: Hum... Aparente.

Aparente. Não sei, tanto... bom, se bem que não está dando tempo, né? de ficar com calma e pensar o que será que está havendo, fazer algum exercício, essas coisas não está dando. O hábito, né?, no escritório é está...

Ao acrescentar a palavra “aparente” a sua última frase, dei um novo sentido à afirmação de que a gagueira aumentara sem motivo. Entendo que, ao fazê-lo, não me mostrei receptiva a sua queixa e não aceitei a sua afirmação. Evidenciei secamente que há algo que ele não vê e em nada colaborei para desenvolver sua capacidade de compreender a produção da gagueira. Roberto incorporou a palavra e mostrou sua impossibilidade de assumir a proposta terapêutica. Minha reação desconsiderou o fato de Roberto mostrar que há algo a fazer e que ele não está conseguindo fazê-lo, e exigiu mais detalhes sobre a manifestação.

Silvia: E você acha que isso é todo dia igual ou tem alguma diferença?

Roberto: Não, é igual, é igual.

Silvia: Nesse momento você também está se sentindo assim?

Roberto: Nesse eu estou me sentindo igual. Inclusive na parte da manhã, não sei se já falei isso, é o momento do dia que eu estou mais calmo, tranquilo, então não tem nada mais forte. Nesse caso, tá, na hora que eu acordo até a hora que eu deito, está tudo no mesmo nível. Parece que eu estou falando assim, por exemplo, de repente pára, não sai.

Silvia: Está falando, pára e não sai.

Roberto: É, eu estou falando, é como se só saísse o ar e não saísse o som. (Riso).

Silvia: Certo, é isso que você está sentindo.

Roberto: É.

Silvia: O que mais? Tente explicar mais, ou isso deixa...

Roberto: É que me deixa um pouco nervoso isso. Lógico né, uma coisa também que eu não soube explicar, mas estou explicando...

Silvia: E você..., essa explicação é completa para o que você quer me dizer?

Roberto: Pelo que eu me... me... pelo que eu lembre assim, pelo que eu me lembre, é aí que está, não tem um motivo, não tem um fundo que eu saiba: É por causa que eu estou duro este mês, porque meu carro não está bom, porque meu chefe é..., não, não tem nada disso. Eu estou bem no emprego, estou bem em casa, estou bem com meus pais. Não tem nada errado.

Silvia: É.

Roberto: Nada errado..., vamos tirar uns dez por cento desse nada errado. (Riso)

Silvia: Isso explica bem, como você me falou: Pára e parece que não sai?

Roberto: É, parece que sai o ar e não o som. É..., eu me sinto o corpo retesado, meio duro, né? Que mais... Tudo o que eu lembro vagamente é isso.

Insisto na exigência/cobrança de explicações para o comportamento que ele afirmou não saber explicar. Diante da minha exigência, Roberto acrescentou a sensação corporal geral às sensações articulatórias apresentadas, mas marcou sua resistência com as palavras *tudo e vagamente*. Com a cobrança, entendemos que uma situação paradoxal foi criada para Roberto no espaço terapêutico, porque tentei fazê-lo assumir aquilo que ele afirmava não ter condições de assumir, levando-o, por fim, a abandonar o processo.

Reflexões sobre as implicações da proposta terapêutica para a fonoaudiologia em geral

Entendemos que as considerações sobre uma política de construção da identidade que subjaz a esta proposta terapêutica se estendem ao trabalho fonoaudiológico em geral. Nele consideramos tanto o trabalho de desenvolvimento da linguagem com indivíduos que apresentam problemas, como a promoção de saúde, onde o fonoaudiólogo participa do planejamento e organização das condições mais favoráveis ao pleno desenvolvimento da capacidade lingüística dos indivíduos nos diversos setores da sociedade.

Considerando que entendemos o espaço terapêutico como espaço de construção da subjetividade, a postura do terapeuta diante das dificuldades apresentadas pelos indivíduos é compartilhada com eles através das ações terapêuticas e influencia a construção de suas identidades. Referimo-nos à política da diferença e à política da desigualdade, explicitadas no Capítulo 2, a partir das quais o terapeuta coopera ou não com o desenvolvimento de uma imagem estigmatizada de falante.

A gagueira sofrimento, como ficou demonstrado aqui, é produto de uma imagem estigmatizada de falante, quando a capacidade fonoaudiológica do indivíduo se encontra íntegra. Através da compreensão da dialética subjetividade/objetividade do modo de produção da gagueira, pudemos observar os efeitos dessa imagem sobre a capacidade de fala dos indivíduos. A partir daí podemos considerar que indivíduos que efetivamente apresentam alguma diminuição da capacidade lingüística estão expostos à não aceitação por parte dos outros do seu padrão de fala e, portanto, à formação de uma imagem estigmatizada de falante, que se soma a um processo de estigmatização mais geral, como pessoas que se desviam da norma. Nessas condições, achamos ser fundamental que o fonoaudiólogo pense a respeito dos determinantes de sua ação e considere a influência que exerce sobre a formação da identidade dos indivíduos, em geral, e a formação do personagem falante, em particular. Para isso, deve levar em conta que a construção do personagem bom falante implica a aceitação da singularidade de si como falante, como um representante da multiplicidade do humano, em oposição ao falante estigmatizado, que se constrói à sombra de uma visão idealizada de falante.

Do ponto de vista da promoção da saúde consideramos a importância da atuação do fonoaudiólogo na desmistificação da visão idealizada de falante, nos diversos setores onde sua ação pode ser solicitada, como uma condição fundamental para promover o pleno desenvolvimento lingüístico dos indivíduos.

Bibliografia

- BANDLER, Richard; GRINDER, John. (1982) *Sapos em Príncipes*, São Paulo, Summus Editorial.
- BLOODSTEIN, Oliver. (1975) *A Handbook on Stuttering*, Chicago, National Easter Seal Society.
- CIAMPA, Antônio da Costa. (1984) "Identidade" em LANE, S. T. M.; CODO, W., (org.). *Psicologia Social — O homem em movimento*, São Paulo, Brasiliense.
- CIAMPA, Antônio da Costa. (1986) *A Estória de Severino e a História da Severina*, São Paulo, Brasiliense.
- CUNHA, Maria Cláudia. (1986) "O normal e o patológico nos distúrbios da comunicação", Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- DE ROSA, Annamaria S. (1987) "The Social Representation of Mental Illness in Children and Adults", em DOISE, W. & MOSCOVICI, S., *Current Issues in European Social Psychology*, Cambridge University Press.
- DIAS GOMES, Ivone Carmen. (1990) *Relações de Troca ou Relações de Poder? Supervisão em fonoaudiologia*, Summus Editorial.
- FIGUEREDO NETO, Lucia Elena. (1988) "O início da prática fonoaudiológica na cidade de São Paulo — seus determinantes histórico-sociais", Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- FRIEDMAN, Silvia. (1985) "Sobre a gênese da gagueira", Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- FRIEDMAN, Silvia. (1986) *Gagueira: Origem e Tratamento*, São Paulo, Summus Editorial.
- FRIEDMAN, Silvia. (1987) "Emoção, Afeto, Agressividade", em *Revista Distúrbios da Comunicação*, vol. 2, nº 1/2, jan-jun, pp. 57 - 66, São Paulo, EDUC.
- FRIEDMAN, Silvia. (1991) "Fluência, Disfluência, Gagueira", em *Revista Interamericana da Psicologia*, vol. 25, nº 1, pp. 83-92.
- HABERMANS, Jürgen. (1983) *Para a Reconstrução do Materialismo Histórico*, São Paulo, Brasiliense.

- JOHNSON, Wendell & Associates. (1959) *The onset of stuttering*, Minneapolis, University of Minnesota Press.
- JODELET, Denise. (1986) “La Representación Social: Fenómeno, Concepto y Teoría”, em MOSCOVICI, S. *Pensamiento y Vida Social, Psicología Social y Problemas Sociales*, Barcelona, Buenos Aires, México, Paidós.
- JODELET, Denise. (1989) “Representations Sociales — Un Domain en Expansion”, em JODELET D. (org.), *Les Representations Sociales*, Paris, Presses Universitaires de France.
- KRAUSE, Reiner. (1982) “A Social Psychological Approach to the Study of Stuttering”, em FRASER S. e SCHERERK. R., *Advances in the Social Psychology*, Cambridge, Cambridge University Press.
- LANE, Silvia T. M. (1984-a) “Linguagem Pensamento e Representações Sociais”, em LANE, S. T. M.; CODO, W., (org.), *Psicologia Social — O homem em movimento*, São Paulo, Brasiliense.
- LANE, Silvia T. M. (1984-b) “A Ideologia no Nível do Individual” em LANE, S. T. M.; CODO, W., (org.), *Psicologia Social — O homem em movimento*, São Paulo, Brasiliense.
- LANE, Silvia T. M. (1989) “Uma Análise Gráfica do Discurso” em *Psicologia e Sociedade*, Ano IV, nº 7.
- LANE, Silvia T. M. (1992) “A Linguagem e as Representações Sociais”. (A ser publicado.)
- LANE, Silvia T. M. e FRIEDMAN, Silvia. (1992) “Aspectos Sociais das Emoções”. (A ser publicado.)
- LEONEL SCAVAZZA, Beatriz. (1987) “Sobre a ameaça de falar”, Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- LEONTIEV, Alexis. (1975) *O Desenvolvimento do Psiquismo*, Lisboa, Livros Horizonte.
- LURIA, Alexandr R. (1986) *Pensamento e Linguagem: As últimas conferências de Luria*, Porto Alegre, Artes Médicas.
- LURIA, Alexandr R. & YUDOVICH, F. I. (1987) *Linguagem e Desenvolvimento Intelectual da Criança*, Porto Alegre, Artes Médicas.
- MARTINET, M. (1972) *Teoria das Emoções: Introdução à obra de Henry Wallon*, Lisboa, Moraes Editores.
- MASSINI, Maria Lúcia, H. (1989) “Em busca da Linguagem na Avaliação da Linguagem”, Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- MEIRA, Maria Isis M. (1982) “Gagueira: do fato para o fenômeno”, Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- PALLAZZOLI SELVINI, M; BOSCOLO, L.; CECCHIN, G.; PRATA, G. (1982) *Paradoja y Contraparadoja*, Buenos Aires, A. C. E.
- PAULA SOUZA, Luiz Augusto de. (1991) “Clínica & Linguagem — preságios de um entre os possíveis encontros”, Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- SATYANANDA, Paramhansa. (1976) *Yoga Nidra — Relaxamento Físico, Mental e Emocional*, Brasília, Thesaurus.

- SCHERER, K. R. & EKMAN, P. (1984) "On the Nature and Function of Emotion: A component process approach", Cap. 14, em HILLSADE, N. J. L. ERIBAUM L., *Approaches to Emotion*.
- SHAZER, Steve de. (1986) *Terapia Familiar Breve*, São Paulo, Summus Editorial.
- SHEEHAN, Joseph G. (1975) "Conflict Theory and Avoidance Reduction Therapy", em EIDENSON, John, Ed., *Stuttering — a Second Symposium*, Nova York, Harper and Row.
- SPINK, Mary Jane P. (1989) "As representações sociais e sua aplicação em pesquisa na área de saúde", Anais do II Congresso Brasileiro de Saúde Corretiva e III Congresso de Saúde Pública, São Paulo, julho.
- SPINK, Mary Jane P. (1991) "Representações sociais: Uma perspectiva interdisciplinar" em Anais do IV Encontro de Psicologia Social, ABRAPSO.
- VAN RIPER, Charles. (1973) *The Treatment of Stuttering*, New Jersey, Prentice-Hall.
- VIGOTZKI, Lev. (1979) *Pensamento e Linguagem*, Lisboa, Edições Antidoto.
- WALLON, Henry. (1986) *Henry Wallon*, em BRULFERT, J. N & WEREBE GARCIA, M. J., (Org.), São Paulo, Ática.
- WATZLAWICK, Paul; BEAVIN, Janet H; JACKSON, Don D. (1981) *Pragmática da Comunicação Humana*, São Paulo, Cultrix.
- WATZLAWICK, Paul; WEAKLAND, John; FISCH, Richard. (1977) *Mudança*, São Paulo, Cultrix.
- WATZLAWICK, Paul. (1986) *El Lenguaje del Cambio*, Biblioteca de Psicologia 69, Barcelona, Herder.

Leia também:

GAGUEIRA: ORIGEM E TRATAMENTO

Silvia Friedman

Através da análise dos depoimentos escritos e falados de sete pessoas, a autora traçou um paralelo entre o processo de desenvolvimento da consciência e a manifestação da gagueira. E, a partir de uma cuidadosa interpretação do que estudou, aponta para uma abordagem terapêutica eficiente.

O FONOAUDIÓLOGO E A ESCOLA

Léslie Piccolotto Ferreira (organizadora)

O trabalho do fonoaudiólogo no Brasil, a partir da década de 70 passou a ser integrado às escolas, ocorrendo a produção de um novo conhecimento para a profissão e um avanço da Fonoaudiologia em nosso país. Este livro é fruto do trabalho de diversos profissionais, com diferentes enfoques, permitindo uma profunda reflexão sobre as relações entre a Fonoaudiologia e a Educação.

RELAÇÕES DE TROCA OU RELAÇÕES DE PODER?

Supervisão em Fonoaudiologia

Ivone Carmen Dias Gomes

A Fonoaudiologia é revista aqui em toda sua extensão: sua história e sua prática, através de uma visão crítica, profunda e imparcial. Questionando as relações de poder estabelecidas pela supervisão, assim como a própria prática científica, Ivone Gomes produz uma obra indispensável não só a fonoaudiólogos, como também a jornalistas, psicólogos, assistentes sociais e educadores.

TRABALHANDO A VOZ

Vários enfoques em Fonoaudiologia

Léslie Piccolotto Ferreira (organizadora)

Este livro nos traz abordagens no trabalho com a voz. Ensina a tirarmos o maior proveito da expressão pela voz sem cansaços ou afonias, além de mostrar trabalhos relativos ao uso da voz no teatro, para professores e todos os que precisam da voz como instrumento de trabalho. Possui também capítulos de prevenção e tratamento dos diversos distúrbios da voz.

ESTÉTICA DA VOZ

Uma voz para o ator

Eudósia Acuña Quinteiro

Um encontro entre o teatro e a fonoaudiologia, objetivando um estudo sobre a criação teatral no que concerne à voz e à fala. Um trabalho que serve a todo provissional da voz, desde o processo respiratório até o aquecimento vocal.



Impresso na

press grafic
editora e gráfica ltda.

Rua Barra do Tibagi, 444 - Bom Retiro
Cep 01128 - Telefone: 221-8317

Um livro que amplia a compreensão da prática fonoaudiológica clínica voltada para o desenvolvimento da capacidade de produção da fala fluente e dentro dela a manifestação da gagueira entendida como sofrimento. Aqui, a ação fonoaudiológica é enfocada e a partir de uma compreensão biopsicossocial do homem e do mundo e a Afetividade, a Consciência e a Atividade são assumidas como categorias básicas para chegar a essa compreensão.

O primeiro capítulo discute as mudanças propostas na literatura especializada, principalmente na última década e que implicam, por sua vez, uma mudança do paradigma que norteia esta área de estudo. No segundo capítulo a consciência e a linguagem são discutidas do ponto de vista biopsicossocial, compatível com o novo paradigma. No terceiro, são enfocadas as representações sociais obtidas através do uso de um método gráfico, chamado de Análise Gráfica do Discurso. E finalmente, no quarto capítulo Silvia Friedman analisa as relações entre a teoria e a prática.

Uma obra inovadora no campo da fonoaudiologia, recomendada para profissionais interessados em abrir perspectivas diferentes na sua prática cotidiana e para pessoas que sofrem com o problema da gagueira. Da mesma autora de *Gagueira: origem e tratamento*.

ISBN 85-323-0440-0



9 788532 304407